

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL



**APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO DA MORADIA:  
UMA MANEIRA DE MARCAR O TERRITÓRIO INDIVIDUAL**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social.

**MARINA ESTER FIALHO DE SOUZA**

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Luiza Rocha

Florianópolis, julho de 1999.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

**“APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO DA MORADIA: UMA MANEIRA DE  
MARCAR O TERRITÓRIO INDIVIDUAL”**

Marina Ester Fialho de Souza

Orientadora: Dra. Ana Luiza Carvalho da Rocha

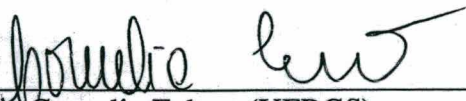
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social, aprovada pela Banca composta pelos seguintes professores:



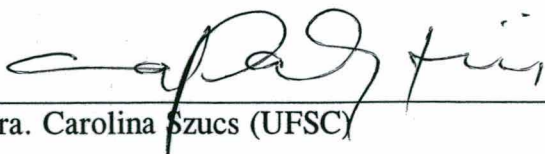
Dra. Ana Luiza Carvalho da Rocha (UFSC-Orientadora)



Dra. Carmen Silvia Rial (UFSC-Co-orientadora)



Dra. Cornelia Eckert (UFRGS)



Dra. Carolina Szucs (UFSC)

Florianópolis, 23 de agosto de 1999.



Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup>. Miriam Pillar Grossi  
Coordenadora do IPGAS/CFH/UFSC

Para  
João, Larissa e Belisa  
esposo e filhas,  
com carinho.

A casa

(Olavo Bilac)

Vê como a ave traz debaixo da asa  
O filho implume ao calor do ninho  
Deves amar, criança, a tua casa  
Ama o calor do maternal carinho.

Dentro da casa onde nascestes és tudo  
Como tudo é feliz no fim do dia  
Quando voltas das aulas, do estudo  
Volta, quando tu voltas, a alegria.

Aqui deves entrar como num templo  
Com a alma pura e o coração sem susto  
Aqui recebes, da virtude, o exemplo  
Aqui aprendes a ser meigo e justo.

Ama esta casa,  
Pede a Deus que a proteja eternamente,  
Porque, talvez, em lágrimas mais tarde  
Te vejas triste, desta casa ausente.

## Agradecimentos

A todos os funcionários do Centro Comunitário, da Escola Básica Prof. Osvaldo Rodrigues Cabral, donas de casa, chefes de família, adolescentes, pela boa vontade de abrir as portas de suas moradias colocando suas atividades em segundo plano e priorizando nossas visitas.

Ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, pela implementação dada ao longo do curso de mestrado, pelo apoio e incentivo constantes permitindo a materialização deste trabalho.

À Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Miriam Pillar Grossi, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC, pelo apoio e incentivo.

Ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFSC, pelo apoio durante o período de afastamento previsto para o mestrado e em todas as solicitações de prorrogação ocorridas.

Ao GHab – Grupo de Estudos da Habitação – do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFSC, pelo apoio.

Aos arquitetos (na época, acadêmicos do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFSC) Adriano Kremer, Andréa Kern, Gabriela Tissiani e Luís Carlos Kuchenbecker e à arquiteta Maristela Moraes de Almeida, que fizeram parte da equipe do trabalho de campo.

Ao arquiteto Luís Carlos Kuchenbecker pela paciência e eficiência na organização, formatação e digitação do trabalho.

Aos professores doutores que ficaram mais próximos do trabalho: Prof. Dr. Hélio Raimundo da Silva, na etapa inicial; Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Carmem Rial e Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Carolina P. Szücs no desenrolar dos estudos e Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ana Luiza Rocha, orientadora, cujas contribuições foram decisivas para a sua finalização.

À Companhia de Habitação do Estado de Santa Catarina – COHAB/SC – , através do arquiteto João Carlos Bica Zaniratti, pelas contribuições ao longo do trabalho.

Aos amigos e familiares que permaneceram ao meu lado durante os períodos de doença no desenrolar do mestrado, ajudando-me a superá-los e, na medida do possível, a reunir forças, retomar o trabalho e seguir adiante.

“Não nos iludamos. Mais dia, menos dia, todos sofrem. Há, contudo, quem sofra com rebeldia, com revolta, com desânimo ou com desespero, perdendo o valor da prova em que se vê.”  
(Francisco Cândido Xavier)

## RESUMO

Trata-se de um trabalho antropológico realizado no Conjunto Habitacional Bela Vista, em Barreiros, município de São José, estado de Santa Catarina, Brasil. Esse conjunto habitacional foi construído pela COHAB (Companhia de Habitação do estado de Santa Catarina) no período de 1967 a 1977; possui 1.500 casas padronizadas originalmente e foi construído para atender a população de baixa renda da região, ou seja, pessoas com renda familiar de até três salários mínimos da época. O trabalho de campo foi realizado durante um longo período, sendo aplicado o método da observação participante, utilizado em pesquisas antropológicas, em que o pesquisador coleta dados através de sua participação na vida cotidiana da população pesquisada. Neste trabalho, o pesquisador permaneceu no Conjunto Habitacional Bela Vista por longo período, observando o uso dado aos espaços públicos do conjunto, e no interior das casa selecionadas para o trabalho, realizando entrevistas, levantamentos físicos e fotográficos, além de outras observações. O objetivo principal do trabalho é revelar o processo de apropriação e transformação das casas por seus moradores, segundo seus valores culturais, seus costumes, suas necessidades de espaços e elementos simbólicos, que identificam o morador através de sua casa. As observações relativas ao uso e às apropriações dos espaços da casa são apresentadas através de descrições etnográficas que buscam identificar conflitos entre morador e moradia, reveladores de fenômenos que surgiram da falta de planejamento, no que se refere à implantação da casa isolada no lote, e da inadequação de soluções arquitetônicas existentes no projeto original.

## ABSTRACT

This study is an anthropological work carried out at Conjunto Habitacional Bela Vista, a dwelling place in the neighborhood of Barreiros, São José city, Santa Catarina state, Brazil. Bela Vista dwelling has been built by COHAB (Companhia de Habitação do Estado de Santa Catarina), from 1967 to 1977. It has 1,500 houses which originally followed the same pattern, built for the poor — people with a family income of up to three minimum salaries of the time. My fieldwork has been carried out for long, based on a method of participatory observation. Following this method—commonly used in anthropological researches—the researcher, or observer, gathers data by partaking in the researched people's day-by-day life. In this work, the researcher has stayed at Conjunto Habitacional Bela Vista for long, either observing the use of the dwelling's collective areas, or within the houses selected for the research, carrying out interviews, photographic and physical surveys, and other general observations. The main objective of this work is to reveal the process of appropriation and transformation of the houses by their dwellers, according to their cultural values, their habits, their necessity of new spaces and specific symbolic elements which allow one to identify the dwellers by observing their houses. Observations regarding the use and appropriation of the houses' spaces are presented through ethnographical descriptions that seek to identify some conflicts between dwellers and dwellings; these conflicts are capable of revealing particular phenomena, due to the lack of previous planning for the positioning of each house in the lot and to improper architectonic solutions of the original standard project.

## RESUMEN

Este es un trabajo antropológico realizado en el Conjunto Habitacional Bela Vista, ubicado en Barreiros, município de São José, estado de Santa Catarina, Brasil. El conjunto habitacional fué construido por la COHAB (Companhia de Habitação do Estado de Santa Catarina) en el período de 1967 a 1977, posee 1.500 casas padronizadas originalmente y ha sido construido para atender la población de baja renta de la región, o sea, renta familiar de hasta 3 salarios mínimos de la época. El trabajo "in loco" fué realizado durante un largo período y el método aplicado fué la observación participante. Este método es utilizado en pesquisas antropológicas donde el pesquisador u observador, colecta los datos a través de su participación en la vida cotidiana de la población pesquisada. En este trabajo el pesquisador permaneció en el conjunto habitacional Bela Vista por largo período, observando la utilización de los espacios públicos del conjunto y en el interior de las casas elegidas para el trabajo, realizando entrevistas, exámenes físicos, fotográficos y observaciones. El objetivo principal del trabajo es revelar el proceso de apropiación y transformación de las casas por sus moradores según sus valores culturales, sus costumbres, necesidad de espacio y elementos simbólicos que identifican el morador a través de su casa. Las observaciones relativas de la utilización y apropiación de los espacios de la casa son apresentadas por descripciones etnográficas que buscan identificar conflictos entre morador y morada, reveladores de fenómenos existentes por la falta de planeamiento no que se refiere a la implantación de la casa aislada en su propio lote y por la inadecuación de soluciones existentes en el proyecto original padronizado.



# SUMÁRIO

|  |     |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO   | 1   |
| I. REFERENCIAL TEÓRICO: O MODERNISMO NO BRASIL E A PADRONIZAÇÃO DA HABITAÇÃO | 6   |
| I.1. Contexto histórico  | 6   |
| I.2. Florianópolis, Ilha de Santa Catarina: Histórico                        | 11  |
| I.3. O modelo habitacional padronizado em Florianópolis                      | 12  |
| II. CARACTERIZAÇÃO DO CONJUNTO HABITACIONAL BELA VISTA                       | 14  |
| II.1. Um pouco de História e Memória   | 18  |
| II.2. O acesso ao conjunto   | 26  |
| II.3. O surgimento do comércio   | 28  |
| II.4. Religiosidade e Crença   | 29  |
| II.5. As transformações e apropriações das moradias                          | 32  |
| II.5.1. O Lote   | 32  |
| II.5.2. A Fachada  | 35  |
| II.5.3. A Entrada  | 39  |
| II.5.4. A Sala   | 41  |
| II.5.5. Os Dormitórios   | 43  |
| II.5.6. A Cozinha  | 43  |
| II.5.7. A Edícula  | 45  |
| II.5.8. A relação da moradia com a rua                                       | 46  |
| II.6. Relativizando o espaço e o lugar público                               | 48  |
| III. METODOLOGIA   | 61  |
| III.1. O Trabalho de Campo   | 61  |
| III.2. O Método  | 65  |
| IV. ETNOGRAFIA DAS MORADIAS  | 67  |
| IV.1. A Moradia do Churrasco   | 67  |
| IV.2. A Moradia da Vegetação   | 75  |
| IV.3. A Moradia do Quintal   | 80  |
| IV.4. A Moradia da Esquina   | 88  |
| IV.5. A Moradia dos Hibiscos   | 94  |
| IV.6. A Moradia da Árvore  | 100 |
| IV.7. A Moradia do Chocolate   | 105 |
| IV.8. A Moradia Grande   | 114 |
| IV.9. A Moradia do Portal  | 123 |
| IV.10. A Moradia Clean   | 130 |

|   |            |
|---|------------|
| IV.11. A Moradia do Terraço                     | 138        |
| IV.12. A Moradia do Pé de Cana                  | 144        |
| IV.13. A Moradia Emergente                      | 150        |
| IV.14. A Moradia das Tapeçarias                 | 161        |
| IV.15. A Moradia do Comércio                    | 168        |
| IV.16. A Moradia das Alamandas                  | 174        |
| IV.17. A Moradia do Oratório                    | 180        |
| <b>V. A LÓGICA DA APROPRIAÇÃO</b>               | <b>186</b> |
| V.1. Apropriação do fundo do lote               | 187        |
| V.2. Surgimento do porão                        | 190        |
| V.3. Moradia X Comércio                         | 191        |
| V.4. Inversão frente/fundos                     | 192        |
| <b>CONCLUSÕES</b>                               | <b>194</b> |
| <b>BIBLIOGRAFIA</b>                             | <b>196</b> |
| <b>ANEXO I - CONTRIBUIÇÕES PARA O ARQUITETO</b> |            |

## INTRODUÇÃO

O desenvolvimento científico e tecnológico na área de projeto e ordenação da habitação vem, de certo modo, contribuindo para transformar uma realidade reconhecidamente insatisfatória.

Cabe enfatizar que os problemas de projeto na área da habitação popular não podem ser dissociados dos problemas de projeto e planejamento no sentido mais amplo de nossas cidades.

Observa-se nestas duas últimas décadas que a formação e a prática dos profissionais de projeto têm se pautado, em regra, pelo endosso crítico de conceitos, princípios e soluções arquitetônicas e urbanísticas, questionáveis na sua padronização de modelos, e não têm sido capazes de substanciar alternativas de ação que façam frente aos interesses freqüentemente ligados apenas à questão da redução e da racionalização de custos, sem levar em conta os resultados a nível de qualidade da moradia, visando apenas o interesse econômico.

Entretanto, pode-se afirmar também que aumentam sensivelmente, em número e qualidade, os estudos descritivos e avaliativos da área da habitação, tanto quanto as recomendações propositivas de grau variável de abrangência. Trata-se de um fenômeno positivo, mesmo que se constate uma grande defasagem entre o avanço do conhecimento e a prática concreta nele baseada. Persiste ainda a necessidade tanto de correlacionar, integrar e sistematizar essa produção, quanto de expandir e aprofundar seu escopo.

É preciso aprofundar a análise da interação social nos conjuntos habitacionais da Grande Florianópolis, para que se possa compreender plenamente o processo de apropriação espacial. A interação social constitui os componentes básicos para a identificação e compreensão das características dessa população. O processo de ocupação e a dinâmica da interação social no Conjunto Bela Vista indicam mudanças gradativas dos espaços e da paisagem. Os atores sociais são entretanto os que contribuem para o tecer das relações no cotidiano do referido conjunto.

Como o assunto é pertinente às minhas preocupações profissionais, em 1983 iniciei o projeto acadêmico de pesquisa na área de habitação popular nos conjuntos habitacionais projetados e construídos pela COHAB/SC na Grande Florianópolis.

Este projeto acadêmico permanece em andamento e dispõe de pesquisas concluídas e apresentadas em congressos, artigos publicados, orientação para projetos habitacionais de cunho social propostos pelos alunos como trabalho de conclusão de curso. As atividades de ensino, pesquisa e extensão contidas no referi-

do projeto incluem professores pesquisadores sobre o tema, incluindo professores de outros departamentos, alunos de iniciação científica e os alunos da disciplina *Planejamento Arquitetônico IV*, do currículo obrigatório do Curso de Arquitetura e Urbanismo. Foi esta disciplina, cuja ementa trata da questão habitacional e suas extensões, que deu origem ao projeto. Com o objetivo de colocar os alunos em contato com a realidade dos Conjuntos Habitacionais da região e com a política adotada nacionalmente para o setor, ainda estamos percorrendo os conjuntos habitacionais produzidos pela COHAB na Grande Florianópolis. Sempre foram realizados levantamentos e análises dos conjuntos, com a participação dos alunos, observando-se basicamente:

Quanto ao conjunto:

- o uso das ruas, espaços abertos em geral;
- a existência de alguns equipamentos: escola, creches, Centro Comunitário, Igrejas;
- os tipos de comércio (funcionamento e procura por parte da população);
- circulação de veículos de pequeno, médio e grande portes, frequência da circulação de ônibus;
- a manutenção do conjunto (estado de conservação das moradias, ruas e calçadas);
- as modificações nas moradias (tipos de ampliações);
- a inexistência de espaços qualificados para lazer e convívio da população;
- as representações simbólicas e sociais e o cotidiano da população.

Quanto às moradias:

- o histórico das reformas já ocorridas;
- o histórico do grupo familiar ocupante;
- a relação entre morador e moradia.

Com esse trabalho sistemático a cada semestre, reunimos ao longo do tempo um acervo significativo dos principais conjuntos habitacionais, que, como já foi dito, permite desenvolver pesquisas que buscam contribuir com as novas intervenções no setor. Para concentrar e sistematizar essas informações, criamos o GRUPO DE ESTUDOS DA HABITAÇÃO – GHab, ligado ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFSC, o qual abriga pesquisas habitacionais sob o ponto de vista da arquitetura, da tecnologia e dos aspectos socioculturais, e sob o enfoque da apropriação, identidade, simbologias e representações.

Tendo em vista o interesse em aprofundar o conhecimento sobre a polêmica temática, habitação popular ou habitação de baixo custo, a necessidade de ampliar este universo se revela buscando fundamentalmente analisá-lo sob os aspectos acima citados.

Com essa expectativa, iniciei o Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC com entusiasmo, determinação e com o objetivo de ampliar os estudos e buscar mais clareza para as interpretações feitas até o momento sobre o processo de apropriação dos conjuntos habitacionais já conhecidos.

Para isso me propus desenvolver a dissertação sobre um conjunto habitacional específico, o Conjunto Bela Vista, com 1.500 moradias unifamiliares produzidas pela COHAB/SC no período de 1969 a 1977, situado em Barreiros, no município de São José/SC, na Grande Florianópolis. Portanto, neste trabalho será estudado o Conjunto Bela Vista etapas I, II e III, que correspondem ao setor unifamiliar. As etapas IV e V são multifamiliares, ou seja, têm prédios de apartamentos; estes ficarão para futuros estudos. O presente estudo tem como objetivo buscar dados exclusivos para o desenvolvimento da dissertação, embora o projeto acadêmico compareça como importante subsídio. Portanto, as questões aqui tratadas atingem um nível de complexidade maior, mesmo porque a dissertação está na interface Arquitetura e Antropologia.

Para melhor compreensão da organização da dissertação, considero importante informar brevemente o teor dos capítulos seguintes.

Capítulo I: Aborda o movimento moderno, a princípio no contexto universal e posteriormente na arquitetura. Nessa abordagem estão sendo enfocadas a revolução industrial e suas reações no crescimento das cidades, a nova forma de vida, a produção industrial em série, a standardização da construção (Estilo Internacional). Examinou o modelo habitacional padronizado no contexto do Brasil e no de Florianópolis.

Capítulo II: Trata da construção e da evolução da história do Conjunto Habitacional Bela Vista etapas I, II e III, revelando as formas de organização inicial dos moradores, na tentativa de viabilizar e valorizar o coletivo. A luta pelos espaços de uso comunitário buscava favorecer as relações e criar novas identidades e representações para o coletivo e para o individual. Desde o início da ocupação do conjunto, os moradores lutaram pelas reivindicações políticas e sociais, observando as simbologias e as diferenças culturais existentes.

Capítulo III: Apresenta os procedimentos adotados para o desenvolvimento do trabalho de campo, os critérios para a seleção das dezessete moradias analisadas, o primeiro contato com os seus moradores e o método utilizado para a realização do trabalho.

Capítulo IV: Apresenta as etnografias das dezessete moradias, buscando entender melhor certos comportamentos revelados através dos usos que as mesmas apresentam atualmente.

Capítulo V: Apresenta as moradias selecionadas para este trabalho agrupadas segundo as semelhanças das reformas e outros importantes aspectos que as identificam.

Considero importante também informar que, desde o início das idas a campo em busca de subsídios para a dissertação, em momento nenhum tive a intenção de citar nomes dos informantes e dos moradores das dezessete unidades analisadas. Esse procedimento deve-se à preocupação em não violar a relação de confiança na qual partes do trabalho de campo se baseiam.

O referido conjunto foi escolhido por ser um dos mais antigos e um dos maiores em número de habitações, pela localização, por ser um conjunto que apresenta maior número de moradias modificadas e finalmente por apresentar uma evolução clara a nível de melhorias não só em relação às moradias mas também no comércio e serviços em geral. Observamos, portanto, uma rica diversidade de elementos a serem estudados. No caso das moradias, a citada evolução está relacionada com as grandes reformas e todos os móveis e utensílios observados. Quanto ao comércio, a evolução se refere às novas necessidades e exigências da população local.

Isso provavelmente se deve às melhorias ocorridas no poder aquisitivo dos moradores tanto os antigos quanto aqueles que chegaram no conjunto posteriormente e que são funcionários públicos, funcionários de empresas privadas, profissionais liberais, pequenos empresários, ou seja, o conjunto passou a abrigar a “classe média”.

Esses “novos” moradores estão residindo no conjunto porque têm familiares que moram lá ou talvez por opção de morar numa casa relativamente de baixo custo, ou seja, adquirir uma casa de valor acessível é interessante porque o restante da economia poderá possibilitar a reforma da mesma, o investimento em eletrodomésticos, a compra do carro novo, o uso de roupas de marcas, além de colocar os filhos em bons colégios, viajar nas férias, ter a casa na praia ou destinar as economias para um “negócio” que garanta um futuro melhor.

Um dos principais desafios do antropólogo que pesquisa sociedades complexas reside justamente em procurar interpretar sua própria cultura e questionar seus pressupostos, que são freqüentemente aceitos como dados inquestionáveis pela maioria da população em geral e mesmo por vários pesquisadores. Trata-se de compreender nossos rituais, nossos símbolos, nosso sistema de parentesco, nosso sistema de trocas, etc. Nesse sentido a Antropologia, para ser uma boa Antropologia de sociedades complexas, necessita ser radical, no sentido etimológico do termo, isto é, procurar ir à raiz dos fenômenos que estuda, sem medo de desafiar tabus e conhecimentos consagrados.

A sociedade brasileira é um campo rico para pesquisas antropológicas em cidades. É de se supor que numa sociedade com um modelo de desenvolvimento que tende a gerar profundas diferenças sociais isto se reflita nas nossas cidades, e que os grupos envolvidos neste processo tendam a desenvolver estratégias de sobrevivência e sistemas de representação que necessitam ser estudados com o rigor que o método antropológico possibilita. Enquanto as classes altas das cidades brasileiras se identificam mais prontamente com os valores e costumes dominantes, as classes baixas desenvolvem mecanismos adaptativos que lhes permitem lidar com as relações capitalistas de produção e ao mesmo tempo manter sua identidade. (OLIVEN, 1980, p.34-36)

Neste trabalho, pretendo buscar a compreensão do modo de apropriação dos espaços da moradia, a partir da observação dos rituais de uso, segundo os valores culturais, os costumes e as necessidades simbólicas dos moradores. Os rituais de uso expressam a forma que o grupo familiar se relaciona com a moradia. Ob-

servando a rotina de acordar, tomar banho, ver TV, as refeições, o convívio, o descanso, o trabalho, ou seja, o comportamento do grupo no desenrolar dessa rotina. Os valores culturais referem-se à forma de apropriação utilizando os códigos referentes à identidade do grupo. Entre os costumes inclui-se a valorização da cozinha, a plantação de hortas, a criação de animais, a pavimentação de todo o lote, a utilização da moradia apenas como dormitório. As necessidades simbólicas estão ligadas à cultura, já mencionada, à moda e ao consumo que expressam os códigos da nova cultura que a TV incentiva.

Este trabalho tem o propósito mais amplo de sugerir algumas das dimensões etnográficas de uma antropologia de cidades modernas no contexto de uma das suas principais formas de configuração e interação entre o homem e seus espaços de vivência.

## I. REFERENCIAL TEÓRICO: O MODERNISMO NO BRASIL E A PADRONIZAÇÃO DA HABITAÇÃO

### I.1. Contexto Histórico

O modernismo na arquitetura surgiu antes da Primeira Guerra Mundial e era mais uma reação às novas condições de produção (a máquina, a fábrica, a urbanização), de circulação (os novos sistemas de transportes e comunicações) e de consumo (a ascensão dos mercados de massa, da publicidade, da moda de massas) do que um pioneiro na produção dessas mudanças. Mas a forma tomada pela reação ocorrida devido ao crescimento acelerado das cidades e da produção industrial iria ter uma considerável importância subsequente. O crescimento acelerado das cidades deu-se também devido à redução da mortalidade, afinal a indústria proporcionou melhorias na alimentação, higiene, vestuário, moradias (fornecimento de água e luz), além do progresso da medicina com uma melhor organização dos hospitais. Na arquitetura, o modernismo não apenas forneceu meios de absorver, codificar e refletir sobre essas rápidas mudanças, como também sugeriu linhas de ação capazes de modificá-las ou sustentá-las.

Em sua idéia inicial, o Modernismo referiu-se ao movimento universal, estético, artístico, literário e filosófico surgido a partir do fim do século XIX, onde aparecia como idéia central a noção de progresso considerada a partir da ruptura com formas artísticas e expressivas tradicionais da modernidade. Seu lema: destruir para criar o novo. No âmbito da teoria da arquitetura, significou o império do planejamento racional, o reino de ordens sociais e padronização do conhecimento e da produção de novas formas de morar. A produção em massa, nos sistemas de construção industrializada (“Estilo Internacional”), e ao longo da solidificação da arquitetura moderna, introduziu novos conceitos como padronização e racionalização dos usos do espaço, público ou privado.

Reagindo à desprofissionalização dos artesãos por causa da máquina e da produção fabril sob o comando de capitalistas, William Morris, por exemplo, tentou promover uma nova cultura artesã, que combinava o poder da tradição artesanal com uma forte defesa “da simplicidade do desenho, da retirada de toda exibição, de todo desperdício e de todo comodismo.” (HARVEY, 1993, p.32)

Foram diversas as reações que fizeram do modernismo na arquitetura e no urbanismo uma questão tão complexa e, com frequência, contraditória. Tratava-



se de uma extraordinária combinação entre o futurista e o niilista, o revolucionário e o conservador, o naturalista e o simbolista, o romântico e o clássico (HARVEY, 1993, p.32). Foi a celebração de uma era tecnológica e sua condenação; uma excitada aceitação da crença de que os velhos regimes da cultura tinham chegado ao fim e a um profundo desespero diante do temor do próprio industrialismo; uma mistura de convicções de que as novas formas eram fugas do historicismo e das pressões da época com convicções de que essas formas eram precisamente a expressão viva dessas coisas (HARVEY, 1993, p.33). Na Arquitetura, portanto, o modernismo significou, como em outras expressões artísticas, um rompimento com o passado, um corte em relação a uma história marcadamente tradicional.

O prédio de apartamento para residência familiar apareceu pela primeira vez nas cidades brasileiras, e especificamente em São Paulo, na década de 1920, para atender a mudanças nas condições de moradia de famílias de classe média que estavam acostumadas a viver em suas próprias casas no centro da cidade, ou perto dele, junto ao lugar de trabalho do chefe da família (HOLSTON, 1993, p.185-186). O crescimento da população urbana e a conseqüente saturação do centro da cidade nesta época fizeram a família de classe média ter que optar por bairros mais distantes ou aceitar o prédio de apartamento para continuar morando no centro da cidade.

Antes os apartamentos eram sinônimo de promiscuidade e pobreza ou, na melhor das hipóteses, eram utilizados como dormitórios para rapazes solteiros, ou seja, pouco respeitáveis; certamente não serviam como domicílio adequado para a “vida familiar”. Para atrair essas famílias, agentes imobiliários desenvolveram uma planta de apartamento que pudesse reproduzir o que, em uma casa, era o mais importante para a classe média: sua organização social do espaço (HOLSTON, 1993, p.186).

Essa planta arquitetônica tornou-se padrão nacional durante o período do entreguerras, quando os prédios de apartamentos residenciais floresceram nos principais centros urbanos do Brasil. Como um reflexo da estrutura social de uma casa brasileira de classe média, a referida planta arquitetônica baseia-se em uma divisão entre patrões, que ocupam as áreas social e íntima do apartamento, e empregados, que trabalham e dormem na área de serviço (dormitório da empregada ligado diretamente à área de serviço). Essa divisão é norma na vida da classe média, pois a prática estabelecida, mesmo nos seus estratos mais modestos, é a de empregar trabalho doméstico barato para cozinhar, arrumar, lavar e cuidar das crianças.

Portanto, no Brasil, a arquitetura moderna mescla-se com a idéia de modernização da própria sociedade brasileira. O processo de industrialização em São Paulo foi lento, na década de 20, o mesmo podendo ser dito para todo o Brasil. Somente após a revolução de 30, que teve como proposta política a modernização da sociedade brasileira, criaram-se as condições para a realização de projetos associados ao que já se nominava, em centros urbanos internacionais, a arquitetura modernista. Na verdade, esquece-se muitas vezes que o ideário do modernismo, no caso do Brasil, ocorreu sem modernização (ORTIZ, 1990, p.20).

Portanto, não é por acaso que um segmento que assume o modernismo na arquitetura como em outras áreas, já a partir de 1924, se identificava com a questão nacional da modernização pela via da industrialização e urbanização do país, pois tratava de romper com o panorama do atraso no interior de uma nação que pretendia se contrapor a um passado agrário e tradicional. O processo de modernização, para muitos, eliminaria por si só tanto o subdesenvolvimento quanto as injustiças sociais. “Uma atitude moderna vale mais do que um comportamento tradicional” (ORTIZ, 1990, p.27).

Em alguns países europeus (Inglaterra e França), houve uma correspondência entre o processo de industrialização e a emergência de uma sociedade industrializada. No Brasil, porém, como em toda a América Latina, a busca de uma identidade nacional foi uma constante, pois tratava-se de construir um Estado e uma Nação modernos. A preocupação era construir uma identidade brasileira que nos colocasse em compasso com o ritmo das sociedades européias.

Estamos falando de um período de transição entre modernidade e modernismo e seus reflexos inclusive no Brasil, o que certamente irá nos ajudar a compreender melhor a questão da padronização, que está ligada ao modelo de moradia popular, objeto de estudo neste trabalho.

Com o passar dos anos, nas trilhas do Estado Novo e da República Nova, a sociedade brasileira se transformou radicalmente. A partir dos anos sessenta, com o desenvolvimentismo dos anos JK e sua famosa assertiva dos “50 anos em 5”, a sociedade brasileira enfrenta a segunda revolução industrial e se insere no processo de internacionalização do capital. A construção futurista de Brasília, no interior do sertão brasileiro, é um emblema de todo um processo singular em que aparece a Arquitetura moderna associada a idéia da modernização e industrialização.

Em 1960, por exemplo, foi implantado no Brasil, pelo governo da época, o Sistema Financeiro de Habitação, e criado o BNH, Banco Nacional da Habitação. Na época, o objetivo seria viabilizar a aquisição da casa própria para as populações de baixa renda, ou seja, as de renda familiar de até três salários mínimos da época. Foram lançados os conjuntos habitacionais com a casa mínima padronizada, de norte a sul do país, desconsiderando questões climáticas, regionalização da construção, disponibilidade de mão de obra e materiais locais, hábitos e costumes culturais característicos de cada região.

Sem dúvida, com o desenvolvimentismo dos anos 60, o êxodo rural contribuiu consideravelmente para o crescimento da demanda habitacional primeiramente nos grandes centros urbanos do país. Essa população foi atraída pela possibilidade de emprego e melhoria de vida nos centros mais industrializados, gerando o crescimento populacional rápido e desordenado com reflexos desastrosos na qualidade de vida urbana atual e futura dos centros maiores.

Ou seja, para falar da arquitetura modernista brasileira nesse período (anos 50 e 60), não podemos deixar de citar a cidade de Brasília como exemplo, retratando a imagem de um futuro imaginado e desejado. Para Holston (1993), a arquitetura e o urbanismo modernistas de Brasília não apenas falharam, mas tam-

bém fortaleceram muitas vezes aquilo que pretendiam desafiar. Para o autor, um dos efeitos sociais do urbanismo modernista é a despolitização dos que não são planejados, uma vez que sua organização política se torna irrelevante, se não inoportuna, nas decisões sobre desenvolvimento urbano.

Os anos subseqüentes irão aprofundar tais aspectos da vida nacional, pois, sob os ditames de um governo revolucionário e autoritário, o capitalismo tardio no Brasil procurava acertar seu passo com o mundo de atraso que insistentemente se reproduzia nos sertões do país. O processo de mudanças evolui, registrando os índices de crescimento das indústrias televisiva, publicitária, fonográfica e editorial e revelando a reorganização da própria vida cultural brasileira. Tal forma de desenvolvimento indicava uma nova estrutura, que se estendia da organização da cultura à sociabilidade das pessoas nos grandes centros urbanos. Essa realidade contrastava com a dos anos 40 e 50 pela crença em uma mudança na posição marginal e periférica que o Brasil ocupava no cenário internacional.

Hoje, a existência de novos meios de transporte e comunicação atesta uma nova realidade de bens de consumo para a sociedade brasileira, em que pese a presença marcante de desigualdades sociais, culturais e econômicas entre sua população. Esses “sinais” valorizam um determinado estilo de vida, novo e extremamente atraente para camadas médias urbanas. Se é verdade que no Brasil a sociedade se modernizou, não se pode esquecer que os elementos “tradicionais” não desapareceram; eles se rearticularam de diversas formas no interior da ordem urbano-industrial. Por outro lado, vivemos numa sociedade que carrega consigo as lembranças dos projetos políticos e culturais gestados nos anos 50 e 60 (ORTIZ, 1990, p. 27).

Nesse contexto, resgatar as vozes dos esquecidos é uma das mais apreciadas legitimações do trabalho do antropólogo. Uma análise crítica da sociedade brasileira teria que ir além de uma demonstração de que os marginalizados têm interesses conscientes na reivindicação de alterações no processo de mudança social da vida nacional. No âmbito das soluções arquitetônicas e urbanísticas para a habitação popular, torna-se cada vez mais clara a necessidade de visitar o lugar da arquitetura moderna, reconhecendo-se os papéis que os segmentos populares exercem na ordenação da sua vida social, cabendo aos planejadores respeitá-los.

A arquitetura modernista pretendeu ser um movimento internacional que impelia ao desenvolvimento nacional, fazendo-o avançar no sentido da construção de novas cidades, as quais, por sua vez, transformariam a vida cotidiana das populações jogadas à situação de atraso. As cidades planejadas se tornariam, assim, modelos dominantes da cidade moderna e do desenvolvimento por meio da urbanização, visando realizar a utopia da ordem ideal da sociedade e sua manutenção. Sua instrumentalidade dizia respeito não apenas a questões práticas, tais como evitar epidemias, congestionamentos de tráfego e rebeliões de rua, mas também às de como estimular a família e a virtude cívica.

A cidade planejada pressupunha, muitas vezes, a padronização dos espaços e dos volumes edificadas, gerando a igualdade espacial, a repetitividade, a

monotonia pela excessiva organização em seus diversos setores. Conforme o que se constata hoje, tomando-se o caso da maneira como os moradores de Brasília consideram os prédios em que moram, construídos segundo os princípios utópicos da cidade moderna ideal, os postulados da arquitetura moderna aplicados a Brasília, com prédios de apartamentos situados em superquadras, vê-se que tal cidade carece de personalidade não só porque sua arquitetura é monótona, mas também porque nega a individualidade de seus moradores (HOLSTON, 1993, p.192).

Tomando-se hoje o que é dito por seus moradores, a uniformidade arquitetônica, produzida pela arquitetura modernista, reprime a personalidade dos moradores em favor do todo. É uma arquitetura antiindividualista; as pessoas se esforçam para desenvolver características individualizadoras e gostam de exibir suas diferenças. Muitos dos atuais moradores das superquadras, em Brasília, reclamam de não poder alterar a padronização dos apartamentos, a uniformidade da estrutura residencial, ou seja, as pessoas rejeitam a chamada arquitetura padronizada. Segundo Holston (1993), muitos brasilienses vêm o típico apartamento da superquadra como “antifamília”, como algo contrário às solidariedades e estruturas sociais tradicionais da casa brasileira.

Segundo os moradores das superquadras, as fachadas com os grandes panos de vidro desnudam o espaço doméstico, os janelões de vidro são popularmente chamados de “televisão de candango”, ou seja, entretenimento público gratuito. As fachadas iluminadas são um assalto à privacidade; situação que os moradores procuram solucionar com o uso de cortinas e persianas.

Nos moldes adotados pela Arquitetura modernista, a arquitetura padronizada tornou-se, portanto, contrária ao direito das pessoas de serem diferentes, de evoluir, de inovar, ou seja, a padronização, muitas vezes, impõe a igualdade que normalmente desagrade. Além do que as plantas arquitetônicas tendem a reproduzir as diferenças sociais através da separação das funções atribuídas ao espaço da moradia - áreas de serviços separadas das áreas da vida privada. Essa estrutura de organização espacial pressupõe a intenção de distanciar a cozinha, o quarto de empregada e a área de serviço do setor social, logo, um arranjo típico da passagem da casa-grande e senzala para a habitação urbana do Brasil colônia, onde famílias pertencentes às classes mais abastadas vivam distanciadas dos espaços de serviço da casa. Finalizando esse processo de racionalização do espaço da casa, agora concebida nos termos de prédios de apartamentos, as entradas dos edifícios residenciais são resolvidas com um elevador social e outro de serviço, porém colocados lado a lado. Não se trata de separar funções e sim de separar classes e suas funções sociais.

Portanto, num longo processo que se inicia com a evolução da casa colonial brasileira, partindo da propriedade escravocrata (casa-grande e senzala) até a habitação urbana (dos sobrados aristocráticos, aos palacetes de uma burguesia emergente, passando pelas malocas e os mocambos) e, de forma mais prementê, destas para os prédios de apartamentos e dos conjuntos habitacionais, o que se verificou foi que a arquitetura modernista acabou por recriar, na sua forma singular de racionalizar a reorganização interna do espaço doméstico em áreas social, íntima e de serviço, além das relações entre o espaço da casa e o espaço público da rua, pre-

conceitos sociais profundamente enraizados na sociedade brasileira, desde os tempos coloniais.

## **I.2. Florianópolis, Ilha de Santa Catarina: Histórico**

A cidade de Florianópolis foi fundada por bandeirantes paulistas na segunda metade do século XVII e colonizada por açorianos. Era sede da Capitania de Santa Catarina desde 1739. O primeiro nome dado à cidade foi Nossa Senhora do Desterro. Para protegerem a cidade dos invasores espanhóis, os açorianos construíram as fortalezas, espalhadas pelas ilhas e praias.

A cidade, ao entrar no século XX, passou por profundas mudanças, sendo que na construção civil teve um dos principais suportes econômicos. A implantação da rede básica de energia elétrica e o sistema de fornecimento de água e captação de esgoto somaram-se à construção da Ponte Hercílio Luz como marcos do processo de desenvolvimento urbano da cidade no início do século XX, e Florianópolis se afirmou como capital do estado.

Nesse período, as principais tipologias habitacionais eram o sobrado e a casa térrea. No caso de Florianópolis, podemos citar outra tipologia de expressão para a arquitetura local, a implantação em fita das casas açorianas, o que significa moradias coladas lateralmente umas às outras. Esse sistema garantia a proteção das empenas (paredes laterais) contra as chuvas, o que, quando não era possível, era alcançado através do uso de telhas aplicadas verticalmente nas empenas.

A arquitetura açoriana é caracterizada pela simplicidade de formas, e ainda encontramos exemplares remanescentes na cidade de Florianópolis e no interior da ilha.

Os sobrados e as moradias isoladas (isoladas aqui significa moradias implantadas no lote com todas as fachadas descoladas de qualquer outra construção, podendo assim exibir os jardins) muitas vezes apresentavam fachadas refinadas prestigiando a difusão da arquitetura neoclássica e, mais tarde, a do ecletismo.

As fachadas rebuscadas, recobertas de elementos decorativos, inspirados no barroco francês ou italiano, cuja superficialidade revelava a licença formal do ecletismo que incorporava elementos metálicos produzidos pela indústria, portanto são de origem mais recente (REIS FILHO, 1976, p.124-127).

Quanto à arquitetura monumental, ou seja, a de palácios e igrejas, temos o Palácio Cruz e Sousa, originalmente uma arquitetura açoriana (colonial português) que posteriormente foi reformado e incorporou as linguagens do neoclássico e do ecletismo. Essa arquitetura monumental, felizmente, de forma exuberante, continua integrada à paisagem da bela Praça XV. Da mesma forma, a Catedral Metropolitana de Florianópolis, com formas simples e linhas bem definidas, marca de forma imponente um dos limites da Praça.

As descrições de algumas fachadas da cidade de Florianópolis do começo do século XX são rápidas e superficiais. Embora não sendo objeto de estudo, neste trabalho, são mencionadas aqui para que se possa conhecer um pouco do contexto da evolução arquitetônica da cidade, além de fornecer elementos para que se possa admirar os belos desenhos que expressam as riquezas contidas nas fachadas que contam a história da arquitetura de Florianópolis conforme indicado na obra “Florianópolis de Ontem” (FOSSARI, 1987). Trata-se de um álbum de gravuras produzido pelo referido autor.

### **I.3. O modelo habitacional padronizado em Florianópolis**

Para falar da padronização de moradias em Florianópolis, podemos citar a Vila Operária situada no bairro Saco dos Limões. Sua implantação foi, sem dúvida, um fato que impulsionou a ocupação do bairro nos anos 40. Um acontecimento marcante, uma vez que inexistem operários no local. Em sua maioria, as casas foram ocupadas por funcionários da base aérea. Houve um sensível crescimento demográfico na época do nascimento da Vila Operária, também influenciado pela construção da Escola Getúlio Vargas, atraindo a instalação de novos estabelecimentos comerciais e de serviços (fonte: trabalho produzido pelo GHab/ARQ/UFSC).

A Vila Operária foi inaugurada dia 1º de maio de 1945, pelo Presidente Getúlio Vargas, que veio a Florianópolis exclusivamente para o evento. Esse fato histórico certamente aconteceu por uma decisão política, pois não havia demanda habitacional na época. A construção da vila, a princípio, deveria atender os funcionários do IAPI (Instituto de Assistência e Previdência do Industriário), os funcionários da gráfica existente nas imediações e os funcionários da base aérea. A vila soma cem casas, geminadas duas a duas. Parte sofreu modificações e a outra parte permanece original. A Vila Operária tornou-se um local atraente. Na década de 50, houve um acréscimo no traçado do bairro com conseqüente aumento da ocupação do solo.

No final da década de 40, podemos registrar a construção de outra vila, esta, por sua vez, construída para atender funcionários da penitenciária. Localizada na Rua Lauro Linhares, no bairro da Trindade, em frente à penitenciária, esta pequena vila soma catorze casas geminadas duas a duas. Também nesse caso, parte das casas foi modificada pelos moradores e a outra parte permanece original. Observamos que algumas casas foram reformadas com a finalidade de instalar ponto comercial. Devido à forte vocação da Rua Lauro Linhares para comércio e serviços, prevê-se a possibilidade de desaparecimento da paisagem da antiga vila, ou seja, deque as poucas casas originais existentes passem por reformas que possam descaracterizar totalmente a situação original.

Na década de 50, foi construída no centro da cidade a Vila Serratine ou “Beco Serratine”. Localizada em frente ao Parque da Luz, a Vila Serratine soma

construída para ser alugada para estudantes. Hoje a vila permanece quase original. Algumas modificações foram feitas por alguns proprietários. Nesse caso, o modelo padronizado é menos flexível em relação às vilas citadas anteriormente. São sobrados em fita, ou seja, uma casa colada na outra, numa seqüência de dez de um lado e sete do outro. O lote é mínimo, praticamente não permite ampliações.

Podemos considerar esses três exemplos aqui citados como os modelos de habitações padronizadas históricos da cidade. A partir daí, somente na década de sessenta, os conjuntos habitacionais produzidos pela COHAB/SC e INOCOOP começaram a ser construídos em Florianópolis e municípios vizinhos, São José e Biguaçu.

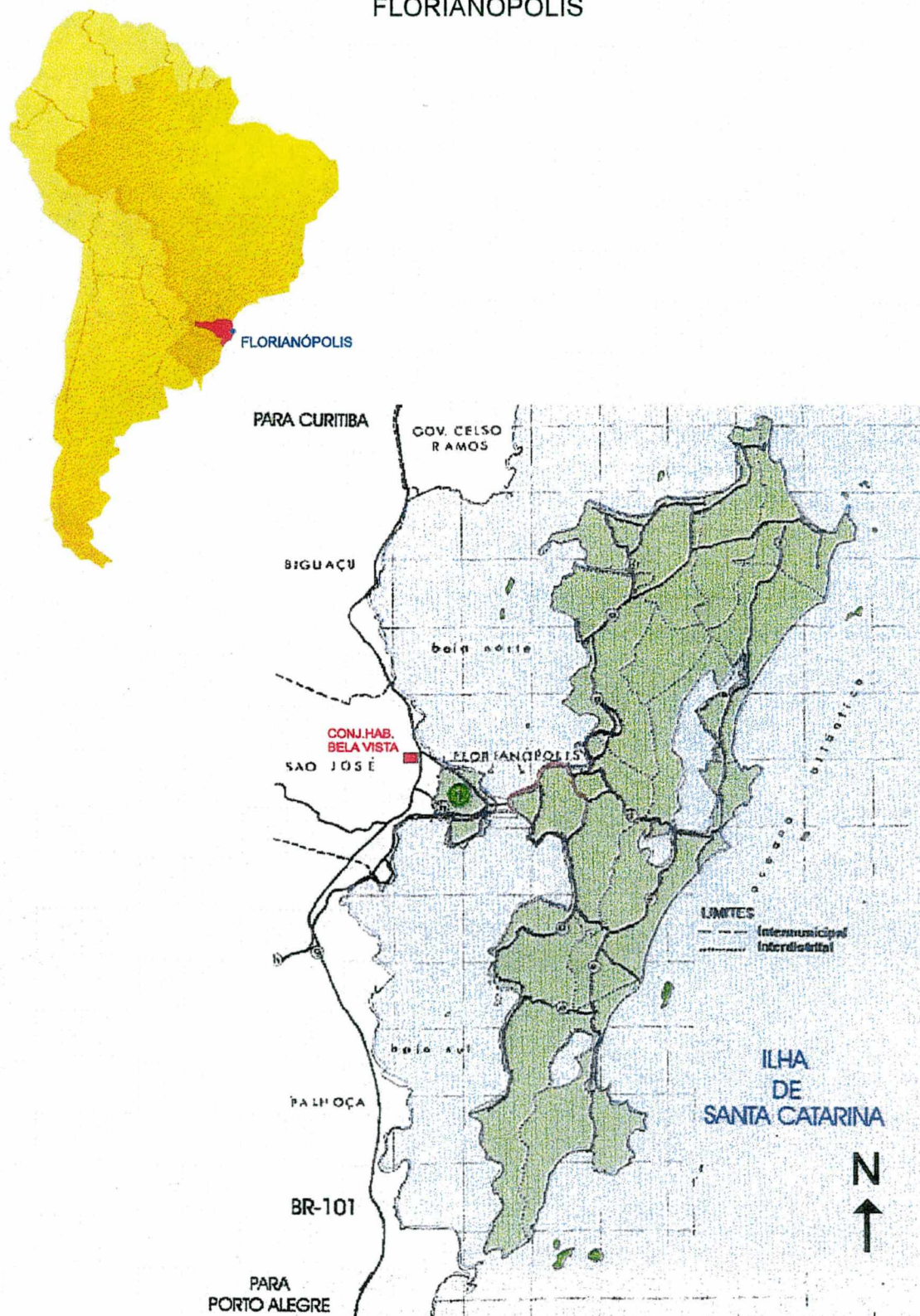
O Conjunto Bela Vista, produzido pela COHAB/SC, objeto de estudo desta dissertação, teve sua construção iniciada na segunda metade da década de 60. É um dos mais antigos e, na época, esse tipo de habitação popular padronizada era discriminada e rejeitada pela população. Um dos motivos certamente era a localização normalmente dada para estes conjuntos. O outro é que o Programa BNH e COHAB foram criados para atender a população pobre. Portanto, essas siglas foram imediatamente assimiladas à situação de “ser pobre”. O estigma de pobreza assimilado à paisagem do conjunto habitacional acima referido pesou significativamente no seu processo de ocupação, sendo recorrente se observar, nas conversas frequentes com moradores antigos do Conjunto Bela Vista, o comentário: “*COHAB é para pobre; aí ninguém queria.*”

Na época da construção do Conjunto Bela Vista, a cidade sequer se aproximava da BR-101. Os terrenos localizados do outro lado da BR eram extremamente distantes, não se caracterizando como área que compunha a periferia urbana de Florianópolis, e sim área de propriedades rurais. Desvinculado do tecido urbano, era um terreno de baixo custo, o que certamente influenciou a construção de tais conjuntos. Além da distância, o acesso era difícil; a BR estava sendo asfaltada, e nas imediações do sítio havia um boteco, junto com uma zona de meretrício. O outro ponto conhecido era a pedreira, de onde era retirada a brita para o asfaltamento da BR, não havendo perspectiva de que o crescimento da cidade fosse ultrapassar os limites da estrada até atingir o outro lado, local onde, hoje, localizam-se excelentes áreas residenciais, de comércio e de serviços.

Hoje, o Conjunto Bela Vista, como veremos adiante, está inserido num contexto social e urbano totalmente diferente do inicial. O crescimento urbano local vem ocorrendo com rapidez a ponto de a população instalada do outro lado nutrir a expectativa de que a BR deixe de ser limite ou uma barreira para o crescimento do local, ou seja, que ela seja desviada, ganhando a comunidade local em tranquilidade, segurança e valorização de seus imóveis.

## II. CARACTERÍSTICAS DO CONJUNTO HABITACIONAL BELA VISTA




SITUAÇÃO DO CONJUNTO HABITACIONAL BELA VISTA NA GRANDE FLORIANÓPOLIS





## AEROFOTO COM A SITUAÇÃO DO CONJUNTO HABITACIONAL BELA VISTA NA MALHA URBANA



-  Conjunto Habitacional Bela Vista
-  Vias de acesso ao Conjunto Habitacional Bela Vista
-  Shopping Center Itaguaçu

MAPA DOS USOS DO CONJ. HAB. BELA VISTA  
SITUAÇÃO ATUAL (1997)



LEGENDAS

| EQUIPAMENTO/MOBILIÁRIO URBANO |                         |
|-------------------------------|-------------------------|
|                               | TELEFONE PÚBLICO        |
|                               | ABRIGO P/ PTO DE ÔNIBUS |
|                               | CAIXA DE CORREIO        |

| USOS DO SOLO |   |
|--------------|---|
|              | ÁREA VERDE  |
|              | RESIDÊNCIA UNIFAMILIAR  |
|              | RESIDÊNCIA MULTIFAMILIAR  |
|              | COMÉRCIO DE PEQUENO PORTE   |
|              | COMÉRCIO DE MÉDIO PORTE   |
|              | INDÚSTRIA DE PEQUENO PORTE  |
|              | BAR, LANCHONETE, RESTAURANTE, SORVETERIA  |
|              | BANCO   |
|              | POSTO DE GASOLINA   |
|              | POLICLÍNICA, LABORATÓRIO DE ANÁLISES CLÍNICAS   |
|              | INSTITUCIONAL:<br>ESCOLA, CRECHE PÚBLICA, CENTRO COMUNITÁRIO, IGREJA, POSTO DE SAÚDE                                  |
|              | ESCRITÓRIOS/CONSULTÓRIOS:<br>ADVOGACIA, CONTABILIDADE, ENGENHARIA, ODONTOLOGIA  |
|              | SERVIÇOS:<br>BARBEARIA, CABELEREIRA, CRECHE PARTICULAR, CURSOS, FARMACIA, LOCADORA DE VIDEO/GAMES, LOTÉRICA, OFICINAS |

0 20 100m  
ESCALA GRÁFICA

# SITUAÇÃO DAS MORÁDIAS ANALISADAS NO CONJUNTO HABITACIONAL BELA VISTA



- Áreas verdes
- Equipamentos urbanos
- Morádias analisadas
- BELA VISTA I – 1.008 unid.hab., 1970\*
- BELA VISTA II – 233 unid.hab., 1973\*
- BELA VISTA III – 259 unid.hab., 1977\*
- BELA VISTA IV – 208 aptos, 1988\*

0 20 100m  
ESCALA GRÁFICA

\* Ano de conclusão da etapa de implantação

## II.1. Um pouco de História e Memória

O Conjunto Habitacional Bela Vista foi construído pela COHAB-SC para atender a população com renda familiar de até três salários mínimos.

O conjunto localiza-se no bairro de Barreiros, no município de São José/SC, e sua construção se deu em cinco etapas.

- 1 - Bela Vista I - Obra concluída em 1969/70 - total de moradias = 1008
- 2 - Bela Vista II - Obra concluída em 73/74 - total de moradias = 233
- 3 - Bela Vista III - Obra concluída em 1977 - total de moradias = 259
- 4 - Bela Vista IV - Obra concluída em 1988 - total de apartamentos = 208
- 5 - Bela Vista V - Obra a ser concluída - total de apartamentos = 400.

Foi escolhido o Conjunto Bela Vista (etapas I, II e III) para estudo por ser o mais antigo da Grande Florianópolis e por apresentar modificações significativas ocorridas ao longo do tempo. Estas modificações ocorrem a nível de apropriação das moradias, dos lotes, dos espaços coletivos dos conjuntos, do perfil dos moradores e da infra-estrutura de equipamentos e serviços.

O Conjunto Bela Vista I, o maior os conjuntos habitacionais padronizados no Bairros de Barreiros, embora constitua uma etapa, a primeira na seqüência das cinco, é o mais antigo e apresenta uma realidade diferente das duas etapas seguintes.

Sua ocupação iniciou-se em 1970, com a entrega das primeiras chaves. Contam os moradores que, nesta época, muitas casas permaneceram desocupadas por algum tempo, o que favoreceu a invasão em muitos setores do conjunto. Os invasores não eram candidatos às chaves, eram “aproveitadores e oportunistas”, segundo os moradores.

Os moradores falam da população invasora com revolta e indignação. Segundo eles, eram *“pessoas que não deveriam morar no bairro”*. *“Eram bandidos, assassinos fugitivos do presídio, traficantes. Pessoas que não serviam como vizinhos, assaltavam as casas, e toda a população tinha muito medo”*.

Num período de aproximadamente três anos, os “invasores” foram expulsos pela população, pela COHAB e pela polícia. Junto com eles foi “expulsa” do conjunto também a população já inadimplente do conjunto. Segundo os moradores, somente a partir desta “limpeza” ficaram as famílias que estavam determinadas a permanecer no conjunto. Segundo os moradores, foi um período muito difícil para todos os que pretendiam permanecer no conjunto. O conjunto recebia também o nome de “Coroadó” inspirado pela novela da época “Os Irmãos Coragem”, cujo cenário principal era um lugarejo com esse nome.

Logo no começo, portanto, a população que ocupava o conjunto legalmente participava dos sorteios que a COHAB promovia, ou escolhia o endereço livremente. A COHAB permitia esse procedimento, não havendo, assim, regras rígidas para a ocupação da população candidata. O conjunto foi entregue sem muros nas casas, ruas sem pavimentação (calçamento), sem uma árvore, nem coleta de lixo, apenas um equipamento, a Escola Básica Prof. Osvaldo Rodrigues Cabral, de 1º grau (Foto II.1.1).



Foto II.1.1. Escola Básica Prof. Osvaldo Rodrigues Cabral

As moradoras mais antigas do Bela Vista I, em sua maioria líderes comunitárias, relatam os problemas e as dificuldades enfrentadas no começo

*“Isto aqui era chamado de cemitério, casinhas brancas cercadas por ripas [demarcação do lote] e só barro vermelho, só faltavam as cruzeiras sobre os telhados.”*

*“Quando a gente saía à noite para ir numa festa, tinha que usar bota de borracha até lá fora, só na estrada [BR 101], podia calçar os sapatos”.*

*“Muitas vezes eu errei minha casa e entrei na do vizinho”.* As famílias que iam chegando para ocupar suas moradias tinham origens diversas. Algumas vinham dos estados vizinhos (Rio Grande do Sul e Paraná), outros da região serrana de Santa Catarina, outros do litoral catarinense, inclusive de Florianópolis. A precariedade do conjunto favorecia muitas vezes o retorno de algumas famílias para o local de origem, uma vez que para elas, era difícil se adaptar ao local; todos os discriminavam (parentes, amigos), *“ninguém queria morar na COHAB”*, diziam.

Na verdade esses grupos familiares eram todos “estrangeiros” (estranhos) no conjunto, e como não havia nada que estimulasse o convívio entre as famílias, um grupo de mulheres manifestou o desejo comum de lutar por um local onde pudesse ser celebrada missa aos domingos. Conseguiram uma sala na escola e solicitaram o padre da paróquia de Barreiros. Assim, nos domingos, os poucos moradores começaram a se reunir, após a missa, com o objetivo de possibilitar uma organização entre eles para lutar pelas melhorias do conjunto. Dessa forma, iniciou-se a primeira organização dos moradores do conjunto residencial, os quais traçaram

como sua primeira meta a construção de um local para a realização da missa dominical.

Começava-se a se desenhar, no conjunto habitacional Bela Vista I, um espaço social onde *“as diferenças que nele se desenham ‘espontaneamente’ tendem a funcionar simbolicamente como espaço dos estilos de vida, ou como conjunto de status, isto é, de grupos caracterizados por estilos de vida diferentes.”* (BOURDIEU, 1982)

No dia 16 de outubro de 1972, a Liga Feminina foi criada com vistas à construção do local para a realização da missa. Composta por senhoras da comunidade, a Liga surge de todo um processo de luta pelo conjunto habitacional, conseguindo doações dos comerciantes para obtenção de material de construção, sendo a mão-de-obra oferecida por soldados do exército reunidos aos moradores locais. Essa equipe de trabalho construiu um galpão onde funcionavam as atividades religiosas e as próprias reuniões da Liga Feminina. O antigo galpão localizava-se onde é hoje o Centro Comunitário.

Logo em seguida, ainda no início da década de 70, a Liga Feminina inaugurou o Centro de Recreação Infantil, com duas professoras coordenadas pela Irmã Ada, pertencente à Congregação da Divina Providência, que logo iniciaram a catequese da população local. O grupo de senhoras que compunha a Liga definiu, então, uma pauta de reivindicações em 1972:

- 1 - Criação do Centro Recreativo Infantil
- 2 - Arborização para o conjunto
- 3 - Criação de oficinas comunitárias para os jovens
- 4 - Luta pela sede para reuniões da Liga
- 5 - Construção do centro comunitário
- 6 - Pavimentação das ruas
- 7 - Coleta de lixo
- 8 - Promoção de campanha junto aos moradores para eleger o mais belo jardim, além de Natal das crianças, festas comunitárias, venda de rifas e da FENARTE (Feira da Arte).

O item 5 da pauta de reivindicações, a construção de um Centro Comunitário, foi cumprido, tendo sido inaugurado em 1º de maio de 1973. Para a construção, os moradores contaram novamente com a ajuda de soldados do exército e presidiários; sendo os materiais de construção doados, como no processo anterior, pelos comerciantes da cidade. A população recorreu aos comerciantes, principalmente àqueles que vendem materiais para construção civil, solicitando ajuda e solidariedade para viabilizar as melhorias desejadas. Quanto à pavimentação das ruas, essas obras só aconteceram bem mais tarde.

Para a construção definitiva da Igreja e seu salão paroquial, os moradores compraram da COHAB um terreno que ainda estava vago, uma vez que a moradia ali havia caído. Contam os moradores que, durante um baile, o salão teve que ser desocupado às pressas para dar lugar para o velório de duas ou três pessoas do conjunto, pertencentes à mesma família, que haviam sido vítimas de um acidente na

BR. Esse fato, como outros tantos, explica a atual reivindicação dos moradores do conjunto residencial Bela Vista, de um espaço para velórios. Não existe cemitério nas proximidades, e a igreja não cede mais o salão paroquial para velórios, o que faz com que tais rituais sejam feitos ainda nas moradias.

Se as mulheres se uniam na intensa luta pelas melhorias na qualidade de vida no conjunto habitacional, os homens se organizavam criando o time de futebol. As mulheres contam isso de forma irônica, deixando claro o empenho delas para realizar benfeitorias públicas enquanto os homens jogavam futebol.

Como as atividades coletivas tendiam a crescer, mobilizando os moradores do conjunto, tornou-se uma constante a busca de espaço físico adequado para abrigar tais formas de sociabilidade pública local. Os espaços que abrigavam a missa e as reuniões – Escola e Galpão – não permitiam muitas alternativas.

O Centro Comunitário (Foto II.1.2.) desde a inauguração vem desempenhando um papel importante junto à comunidade do Bela Vista. Oferece aulas de datilografia e tapeçaria, desenvolve trabalhos com grupos de terceira idade, possui uma creche que atende 40 crianças. Promove bingo, festas comunitárias, bailes para jovens e bailes para terceira idade, domingo à tarde. A direção do Centro Comunitário conta com pessoas que são “filhos do conjunto”, famílias que residem há 25 anos no local. [O termo “filhos do conjunto” aqui utilizado faz referência aos moradores que nasceram e cresceram no Conjunto Bela Vista.] O Centro Comunitário enfrentará problemas de espaço físico e pessoal para absorver a população do Bela Vista V, que deverá ser inaugurado em breve. Nos dias de hoje, o trabalho do Centro Comunitário abrange as etapas I, II, III do Bela Vista e da vizinhança.

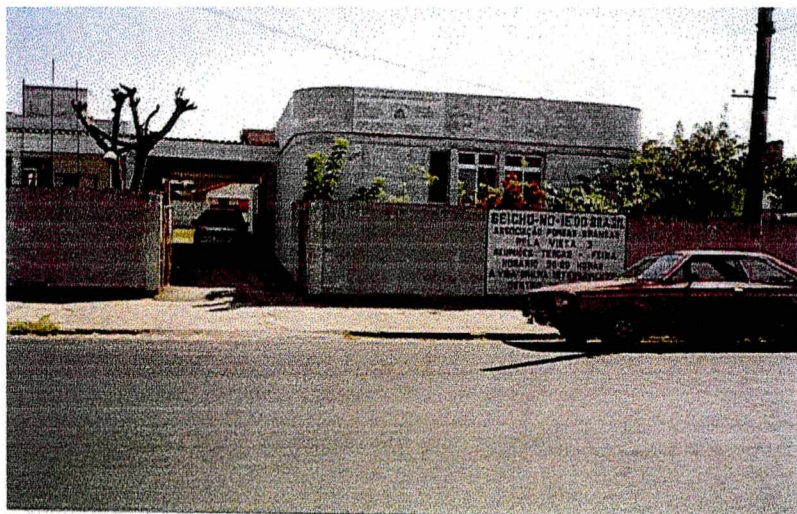


Foto II.1.2. Centro Comunitário do Conjunto Bela Vista

No que se refere à questão “vizinhança”, ela se apresenta intensa no Bela Vista I, como também no Bela Vista II e no Bela Vista III; é visível, principalmente nas ruas onde os muros permanecem baixos (mais ou menos 1,20m de altura). Nesse caso, as relações ocorrem de forma espontânea, através das conversas pelas janelas que estão expostas para a moradia do vizinho, através do muro que divide os lotes, no portão de entrada da moradia e sentados no meio fio das calçadas. Nesse sentido, a marcação do território privado incorpora a rua, e até o lote do vizinho, considerando-se o “entra e sai” constante, sem nenhuma formalidade, dos vizinhos. A situação oposta ocorre em algumas moradias do local, principalmente aquelas com muros e grades altas, que exigem dos visitantes a utilização de campai-

nhas ou do bater palmas para se fazer anunciar. Nesse caso, antes de o morador se dirigir ao portão de entrada para receber a visita, ele a observa por trás da cortina; logo, o território está definido pelo lote e pela moradia.

Além dos interesses comuns entre essas famílias, ou seja, levar adiante a luta para que o conjunto habitacional onde residiam melhorasse, outros aspectos tendem usualmente a reforçar os laços entre elas, ao longo do tempo. Uma das modalidades de reforço dos laços de vizinhança das famílias no Bela Vista I, relaciona-se com o hábito do casamento entre os filhos, os quais ficam morando no conjunto, ou os “compadrescos” que foram surgindo com os batizados dos filhos e dos netos, ou ainda as famílias que trouxeram parentes para morar no conjunto.

Portanto, as relações de amizade entre as crianças, os jovens e os mais velhos, e as atividades de convívio criadas nos espaços de sociabilidade coletiva, favoreceram a aproximação entre os moradores, reforçando as relações de amizade e ampliando as relações de parentesco. Essas relações ocorrem através do convívio nas moradias, nas “visitas” e nos encontros no armazém ou no percurso entre moradia e armazém.

Desde a sua fundação, da criação da escolinha para as crianças, à oficina para os jovens, passando pelo surgimento das festas, das domingueiras, das partidas de futebol, e pela criação de aulas para mulheres, no Centro Comunitário, tudo isso identifica visivelmente o Bela Vista I. Os resultados do trabalho realizado pela comunidade local, sem dúvida, o torna diferente dos demais.

Entretanto, com o passar do tempo, o conjunto foi se modificando, novos moradores foram chegando, o Bela Vista II e o Bela Vista III foram concluídos e uma ocupação foi acontecendo nas imediações. Com isso, novos fatos começaram a ocorrer: o surgimento de pontos comerciais favorecidos por uma infra-estrutura já existente, o crescimento populacional, novos vizinhos, novos comportamentos e novos grupos se organizando dentro do Bela Vista I. Desta vez, para dar início a uma nova etapa, acrescentando, segundo seus moradores, “novos” e “indesejados” comportamentos nas relações internas dos moradores no interior do conjunto. Surgem as gangues e o território da droga para trazer à comunidade a violência e a intranquilidade, espalhando o medo entre os moradores e, conseqüentemente, o encerramento dentro de suas moradias em algumas ruas do conjunto.

Nesse caso, o crescimento populacional do entorno gerou necessariamente o crescimento de serviços e infra-estrutura urbana ao redor do Conjunto Bela Vista. Os “novos vizinhos”, muitas vezes, são famílias de Florianópolis, balneários, outros municípios e, provavelmente, gaúchos e paulistas que chegam frequentemente na Grande Florianópolis em busca de tranquilidade e segurança. Essas famílias normalmente possuem uma situação financeira mais elevada, como ocorre no Condomínio Bosque das Mansões, planejado para a “classe média alta”. A meu ver, essa denominação não existe mais; porém, o Bosque das Mansões está quase todo ocupado exibindo moradias que, comparadas com as do Bela Vista, são mansões.

São visíveis, portanto, no conjunto habitacional Bela Vista I, alguns setores de vizinhança problemática, locais onde não só a relação entre vizinhos é



distante e silenciosa, mas também territórios onde se instala o tráfico de drogas. Tais territórios do conjunto habitacional são bem demarcados, sendo controlados pelos traficantes. São áreas onde aparecem situações de violência, marcadas pela falta de tranquilidade para a vizinhança mais próxima. Muitos moradores não permitem que seus filhos jovens convivam no conjunto devido à ameaça de tais territórios de vida social. Nesse sentido, procuram fazer com que seus filhos estudem em colégios no centro da cidade, criando um círculo de amizades que se constrói, portanto, fora do conjunto habitacional. Nos finais de semana a família recorre à casa de praia, do que se pode depreender que, atualmente, o conjunto Bela Vista I abriga uma população, na sua maioria, de camadas médias em processo de ascensão social.

No que tange às alterações na moradia do conjunto residencial Bela Vista I é necessário ressaltar que, durante dez anos, a COHAB não permitiu nenhum tipo de modificação nas casas. Entretanto, o prefeito de São José liberou os moradores desta legislação por não concordar com a COHAB. Com isso, os moradores modificaram suas casas, buscando mais conforto, na tentativa de resolver necessidades de espaço para a família, ou tornando sua moradia “bonita” e diferente das demais. Em resumo, as melhorias no espaço da moradia significavam para eles, essencialmente, a melhoria na qualidade de vida. *“Nesta rua somos uma família, aqui todos olham pelos outros”*. [Com o termo “família” aqui, a moradora faz referência aos laços de amizade estabelecidos entre os vizinhos.]

Já o Bela Vista II, concluído em 1973 (233 unidades), apresenta, ainda hoje, pequeno número de intervenções nas moradias, e raros são os pontos comerciais. A escola de 1º e 2º graus é o único equipamento existente, originalmente proposto. O BV III, concluído em 1977 (259 unidades), possui um pequeno comércio, um posto de saúde e um posto



policial. Seus moradores, assim como os do BV II, foram beneficiados pelas conquistas alcançadas pelos moradores do BV I na melhoria das condições de vida. Ao todo, são 1500 famílias sem espaços públicos abertos de convívio e lazer. As áreas originalmente destinadas a essas atividades são hoje terrenos abandonados e desqualificados (Foto II.1.3.).

Somente no Bela Vista I é possível perceber claramente como as relações sociais foram sendo tecidas, desde o início, para o conjunto habitacional Bela Vista, etapas I, II e III. Os principais atores sociais que estiveram envolvidos, desde seus tempos primordiais, no processo de construção de vínculos coletivos no conjunto habitacional, permaneceram morando no local, sendo que muitos são ativos até hoje, usufruindo da mesma capacidade de liderança do início da década de 70.

Todos trabalham junto ao Centro Comunitário, coordenando grupos da terceira idade ou de jovens; dando aulas de artesanatos em geral; promovendo campanhas beneficentes; organizando bingos, almoços comunitários, festas juninas, etc. Este trabalho de construção de laços sociais, continua sob a responsabilidade dessas lideranças, isto porque a atuação efetiva, desde o começo, lhes garantiu credibilidade junto à comunidade local. São pessoas conhecidas por todos e respeitadas como tal.

É o caso de uma das senhoras que sempre atuou no Centro Comunitário e, durante minha permanência em campo, promoveu um bingo com o objetivo de arrecadar fundos para abrir uma casa para idosos nas imediações do Centro Comunitário. Organizados pela Liga Feminina de forma tradicional, os bingos acontecem às quartas-feiras à tarde, semanalmente, e às quintas-feiras à tarde, duas vezes por mês, no salão do Centro Comunitário, com a finalidade de promover uma arrecadação de recursos para a construção da casa dos idosos. As senhoras organizadoras dos bingos arrecadam as prendas que são doações da população e do comércio em geral.

Assim como essa líder estabelece estratégias para tecer os vínculos sociais no conjunto habitacional onde mora, ela também o faz quanto às formas de enfrentamento de seus problemas cotidianos. Sua moradia já há algum tempo foi atacada por cupins, devendo ser substituída por outra, de forma gradual. No mesmo lote a proprietária pensa na possibilidade de uma nova construção, situada no fundo, desta vez um sobradinho, que certamente será diferente das demais moradias do conjunto.

Novamente, essa mesma líder constrói uma proposta de organização diferente para suas condições de vida, agora no que se refere a sua própria moradia: a proprietária decidiu abrigar, inclusive, os cinco filhos junto com ela, dois deles são casados e três, solteiros. Segundo ela, na parte térrea, deverá ser construída uma grande cozinha de uso coletivo da família extensa, incluindo ambiente com mesa grande e muitas cadeiras para as refeições. Assim, neste sistema de organização de vida grupal, cada núcleo familiar deverá preparar seus alimentos e observar seus horários. Nos finais de semana, poderão almoçar reunidos. No pavimento superior, estarão distribuídos os dormitórios e banheiros, sendo, assim, será “loteado” entre a proprietária e filhos com suas respectivas famílias.

Infelizmente, num contato recente com a proprietária, fiquei sabendo do agravamento de seu problema de saúde e da desistência definitiva da construção da nova moradia. A família pensa, inclusive, em vender a velha casa, certamente para custear os tratamentos de saúde da matriarca. Com isso, os planos foram novamente refeitos.

Completando-se, assim, o relato da paisagem diversificada que representa a população do Bela Vista I, não posso deixar de registrar a presença de uma família cigana no conjunto. A velha cigana mora no Bela Vista I há aproximadamente vinte anos. Sua filha casada também mora no conjunto e é vizinha de uma das moradias analisadas. Com auxílio do vizinho, consegui uma breve conversa com ela. Insisti em marcar um horário para visitar a moradia e entrevistar o grupo com

calma. Ela forneceu o número do telefone e pediu que eu ligasse para marcarmos a tal entrevista. Liguei no dia combinado, e ela disse que não tinha tempo; mesmo assim liguei outras vezes, e a conversa era a mesma. Estava jogando búzios e não podia atender, ou estava se preparando para ir com outras ciganas até a Praça XV para ler as mãos dos possíveis interessados.

Em meu primeiro contato, ela contou que os ciganos estavam preocupados com a violência e a falta de segurança nos acampamentos. Por isso estavam morando em casas. No caso deles, a moradia funciona como um “QG” de um grupo de ciganos, que se revezam, de seis em seis meses. Isto porque, enquanto uma família sai para vender cobertores em São Paulo ou no Rio de Janeiro, outra família ocupa a moradia e descansa por seis meses. A moradia se apresenta em mau estado de conservação. Foi ampliada e exibe na fachada uma placa: “joga-se búzios”. Do ponto de vista externo, esta moradia apresenta, não por acaso, a aparência de um acampamento. Internamente, por meio de um olhar indiscreto, através de uma fresta da porta, percebi rapidamente, a sala sem móveis, com coisas entulhadas nos cantos. O fato da permanência de cada família durar apenas seis meses reforça o aspecto de acampamento ou moradia provisória.

Logo, pode-se afirmar que o entorno imediato do Conjunto Bela Vista (limites) expressa uma vocação residencial e mista (residência e comércio na mesma edificação) em pleno desenvolvimento, sendo que as modificações nas moradias locais ocorreram de forma relativamente rápida e radical se lembrarmos das condições do sítio (terreno) na época da implantação do Conjunto Bela Vista, ou seja, um pasto com banhados do outro lado da BR.

Embora a ocupação do entorno seja intensa e responsável pela dinâmica da densificação habitacional, introduzindo comportamentos, representações que “a princípio” pertencem a camadas sociais mais favorecidas, o Conjunto Bela Vista não se confunde com ele, ou seja, percebemos quando entramos e quando saímos do conjunto.

## II.2. O acesso ao conjunto

O acesso bairro/centro/bairro é fácil e rápido. Dez a quinze minutos é o tempo de locomoção pela via rápida. Indo via Barreiros pode-se demorar mais cinco minutos em função do trânsito intenso e de ruas congestionadas. As linhas de ônibus que servem o Conjunto Bela Vista são catorze.

Pela manhã, os ônibus circulam no sentido bairro/centro com usuários que trabalham ou estudam no centro, mães que levam as crianças para consultas médicas e os que vão ao comércio. Das 12:30 até 13:00 horas, no sentido centro/bairro, os ônibus são praticamente lotados de estudantes de cursinhos pré-vestibular, principalmente jovens que moram no conjunto. No período da tarde, no sentido bairro/centro, o deslocamento de moradores do conjunto para o centro da cidade é intenso em diversos horários. Nesse período, os moradores vão ao centro em busca dos setores de saúde, bancário, administrativo e de comércio.

O terminal de ônibus que serve o conjunto fica no aterro da Baía Sul e recebe o nome de Terminal Francisco Tolentino (Figuras II.2.1. e II.2.2). Os itinerários mais utilizados pelos moradores do conjunto são: via rápida – eixo viário que liga o centro de Florianópolis à BR – e via Barreiros, porque são os mais rápidos, ou seja, eixos viários que permitem melhor escoamento do trânsito. Os ônibus entram no conjunto pela Avenida Brasil, eixo principal, e seguem pela Avenida Santa Catarina, até o ponto final em frente ao Centro Comunitário. As demais linhas de ônibus que servem o conjunto são via bairros como Kobrasol, Roçado, Floresta e outros, portanto demoram mais tempo para chegar no conjunto.



Foto II.2.1. Terminal Francisco Tolentino



Foto II.2.2. Situação do Terminal Francisco Tolentino no Centro de Florianópolis

### II.3. O surgimento do comércio

Outro setor bastante diferenciado no Conjunto Habitacional Bela Vista é a Av. Brasil, eixo de acesso principal que concentra o comércio e serviços mais intensos e variados dentro do conjunto (Fotos II.3.1. e II.3.2.). Alguns dos comerciantes da Av. Brasil são de fora, não são moradores da região abrangida pelo conjunto, tendo instalado seus pontos comerciais recentemente.



Foto II.3.1. Início da Avenida Brasil



Foto II.3.2. Moradia com comércio na Avenida Brasil

Nesse setor do conjunto habitacional encontra-se uma diversidade de serviços: clínica médica, laboratório de análise clínica, agência bancária, escritório de contabilidade, floricultura, locadora de vídeo etc.

A relação desses comerciantes com a população é distante, sendo quase “estranhos”. Devido às benfeitorias processadas pela comunidade para seu local de moradia, o conjunto habitacional se torna promissor para atividades comerciais e de prestação de serviços de toda sorte. Os comerciantes de fora são estimulados a se instalar na Av. Brasil, ou na Av. Santa Catarina, ou no Largo João Antônio Thomaz, local que recentemente ganhou um camelódromo. Muitos comerciantes desse local também não são moradores do conjunto.

De todos, o Largo João Antônio Thomaz é o centro mais tradicionalmente comercial do conjunto. Desde os primórdios, abrigou um pequeno e variado comércio, tendo sido, durante muitos anos, o único centro de comércio dentro do conjunto. Por essa razão, sempre foi movimentado, sendo freqüentado pela população do conjunto e de suas proximidades. O comércio tradicional do lugar era formado por bar (botequim), barbearia, local para jogo de bicho, mini-mercado e algumas lojinhas, banca de revista, caixa de correio, telefone público e o ponto final da linha de ônibus (centro/bairro).

Todos esses serviços eram concentrados num espaço relativamente pequeno que absorvia uma intensa circulação de pedestres; poucos carros passavam por ali. As pessoas circulavam no local durante todo o dia, conversando em rodinhas, sentadas em bancos de madeira, na frente do bar, lendo jornal etc.

Com o passar do tempo, o comércio começou a apresentar mudanças - o mini-mercado deu espaço para a instalação de um posto de gasolina, e com isto a circulação de carros aumentou consideravelmente. A partir daí, o pedestre foi gradativamente perdendo espaço no Largo, e a tradicional sociabilidade pública restringiu-se. Em seguida, surgiu um depósito de materiais de construção, e outros galpões apareceram. Restaram o bar e a barbearia para contar a história antiga do conjunto residencial. O Largo se tornou uma rua de mão dupla, com um intenso movimento de veículos; a tranquilidade da década de 70 e do começo da de 80 não existe mais.

Atualmente, o comércio se espalha discretamente para as quadras internas do conjunto residencial. Surgem mercearias, lanchonetes etc... Resta ainda o comércio mais "doméstico", abrigado nas moradias, que garante o aumento da renda familiar. Esse comércio é variado (salão de beleza, malharia, fabricação de salgados para festas etc). Para permitir a instalação do "comércio doméstico", a família abre mão da sala, ou do dormitório da frente, ou da garagem, quando existe, para abrigar essa nova atividade. Normalmente, a sala e o dormitório, também localizado na frente da casa, são escolhidos para a função comercial. Para compensar a perda da área habitacional, a família constrói novos espaços ampliando a casa para os fundos ou para as laterais do lote, o que será, mais adiante, objeto de análise desta dissertação.

A atividade comercial junto à moradia é bem vinda pela população local, mesmo porque ela contribui com a renda do grupo familiar que a realiza, traduzindo-se em prática usual em todo o conjunto.

## II.4. Religiosidade e Crença

A população do Conjunto Bela Vista nutre um profundo sentimento religioso, dedicando-se às suas práticas rituais: ir à missa aos domingos ou participar dos cultos em outras religiões é um compromisso certo nos finais de semana. Basta observar o número significativo de Igrejas de diversas religiões espalhadas pelo conjunto para confirmar tal afirmativa, além da força agregativa que as mesmas exercem na construção de redes de solidariedade locais. Existem duas igrejas católicas: a de São Cristóvão (a principal) (Foto II.4.1.) e a Igreja do Rosário. São grandes edificações, e seus inúmeros frequentadores são assíduos nas missas de sábados e domingos e nas comemorações da Igreja Católica.

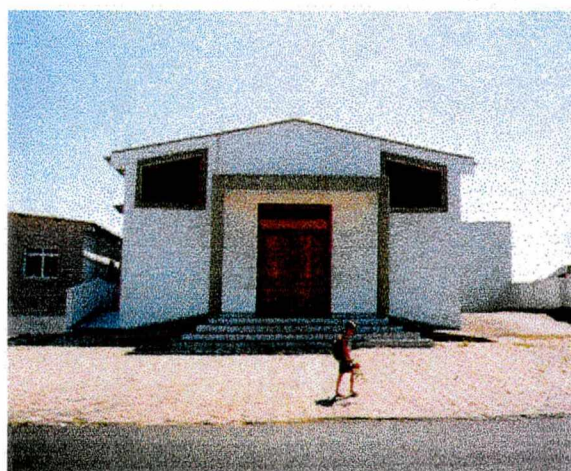


Foto II.4.1. Igreja Matriz São Cristóvão

Existem também outras igrejas e templos de cultos diversos: Igreja Batista (Foto II.4.2.), Pentecostal do Brasil (Foto II.4.3.) e Evangélica. Pude observar duas tendas de Umbanda, porém estavam sempre fechadas.

A religiosidade e as crenças da população também podem ser observadas quando se percorre o interior das moradias. É comum encontrar-se imagens de N.S<sup>a</sup>. Aparecida nas salas e, um exemplo único, um pequeno oratório com a Imagem da Santa na fachada de uma das casas visitadas. A presença de imagens de santos para a maioria dos moradores do conjunto residencial significa proteção para a família. O rosto de Cristo aparece de diversas formas em muitas das moradias visitadas, normalmente no dormitório da criança, ou do jovem, ou do idoso. Em forma de crucifixos, em porta retratos, pinturas ou medalhas sobre o criado mudo (pequena mesa de cabeceira).

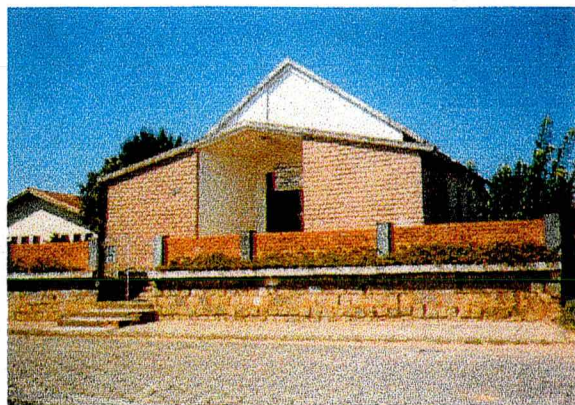


Foto II.4.2. Igreja Batista



Foto II.4.3. Igreja Pentecostal do Brasil

Encontramos também toda sorte de adereços ligados a superstições: figas penduradas na cumeeira da moradia, expostas na fachada principal e nas estantes das salas, velas brancas ao lado de um copo com água. Segundo uma moradora, as velas são oferendas para o anjo da guarda, por isso está em cima do guarda-roupas: *“Toda vela acesa para o nosso anjo da guarda deverá estar acima de nossa cabeça. A água poderá ser tomada pois está energizada.”*

Da mesma forma, registra-se a referência a plantas místicas, popularmente poderosas, e que, colocadas em vasos ou plantadas nos jardins, também garantem proteção. Tais plantas “místicas” foram encontradas nas moradias, independentes da religião que a família abraçava. Para os moradores, certas plantas (a arruda, o guiné, a espada de São Jorge e a famosa “comigo ninguém pode”) recebem as energias negativas que alguma visita, parente ou vizinho possa trazer, protegendo os moradores - a inveja, o “mau olhar” etc.

A religiosidade e o sistema de crenças dos moradores do Conjunto Habitacional Bela Vista, embora não sendo objetos de estudo principal deste trabalho, despertou-me para curiosas observações que aqui serão mencionadas como ilustração dos valores sociais e morais da população local.

Em alguns casos, a presença das referidas plantas nos jardins da frente da moradia coincide com a presença de muros baixos, aproximadamente um metro



dé altura. A princípio, ocorreu-me a possibilidade de haver uma relação, ou seja, a proteção através das plantas que dispensaria a grade e o muro alto. Para GEERTZ (1989, p.103), os símbolos sagrados funcionam para sintetizar o “ethos” de um povo. Neste caso, tais símbolos sagrados podem permitir entender as relações que os moradores estabelecem com o território da moradia e com o espaço exterior da casa.

A utilização de formas simbólicas são acontecimentos sociais como quaisquer outros. Nesse sentido, segundo GEERTZ (1989, p.105-106), poderia ariscar que a presença de imagens de santos, de figuras religiosas e de plantas místicas coloca a questão das difíceis condições de existência que enfrentam os moradores do conjunto, possibilitando o reencontro da aura emocional da moradia e dos seus habitantes face às situações externas adversas. Apoiando-me ainda em MALINOWSKI apud GEERTZ, 1989, p.67) o encontro da moradia com os recursos simbólicos da fé e da religião que professam os habitantes do conjunto Bela Vista tem o poder de ancorar um sentido para emoções, disposições, sentimentos, paixões, afeições e sensações por eles vividos.

## II.5. As transformações e apropriações das moradias

Para falarmos dos oito itens seguintes do presente capítulo é importante esclarecer que eles fazem referência às situações ocorridas no contexto do Conjunto Bela Vista. Portanto, não estão aqui relacionadas as dezessete moradias selecionadas, embora as situações descritas nos referidos itens certamente comparecerão no capítulo IV, cujo conteúdo é a descrição detalhada das dezessete moradias selecionadas para estudo neste trabalho. É importante lembrar que, como já foi dito, iniciamos nossas pesquisas de campo no Conjunto Bela Vista em 1982. Portanto, as informações contidas nos oito itens seguintes resultaram do contato freqüente com a população (entrevistas, observações etc) no decorrer de todos esses anos.

### II.5.1. O Lote

Os lotes possuem dimensões diferenciadas. No Bela Vista I, por exemplo, medem 10 m de frente por 20 m de fundos, num total de 200 m<sup>2</sup>; são os menores. No Bela Vista II e no Bela Vista III, as áreas dos lotes variam, alcançando no mínimo 300m<sup>2</sup>.

Embora as áreas dos lotes sejam diferentes, não estabelecem diferenças relacionadas ao poder aquisitivo da população. Provavelmente esse fato está ligado às diferentes fases de projeto e à construção do conjunto. Porém, todos os tipos de lotes oferecem áreas abertas suficientes para as ampliações constantes e desordenadas. São ocupados muitas vezes com 100% de área construída ou na maioria das vezes as ampliações ocorrem sem nenhum planejamento ou orientação profissional; criam “pedaços de lotes” ou pequenas áreas que impossibilitam o uso, devido à pequena dimensão.

Estes “pedaços de lote” normalmente são sombrios e úmidos. Na maioria das casas do conjunto acontecem ampliações, como podemos confirmar com as 17 moradias analisadas nos capítulos IV e V.

Quando a ampliação ocupa quase 100% do lote, a moradia, embora seja térrea e isolada no lote, adquire características de casa/apartamento, ou seja, uma casa que não se relaciona com o “chão” do lote, porque o pouco que resta é pavimentado. Portanto, podemos considerar uma área de serviço de apartamento, pequena, sem sol, sem luz e vento suficientes. A área aberta do lote deixa de existir. Nesse caso, a solução dada pelos moradores é recriar o lote

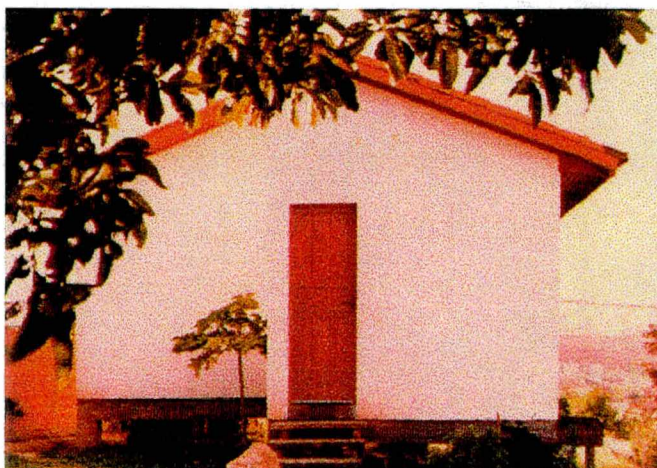


Foto II.5.1.1. Fachada de fundos da moradia original

em forma de terraços que imediatamente recebem os varais e a casinha do cachorro. Esse mesmo terraço torna-se varanda para as tardes quentes e, para os moradores da parte alta do conjunto, esses terraços permitem a contemplação da “Bela Vista”, muitas vezes incluindo a baía norte na paisagem.

Os terraços surgem quando, numa reforma, o telhado original, com forro de madeira, é substituído por uma laje. Nesse caso, a nova laje poderá ser concluída recebendo o acabamento do terraço ou poderá receber mais um piso, ou seja, mais um pavimento. Quando ocorre dessa forma, a ampliação é vertical e o segundo piso ganha as varandas.

Outra situação que favorece o surgimento dos terraços é quando bem no fundo do lote surge a edícula (falaremos sobre a edícula mais adiante), que normalmente recebe também uma laje que se transforma em terraço.

Os acessos para os terraços são definidos pelos moradores de diferentes formas. Se o terraço está sobre a casa principal, a escada poderá sair até da sala principal ou de qualquer outro canto da casa. Se o terraço está sobre a edícula, a escada é posicionada em algum canto entre a casa principal e a edícula.

Para os moradores entrevistados sobre essa questão, a solução dada é perfeita. *“Lá em cima tem bastante sol e bastante vento, é fresquinho no verão”*.

Com todos os problemas de habitabilidade que a moradia recebe em função das ampliações – umidade, falta de luz, vento e sol – é compreensível que a sensação de abafamento que o morador sente dentro da moradia seja aliviada quando chega no terraço.

O lote, embora seja destinado à moradia de uma só família, está sendo “parcelado” pelo morador de forma discreta e gradativa à medida em que possibilita outra construção nos fundos, que com frequência significativa está abrigando outra família, normalmente filhos que casam e não têm onde morar. Esse fato indica a possibilidade de redimensionamento do lote e uma mudança tipológica que possibilita o aumento da densidade, ou seja, a revisão da questão do parcelamento do solo.

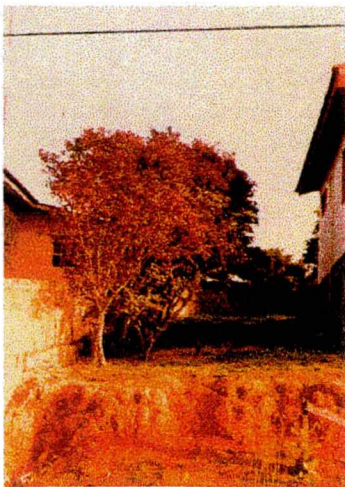


Foto II.5.1.2. Lote original sem tratamento



Foto II.5.1.3. Lote com esgoto a céu aberto

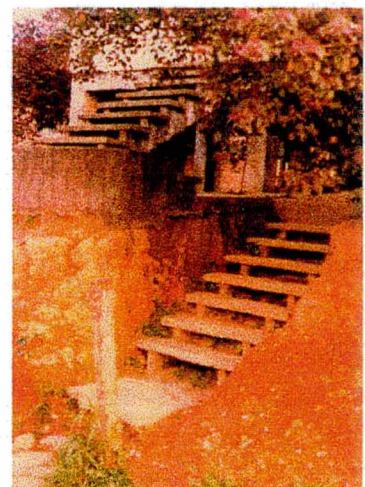


Foto II.5.1.4. Acesso à moradia nos lotes com aclave

Outra questão, desta vez bastante problemática, relacionada com o lote, são as implantações que desconsideram a situação de topografia do lote, ou seja, a mesma casa é implantada em lotes planos, em aclave e declive. [Entendemos aqui aclave como subida e declive como descida, ambos em relação à rua].

Se o planejador, no caso o Estado, desconsidera a topografia do terreno, certamente estará implantando as moradias de forma incorreta, gerando problemas de acesso, custo com arrimos [muros resistentes para escorar ou apoiar barrancos, evitando o deslizamento do terreno], inadequação do projeto com o terreno. Nesse caso a moradia é implantada sobre pilotis (pilares ou colunas que sustentam a construção, deixando aberto o rés-do-chão e criando porões que não permitem um aproveitamento maior devido às dimensões). Todos esses problemas ficam para o proprietário resolver e custear.

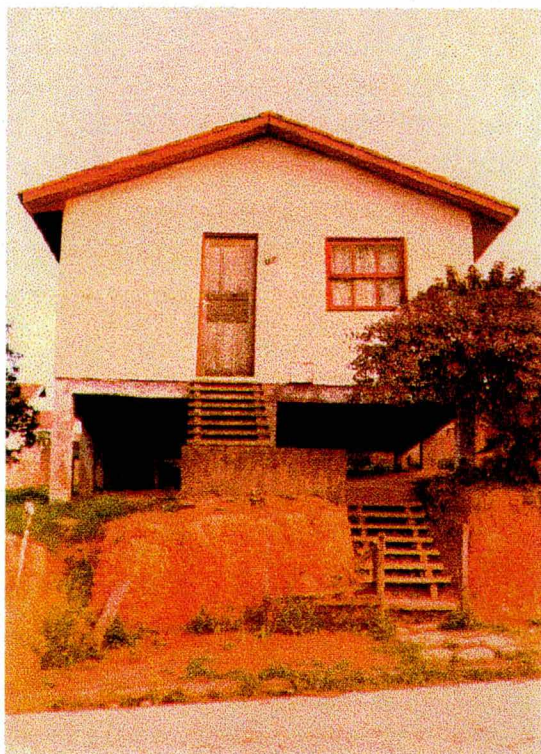


Foto II.5.1.5. Lote original sem proteção de arrimo



Foto II.5.1.6. Moradia original sobre pilotis

## II.5.2. A Fachada



Foto II.5.2.1. Fachada original do Bela Vista II com inclusão de uma segunda janela.

A fachada original das casas é pequena e simples (Foto II.5.2.1.). Possui telhado com duas águas, uma porta e uma janela, às vezes uma pequena varanda abrigando a porta principal e um painel que recebe algum tipo de revestimento diferenciado como chapisco ou elementos pré fabricados. O que torna esta fachada problemática, aqui brevemente descrita, é sem dúvida sua repetitividade. No caso do Conjunto Bela Vista etapas I, II e III as 1500 fachadas

são praticamente iguais. Existem discretos elementos que estão presentes em algumas fachadas e em outras não. Porém não são expressivos a ponto de realçar esta diferença. Esta discreta diferença está relacionada com os diferentes períodos de construção das diferentes etapas do Bela Vista.



Foto II.5.2.2. Sequência de telhados das fachadas originais

Para quebrar a monotonia da repetitividade e identificar claramente sua moradia, cada morador modifica gradativamente a fachada. Como as reformas são quase sistemáticas, ou seja, uma moradia passa por três, quatro ou mais reformas ao longo do tempo, em cada reforma a fachada recebe algum tratamento novo. O levantamento fotográfico das fachadas irá nos ajudar a entender melhor esse fenômeno. Esclareço que tais fachadas apenas ilustram o assunto. Não entrevistamos os proprietários das casas fotografadas.

As fachadas das moradias que são ampliadas verticalmente são exuberantes (Fotos II.5.2.3, II.5.2.4., II.5.2.5.). É inimaginável que aquela moradia pertence originalmente ao conjunto. As novas fachadas mostram uma outra linguagem, que expressa simbolicamente novos códigos de representação que sequer se aproximam da fachada simples e discreta da moradia original. Nesse caso, podemos considerar que a moradia original foi completamente demolida. Essa ação poderá vir de um antigo proprietário ou de um novo proprietário financeiramente favorecido.



Foto II.5.2.3.



Foto II.5.2.4.



Foto II.5.2.5.

As fachadas que sofrem ampliação horizontal, ou seja, alcançam as divisas laterais do lote e permanecem térreas, também estabelecem códigos e escala próprias de valores (Foto II.5.2.6.). Porta e janelas tornam-se diferentes das demais com materiais associados ao poder aquisitivo.



Foto II.5.2.6.

“O aumento de repertório só se pode realizar com uma ascensão sócio-cultural e com a conseqüente modificação do fator econômico.” (PIGNATARI, apud GUIMARAENS et al, 1979).

Se sairmos andando pelo conjunto observando apenas as fachadas, certamente faremos um trabalho sobre o assunto. As amostras oferecem riqueza e diversidade de formas e acabamentos.

As aberturas que pertencem à fachada são diferenciadas das do restante da moradia. São maiores, e o material é melhor (Foto II.5.2.7.).

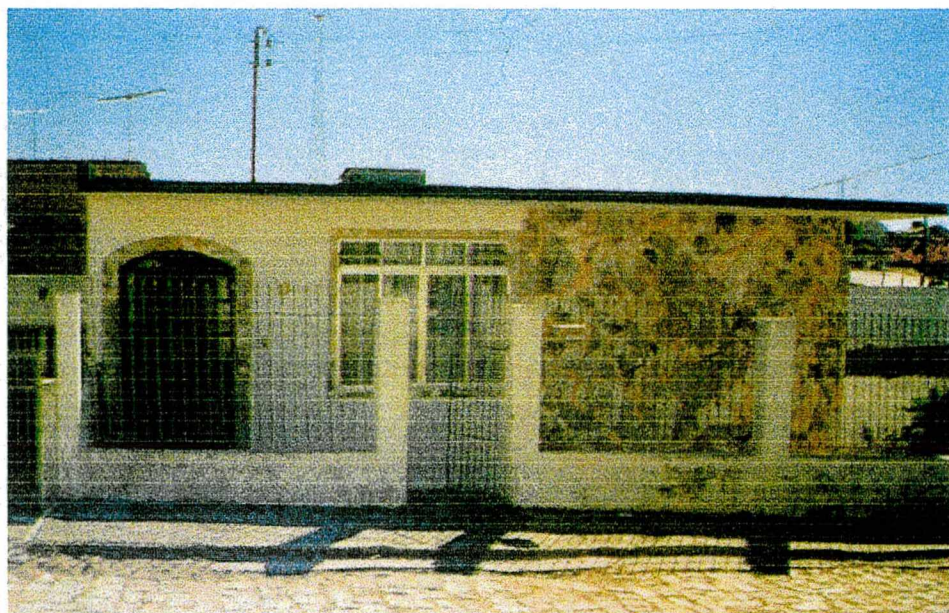


Foto II.5.2.7.

O revestimento é variado de acordo com o “gosto do freguês”, tijolinho à vista, pedras de diversos tipos, pinturas coloridas, elementos cerâmicos etc. Muitas vezes a composição desses elementos resulta algo estranho e até mesmo “chocante” (Foto II.5.2.8. e II.5.2.9).



Foto II.5.2.8.



Foto II.5.2.9.

O muro também é um elemento que faz parte da fachada principal da moradia e recebe tratamento especial; dificilmente são pensados juntos. Neste caso, o muro é entendido como um limite.

Podemos dizer que a modificação na fachada pode representar um sistema de comunicação e significação ligado aos fatores social, econômico e cultural interligados em que o repertório simboliza um aumento de status, ou seja, o aumento do poder aquisitivo corresponde a um repertório mais amplo. Cada camada possui seus códigos, inerentes ao próprio repertório de identidade, de endereço, de cultura.

“*Eu moro na rua ‘tal’; minha casa é rosa com janelas...*” (Foto II.5.2.10.)

É importante para o morador poder descrever sua moradia; isto significa certamente que a moradia é diferente das demais da rua.

Podemos dizer também que a questão do consumo está presente nesse tema, assim como a real participação do morador na criação de novos espaços e objetos, o que nos leva a observar a necessidade de criação individual, de personalização e afirmação social.



Foto II.5.2.10.



### II.5.3. A Entrada

A entrada é configurada pelo primeiro elemento, o portão de entrada para pedestre. Em alguns casos o pedestre é obrigado a utilizar o portão de passagem para o carro porque só existe o portão para a garagem ou porque o portão para pedestre está trancado. Para muitos moradores, a hierarquia das entradas, principal e secundária, pedestre e veículo, não é importante ou não é percebida. Em seguida, há um pequeno espaço entre o muro ou grade e a moradia. Esse pequeno espaço corresponde ao afastamento mínimo exigido pela legislação, ou seja, 3 a 4 metros entre o muro e a moradia. E também recebe tratamento diferenciado; alguns moradores cultivam um pequeno e agradável jardim que, para o arquiteto, faz muito bem a transição entre o espaço público e o privado; em outra situação o morador pavimenta com elemento cerâmico todo o espaço, deixando apenas uma floreira em algum canto (essa solução é a mais freqüente). O morador que opta por essa solução alega a praticidade para cuidar e manter o espaço limpo. Quando encontramos um jardim, a entrada apresenta uma definição clara pela existência de uma calçada entre os canteiros que ligam o portão à porta principal. Quando o espaço é todo pavimentado, essa referência se perde. Em muitos casos, esse espaço expressa total descuido por parte dos moradores em relação à entrada da casa. O “jardim” nada mais é do que canteiros cheios de mato e calçadas em péssimo estado de conservação.

Chegando na casa, temos originalmente duas situações. Na primeira, a porta principal está na fachada principal, em alguns casos abrigada por uma pequena varanda, o que ajuda a definir claramente a entrada principal (Foto II.5.3.1.). Na outra situação, a porta principal está situada na lateral da moradia. Solução não muito indicada para uma entrada principal. Para quem está passando na rua, não ver a porta principal estabelece um conflito a nível de comunicação entre moradia e o visitante, devido a certa dificuldade para identificar a entrada. Para os moradores as duas situações são bem aceitas. A porta na fachada principal, tradicionalmente colocada na frente da casa, para alguns é o correto porque trata-se da entrada mais importante. Para os que tem a entrada principal numa das laterais isso também está correto, porque garante mais privacidade. Alguns mudaram a porta principal para a lateral alegando privacidade (Foto II.5.3.2).



Foto II.5.3.1.



Foto II.5.3.2.

“A porta na frente da casa é ruim, quando abrimos devassa toda a casa”. Porém o que ocorre na realidade é que poucos usam a porta principal, ou seja, a porta que dá acesso à sala principal. Essa entrada para muitos, quando é usada, significa receber pessoas estranhas ou “importantes”, ou seja, que mereçam um pouco mais de cerimônia. No dia-a-dia, a “entrada principal” é outra. É a que dá acesso à cozinha. Portanto, essa entrada é localizada na lateral da moradia e é utilizada intensamente pelos moradores, amigos, vizinhos e até visitas como eu. A cozinha desempenha a função social da casa.

Quando a moradia é de esquina, normalmente a entrada principal é inutilizada; atrás da porta que dá acesso à sala, observamos vasos com plantas, denunciando o desuso da mesma. Nesse caso a entrada de serviço é localizada na lateral com acesso pela outra rua. Muitas vezes o acesso é direto na cozinha, quando a ampliação chega ao limite entre lote e rua.

Observamos que as portas da frente, embora não sejam utilizadas com frequência, são importantes pela dimensão e pelo desenho. A presença de portas grandes e diferenciadas na fachada mostra a preocupação do morador em deixar claro a entrada principal para visitantes e transeuntes da rua, mesmo que não seja usada. Encontramos uma casa com um móvel atravessado atrás da porta principal. O comum é a entrada que dá acesso à moradia estar localizada na cozinha, muitas vezes junto à parede de fundo da garagem. Nesse caso a entrada fica escondida e é difícil de ser identificada.

Quando existe o comércio junto com a casa, também fica confusa a distinção de entradas da casa e do comércio. Alguns moradores as definem claramente dividindo-as com um muro baixo. Mesmo assim, nós arquitetos não podemos deixar de observar os problemas que o comércio, quando instalado na frente da casa, cria com relação à identificação da entrada principal da moradia. Quando essa situação acontece, a fachada principal desaparece para dar espaço aos letreiros e tabelas de preços. Com isso, a entrada fica escondida na confusão de cartazes de promoção, faixas coloridas chamando a atenção para o comércio, que ganha maior importância (Foto II.5.3.3).



Foto II.5.3.3.

Quando o terreno (lote) está acima do nível da rua, a entrada obrigatoriamente recebe outro tipo de tratamento. Nesse caso, o proprietário constrói muros de arrimo, e o portão da garagem fica no primeiro plano, ou seja, com acesso direto da rua. É necessário realizar escavações para que a garagem fique na frente ou pavimentar rampas acentuadas na lateral do lote para dar acesso à garagem, que também poderá estar nos fundos do lote, junto à edícula. O acesso de pedestre terá que ser feito através de escadas que conduzam à varanda. Tudo isso se traduz em gastos significativos para o proprietário. O projeto original deveria apresentar propostas adequadas para esse tipo de terreno, evitando assim os transtornos para o proprietário. A moradia implantada adequadamente em terrenos acima do nível da rua é interessante e certamente garante maior privacidade se o planejador estiver preocupado em resolver corretamente a situação.

#### II.5.4. A Sala

A sala é um espaço reservado e valorizado em todas as moradias analisadas. Bem mobiliada com estofados, mesas de centro e canto, espelhos, tapetes, vasos com plantas naturais ou artificiais nos cantos, arranjos com flores artificiais na mesa de centro sobre um delicado trilha de crochê. Em alguns casos, a mesa de centro sustenta uma infinidade de objetos de enfeite, incluindo bichinhos de vidro, porta-retratos, pequenas árvores de pedras coloridas e o conhecido elefante bordado com paetês em tons de prata e azul. As cortinas são fartas e estão sempre fechadas. São confeccionadas em tecidos finos ou renda, o mais comum, em tom claro. O bandô em cetim ou outro tecido em tom forte contrasta com o volumoso franzido, que arrasta no chão. O fato de permanecerem fechadas reforça a questão do cuidado para não entrar poeira e sujar a sala, ou seja, as janelas estão sempre fechadas. Segundo as moradoras, a sala só é aberta no dia da limpeza.

O uso da sala é, portanto, eventual; em poucas moradias fomos recebidos na sala. Observamos que alguns moradores são mais cerimoniosos e fazem questão de receber na sala principal, mas na maioria dos casos a recepção se dá diretamente na cozinha, que sem dúvida é um espaço bem organizado e aconchegante, mesmo porque a dona da casa permanece ali a maior parte do tempo. Mais adiante vou falar sobre essa questão.

Observei também que a TV não está na sala em muitos casos; normalmente fica nos dormitórios ou na cozinha; algumas vezes encontramos a pequena sala para TV. Em algumas moradias, após a reforma, o espaço da sala é dividido de forma a permitir a “sala de jantar” integrada. Esta apresenta móveis pesados e cadeiras com estofados que somam de seis a oito lugares. O móvel que acompanha o conjunto e que é destinado a guardar louças e abrigar enfeites também possui proporções não compatíveis com o espaço. Em apenas uma moradia encontramos um barzinho dividindo o “estar” do “jantar”.

A sala recebe também lustres cuidadosamente escolhidos pelo morador, quadros e infalivelmente a famosa estante. Esta varia de tamanho, desenho e tipo de madeira. A estante está presente em praticamente todas as salas analisadas.

Nela podemos ver uma quantidade e diversidade de objetos que surpreendem. São eles: porta-retratos, vasos com plantas, jarros com flores de plástico, aparelhos de som, TV e vídeo, discos empilhados, canecos de chope, figas, elefantes coloridos, peças em cerâmica, troféus, imagens de santos etc.

Certamente através das estantes podemos perceber um pouco da história de cada membro da família, suas preferências, o esporte que pratica, o time que torce, os livros que gosta de ler, as músicas que gosta de ouvir, o santo em quem confia, os retratos de que gosta, normalmente o do casamento ou o dos filhos pequenos, ou dos netos; enfim, a estante é importante, e nela os moradores concentram objetos que simbolizam sua história e suas preferências.

Conversando com uma moradora, perguntei em que ocasiões a impecável sala era usada. Ela respondeu que nunca era usada, nem no Natal. Com essa resposta eu insisti e perguntei se poderíamos projetar uma casa sem a sala, já que, quanto ao uso cotidiano, podemos dizer que a sala é um espaço desnecessário. Claro que não estou falando do valor simbólico e também posso pensar na possibilidade de propor uma sala integrada com a cozinha por exemplo. Meu questionamento era sobre a sala isolada dentro da moradia. Respondendo a minha pergunta, a moradora foi firme: *“Não, a sala tem que existir”*. A moradora estava se referindo à sala impecável e fechada, ou seja, um espaço enfeitado que se torna necessário para cumprir a função simbólica e representativa. Essa sala é na realidade, o “cartão de apresentação” da moradia e seus ocupantes. Portanto, deverá expressar o capricho e até a ascensão social e econômica conquistada.

Observamos também o fato de a sala estar originalmente localizada na frente da casa, ou seja, os dormitórios estão entre a sala e a cozinha, que é o espaço de maior uso e permanência da família, o que estabelece uma distância entre a cozinha, espaço de ver TV, e a sala. Essa distância poderá favorecer o isolamento da sala, tornando-a um espaço desintegrado dos demais espaços para os moradores, o que certamente garante o desuso da mesma. Essa é uma hipótese provável, segundo algumas falas dos moradores.

Numa das moradias analisadas, encontramos uma criança que requer cuidados especiais; esta permanece o dia inteiro na sala de TV, que está próxima da cozinha, portanto todas as atividades da família acontecem na cozinha e na sala de TV durante o dia, e a sala principal, que possui dimensões significativas, permanece abandonada sempre. Conversando com a moradora, ela nos alertou para a questão: *“Se a sala principal fosse próxima da cozinha seria utilizada na rotina da família, é que no nosso caso, temos um filho que precisa de nossa presença vinte e quatro horas. Como eu faço todo serviço da casa, é mais fácil para mim que ele permaneça perto da cozinha, além do mais ele gosta de ver TV”*. Encontramos duas famílias com o mesmo problema, claro que são situações específicas, mesmo assim ilustram a reflexão sobre a sala e sobre a organização espacial para futuros projetos habitacionais. Nesse caso, os futuros projetos habitacionais deverão estudar e propor nova forma de organização entre os espaços das moradias.

### II.5.5. Os Dormitórios

Os dormitórios são modificados com intensidade menor. Em muitos casos, permanecem os originais, e para o casal é construída a almejada suíte. Quando o projeto original oferece três dormitórios, é comum unir dois para obter um maior, e o terceiro original permanece. Os dormitórios originais são pequenos; se se colocar duas camas de solteiro o guarda-roupas tamanho padrão simples não cabe.

Muitas vezes os moradores optam pelos beliches. Mesmo que a família seja numerosa, a sala não é utilizada como dormitório alternativo. Os filhos dormem em beliches, e os mais novos permanecem nos berços no quarto do casal. Quando a família está “criada” e os filhos casam, o casal reforma os dormitórios para usufruir de maior conforto.

### II.5.6. A Cozinha

A cozinha proposta no projeto original possui dimensões mínimas e acomoda o fogão, a geladeira e uma pia com balcão medindo 1,20 m de comprimento. O pequeno corredor que resta mal dá para a dona de casa utilizar os equipamentos. Nessa cozinha, não foi previsto espaço para guardar utensílios nem armazenar mantimentos. Fazer as refeições na cozinha é impossível; não existe espaço para uma mesa com cadeiras.

Esse mesmo problema dimensional, a princípio, ocorre também no banheiro original; portanto, a primeira reforma normalmente é para construir uma nova cozinha e um novo banheiro. Justamente a parte mais cara da moradia, porque nela concentram-se encanamentos, metais (torneiras e registros), louças e revestimentos cerâmicos. Uma cozinha e um banheiro espaçosos devem ser dimensionados para atender o número de pessoas que os dormitórios abrigam. Uma moradia com três dormitórios pequenos abriga cinco pessoas sem grandes problemas. Portanto, essas cinco pessoas precisam de cinco lugares na sala para ver TV, por exemplo, uma mesa com cinco cadeiras para fazerem as refeições e um banheiro de preferência compartimentado de forma a possibilitar que duas pessoas possam usá-lo simultaneamente.

Os moradores, certos de suas necessidades e desejos, ampliam as moradias diversas vezes. Encontramos moradias que já passaram por três ou quatro reformas, todas executadas pelo mesmo morador.

A cozinha, quando concluída sua reforma, resulta num espaço amplo, bem iluminado e arejado. Recebe revestimentos cerâmicos coloridos no piso e nas paredes, janelas amplas, um espaço integrado que abriga a copa e em alguns casos a sala de jantar devidamente mobiliada. Em algumas moradias, encontramos a sala de jantar integrada formalmente à sala de estar.

A nova cozinha recebe também extensos balcões com armários, fogão de seis bocas, geladeira nova, freezer e toda a “parafernália” de aparelhos eletrodomésticos disponíveis no comércio. Agora mesmo é que a cozinha se torna o espaço mais caro e valorizado da moradia. Além dos equipamentos, podemos observar

na maioria das moradias analisadas o visível capricho em que as novas cozinhas se encontram.

Cortinas com babados na janela, toalhas bordadas na mesa e arranjos de flores por tudo. Sobre a geladeira, o liquidificador de “vestidinho”, ou seja, uma capa para liquidificadores que parece um vestido. Paninhos de crochê sobre o fogão, os balcões e cobrindo a batedeira. Um aparelho de TV sobre um móvel também faz parte da nova cozinha, mesmo que outros aparelhos de TV existam na moradia.

A televisão, sob certo ângulo, pode ser considerada como um reflexo do choque cultural entre realidades urbanas e rurais. Esse choque se estabelece na medida em que a mensagem transmitida por esse veículo se dá a nível de uma sociedade de consumo, em que o aceleração de veiculação de um produto deve ser gradativamente maior, cumprindo assim seu objetivo de lucro certo e imediato. As transformações culturais de um determinado grupo ou comunidade não conseguem alcançar esse fator de aceleração, ocorrendo conseqüentemente uma série de reações ou respostas de parte da cultura pressionada. Como exemplo podemos citar a utilização do aparelho de televisão como totem doméstico, transformada em objeto *kitsch* de decoração em que são inseridas imagens de santos, flores de plásticos etc..., ou seja, elementos mais condizentes com o repertório de uma determinada camada sócio-cultural. (GUIMARÃES & CAVALCANTI, 1979, p.16)

Na cozinha podemos encontrar muitos signos da “vida moderna”. Para a dona da casa, a cozinha expressa simbolicamente o espaço de poder da mulher; sobre esse espaço a dona da casa exerce o seu domínio total. Sempre que perguntava para o marido sobre a cozinha, as respostas eram semelhantes: “*A patroa quis assim*”. “*Ela é quem manda*”.

As mulheres sempre apresentam suas casas com orgulho e vaidade. Quando chegamos na cozinha observamos uma empolgação maior, ou seja, a cozinha deverá expressar a imagem da dona da casa. Portanto, tem que ser bonita e impecável. Estão sempre prontas para receber elogios, por isso a cozinha não pode estar com cheiro de gordura e nem desarrumada.

A nova cozinha recebe também outras atividades além de preparar alimentos e fazer as refeições podemos acrescentar: receber visitas, conversar, ver TV, passar roupas, estudar.

A cozinha desempenha uma função de convívio social entre a família e os amigos. Isso nos remete às cozinhas das moradias da região serrana do estado de Santa Catarina. Sabemos que muitas dessas famílias são de origem da serra (Lages, São Joaquim), região que tem como característica o clima frio; no inverno as temperaturas negativas são freqüentes, por isso encontramos em todas as moradias o fogão a lenha, objeto principal da casa, porque aquece o ambiente e reúne pessoas ao seu redor. Na região serrana, as visitas também são recebidas na cozinha, normalmente bem espaçosa, aconchegante e impecável. Abrigam todas as atividades anteriormente descritas sobre as cozinhas das moradias do Bela Vista. Certamente estamos falando de herança cultural. As famílias da região serrana urbana ou rural que vêm para o litoral, reproduzem suas moradias segundo seus costumes. Sabemos também que o mesmo ocorre em outros estados, como por exemplo em São Paulo e

Minas Gerais, onde as cozinhas também são grandes e possuem o fogão a lenha, desempenhando função social como as cozinhas analisadas neste trabalho.

A nova cozinha, em muitos casos, quase não é utilizada no dia-a-dia. É reservada para situações especiais. Conversando com a moradora, perguntei quando ela usa a cozinha, e ela respondeu: “*No final de semana para fazer um bolo*”. O uso rotineiro é destinado à cozinha secundária, ou seja, uma cozinha simples que recebe os equipamentos usados da cozinha original e normalmente está localizada na edícula (vou falar sobre a edícula em seguida). Nessa cozinha é permitido o cheiro de gordura, um pouco de bagunça e descontração, mas isso acontece porque a cozinha secundária fica mais escondida. As visitas não vão lá.

### II.5.7. A Edícula

A edícula, segundo Aurélio B. de Holanda, é uma pequena casa. No Conjunto Bela Vista, as edículas são comuns. No processo de ampliação das moradias, muitas vezes o morador, além de ampliar a moradia principal, constrói no fundo do lote uma edícula, ou seja, uma pequena casa que deverá abrigar múltiplas atividades. Em muitos casos, a edícula abriga atividades de apoio à moradia principal, como garagem, churrasqueira, uma segunda cozinha, lavanderia, depósito, um banheiro e um dormitório, que muitas vezes também se transforma em depósito. A cozinha da edícula é destinada ao uso rotineiro da família; normalmente são muito usadas pela família inclusive para as refeições.

Uma outra alternativa encontrada é a edícula como moradia mesmo. Nesse caso, é pensada para alugar e melhorar a renda familiar ou para abrigar um filho recém-casado que precisa de ajuda. Encontramos ainda a edícula abrigando atividades ligadas ao comércio: loja, oficina mecânica e outras.

Quando a edícula abriga uma segunda moradia no mesmo lote, normalmente é resolvida em dois pisos. Sala, cozinha, banheiro e área de serviço no térreo e os dormitórios no primeiro piso. A entrada é resolvida em uma das laterais da moradia principal e de acordo com a profundidade do lote obtém-se maior ou menor afastamento entre as duas moradias, o que poderá comprometer as questões ligadas à privacidade das famílias moradoras. Esse fato indica, a princípio, a possibilidade de aumentar a densidade do conjunto, à medida em que em um lote é possível abrigar duas famílias. Esclareço que, no caso de aumentar a densidade, o projeto deverá ser pensado buscando a revisão tipológica e a revisão do parcelamento do solo. Esse é um dado importante e deverá ser observado nos projetos de habitações sociais futuros.

### II.5.8. A relação da moradia com a rua

Já sabemos que a sala, localizada sempre na frente da moradia, é um espaço com pouco uso, na maioria das vezes sem uso algum, ou seja, o espaço que ocupa a frente da moradia é desabitado, nem as janelas são abertas (como vimos no item sobre a sala). Sabemos também que a cozinha é a área de permanência da família durante o dia e até à noite. A cozinha fica localizada na parte dos fundos da moradia, junto com o setor de trabalho da dona de casa.

Esse fato reforça o desuso da frente da moradia que, segundo nossas observações, está restrito aos acessos de veículos e de pedestres, isso quando a moradia é de meio de quadra, porque, quando é de esquina, é comum a transferência da entrada principal da frente para a lateral. Esse procedimento compromete a relação da moradia com a rua, ou seja, cria um isolamento entre o público (rua) e o privado (casa), segundo a leitura do arquiteto.

Outro fator que também contribui para o isolamento da moradia em relação à rua são os elementos de fechamento, grades e muros que muitas vezes são altos e impedem inclusive a visibilidade da rua e vice-versa. Essa questão está ligada basicamente à preocupação do morador com relação à segurança e à privacidade. *“Porta na frente é só para venda.”* No principal setor de tráfico de drogas do Bela Vista I, o controle é cerrado pelos traficantes. Observam dia e noite quem chega, quem sai e quem circula nas imediações. Nossa equipe de campo foi indagada por alguns deles sobre o que estávamos fazendo ali.

Na primeira vez que fui sozinha para uma entrevista com os moradores de uma casa que fica no ponto de controle, fui observada o tempo todo que permaneci no jardim conversando com a proprietária que procurava falar bem baixinho e não olhar na direção da esquina. Meu carro ficou estacionado no outro lado da rua. Eu vi quando o grupo que permanece na esquina aproximou olhando para dentro do carro e observando a placa.

Nesse mesmo dia, a moradora relatou que, durante a madrugada anterior, havia acontecido um tiroteio entre os traficantes e a polícia, bem ao lado da casa dela. Ela estava aterrorizada porque assim que acordou observou que na rua havia um homem esfaqueado, andando cambaleando de um lado para o outro, sem socorro até aquele momento. *“O pobre estava passando o maior trabalho, andando de um lado para o outro na rua e perdendo muito sangue.”* Sem dúvida, esse é um fato que deixa os moradores com medo e trancados dentro da casa.

Sabemos também que as crianças são as maiores freqüentadoras da rua. Reúnem-se para conversar e brincar na frente da casa; isso ocorre em muitas ruas nos bairros da cidade. No Bela Vista, constatamos que as crianças, quando não estão nos colégios, estão ocupadas com outras atividades, muitas vezes fora do conjunto. Muitos pais, preocupados com a questão da droga existente no conjunto, preferem que os filhos estudem em colégios no centro ou que eles façam atividades ligadas ao esporte fora do conjunto. Portanto, as crianças não são vistas nas ruas em muitos setores do conjunto. Esse fato também reforça o isolamento entre as casas e a rua, tornando as ruas apenas corredores de passagem. O pedestre utiliza as ruas



para ir e vir em sua rotina de ir ao armazém, ou na casa do vizinho, ou ao ponto de ônibus.

Talvez, neste caso, possa ser atribuído o isolamento à dimensão que o conjunto atingiu com o passar do tempo, dificultando a construção de uma identidade comunitária que permita inclusive a apropriação dos espaços coletivos. Mesmo assim, esse fato torna-se contraditório no Bela Vista I, tendo em vista a identidade de grupo que se criou desde a década de 70.

## II.6. Relativizando o espaço e o lugar público

Podemos dizer que o projeto original das vias de circulação do Conjunto Bela Vista não demonstra a preocupação com a criação de eixos e áreas de uso coletivo devidamente estruturados e articulados. Apenas a Avenida Brasil podemos considerar um eixo viário importante, porém está totalmente desvinculada das áreas livres previstas inicialmente (Foto II.6.1.)

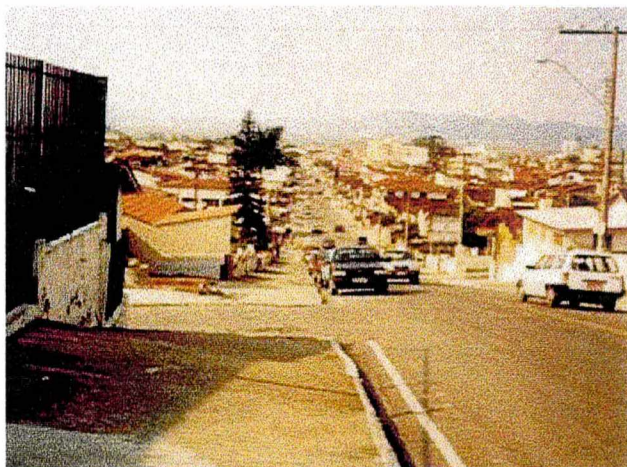


Foto II.6.1.

Essa avenida, por ser a principal, concentra comércio e serviços em geral. É um eixo de circulação intensa para veículos e pedestres (Foto II.6.2.). Nela está o Bar do Careca, o único ponto que apresenta uma apropriação clara durante a semana e principalmente nos finais de semana. Quem passa pela avenida numa sexta-feira, final de tarde, pode observar a movimentação do bar. Uma churrasqueira improvisada, muita cerveja e um sambão com volume para ouvir de longe. É um lugar exclusivo dos homens. Durante todo o período de permanência no conjunto, jamais percebemos a presença de mulheres, nem mesmo à noite. Os frequentadores apropriam a calçada também; a churrasqueira é instalada quase fora do bar, e um dos frequentadores, de forma festiva, assume a elaboração do churrasco. Para quem observa, a alegria e a descontração são visíveis. O grupo assume total envolvimento com o ritual de tomar cerveja e aguardar a carne que está ficando no ponto, de forma que ignoram a movimentada Avenida Brasil. O Bar do Careca é pequeno, mas é impossível não percebê-lo.



Foto II.6.2.

É importante esclarecer que as áreas livres existem como áreas desocupadas não planejadas e não construídas, portanto, no conjunto, as praças e parques inexistem. (O mapa da página 17 apresenta a localização das Áreas 1, 2, 3 e 4, descritas a seguir.)

É importante esclarecer que as áreas livres existem como áreas desocupadas não planejadas e não construídas, portanto, no conjunto, as praças e parques inexistem. (O mapa da página 17 apresenta a localização das Áreas 1, 2, 3 e 4, descritas a seguir.)



Foto II.6.3.

Foto II.6.3. Área 1: localiza-se no Bela Vista III; é circundada por ruas, contempla apenas uma quadra esportiva. O restante do terreno está sem uso. A placa pedindo para não jogar lixo foi colocada recentemente. Segundo os moradores, todos os terrenos desocupados foram limpos, e essa ação se deve à aproximação das eleições de outubro de 1998.



Foto II.6.4.

Foto II.6.4. Área 2: localiza-se entre o Bela Vista I e o Bela Vista III. Na foto, podemos observar a presença do caminhão envolvido na limpeza e a topografia da área. Os barrancos ou desníveis acentuados poderão comprometer uma utilização maior da área. Essa é uma característica presente nas áreas 1, 2 e 4.



Foto II.6.5.

Foto II.6.5. Área 3: localiza-se no Bela Vista I; é a única com topografia plana. Anteriormente, recebeu alguns equipamentos de *playground*, que em pouco tempo foram destruídos. É uma área menor e localiza-se entre moradias; portanto, o potencial de apropriação para crianças é maior do que o das áreas 1, 2 e 4.



Foto II.6.6.

Foto II.6.6. Área 4: localiza-se no Bela Vista II, ao lado da Escola Estadual Bela Vista. Apresenta aspecto de abandono; nela não encontramos a placa pedindo para não jogar lixo; está surgindo uma ocupação espontânea, cercados para cavalos, trilhas para circulação e muito lixo jogado. Mas nesta área encontramos garotos empinando pipa, não só os que moram na área, mas também os que moram na vizinhança. A ocupação espontânea torna o local diferente dos demais que apresentam uma paisagem desocupada, solitária e abandonada. Neste caso, a área 4 está ganhando outro uso. Passando pelas trilhas que ligam ruas, podemos observar o movimento das mulheres lavando roupas nos terreiros de barracos definidos por precárias cercas de madeira e principalmente o som bem alto do rádio. Podemos encontrar os terrenos com mato, lixo depositado favorecendo a proliferação de ratos e insetos. Esses “terrenos baldios” estão distribuídos no conjunto de forma desarticulada em relação às ruas e às quadras.

Na realidade, o projeto original não sugere ou não favorece o convívio no espaço de uso público coletivo. [Espaço aqui significa lugar delimitado fisicamente; distância entre dois pontos; extensão indefinida.] As áreas 1, 2, 3 e 4 aparecem de forma desagrupada e inexpressiva, ou seja, não estão planejadas de forma a garantir o uso, não estão qualificadas para atrair o usuário. Portanto, são áreas residuais localizadas aleatoriamente.

O traçado ortogonal (em forma de xadrez) favorece a repetitividade de imagens das esquinas, dos cruzamentos e das ruas em geral. Todos os espaços, a princípio, são iguais. Certamente, essa é a razão pela qual os primeiros moradores tinham dificuldade de encontrar suas casas quando retornavam à noite do serviço ou de uma festa. A falta de pontos referenciais, neste caso, é um problema de projeto, embora com a apropriação, ao longo do tempo, os pontos referenciais possam surgir espontaneamente. O traçado ortogonal do Conjunto Bela Vista propicia os percursos longos, que muitas vezes parecem intermináveis.

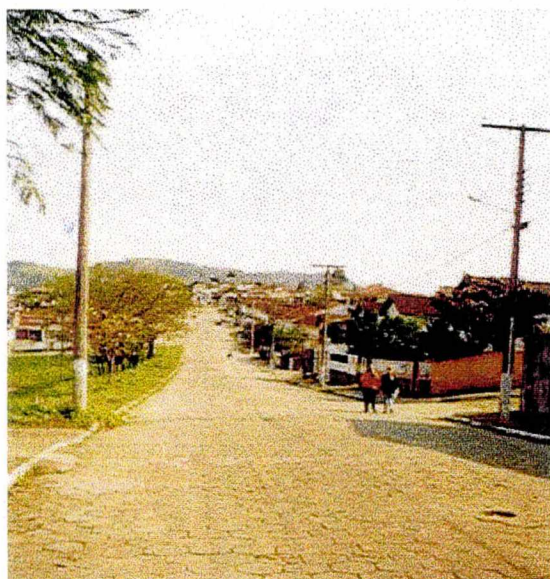


Foto II.6.7. Rua das Orquídeas. Localiza-se no Bela Vista III, paralela à área 1.



Foto II.6.8. Avenida Santa Catarina. Localiza-se no Bela Vista I e conduz ao Largo João Antônio Thomaz.

Caminhar por estes percursos poderá se tornar cansativo e monótono devido à escala e à regularidade excessiva da largura da rua, da calçada e da repetitividade dos volumes construídos que compõem a moldura da rua.

Todos esses aspectos certamente contribuem para que a rua seja apenas um corredor de circulações. Talvez pelas mesmas razões não encontramos sinais claros de apropriação desses espaços (ruas).

Se essas ruas ou percursos de veículos e pedestres fossem inseridos num traçado orgânico, poderíamos imaginá-las com dimensões e espaços diferenciados, esquinas e cruzamentos tratados como pontos referenciais, as visuais ou “pano de fundo” mais próximos do pedestre, a possibilidade de articulação com uma praça, que poderá oferecer uma parada, à sombra ou ao sol.

Orgânico aqui faz referência ao movimento “Organicismo” que surgiu na América com o arquiteto Frank Lloyd Wright. Alguns dos propósitos defendidos pela arquitetura organicista são (ZEVI, 1978, p.89-96):

- Espaço orgânico: rico em movimento (formas), indicações direcionais, ilusões de perspectivas;
- Visão antiestereométrica e antiprismática;
- Uso da cor;
- Escala humana: repúdio de toda arquitetura que se sobrepõe ao homem;
- Relação interior – exterior da casa com a natureza.

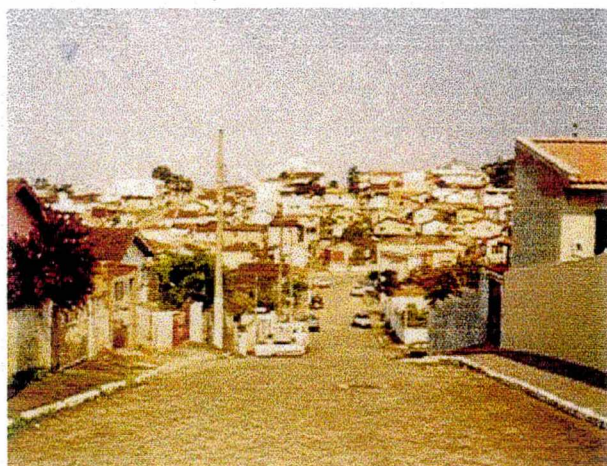


Foto II.6.9. Rua Blumenau. Localiza-se no Bela Vista I. De acordo com a hierarquia de vias, podemos classificá-la como secundária. Exclusivamente residencial, apresenta paisagem deserta e monótona.

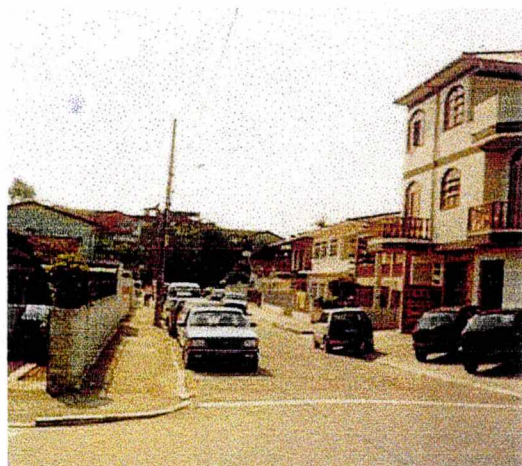


Foto II.6.10. Rua Canelinha. Localiza-se no Bela Vista I, próxima ao ponto comercial mais movimentado da Av. Brasil. Os carros são seus constantes ocupantes.

Podemos imaginar muitas outras situações que certamente favoreceriam o uso e a apropriação dessas ruas de forma mais clara e qualificada. Mas no Conjunto Bela Vista as ruas não foram pensadas dessa forma. Portanto, todas as variáveis que envolvem a apropriação de espaços públicos ficaram a critério exclusivo da população, que, por sua vez, tem utilizado os meios possíveis para que os espaços públicos sejam apropriados. O esforço tem sido grande, mas os resultados ainda são inexpressivos.

Desde o início, quando surgiram as primeiras organizações descritas no começo deste trabalho, a população tem lutado por melhorias. Fez manifestações solicitando à Prefeitura de São José e à COHAB/SC a construção das praças prometidas e a pavimentação das ruas; promoveu o concurso do jardim mais bonito para incentivar os moradores a cuidar do verde e das flores. Essas iniciativas, com o passar do tempo, parecem perder a motivação e quando são lembradas pelos moradores trazem-lhes saudades. *“Bons tempos aqueles. Hoje está mais difícil retomar a luta.”* Talvez possamos atribuir a transformação do conjunto principalmente ao crescimento acelerado dos bairros vizinhos, que interfere no cotidiano do conjunto comprometendo a privacidade e a tranquilidade dos moradores através da movimentação intensa de veículos e pessoas estranhas.

As ruas são largas e priorizam o carro. Com o crescimento populacional, o trânsito nas vias principais é intenso e perigoso; já se fala na necessidade de instalar lombadas eletrônicas para controlar a velocidade, visto que as lombadas convencionais não são suficientes principalmente porque as vias principais foram asfaltadas e são longas, favorecendo portanto a velocidade (Foto II.6.11). À noite, a Avenida Brasil é pista de corrida.

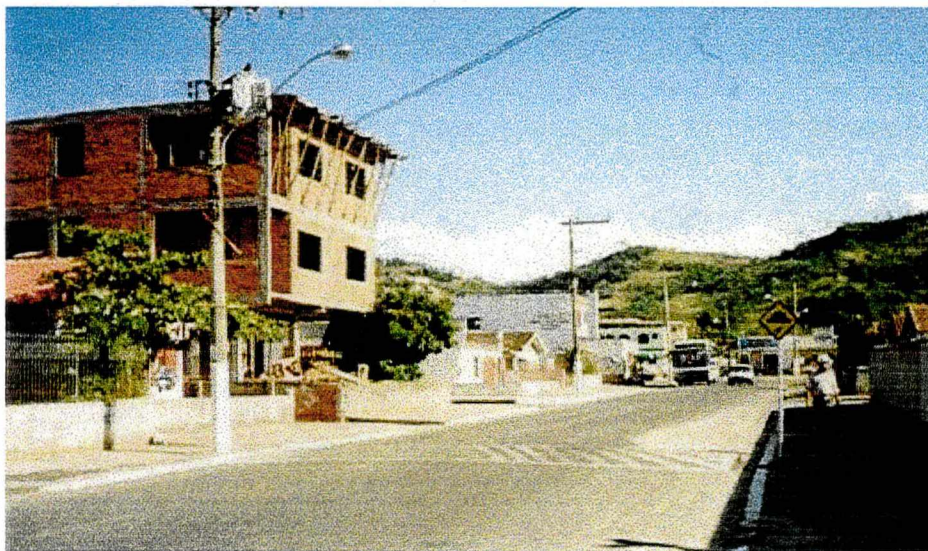


Foto II.6.11. Avenida Santa Catarina, em frente ao Centro Comunitário. Ponto final do ônibus da linha Bela Vista I.

As calçadas na maioria das ruas são precárias, têm buracos que interrompem a passagem e expõem o pedestre aos perigos de acidentes. Não existem árvores nas ruas e à noite a iluminação pública é deficiente em muitas ruas do conjunto.

Os nomes das ruas foram dados por setores (subdivisão de uma região). No Bela Vista I, as ruas receberam nomes de municípios do estado de Santa Catarina. No Bela Vista II, as ruas receberam nomes de capitais brasileiras e, no Bela Vista III, as ruas do setor próximo à BR receberam nomes de flores, enquanto as do setor próximo ao campo de futebol receberam nomes de bairros da cidade de Florianópolis. Parece uma classificação curiosa, mas foi a COHAB que definiu dessa forma.

As ruas podem e devem se tornar o espaço de todos, o espaço universal.

Uma rua é um universo de múltiplos eventos e relações. A expressão 'alma da rua' significa um conjunto de veículos, transeuntes, encontros, trabalhos, jogos, festas e devoções. Ruas têm caráter e podem ser agitadas, tranquilas, sedes de turmas, pontos e territórios. (BRIGGS apud SANTOS, 1988b, p.24) A par do caminho, são locais onde a vida social acontece ao ritmo do fluxo constante que mistura tudo. Um 'microcosmo real' de espaços e relações (JACOBS apud SANTOS, 1988b, p.24) que tem a ver com repouso e movimento, com dentro e fora, com intimidade e exposição, e assim por diante. Que serve para referenciar bons e maus lugares (VOGEL & MELLO apud SANTOS, 1988b, p.24).

Para os autores, só em mapas e plantas as ruas podem ser vistas apenas como meios de circulação entre dois pontos distantes. No caso do Conjunto Bela Vista, as ruas não apresentam sinais expressivos de apropriação, ou seja, as ruas são utilizadas como meios de circulação.

Para ilustrar a questão da apropriação de ruas exclusivamente residenciais, selecionei duas ruas do conjunto para traçar um comparativo: a Rua Salvador, localizada no Bela Vista II, e a rua Itacorubi, localizada no Bela Vista III. Essas ruas apresentam características comuns e importantes para a análise. São ruas sem saída, e pressuponho que o potencial de apropriação por parte dos moradores desse tipo de rua é maior em relação às demais, que estabelecem comunicação com outras ruas. Localizam-se em terrenos de topografia plana e têm curto percurso. Embora assemelhem-se pelos aspectos acima citados, diferem de forma expressiva no que se refere à relação entre a casa e a rua.



Foto II.6.12. Vista da Rua Salvador.

No primeiro caso, o da Rua Salvador, todas as moradias exibem belos jardins com o verde exuberante e não utilizam muros, apenas grades, possibilitando ao pedestre a contemplação da seqüência do verde e do colorido das flores que emolduram a rua; ao mesmo tempo, cada frente de lote se apresenta como se fosse uma “vitrine” cuidadosamente elaborada (Foto II.6.12). Essa é uma situação atípica dentro do conjunto. Parece que todos os moradores da rua têm em comum o interesse por plantas e flores. Segundo uma das moradoras, um incentiva o outro; portanto, a partir do momento em que o primeiro e o segundo jardim surgiram e todos os que passavam pela rua os elogiavam, os demais moradores começaram também a cultivar e cuidar de seus jardins. Todas as moradias da Rua Salvador estabelecem uma relação visual e alegre com a rua e vice-versa, através dos jardins que ampliam os espaços e criam uma identidade (Foto II.6.13). Recentemente, foi criado um caminho no final da Rua Salvador, que a liga com outra rua. Originalmente essa situação não foi prevista.



Foto II.6.13. Jardim de uma moradia da Rua Salvador.



Ao contrário da Rua Salvador, a Rua Itacorubi, localizada no Bela Vista III, não apresenta nenhum tipo de apropriação, nem mesmo os jardins aparecem (Foto II.6.14).



Foto II.6.14. Vista geral da Rua Itacorubi.

Neste caso, notamos a presença de muros levantados no limite dos lotes, estabelecendo barreiras visuais que impedem qualquer tipo de relação entre o público e o privado. A Rua Itacorubi não é apenas tranqüila, é solitária, totalmente silenciosa e vazia. Durante o período de observação em campo, não percebemos nenhuma ou quase nenhuma movimentação ou ruído, o que expressa total negação por parte dos moradores em relação ao espaço da rua.

Pode-se dizer que é principalmente após a Revolução Industrial que o homem vem dispendo e usufruindo seu tempo útil em ambientes construídos. Estes, inicialmente, estavam relacionados com sua função primordial de abrigo, que ao longo do tempo vem se adaptando cada vez mais, à medida em que essa função se torna mais complexa: não é mais unicamente uma proteção contra as intempéries e ataques de inimigos e animais ferozes; é todo um modo de vida que se renova com as próprias condições geradas nesse ambiente construído, e em contínua transformação, face às necessidades do homem-usuário contemporâneo. (ORNSTEIN, BRUNA, ROMÉRO, 1995, p.27)

Como foi dito anteriormente, a organização inicial dos moradores se deu principalmente pela necessidade de lutar por espaços públicos fechados e abertos. Podemos citar a igreja e o centro comunitário como os mais importantes. Desde o começo, somente a organização dos homens em torno do futebol permaneceu como uma atividade importante, que acontecia no espaço aberto. O jogo de futebol cresceu com o conjunto; formaram o time local, o Esporte Clube Bela Vista, que possui espaços adequados e bem cuidados onde acontecem os campeonatos (Foto II.6.15).



Foto II.6.15. Vista do campo de futebol, localizado no Bela Vista I.

O centro comunitário inicialmente atendia apenas o Bela Vista I; hoje atende o Bela Vista I, II, III, IV, V e vizinhança. O impacto causado na estrutura administrativa desse equipamento e em sua capacidade de atendimento, causa insatisfação aos funcionários e compromete o atendimento em geral. É um espaço fechado, de uso público, que atende diversas demandas. Atualmente, o programa de atividades do centro comunitário é extenso. A creche funciona em dois períodos, matutino e vespertino, e atende quarenta crianças por período (Fotos II.6.16, II.6.17 e II.6.18).

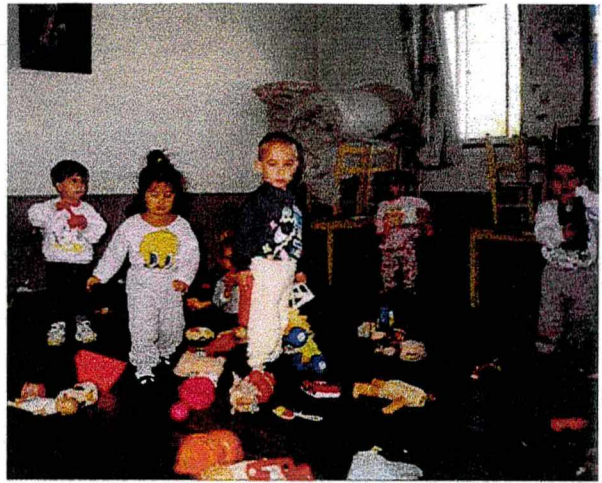


Foto II.6.16. Crianças de 3 a 5 anos.

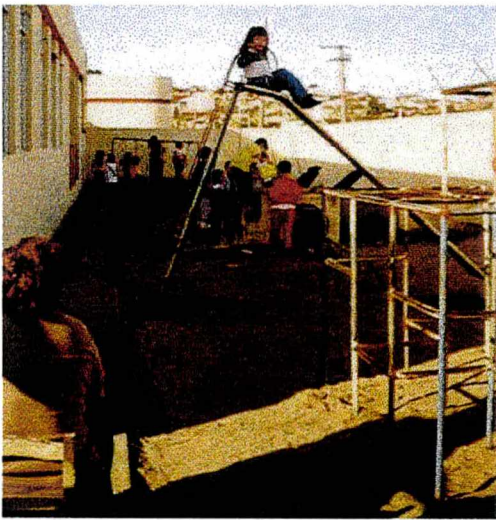


Foto II.6.17. Vista do parquinho da creche

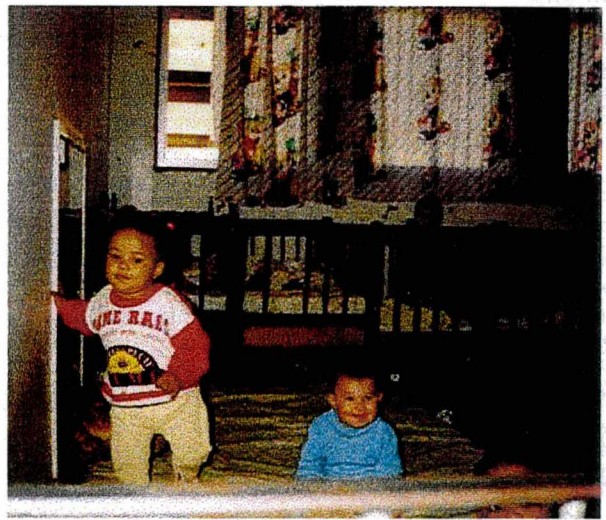


Foto II.6.18. Berçário de 6 meses a 2 anos.

Além da creche, o centro comunitário oferece aula de pintura (às terças e quintas-feiras); aula de capoeira (às terças e quintas-feiras, de manhã e à noite); aula de judô (às segundas e quartas-feiras à noite); aula de crochê (às segundas-feiras à tarde); grupo da Liga Feminina (quartas-feiras à tarde); grupo da terceira idade (quintas-feiras à tarde); curso de cabeleireiro (terças e quintas-feiras à tarde e à noite) (Foto II.6.19).



Foto II.6.19.

Também faz parte da programação do centro comunitário a realização de bingos, bailes e festas, em geral em sua sede própria. É o lugar mais dinâmico do conjunto e pertence não só às crianças, mas principalmente às mulheres. (Estamos utilizando o termo lugar como ambiente que ganha significado através da apropriação humana; espaço ocupado que possui signos e referências; ambiente de observação (AUGÉ).) Muitas atividades do centro comunitário são destinadas ao público feminino, que ensina, aprende, organiza, administra, diverte-se e fofoca de forma alegre e descontraída. As mulheres fazem das atividades que exercem no centro comunitário uma ação prazerosa. Elas estão à frente de praticamente todas as atividades, sempre mostrando garra e muito entusiasmo. O centro comunitário desempenha uma função social importante, principalmente porque gera empregos para a própria comunidade. É o lugar lúdico das crianças e de interação entre as mulheres. É possível perceber que o fato de ser professora ou aluna no centro comunitário é motivo de grande importância, visto que as mulheres frequentadoras do centro comunitário normalmente são donas de casa e nesse lugar se tornam pessoas de destaque, ou seja, exercem seus ofícios, ensinam o que sabem, além de administrar suas casas. Para muitas delas, esse é o único lugar que viabiliza essa ação, proporcionando portanto o “status” perante a comunidade local, independente da idade.

Para os jovens, o centro comunitário significa ponto de encontro. É o lugar onde acontecem os bailes. As aulas de judô e capoeira reforçam essa idéia; são atividades procuradas e preferidas pela juventude. Portanto, o centro comunitário é o “lugar antropológico”. Possui história, símbolos e identidade (AUGÉ, 1992, p.43-54).

Reservamos o termo ‘lugar antropológico’ àquela construção concreta e simbólica do espaço que não poderia dar conta, somente por ela, das vicissitudes e contradições da vida social, mas à qual se referem todos aqueles a quem ela designa um lugar, por mais humilde e modesto que seja. (AUGÉ, 1992, p.51)

Para o autor, o habitante do lugar antropológico não faz a história, vive na história. Essa colocação expressa muito bem o significado do centro comunitário para os funcionários e para toda a comunidade que o frequenta.

Como ilustração, incluo neste trabalho o relato do bingo realizado no centro comunitário, do qual tive a oportunidade de participar. No dia 28 de agosto de 1998, mais um bingo se realizou no centro comunitário. A finalidade era arrecadar recursos para viabilizar a compra de um aparelho para uma menina que sofre de graves problemas cardíacos. No salão de festas do centro comunitário, a movimentação é grande. As pessoas que irão participar estão chegando e ocupando seus lugares. As mesas estão organizadas ao redor de uma mesa maior cheia de prêmios: acolchoado, bicicleta, aparelhos Walita, conjuntos de travessa, panela de pressão etc. A conversa está animada; enquanto esperamos o início do bingo, todos estão entusiasmados com a mesa de prêmios, que promete uma noite de surpresas. Sobre as mesas espalhadas pelo salão, havia um cinzeiro de cerâmica cheio de grãos de milho para marcar as cautelas. A equipe organizadora, formada por senhoras da comunidade, passa de um lado para o outro verificando os últimos detalhes. O público presente era constituído na maioria por mulheres da terceira idade, alguns homens e

poucas crianças e jovens. É possível perceber que os grupos de pessoas que estão conversando são famílias ou amigos de muito tempo. Todos ou quase todos são conhecidos, circulam entre as mesas conversando alto e dando risadas. São 20:10 horas e nada de começar o bingo, que estava previsto para às 19 horas. O atraso provoca uma inquietação nas pessoas, que circulam de um lado para outro, todo o tempo. Finalmente, descobre-se o motivo do atraso; estão aguardando um grupo de pessoas que virão lá do bairro Forquilha. No setor do bar pertencente ao salão, as mulheres se reúnem para organizar os quitutes que certamente serão vendidos durante o bingo. Aos poucos, as pessoas vão chegando, e começa o movimento de venda de salgados e refrigerantes. Através da mesa de prêmios, começa também o movimento que indica que o bingo deverá ter início dentro de instantes. Uma pessoa liga o som, uma mulher assume o microfone e testa o volume. O som não funciona, o corre-corre acontece, e finalmente tudo dá certo. Ela pede silêncio e anuncia uma arrecadação de R\$ 180,00. Considera o número de pessoas insuficiente para efetuar o sorteio de todos os prêmios, que exibem nomes de candidatos políticos em suas embalagens. Indaga se a bicicleta deverá ser sorteada; posteriormente, decidem que deverá ser rifada. A bicicleta é retirada porque a arrecadação é de R\$ 180,00 e os gastos atingem R\$ 120,00. A intenção é retirar a bicicleta e o jogo de panelas tefal do sorteio do bingo e promover rifas para aumentar o faturamento. O público bate palmas; finalmente vai começar. Um homem começa a gritar as pedras que são misturadas e retiradas de uma bola especial para sorteios. Nesse momento, todos ficam em silêncio e compenetrados marcando suas cautelas. Demora para alguém completar o “x” na cautela, quando finalmente sai o primeiro prêmio. Nesse ritmo, a noite corre com alegria e muita expectativa. No dia seguinte, sábado, outro bingo foi realizado no centro comunitário, desta vez por pessoas da vizinhança.

O Largo João Antônio Thomaz, já descrito neste trabalho, inicialmente era um lugar com identidade e simbologias que começava sua história por volta de 1970. Naquela época, poderíamos considerá-lo o único ponto referencial dentro do conjunto. No largo, concentravam-se o comércio e os serviços básicos, que levavam as pessoas a frequentá-lo diariamente para suprir as necessidades de alimentação, medicamentos, vestuário, fazer o jogo do bicho, tomar cerveja no único bar existente na época, ir ao barbeiro, saber das novidades, falar sobre política, enfim, conviver. Resguardando suas devidas proporções, até meados da década de oitenta aproximadamente, o largo se configurou como a “Ágora” do conjunto.

Ágora era a praça das antigas cidades gregas, na qual se fazia o mercado e onde reuniam muitas vezes as assembleias do povo. A Ágora era uma espécie de planalto em volta do morro da Acrópole e sua função essencial era servir de espaço para o mercado da cidade. A Ágora era um lugar onde todos tinham que ir para fazer suas compras diárias, ao mesmo tempo foi um lugar onde a poesia e a música grega se desenvolveram. (BERMAN, 1993, p.15)

Com as transformações geradas pelo crescimento do conjunto e da vizinhança – demanda de infra-estrutura, melhoria no comércio e nos serviços, intensificação dos fluxos de veículos e pedestres – o largo foi, ao longo do tempo, perdendo suas características originais e recebendo um outro tipo de comércio e servi-

ços em geral, desta vez com a função de atender uma população que cresce rapidamente e exige uma infra-estrutura cada vez maior.

As construções que abrigavam o comércio original no largo foram desaparecendo (Foto II.6.20) e dando espaço para o Posto de Gasolina (Foto II.6.21), os galpões, o camelódromo (Foto II.6.22). A última “aquisição” do largo é uma construção gigantesca que abriga uma escola de futebol com quadra com grama artificial, salão para jogos de mesa e, no piso superior, um restaurante e churrascaria. Esse tipo de infra-estrutura de certa forma afastou os usuários do largo, incentivou e intensificou a circulação de veículos. Somente o bar, a barbearia e o jogo do bicho permanecem (Foto II.6.21). Podemos considerar significativas as mudanças ocorridas no conjunto, tais como a melhoria do poder aquisitivo da população local e a mudança no cotidiano da população em função do crescimento dos bairros vizinhos.



Foto II.6.20. Único prédio original de comércio.



Foto II.6.21. O Bar, à esquerda, e o Posto de Gasolina, à direita.



Foto II.6.22. Camelódromo. Homens conversando sentados na floreira.

As moradias que davam frente para o largo foram as primeiras a desaparecer, dando espaço para os sobrados (Foto II.6.23). Portanto, atualmente, pode-se dizer que o largo é um espaço onde as pessoas circulam com pouca opção de compras, ou seja, não existem atrativos para permanecer como antes.



Foto II.6.23. Escola de futebol, à esquerda; novos sobrados, à direita.

Uma das razões que afasta o pedestre do largo foi a possibilidade de se comprar alimentos, roupas, presentes etc em muitas outras ruas do conjunto. A descentralização do comércio e serviços e as novas necessidades modificaram o largo, tornando-o uma “rua moderna”, onde as pessoas aprendem a apreciar pessoas e coisas que lhes são diferentes. (BERMAN, 1993)

As quadras das escolas também reúnem jovens que praticam esportes e convivem socialmente através dessa prática (Foto II.6.24).

O Posto de Saúde localizado no Bela Vista III, o único do conjunto, atualmente está integrado à rede municipal e trabalha intensamente na campanha contra o câncer em mulheres (Foto II.6.25). Portanto, as quadras e o posto de saúde, por motivos específicos, também reúnem pessoas e também favorecem a comunicação social.



Foto II.6.24. Quadra esportiva, na escola do Bela Vista II.



Foto II.6.25. Posto de Saúde, no Bela Vista III.

### III. METODOLOGIA

#### III.1 O Trabalho de Campo

Como já foi dito, minha pesquisa em conjuntos habitacionais começou em 1983. Durante todos estes quinze anos observei as modificações ocorridas no Conjunto Bela Vista (etapas I, II e III). O contato estabelecido com os moradores desde o início favoreceu meu trabalho no interior das moradias e freqüentes conversas com os moradores.

Temos um acervo considerável de moradias analisadas; hoje, porém, muitas estão totalmente modificados em relação ao levantamento realizado no início da década de 80. Em outros casos o grupo familiar da época já se mudou para outro bairro e o novo proprietário modificou a moradia.

O importante é que esses levantamentos estão registrados e mostram a evolução do conjunto em diversos aspectos: mudança do perfil do morador, faixa de renda superior à inicial, alterações tipológicas, ou seja, o modelo original da moradia recebe outras soluções de projeto, e a grande maioria das moradias está modificada. Estas outras soluções certamente buscam suprir necessidades não previstas no projeto original.

A melhoria do poder aquisitivo das famílias indica novas necessidades e aspirações. Embora o projeto original não tenha previsto modificações, o lote permite as intervenções dos moradores. Os lotes são relativamente grandes, e a moradia original ocupa uma área pequena, portanto o espaço livre existente no lote estimula as ampliações.

Para realizar este trabalho foram selecionadas dezessete moradias que ainda não haviam sido analisadas. Para a escolha das unidades habitacionais, buscou-se identificar exemplares diversos, que correspondessem aos critérios abaixo relacionados, além de exemplares das tipologias originais:

- alteração tipológica: moradia com ampliação horizontal, moradia com ampliação vertical, moradia com edícula;
- situação na quadra: moradia em esquina, moradia em meio de quadra;
- topografia: moradia implantada em terreno plano, em declive, em aclave;
- uso: moradia com uso exclusivamente residencial, moradia com uso misto (residência e comércio/serviços);

As dezessete moradias estão distribuídas no Conjunto Bela Vista I, II e III. Para o longo e metucioso trabalho de campo, acionei o tema da observação participante, busquei o convívio prolongado com os moradores, sempre na expectativa de ser aceita em suas moradias.

Durante as idas a campo para análise das moradias selecionadas, procurei apoio junto ao centro comunitário e às duas escolas existentes no conjunto. Esses apoios foram de grande importância; através deles meu acesso às moradias ficou bem mais fácil. O trabalho de campo realizado nos espaços abertos do conjunto ocorreu de forma tranqüila, mesmo porque a conversa com os moradores que se encontravam na varanda ou no portão da moradia era espontânea. Sempre que estava andando pelas ruas, batendo fotos e observando, os moradores se aproximavam para saber do que se tratava. Estavam preocupados com a seguradora, que nunca restituiu aos mutuários a quantia gasta nas reformas obrigatórias ocorridas por motivo de rachaduras nas moradias, enchentes (Fotos III.1.1. e III.1.2.), ou problemas semelhantes. Queriam saber se eu estava fotografando para a seguradora ou se eu era da prefeitura. A preocupação com a prefeitura deve-se às ampliações sem o alvará de licença. No caso do Bela Vista, as ampliações normalmente são clandestinas, ou seja, são realizadas sem a autorização da prefeitura, para evitar pagamento de taxas e fiscalização.



Foto III.1.1. Enchente de 1977



Foto III.1.2. Enchente de 1977

Quando chegava o momento de entrar nas moradias, eu tinha um primeiro contato com o morador para explicar o objetivo do trabalho, conseguir a permissão para a realização do levantamento e marcar os dias e horários, sempre de acordo com a conveniência da família, é claro. Procurava obter o número do telefone para futuros contatos caso se tornasse necessário. No dia marcado para iniciar os trabalhos, o cumprimento do horário de minha parte era correto. O morador nem sempre fazia o mesmo. Muitas vezes eu chegava para iniciar o trabalho e o morador havia viajado ou havia esquecido e marcado outro compromisso, ou simplesmente dizia “*hoje não vai dar, estou com visitas.*” Nesse caso eu recorria aos funcionários do Centro Comunitário ou aos professores da Escola Básica Prof. Osvaldo Rodrigues Cabral e na maioria das vezes conseguia outra moradia que atendia os critérios previamente estabelecidos. Novo contato era feito na mesma tarde. Estes “con-



tratemos” eram previstos, afinal considero extremamente difícil a tarefa de entrar nas moradias, como pesquisadora, invadir a privacidade das pessoas, participar dos momentos de refeições da família, entrar em todos os cantos medindo e fotografando tudo; confesso que não é nada confortável. Mais difícil ainda é o morador permitir esse tipo de invasão, principalmente nos dias de hoje em que uma pessoa estranha bater na porta de casa causa desconfiança imediata por parte do morador. Não era o nosso caso, porque a primeira providência era conseguir a permissão para a realização do trabalho e sempre contei com o apoio do Centro Comunitário para nos apresentar e muitas vezes nos acompanhar até a moradia em que iria trabalhar.

Enfrentei algumas dificuldades, mas posso afirmar que, durante o período de fevereiro a julho de 1997 em que trabalhei intensamente nos levantamentos, fui bem recebida e a experiência foi muito rica. Tomei saborosos cafés da tarde, fui até convidada para um churrasco numa das moradias analisadas. Os moradores que concordaram com a realização do trabalho em suas moradias, entenderam bem o objetivo do trabalho e se orgulhavam de fazer parte dele. Ficavam “vaidosos” pelo meu interesse em estudar seu espaço de vivência. A maioria deles pedia uma cópia da planta baixa de sua casa. Isso porque as ampliações realizadas, não orientadas por qualquer estudo em planta, são feitas sem planejamento algum. Através do meu trabalho eles puderam obter a planta baixa da situação atual de suas moradias. Também a Direção da Escola Básica Prof. Osvaldo Rodrigues Cabral e o Presidente do Centro Comunitário solicitaram um volume do trabalho para as respectivas bibliotecas.

No começo do trabalho de campo, trabalhei sozinha por muito tempo. Principalmente para encontrar os moradores antigos do Bela Vista I, que me auxiliaram na construção do histórico do conjunto e que continuam como moradores do Bela Vista I. Lembrei das recomendações de Rivers citadas por PEIRANO (1992, p.21) de que o pesquisador deveria trabalhar sozinho no campo porque o objeto etnográfico é indivisível.

Concordo com tal recomendação, porém na parte dos levantamentos físicos de cada moradia pude contar com bolsistas do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFSC que, sem dúvida, deram uma brilhante contribuição para a realização deste trabalho.

O trabalho dentro das moradias era realizado através de levantamento físico (medições dos espaços, vãos de portas e janelas e de todo mobiliário ou seja, configuração da planta baixa com layout), levantamento fotográfico, mapas, entrevistas e observação participante. Através desse método, procurei captar e entender os usos vernaculares dados aos espaços pelos diferentes grupos familiares ocupantes das moradias selecionadas, registrando costumes, comportamentos e reações regulares ou únicas nas interações e dramas sociais do cotidiano. Estou chamando de entrevistas as conversas informais sem anotações, sem roteiros e principalmente sem o gravador, para não causar constrangimento.

Na maioria das vezes fui recebida pela dona da casa, que gentilmente procurava me deixar à vontade. Em algumas moradias fui recebida pelo casal; numa

moradia apenas fui sistematicamente recebida pelo proprietário e por seu filho, pois ele alegava: “*minha senhora está trabalhando*”. Com relação aos filhos, as crianças manifestavam muita curiosidade e acompanhavam vendo o que eu fazia, os jovens se mantinham indiferentes vendo TV ou estudando.

A experiência do trabalho de campo, seja ele em qualquer tempo e lugar, contém em si uma infinidade de elementos que podem manifestar-se em situações imprevisíveis, ora agradáveis, dramáticas e até mesmo trágicas; sofrendo ou não, o etnógrafo está sob influência de variados níveis de tensão que a situação de campo determina. Para além das teorias, a prática etnográfica “artesanal” microscópica e detalhista – traduz o reconhecimento do aspecto temporal das explicações. (PEIRANO, 1992, p.36)

As turbulências políticas de fins de 60 e começo de 70 abriram caminho para reorientações teóricas e metodológicas no campo da antropologia claramente comprometidas com as lutas dos grupos considerados marginalizados pela ideologia dominante. Tais reorientações implicam em um trabalho de campo saturado de imperativos éticos que estabelecem a ilusão do etnógrafo como observador indiferente e imparcial de uma tribo exótica.

Como nota Rosaldo, os chamados “nativos” não mais habitam em mundo separado daquele dos etnógrafos, sendo que esses “nativos” agora também lêem e escrevem etnografias. Na brincadeira de “etnógrafo e nativo” fica cada vez mais difícil prever “quien se pondrá el taparrabos y quien tomará el lapis y el papel.” (ROSALDO, 1991, p.51)

Partindo do pressuposto de que as relações humanas estão governadas mais pelo dissenso do que pelo consenso, as etnografias atuais procuram concentrar-se em examinar mais detidamente as relações de poder que envolvem todo o tecido social.

Isso se traduz em termos empíricos ou etnográficos num compromisso ético/político explícito por parte do etnógrafo em que este até pode distanciar-se dos fatos que analisa, numa espécie de distanciamento brechtiano, porém aproxima-se, ou mesmo identifica-se, interage e negocia cada vez mais com as pessoas reais que atuam no espaço-tempo etnográfico, estas não sendo mais meras informantes, mas pessoas conscientes de seu poder; o saber é, de ambos os lados, negociado em uma relação dialógica.

Em tempos de pós-modernidade, a postura do antropólogo como autor mudou. O antropólogo não é mais aquele especialista que, com a autoridade que lhe confere o fato de ter passado uma temporada com pessoas de outra cultura, descreve como essas pessoas vivem, o que pensam, o que acreditam. O antropólogo contemporâneo é um negociador, um autor que está sempre dialogando com os informantes e com seu texto, ciente do fato de que suas interpretações são parciais, circunstanciais e que, após negociar com os informantes para realizar a etnografia, e negociar consigo próprio e com seus pares para produzir o texto etnográfico, ele terá que negociar com seu leitor, expondo o fato de que existem limites em sua compreensão e seu conhecimento sobre o objeto de sua exploração.

Situados nessa perspectiva, um número crescente de antropólogos (ou analistas sociais, como refere Rosaldo) “procuram situar seu trabalho de campo, bem como suas interpretações, em um mundo interdependente, pós-colonial, cujas fronteiras culturais estão saturadas de desigualdades, poder e dominação.” Em vista disso, há uma ênfase acentuada no diálogo entre a visão de mundo do pesquisador e a do grupo estudado, que deverá ser transposta para a análise de maneira interconectada, ou seja, a intersubjetividade vivenciada em campo deve estender-se ao texto.

### III.2 O Método

Desde o início apliquei a técnica de observação participante. A primeira preocupação foi explicar meu trabalho para os funcionários do Centro Comunitário e para diretores e professores da Escola Básica Prof. Osvaldo Rodrigues Cabral. Com o apoio desses dois setores importantes no bairro, consegui uma aproximação gradativa junto aos moradores. Fui bem aceita no bairro, o que facilitou e motivou ainda mais a intensificação da permanência em campo.

O observador participante coleta dados através de sua participação na vida cotidiana do grupo ou organização que estuda. Ele observa as pessoas que está estudando para ver as situações com que se deparou normalmente e como se comportam diante delas. Entabula conversação com alguns ou com todos os participantes desta situação e descobre as interpretações que ele têm sobre os acontecimentos que observou (BECKER, 1993, p.47).

É exatamente dessa forma que conduzi meu trabalho de campo durante os meses de fevereiro a julho/97. O contato com cada grupo ocupante das moradias selecionadas foi agradável e produtivo para minha pesquisa. Em muitas moradias retornei várias vezes e sempre fui bem recebida por todos. Claro que em algumas moradias não consegui realizar o trabalho por falta de interesse dos moradores que davam mil desculpas. Nesse caso eu não insistia, agradecia e ia embora. Quando estava analisando uma casa, era comum os vizinhos procurarem saber da dona da casa o que estava acontecendo; com uma boa explicação dada, a vizinha já oferecia sua casa para eu realizar o mesmo trabalho. Claro que isso só acontecia se a tal moradia contemplasse os critérios de seleção estabelecidos no começo. Essa oferta era feita com entusiasmo, afinal para a dona da casa nossa escolha era feita em função da “beleza” da casa.

Como foi dito anteriormente, os contatos para confirmar dia e horário para a realização dos trabalhos eram feitos por telefone no começo, após uma aproximação maior com os donos das moradias. Eu simplesmente caminhando no bairro fazia visitas inesperadas e nunca percebi agitação ou preocupação por parte da dona da casa. A maneira de receber era a mesma dos dias com visitas previamente marcadas.

Ouvia às vezes alguma frase como “*não repare a bagunça*” ou “*não terminei de arrumar a casa ainda*”. Sempre procurei conversar sem perguntar demais, minhas perguntas se davam no “momento mais adequado”. A conversa era variada e descontraída. Falávamos inclusive sobre os parentes que moram na Serra ou no Oeste do Estado, receitas de pão caseiro e tudo mais. Sempre me serviam café com biscoitos, doce, água etc. Sempre tranquilos e gentis. Minha presença não os incomodava aparentemente.

Com a promessa de entregar uma cópia da planta baixa da casa a cada morador e uma cópia da dissertação para a biblioteca da escola do bairro, os moradores ficaram mais entusiasmados e de certa forma comprometidos com o trabalho, afinal eles estavam contribuindo para a realização do mesmo.

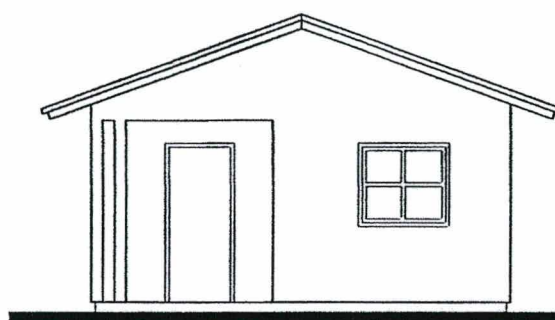
O objetivo principal desta pesquisa é observar a relação entre moradores e suas moradias, partindo do projeto original proposto, ou seja, uma moradia padronizada e implantada no Conjunto Bela Vista. Como é projetar casas iguais para pessoas que sabemos não serem iguais? Descrever etnograficamente, da forma mais “densa” possível, a relação morador X moradia e identificar os problemas reveladores de fenômenos existentes que certamente poderão estar ligados ao projeto original, projeto esse inflexível e talvez inadequado para esses moradores, por desconsiderar as questões culturais e simbólicas dos moradores e por priorizar apenas o fator econômico, ou seja, a redução dos custos para elaboração e execução do projeto do Conjunto Bela Vista .

Por isso a observação participante na rotina dos moradores foi intensa, o que muitas vezes me fez me sentir uma “vigilante” dos moradores. Sem dúvida, permanecer dentro da moradia dos outros observando tudo é bastante constrangedor. Mas só dessa forma eu poderia verificar o uso e a apropriação dos espaços íntimos de vivência de cada família.

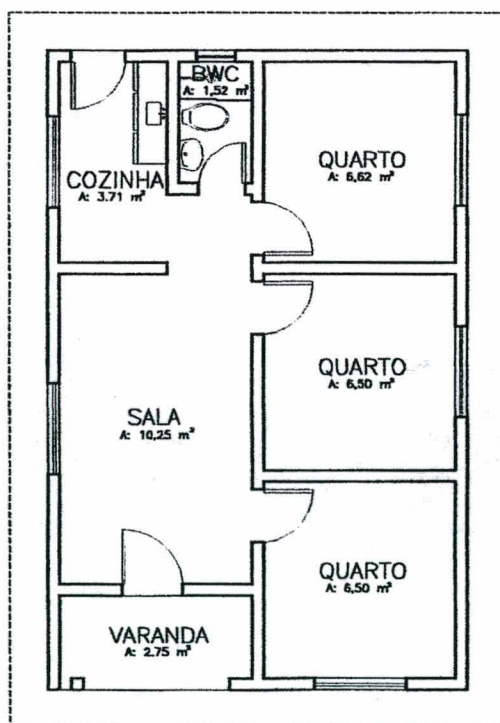
A meu ver, um trabalho etnográfico só terá valor científico irreduzível se nos permitir distinguir claramente, de um lado, os resultados da observação direta e das declarações e interpretações nativas e, de outro, as inferências do autor, baseadas em seu próprio bom senso e intuição psicológica. (MALI-NOWSKI, 1978, p.18)

## IV. ETNOGRAFIA DAS MORADIAS

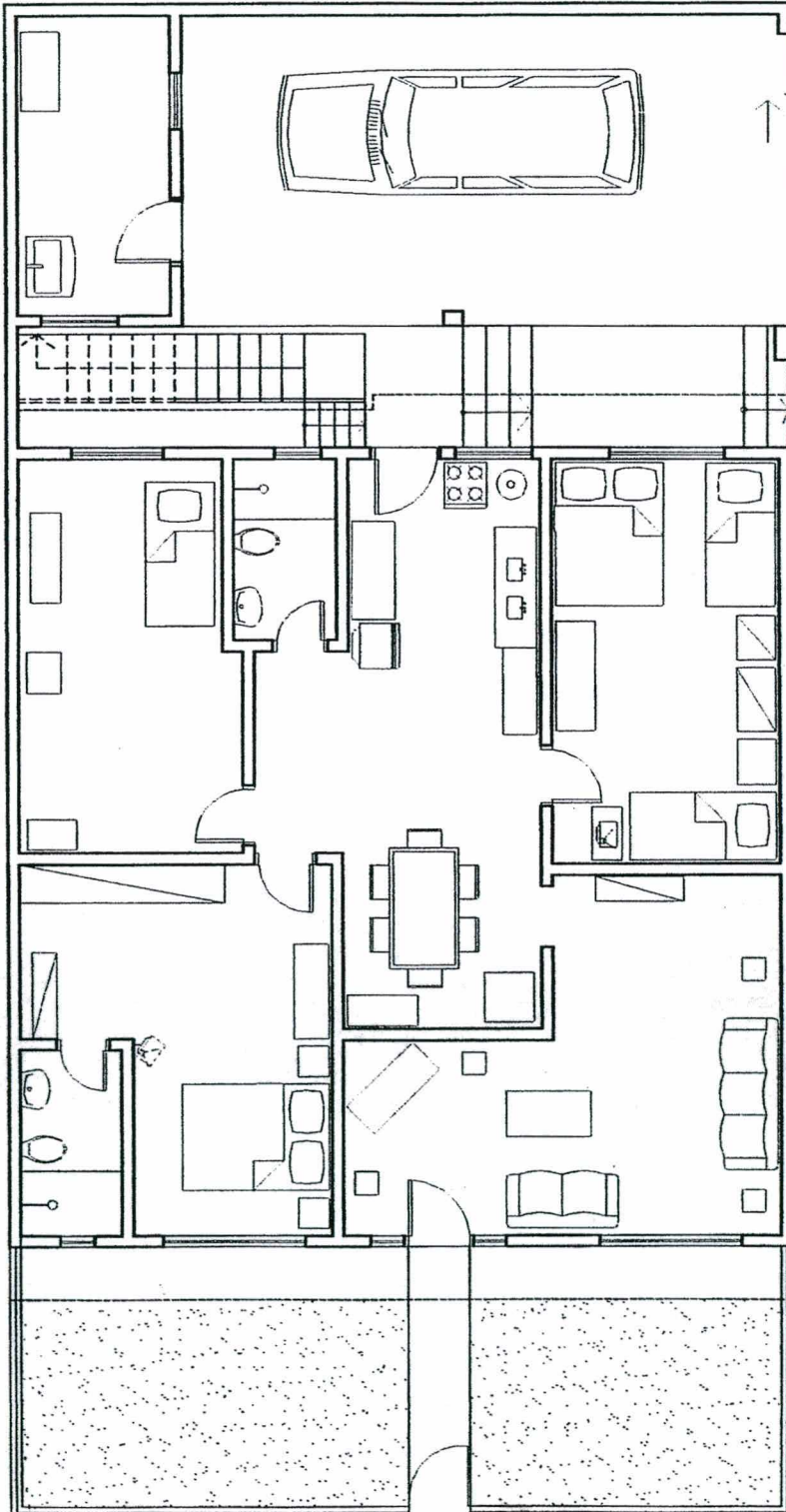
### IV.1. A Moradia do churrasco



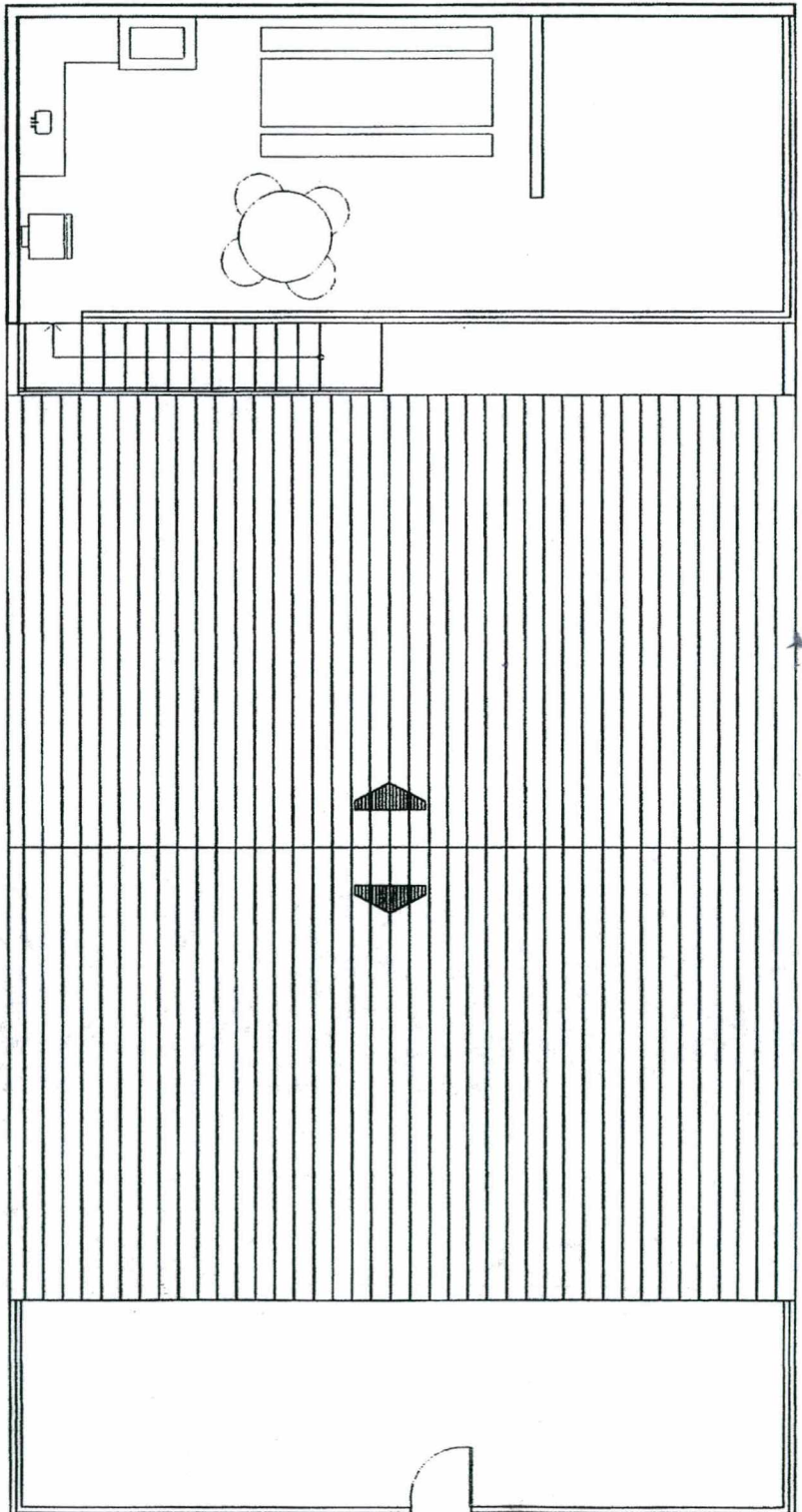
Fachada Original – Escala 1:100



Planta Baixa da Moradia Original  
Escala: 1:100



Planta Baixa com layout da Moradia Atual  
Pagimento térreo - Escala: 1:100



Planta Baixa com layout da Moradia Atual  
Pavimento superior - Escala: 1:100

#### IV.1.1. Histórico dos moradores

Residem na moradia o casal (50) e (39) e os três filhos (20), (18) e (15). O proprietário é policial aposentado, e a esposa se dedica às atividades do lar. Os três filhos estudam. O proprietário é natural de São Joaquim-SC, sendo que aos 14 anos veio morar em Florianópolis para estudar. Sua esposa é natural de Rio do Sul-SC e morou durante vários anos em Barra Velha-SC, antes de se casar.

Adquirida em 1970, quando o proprietário ainda era solteiro, a casa foi ocupada em 1971. O casamento se deu em 1975, a partir de quando sua esposa também veio morar no conjunto Bela Vista.

*“Quase terminei o noivado quando soube que ia morar aqui. Éramos noivos quando ele comprou esta casa. Eu tinha vergonha de morar aqui; custei muito a me acostumar. Minha casa de solteira era uma casa digna. (A casa digna a qual a moradora se refere é uma casa grande que possibilita a reunião da família ao redor de uma grande mesa de refeições.) Detestei esse lugar; eu me sentia péssima. Fomos arrumando a casa, melhorando tudo. Hoje gosto muito de morar aqui. Tinha roubo – hoje melhorou –, muitos acidentes na esquina e barulho. Hoje não concordo em vender a casa; o bairro tem muitas casas bonitas. Sinto falta de um quarto de hóspedes. Sempre que vêm parentes, tenho que colocar no quarto dos meninos. Me preocupo com a segurança dos meus filhos, por isso fico longe dos problemas de droga do bairro. Frequentaram a escola local por pouco tempo. Não sentimos falta de área de lazer; assisto missa na paróquia local; utilizamos pouco o comércio local. Nós nos relacionamos bem com os vizinhos, mas vivemos dentro de casa. O projeto da reforma meu marido decidiu.”*

Durante o trabalho de campo, o dono da moradia me convidou para um churrasco. Aceitei o convite e marcamos para a semana seguinte, quando deveria retornar para concluir o levantamento e as observações. No dia combinado, fui pela manhã; o convite era para o almoço. Trabalhei um pouco antes e neste dia tive a oportunidade de compartilhar com os moradores o especial momento da refeição em família, ou seja, participar do ritual extremamente apreciado pelo proprietário que, com muito entusiasmo, me serviu e falou da nova vida como aposentado. Foi um momento ímpar em minha rotineira permanência em campo. Observei os usos dados pela família aos espaços, equipamentos e percursos feitos repetidamente pela dona da casa, que caminhava de um lado para o outro buscando utensílios domésticos para a organização da mesa. Subia e descia a escada que liga a churrasqueira à cozinha, onde tais utensílios são guardados.

#### IV.1.2. Reformas

A moradia original era de três dormitórios; está localizada numa esquina. Entre a aquisição da moradia (1970) e o casamento dos proprietários (1975), foi construído mais um quarto e a garagem, nos fundos do lote, cujo acesso se dá pela Rua Camboriú. Dez anos mais tarde, os dois quartos originais mais próximos



dos fundos do lote foram transformados em cozinha e sanitário. A cozinha original foi transformada em dormitório, e o BWC original passou a servir como hall de acesso ao novo BWC. Houve um aumento de área da moradia, através do deslocamento da fachada dos fundos, para abrigar parte desses ambientes modificados.

A última reforma se deu há quatro anos, quando o proprietário recebeu a indenização do seguro, em virtude das deteriorações provocadas por cupins. Foi nessa época que se construiu a edícula, o terraço com churrasqueira e a sala atual. Esta se originou do quarto voltado para a fachada frontal e de um acréscimo de área, obtido pelo deslocamento da parede lateral até a divisa do lote. A sala e a varanda originais passaram a abrigar a suíte do casal, tendo havido acréscimo de área pelo deslocamento da parede lateral até a outra divisa do lote. Essas transformações expressam o projeto familiar relacionado à ascensão social.

#### IV.1.3. Descrição da moradia



Foto IV.1.3.1.

Foto IV.1.3.1. Fachada principal da moradia. Mostra a ampliação horizontal, ou seja, a moradia atinge os limites laterais do lote criando uma parede sem aberturas para a rua. Na parte posterior do lote, podemos observar a ampliação vertical para a edícula, que abriga a garagem e no piso superior a churrasqueira e área de terraço.

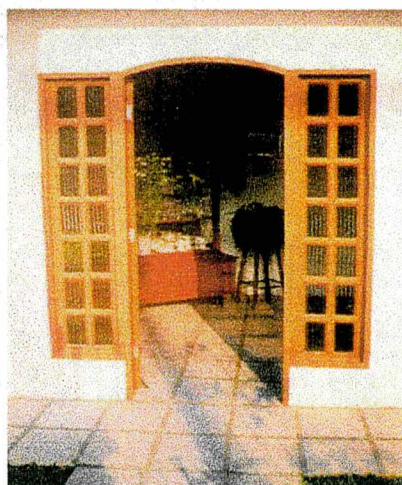


Foto IV.1.3.2.

Foto IV.1.3.2. Entrada principal. A porta da sala, diferenciada das demais, expressa a todos as representações de um repertório simbólico dos moradores em relação à entrada principal e a sala. A porta principal normalmente apresenta desenho e dimensões de acordo com o gosto dos proprietários. Ao fundo, uma cristaleira, quadros e plantas (samambaia) configuram o espaço de entrada (hall).



Foto IV.1.3.3.

Foto IV.1.3.3. Sala principal formalmente mobiliada. Sobre a mesa de centro, uma infinidade de objetos cuidadosamente dispostos sobre o trilho de crochê. Cortinas na janela e a porta principal vista internamente.



Foto IV.1.3.4.

Foto IV.1.3.4. Estante da sala principal. Já descrita anteriormente, abriga não só objetos de preferência da dona da casa, como também dos demais membros da família.



Foto IV.1.3.5.

Foto IV.1.3.5. Penteadeira do dormitório do casal. A exemplo da estante da sala, a penteadeira desempenha uma função semelhante nos dormitórios. Este móvel de desenho simétrico e um pouco estranho reúne uma diversidade de objetos. Apóia “enfeites” e toda linha de cosméticos e objetos de vaidade da mulher, inclusive o espelho (estranho pelo tamanho desproporcional do espelho em relação à base do móvel).



Foto IV.1.3.6.

Foto IV.1.3.6. Penteadeira do dormitório da filha. Além do bichinho de pelúcia, apóia o som e a TV.



Foto IV.1.3.7.

na. A conversa ocorre na copa. No fundo, a porta de ligação com a garagem. Esclareço que esta análise foi feita observando os estudos e as recomendações sobre a organização espacial em arquitetura.



Foto IV.1.3.8.

Foto IV.1.3.7. Cozinha. Conjugada com a copa, é ampla e possibilita a organização de armários e toda linha de eletrodomésticos, que visa facilitar a vida moderna. Está situada no centro da moradia, portanto, articula de forma complicada toda a circulação entre social, serviço e íntimo, o que poderá estabelecer conflito no uso do espaço e dos equipamentos, comprometendo a privacidade de quem circula, por exemplo, entre o banheiro e o dormitório, principalmente quando há visitas na cozinha.

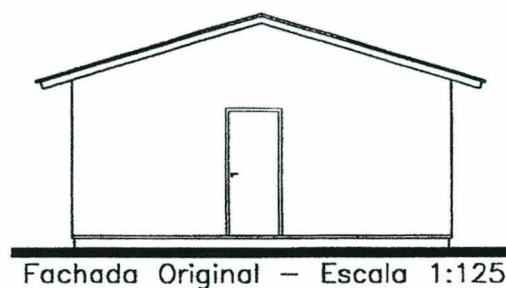
Foto IV.1.3.8. Churrasqueira. Localizada sobre a garagem, é um ambiente agradável e bem organizado para a função a que é destinado. Da churrasqueira podemos ver a rua lateral, os lotes e as casas vizinhas. Na foto podemos ver a escada que dá acesso à churrasqueira.



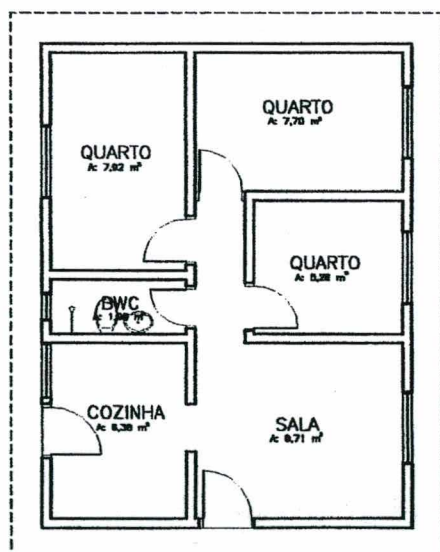
Foto IV.1.3.9.

Foto IV.1.3.9. Terraço. Extensão da churrasqueira, dele podemos ver a rua lateral. Abriga quase todas as funções do "quintal" - já que o lote está quase todo ocupado pela moradia ampliada -, porém numa nova situação. Neste terraço, são permitidos os varais à mostra. Em outros tempos, não se permitia um varal de roupas à vista; todas as atividades de serviço doméstico eram acomodadas no quintal, local ao qual o público não tinha acesso, nem visualmente.

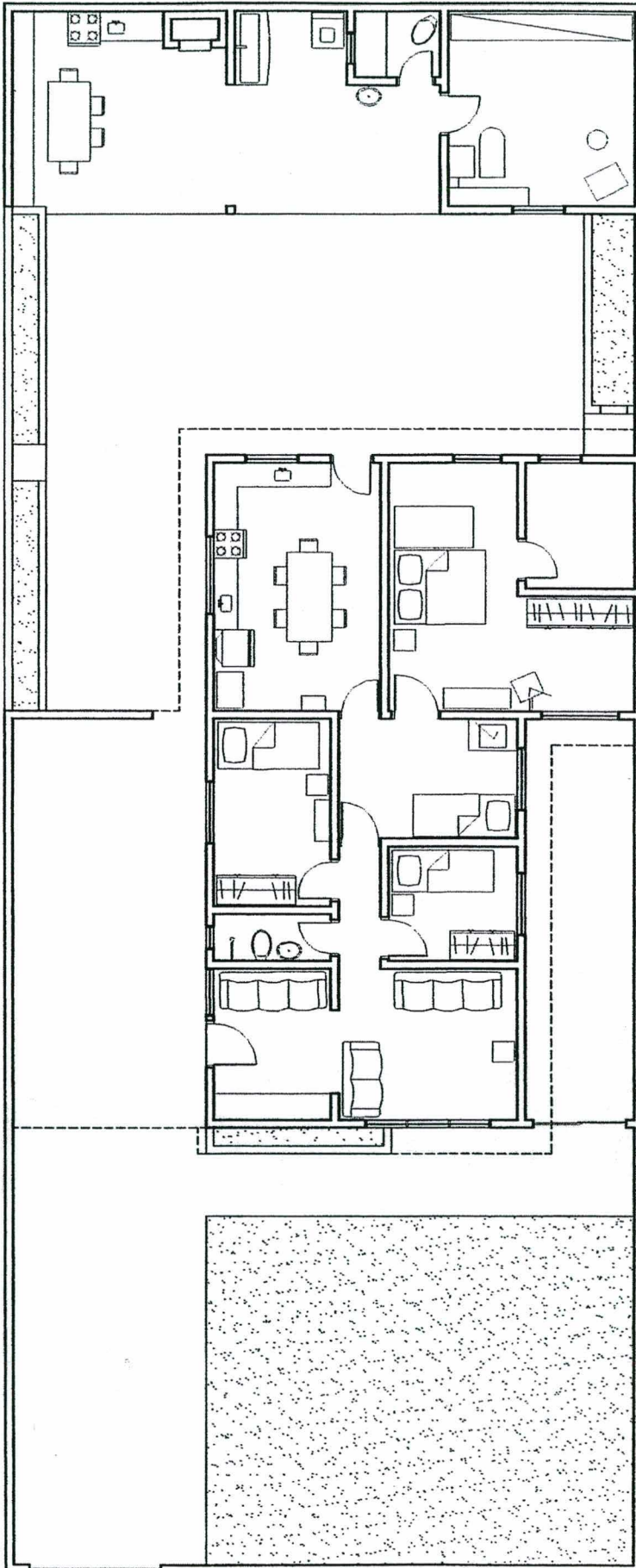
## IV.2. A Moradia da Vegetação



Fachada Original – Escala 1:125



Planta Baixa da Moradia Original  
Escala: 1:125



Planta Baixa com layout da Moradia Atual  
Pavimento térreo - Escala: 1:125

#### IV.2.1. Histórico dos moradores

O grupo familiar é constituído por um casal e três filhos. O proprietário é natural de Tubarão-SC, e sua esposa, de Imaruí-SC. Vieram para o conjunto em busca da casa própria. Antes moravam no Centro de Florianópolis.

Nesta moradia, encontramos uma situação especial: um dos filhos do casal é portador de deficiência neurológica adquirida em função de um problema ocorrido no primeiro ano de vida. Esse filho permanece na sala de TV, próxima à cozinha, pois a presença da mãe se faz necessária sempre ao lado dele.

*“Sala na frente e cozinha nos fundos, a meu ver, favorece o isolamento da sala.”* Para a moradora, a posição da sala dentro da moradia deve ser repensada para garantir seu uso.

Os moradores gostam do bairro, porém possuem uma casa de praia no Campeche, onde passam os finais de semana e os três meses do verão. Segundo os moradores, o comércio do conjunto é satisfatório para situação de emergência. As compras maiores são feitas no Supermercado “Mini Preço” em Barreiros.

*“Somos católicos ‘não praticantes’; freqüentamos a Igreja N.S. do Rosário (localizada no Bela Vista II).”*

#### IV.2.2. Reformas

A moradia original era de três dormitórios; está situada no meio de quadra. As reformas basearam-se em acréscimos à moradia original, salvo intervenções nas aberturas e deslocamento de uma das paredes internas. Portanto, o corpo da moradia original permanece intacto, bem como suas paredes divisórias, conformando espaços cujas alterações foram as seguintes: alteração do uso da antiga cozinha – ela agora faz parte da sala; fechamento da antiga porta social (da sala), ampliando esse ambiente; alargamento do vão da abertura que liga a antiga cozinha à sala, propiciando a integração dos dois ambientes; diminuição de um dos quartos originais, permitindo a continuação do corredor até a nova parte da moradia.

A porção nova da moradia foi construída entre seu alinhamento original e a divisa de uma das laterais, e constitui-se dos seguintes ambientes: cozinha, que dá continuidade à circulação da moradia, levando-a até o pátio dos fundos, e suíte, cujo BWC ainda não foi mobiliado.

A garagem foi construída avançando-se parte da moradia até a divisa da outra lateral. Ela é semi-aberta. A edícula foi construída como apoio à moradia e contém a área de serviço, um BWC, depósito, área para churrasqueira e varal.

### IV.2.3. Descrição da moradia



Foto IV.2.3.1.

Foto IV.2.3.1. Fachada principal. A porta principal não é percebida, porque está localizada na lateral esquerda, ou seja, dentro do abrigo do carro.



Foto IV.2.3.2.

Foto IV.2.3.2. Sala principal. É ampla, está localizada na parte da frente e está organizada em dois ambientes: o primeiro é uma ante-sala, logo na entrada, o segundo (foto IV.2.3.2) é o setor principal da sala. É pouco usada; eventualmente é utilizada como dormitório para visitas. Podemos dizer que a família não usa este espaço; está sempre fechado.



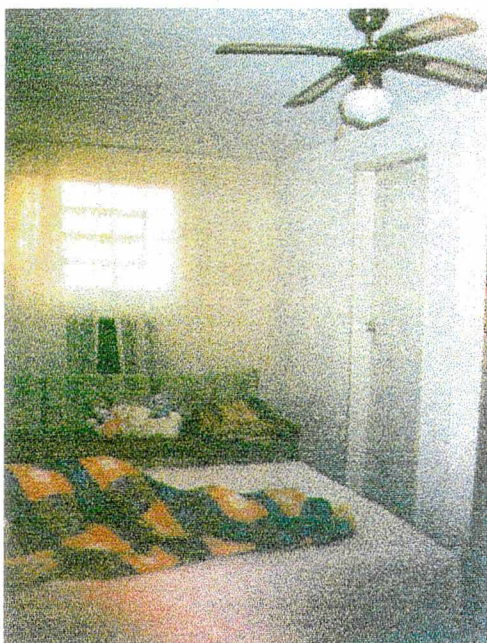


Foto IV.2.3.3.

Foto IV.2.3.3. Dormitório do casal. O sofá é utilizado como cama para o filho deficiente. À noite ele é colocado ao lado da cama do casal, do lado da mãe. A porta fechada é o banheiro, também dimensionado e organizado para uso do filho, que é totalmente dependente.



Foto IV.2.3.4.

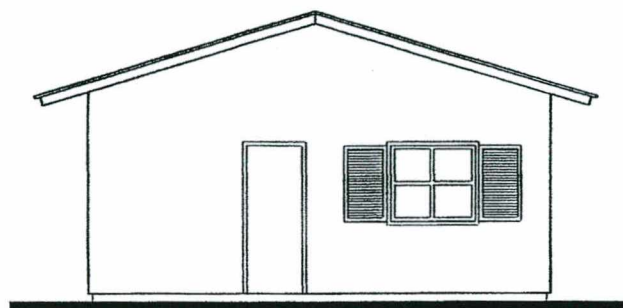
Foto IV.2.3.4. Cozinha. Conjuga diversas funções: preparo de alimentos, refeições, receber pessoas, estudar etc. As cortinas fechadas e a luz acesa. Segundo a moradora, as cortinas estão fechadas porque a intensidade do sol incomoda. Porta que dá acesso aos fundos; pode-se ver a edícula.



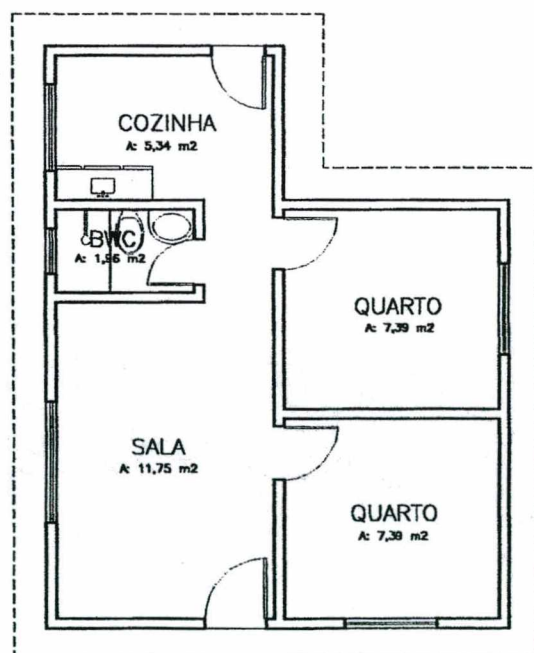
Foto IV.2.3.5.

Foto IV.2.3.5. Edícula. Abriga diversas funções: churrasqueira (usada eventualmente) e serviços domésticos (lavar, secar e passar roupas). O lote é pavimentado (piso cerâmico). Para a moradora são dispensáveis canteiros para plantar temperos; tudo pode ser comprado. Ela alega a falta de tempo em função da dedicação ao filho.

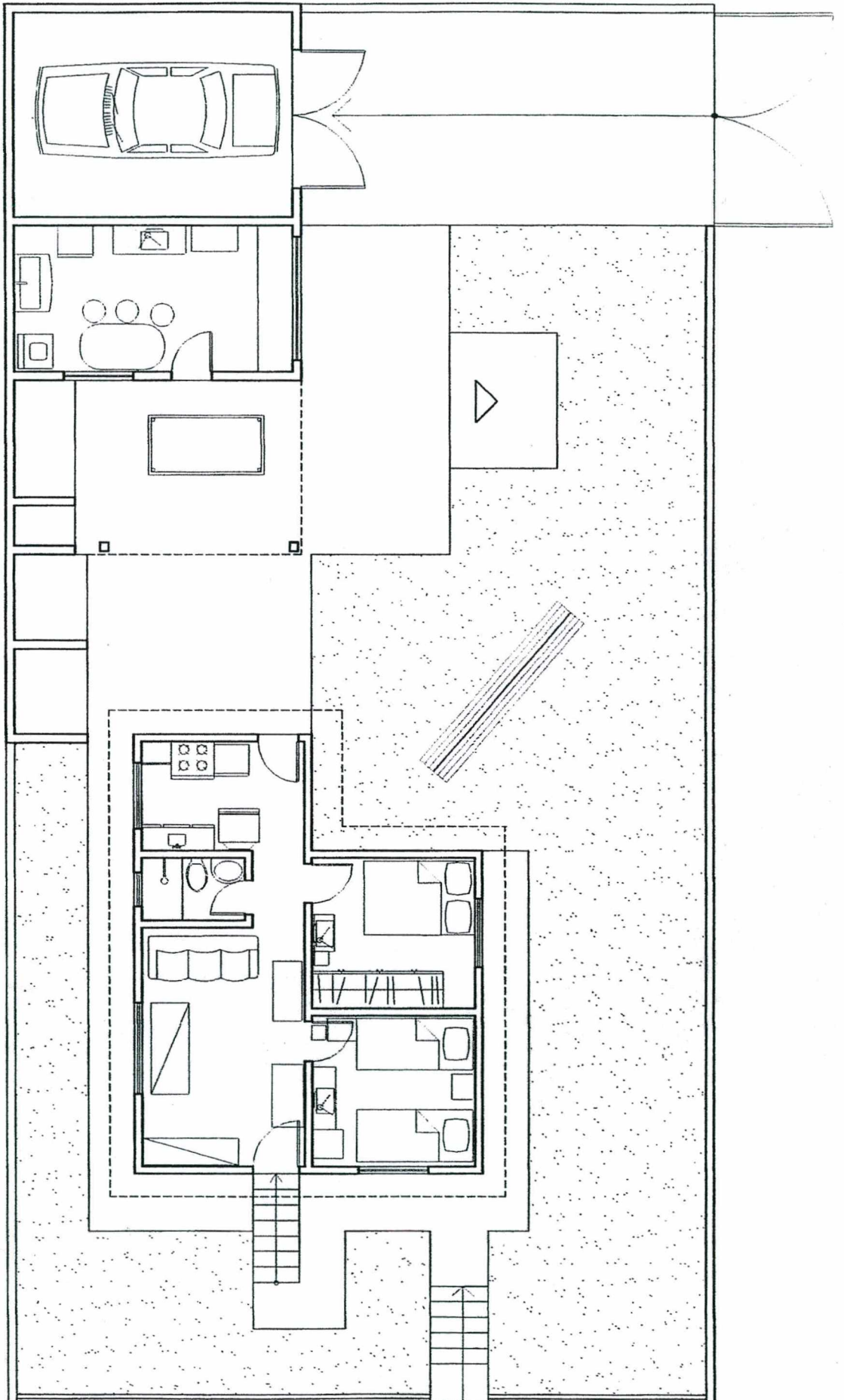
### IV.3. A Moradia do Quintal



Fachada Original – Escala 1:100



Planta Baixa da Moradia Original  
Escala: 1:100



Planta Baixa com layout da Moradia Atual  
Pavimento térreo - Escala: 1:100

### **IV.3.1. Histórico dos moradores**

Moram na residência o casal (36) e (37) e seus quatro filhos de 15, 12, 11 e 7 anos. Trata-se da família mais numerosa entre as investigadas, ocupando uma das casas com menor área (a original do Bela Vista III mais a edícula).

A proprietária, além das atividades domésticas, desenvolve eventualmente trabalhos de arte aplicada, comercializados por parentes em Criciúma. Ela é natural de Criciúma; morou no Bela Vista em outra casa, junto com seus pais, enquanto era solteira.

O proprietário é natural da ilha e desde criança gosta de pássaros e plantas, o que se reflete na utilização do quintal, com vários viveiros de aves, um canil e algumas árvores frutíferas, entre outras plantas. Há pouco tempo ele perdeu seu emprego como gerente de um banco privado, e atualmente trabalha no período noturno em serviço de compensação de cheques.

O imóvel foi adquirido com fins de investimento, em 1978. Os critérios de escolha foram preço acessível e vista bonita. A garagem já existia na época da aquisição da moradia. O imóvel foi ocupado por eles três anos após a aquisição, a partir do casamento.

Os filhos são incentivados a estudar (inclusive fazem cursos extracurriculares profissionalizantes), a cooperar nas atividades domésticas e a realizar pequenos serviços remunerados.

### **IV.3.2. Reformas**

A moradia, implantada numa esquina, mantém a planta original e possui dois dormitórios. A única ampliação foi a construção de uma edícula com garagem, construída onze anos após a ocupação da moradia. Há três meses, foi construída uma área coberta anexa à edícula, com o fim de abrigar a mesa de sinuca fabricada pelos filhos do casal. Os proprietários pretendem reformar a moradia dentro de dois anos; definiram como prioridade a ampliação do dormitório dos filhos e, em segundo lugar, da cozinha. Eles modificaram as cores originais das paredes e das esquadrias.

### IV.2.3. Descrição da moradia



Foto IV.3.3.1.

Foto IV.3.3.1. Fachada principal. Permanece original e está implantada em um lote em aclave. Acesso principal através de escadas. O portão não é utilizado. Mesmo que o proprietário quisesse aproveitar o desnível do terreno, é impossível porque o pé direito é muito baixo. A vegetação é densa e favorece a sombra e a privacidade no lote e na moradia. O lote está acima do nível da rua, o que obriga o proprietário a dispender elevados custos para a construção de muros de arrimo, necessários para evitar a erosão no lote.



Foto IV.3.3.2.

Foto IV.3.3.2. Entrada principal. Neste caso, definida pelos moradores, junto com a entrada do carro. O portão da garagem e também a entrada da moradia estão localizados no fundo do lote. Podemos destacar a parreira de maracujá em forma de portal, que reforça e embeleza a entrada. Ao lado do portão estão o galinheiro, o carregado limoeiro e outras árvores, que dão ao quintal um aspecto característico de propriedade rural, tornando-o interessante e diferente dos demais, na maioria das vezes pavimentados. Este quintal é um espaço de vivência e está totalmente apropriado pela família. É um espaço que incorpora as atividades de morar a nível do espaço aberto. Possui um programa extenso e claramente organizado: entrada, circulações, galinheiro, pequeno pomar, área de varal, casa de boneca, edícula com varanda, viveiro de periquitos, churrasqueira e canil.



Foto IV.3.3.3.

Foto IV.3.3.3. Casa de boneca. A casa de boneca da filha caçula está inserida no quintal, ao lado da circulação que liga o portão de entrada à porta da cozinha.



Foto IV.3.3.4.

Foto IV.3.3.4. Espaço de estudo improvisado na varanda da edícula. A edícula é um anexo de apoio à moradia principal, e nela estão a garagem e uma área de serviço fechada, que abriga múltiplas atividades. Nela existem um tanque, uma geladeira, uma máquina de lavar, armários velhos, uma pequena gaiola com uma galinha e seis pintos, uma mesa com banquetas utilizada para estudos dos filhos mais velhos e para as refeições.

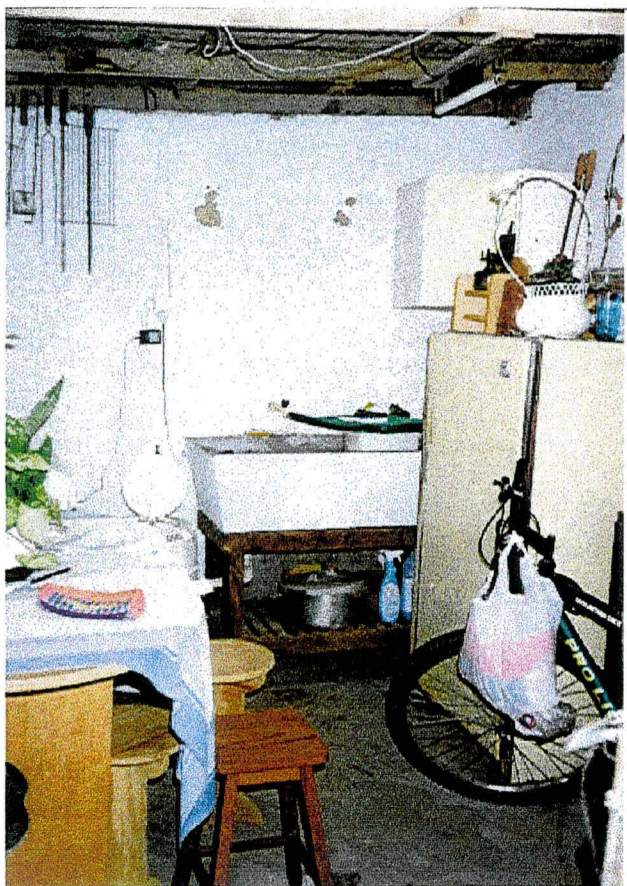


Foto IV.3.3.5.

Foto IV.3.3.5. Área de serviço. Uma pequena TV e um rádio em cima da máquina de lavar. O rádio está ligado e o assunto que está sendo discutido é o celibato. A família é católica e frequenta a igreja. A dona da casa é devota de Santo Antônio e reza o respôncio (oração pedindo a Santo Antônio para ajudar os que estão em dificuldades e a encontrar objetos perdidos) sempre que alguém pede ajuda. A varanda é uma extensão desta área de serviço, e nela encontramos uma mesa de sinuca, os bancos e um viveiro de periquitos australianos, que “conversam” o tempo todo. A churrasqueira está ao lado do viveiro e o canil está ao lado da churrasqueira, abrigando a Pink e o Juli, agitados com minha presença.

Foto IV.3.3.6. O quintal. Visão mais ampla da organização do espaço, incluindo a casa de boneca, a circulação de chegada, a edícula e a fachada de fundo da moradia com a porta da cozinha.



Foto IV.3.3.6.



Foto IV.3.3.7.

Foto IV.3.3.7. A cozinha. Nesta moradia, a cozinha permanece sem modificação, é pequena como propõe o projeto original. Possui uma geladeira, balcão da pia com 1,20m de comprimento, fogão de seis bocas, forno microondas, alguns armários altos, pequena mesa de apoio; não possui espaço para as refeições. Nos dias de chuva, a família não utiliza a edícula para as refeições; cada um faz o seu prato e se acomoda normalmente nos dormitórios, utilizando as camas para sentar. Segundo o proprietário: *“A cozinha é o espaço mais importante da casa. No ritmo de hoje das famílias que trabalham e estudam, os horários são diferentes e com isso não nos reunimos para o almoço. Mesmo assim é importante existir uma mesa maior, local definido*

*para a reunião durante as refeições nos finais de semana.”* Segundo a dona da casa, *“para a Cohab, pobre não come, porque com uma cozinha desse tamanho...; e nos apartamentos, ninguém precisa lavar roupas, porque não tem área de serviço.”*

Foto IV.3.3.8. Dormitório do casal. É pequeno, portanto a circulação é mínima. A cama de casal e o armário ocupam quase todo o dormitório. Possui ainda um criado-mudo e uma cômoda com TV e vídeo. A cama está encostada na parede, ou seja, uma de suas laterais não tem acesso. A cortina estampada em marrom está sempre fechada, escurecendo o ambiente; a sensação de confinamento é reforçada pelo pé direito baixo. O fato que nos chamou a atenção foi a boneca sobre o criado-mudo no dormitório do casal; a situação se repete em outras moradias analisadas.



Foto IV.3.3.8.





Foto IV.3.3.9.

Foto IV.3.3.9. Dormitório dos filhos. São três filhos adolescentes (11, 12 e 15 anos); todos estudam e paralelamente fazem cursos que possam favorecer a possibilidade de trabalhos; por exemplo, um dos meninos estava fazendo curso para confeitoiro. O espaço do dormitório é pequeno e está organizado com um beliche e uma cama de solteiro, dois armários pequenos, uma prateleira para som e TV, duas prateleiras com uma coleção de latas de cerveja, um criado-mudo e um violão sobre o armário. O espaço para circular e abrir portas é mínimo. Os proprietários reclamam da infestação de cupins, que compromete a durabilidade da moradia.

Foto IV.3.3.10. Dormitório da filha caçula. No projeto original, este espaço é a sala principal; porém, para uma família com quatro filhos, a solução foi transformar a sala em dormitório. *“Enquanto ela era bebê, o berço ficava no nosso quarto.”* Agora a menina está com sete anos e reivindica um quarto para ela; não concorda que os pais e irmãos tenham seus dormitórios e ela não. Certamente a primeira reforma deverá atender o desejo da filha. O espaço onde ela dorme possui móveis pesados de cor escura, que servem para guardar roupas em geral. Há cortinas inclusive nas paredes que não têm janelas. As cortinas e as janelas fechadas são freqüentes; em alguns casos, garantem a privacidade, em outros, deixam o ambiente mais bonito e evitam a entrada da poeira. A cama é um sofá. O ambiente é escuro e confinado. A porta destinada à entrada principal não é utilizada. Há pouco tempo, havia uma cômoda em frente à porta, impedindo qualquer possibilidade de uso. O único sinal que denuncia que ali dorme uma criança é a presença do ursinho sobre o sofá-cama.

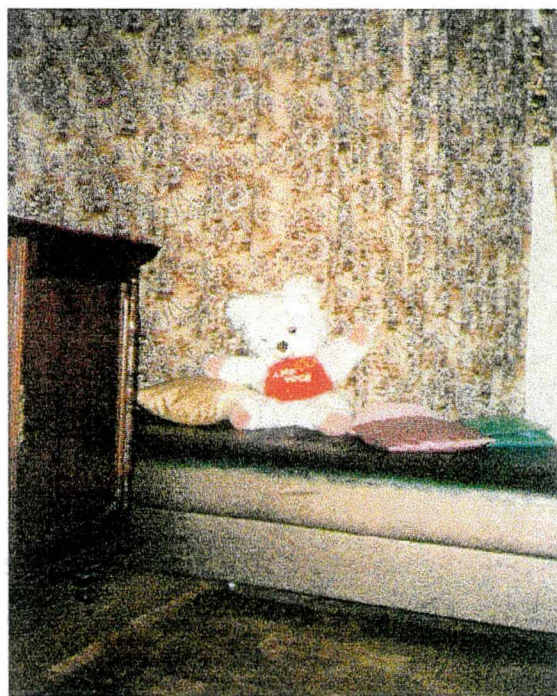
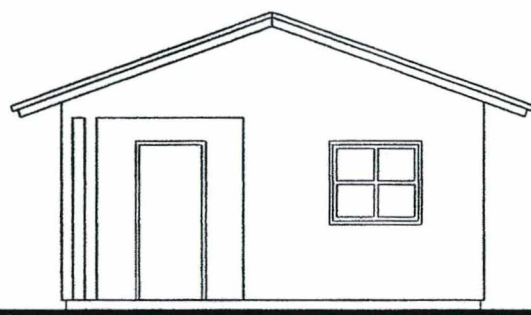
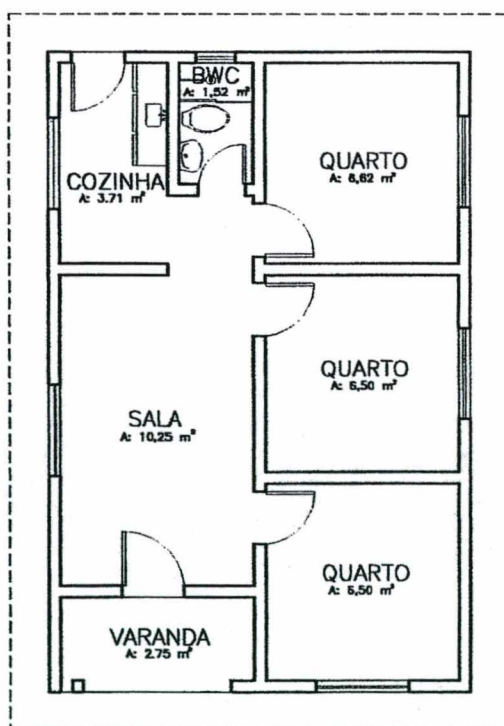


Foto IV.3.3.10.

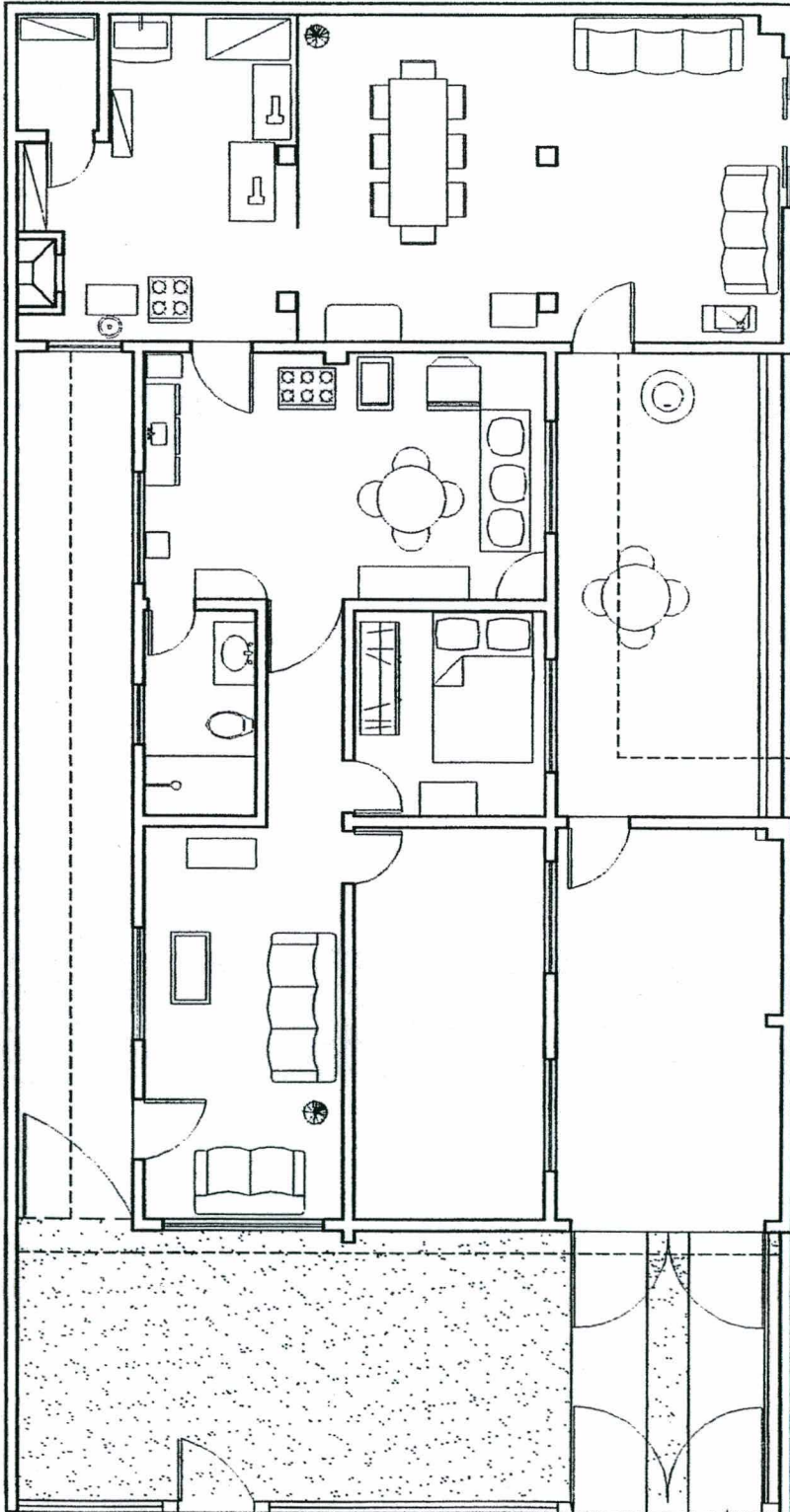
#### IV.4. A Moradia da Esquina



Fachada Original – Escala 1:100



Planta Baixa da Moradia Original  
Escala: 1:100



Planta Baixa com layout da Moradia Atual  
Pavimento térreo - Escala: 1:100

#### IV.4.1. Histórico dos moradores

As moradoras são três irmãs solteiras de idade aproximada entre 50 e 58 anos. As três são aposentadas, uma como professora, outra como costureira e outra como balconista. Elas são naturais do bairro de Coqueiros, de Florianópolis.

As moradoras foram residir no conjunto logo após a inauguração e acompanharam todo o processo de crescimento e transformação do mesmo. Relatam situações da época sobre as dificuldades geradas pela falta de infra-estrutura do conjunto. Hoje, embora gostem de morar lá, enfrentam o problema do tráfico de drogas nas imediações. *“Nossa rua é chamada de boca do fumo; é agitada, e acontece crime por aqui. Precisa melhorar o policiamento do bairro. Vivemos fechadas aqui dentro.”*

Sempre que eu era recebida nesta moradia, era observada todo tempo pelos traficantes que marcavam ponto na esquina. Às vezes, cercavam meu carro estacionado lá fora. Já no final, fui abordada na rua por um grupo que queria saber de onde éramos e o que estávamos fazendo ali. Essa situação de controle do território persiste nesta rua do bairro, amedronta os moradores e compromete a liberdade de circular nas ruas; preocupa os pais que procuram colocar seus filhos em colégios no centro da cidade.

#### IV.4.2. Reformas

A moradia está implantada numa esquina do conjunto; originalmente possuía três dormitórios. As moradoras executaram quatro etapas de reforma na moradia. A primeira reforma serviu para resolver o problema de infestação de cupins e de infiltração de umidade pelo assoalho, ou seja, drenar e secar o terreno que vertia água. Além disso, serviu para instalar um anexo nos fundos do lote para abrigar as atividades de jardim de infância, administrado pela irmã professora e pela sobrinha, também professora. Na última reforma, efetuou-se a ocupação quase que total do lote, e, dos três dormitórios que possuía originalmente, a moradia ficou com apenas dois. Onde era a cozinha, ficou o novo banheiro. O banheiro original se transformou em corredor. A sala incorporou a varanda original, e a nova cozinha passou a medir 4 x 6 m.

### IV.4.3. Descrição da moradia



Foto IV.4.3.1.

Foto IV.4.3.1. Fachada principal. A reforma descaracterizou o modelo original padronizado. A porta de entrada está no corredor da lateral esquerda; portanto, não é percebida por quem passa na rua. A ampliação é horizontal e alcança o limite da rua, criando um paredão fechado, que impede a relação da casa com a rua e com a vizinhança. A entrada utilizada está no final do muro branco, no limite da calçada. Um pequeno jardim garante o afastamento da moradia em relação à avenida mais movimentada do conjunto. Na lateral direita está o portão da garagem, porém as moradoras não possuem carro.

Foto IV.4.3.2.

Copa integrada com sala de convívio. O anexo construído para o jardim de infância hoje abriga uma cozinha simples de uso diário, área de serviço fechada, depósito, churrasqueira, uma copa com uma mesa grande para festejar aniversários e a sala de TV e convívio, que também cumpre a função social de receber visitas. Na foto aparece a porta de entrada.



Foto IV.4.3.2.



Foto IV.4.3.3.

Foto IV.4.3.3. A nova cozinha principal. O espaço soma 24 m<sup>2</sup>; é impecável, mas não é utilizado para funções diárias. Abriga todos os equipamentos eletrodomésticos da vida moderna, uma copa, um canto com sofá e uma pequena TV. Nesta cozinha é possível usar tapete no chão.

Foto IV.4.3.4. Espaço lateral privado. Além do pequeno jardim da frente da casa, o único espaço aberto restante é este corredor lateral que tem acesso através de uma porta situada na sala de convívio, protegida por um toldo verde. As janelas da cozinha principal e de um dos dormitórios são voltadas para este corredor. Embora tenha a função de área de serviço, lavanderia e área para ventilação, recebe um tratamento característico de terraço, ou seja, piso cerâmico e conjunto de mesa, cadeira e guarda-sol utilizados em terraços ou áreas de piscina. (O guarda-sol lembra uma melancia.) O muro limite com a rua é alto, e na parte superior recebe uma floreira com plantas cheias de espinhos, popularmente conhecidas como Coroa de Cristo, certamente para dificultar caso alguém queira pular o muro.



Foto IV.4.3.4.

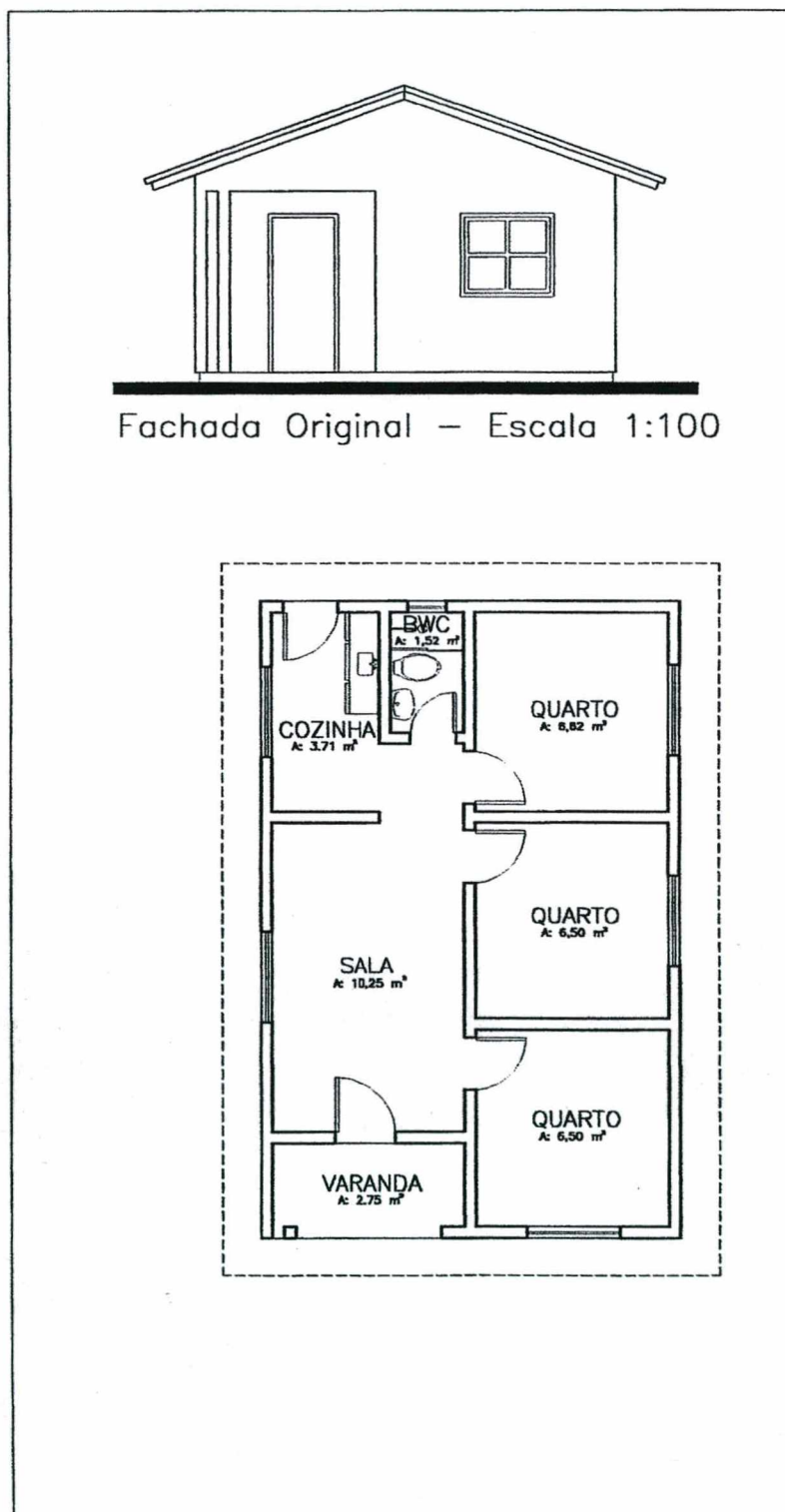
Os dormitórios são organizados da seguinte forma: os dois dormitórios originais dispostos na lateral da sala foram unidos e acomodam duas irmãs; o terceiro dormitório original, localizado na parede de fundos da moradia, é utilizado pela moradora que me recebeu. Não foi possível fotografar os dormitórios, porque uma das moradoras não concordou. Ela alegou que existem casas mais bonitas para serem fotografadas.



Foto IV.4.3.5.

Foto IV.4.3.5. Sala principal. Localizada na parte da frente da moradia, é bem mobiliada, porém ninguém a utiliza. Piso cerâmico brilhante, fartas cortinas com bandô em cetim bordô, conjunto de estofados, vasos com plantas naturais e, sobre a mesa de centro, um arranjo de flores artificiais. Forro em madeira e o lustre que, cuidadosamente escolhido, reforça o valor que as moradoras dão ao espaço.

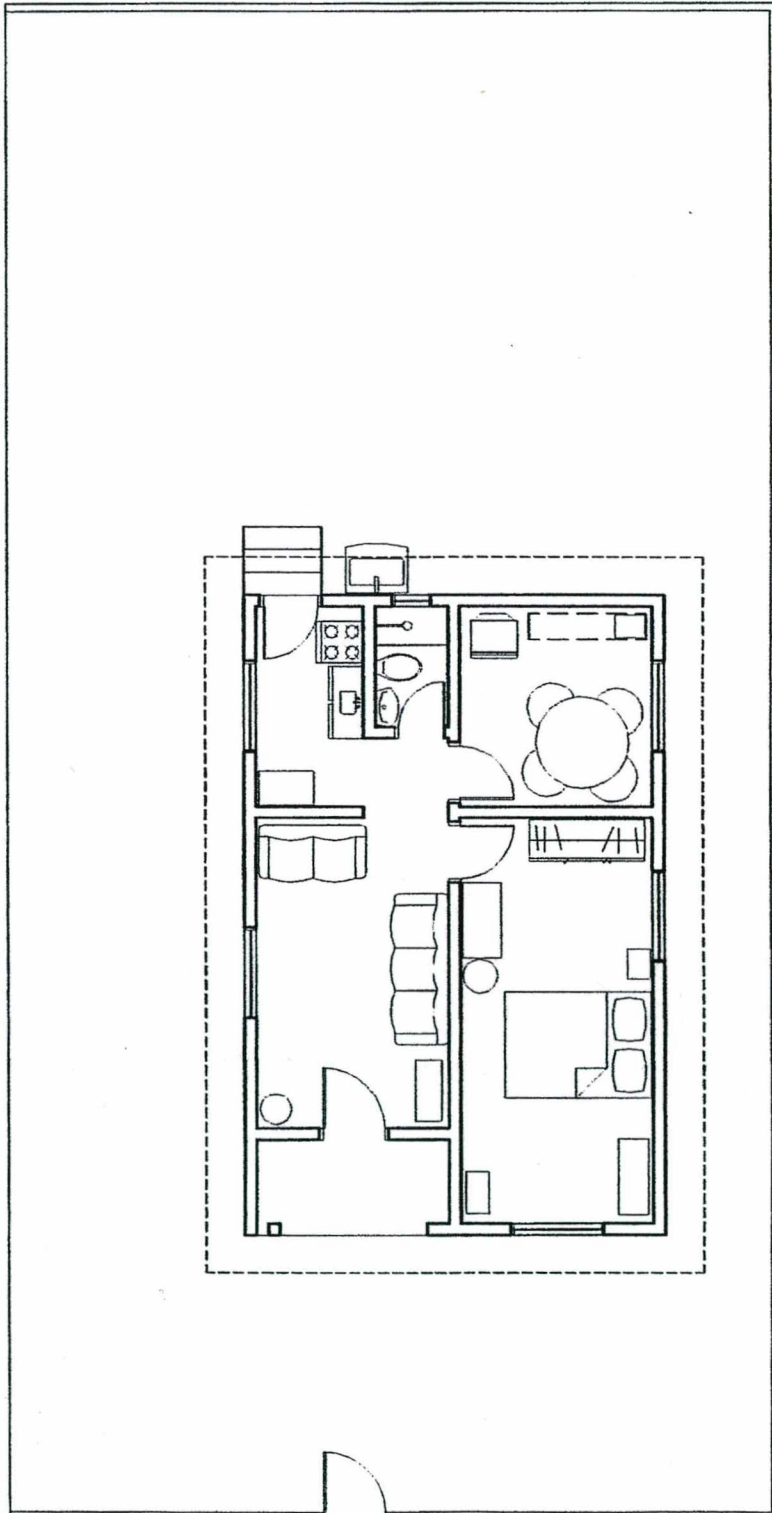
## IV.5. A Moradia dos Hibiscos



Fachada Original – Escala 1:100

Planta Baixa da Moradia Original  
Escala: 1:100





Planta Baixa com layout da Moradia Atual  
Pavimento térreo - Escala: 1:100

#### IV.5.1. Histórico dos moradores

Reside na moradia apenas a proprietária (64). Ela é natural de Nova Veneza-SC e morou durante alguns anos em Criciúma. De lá ela se mudou para Florianópolis, passando a morar de aluguel no bairro Estreito.

Mudou-se para o conjunto em 1971; na época, já estava separada do marido. Conta que havia poucas famílias moradoras nas imediações, umas dez ao todo. Foi a primeira a ocupar esta moradia, juntamente com seus quatro filhos.

A moradora fala das dificuldades da época, porém teve coragem e determinação para permanecer no conjunto e criar a família sozinha. Optou pela casa porque, segundo ela, a casa tem mais valor. Trabalhava no Hospital Florianópolis como secretária desde a inauguração do hospital. Não se aposentou.

Há vinte anos ela mora sozinha, pois todos os filhos se casaram, sendo que um deles mora em São Paulo, outro em Brusque, outro em Chapecó, e apenas um deles mora em Florianópolis, no bairro Monte Cristo.

A moradora é católica "não praticante". Segundo ela, não vai à missa aos domingos. *"Não participo do Bingo; gosto de bailes. Não concordo que o Centro Comunitário seja usado para baile e velório. Prefiro as capelas dos hospitais e cemitérios; acho mais coerente."*

#### IV.5.2. Reformas

A moradia não sofreu ampliação, permanecendo com quase todas as características do projeto original. Está localizada numa esquina do conjunto; originalmente possuía três dormitórios.

Nos primeiros anos foram colocadas venezianas nas janelas, devido à intensa claridade, além de revestimento cerâmico nas paredes e no piso da cozinha e no do sanitário. Mais tarde foram colocadas grades nas janelas e portas externas da moradia, devido aos freqüentes assaltos que, segundo a moradora, ocorriam quando não havia ninguém em casa. Há um ano foi removida a parede que separava os dois primeiros quartos da moradia, com a intenção de tornar o dormitório da proprietária mais espaçoso. O quarto dos fundos é usado como área de refeições e de apoio à cozinha, desde que a proprietária ocupou o imóvel.

A moradora enfatiza os problemas causados pela invasão de cupins. Ela reconhece a necessidade de reformar a moradia com urgência. *"Cheguei aqui alegre e já plantando. Queria minha casa diferente; pinte de rosa. A cozinha é pequena, mas, na época dos filhos pequenos me virei bem. O barulho da avenida incomoda. Eu estava negociando a casa, mas ainda não deu certo; o jeito é reformar e ficar aqui."*

Após aproximadamente seis meses do término do trabalho de campo a moradia foi vendida. Hoje já existe um sobrado no lugar.

### IV.5.3. Descrição da moradia



Foto IV.5.3.1.

Foto IV.5.3.1. Fachada principal. Permanece original e está cercada de exuberantes hibiscos, que florescem o ano todo e dão privacidade ao lote. Só é possível perceber o aconchego, para quem está dentro do lote observando as ruas que desenham a esquina. A vegetação contribui inclusive para reduzir os ruídos dos veículos que circulam na Avenida Brasil. A moradora plantou hibiscos porque gosta de plantas e flores. Todo lote é cercado com vegetação; na lateral esquerda não existe muro e mesmo assim o lote não é devassado. O verde, além de deixar o entorno da moradia diferente das demais, contribui para tornar o espaço agradável pela sombra em alguns cantos e pelo cheiro exalado pelas plantas. Além dos hibiscos, a moradora cultiva o guiné e o alecrim; segundo ela, são só para chá. *“As plantas me energizam, abro as janelas de manhã e os cachos de flores entram dentro de casa.”* A entrada é marcada pelo portão para pedestres, e a pequena varanda abriga a porta principal. A moradora usa a entrada secundária, ou seja, a porta da cozinha, que está na fachada de fundo. Ela não possui carro.



Foto IV.5.3.2.

Foto IV.5.3.2. Sala principal. Os estofados cobertos com lençóis demonstram o desuso do ambiente. Nele estão organizados um conjunto de estofados, uma estante com muitas plantas, um vaso pendurado no teto, uma mesa redonda coberta com uma toalha, apoiando objetos que recebem destaque pela moradora: um jarro vermelho e dourado e uma vela de sete dias, apenas enfeitando (não está acesa). A cortina de renda branca cobre toda a parede e libera o vão da janela, que, como uma foto, enquadra

os hibiscos e os cachos de flores que enfeitam a sala. A porta fechada na parede de fundo é a porta principal. Ao lado da porta, uma foto da moradora, na praia, com traje de banho.



Foto IV.5.3.3.

Foto IV.5.3.3. Dormitório da moradora. Neste caso, dois dormitórios originais foram unidos e transformados num único e amplo dormitório. Nele organizam-se a cama de casal, a TV, um circulador de ar, uma cômoda, um guarda-roupas, uma penteadeira. Esse mobiliário está disposto de forma a permitir amplos espaços à direita e à esquerda da cama de casal. “Coloquei venezianas nas janelas; durante dez anos não era permitido modificar nada na casa.” As cortinas de renda branca estão em todas as janelas. A foto destaca um canto do dormitório onde estão as bonecas que, segundo a moradora, são das filhas, que as ganharam quando pequenas.

Foto IV.5.3.4. A penteadeira. Peça de destaque do dormitório da moradora. Apóia objetos de um repertório “kitsch”, assim como a imitação da bacia com o jarro utilizados antigamente nas moradias que não tinham banheiros internamente. As flores vermelhas são artificiais, e há um colar de pérolas apoiado no jarro. [A penteadeira é uma mesa com espelho e gavetas, na qual se encontram utensílios com que as mulheres se penteiam e se pintam.] Neste caso, falta a banqueta, que está sendo usada para apoiar as bonecas. Observamos que a função dada a esta penteadeira é apenas apoiar enfeites; não só as flores, mas também o porta-jóias amarelo, expressam simbolicamente a beleza e a vaidade femininas.



Foto IV.5.3.4.



Foto IV.5.3.5.

Foto IV.5.3.5. Sobre o guarda-roupas, o prato apoiando um copo com água e uma vela de sete dias acesa. Segundo a moradora, é para o anjo da guarda dar proteção. Na parede próxima à porta do banheiro, há um prato de louça pintado com a seguinte frase: “O Senhor é meu Pastor e nada me faltará.”

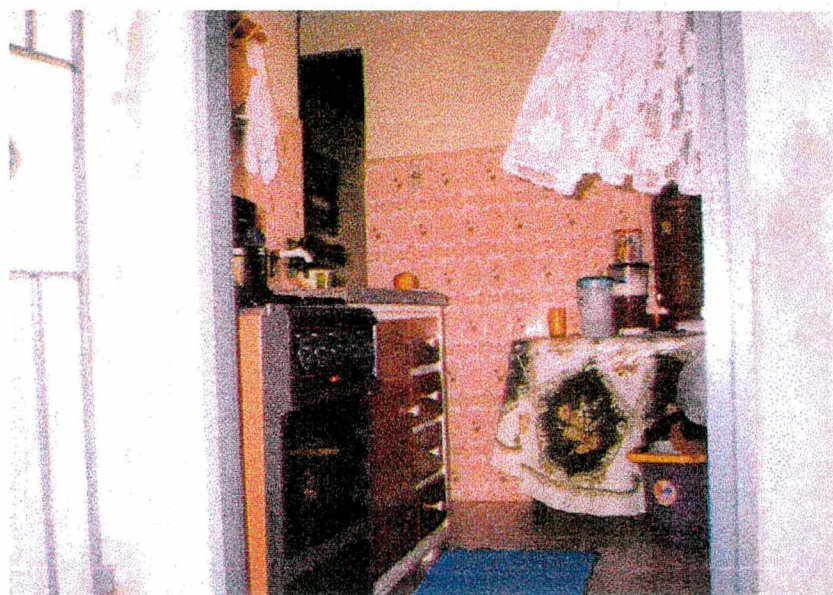
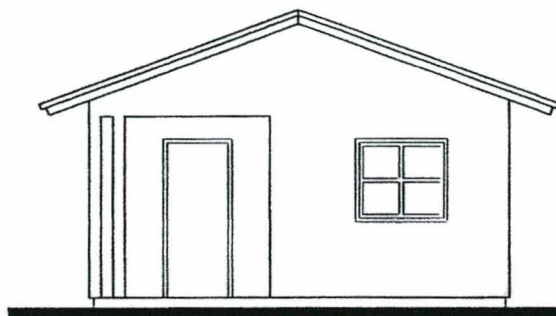


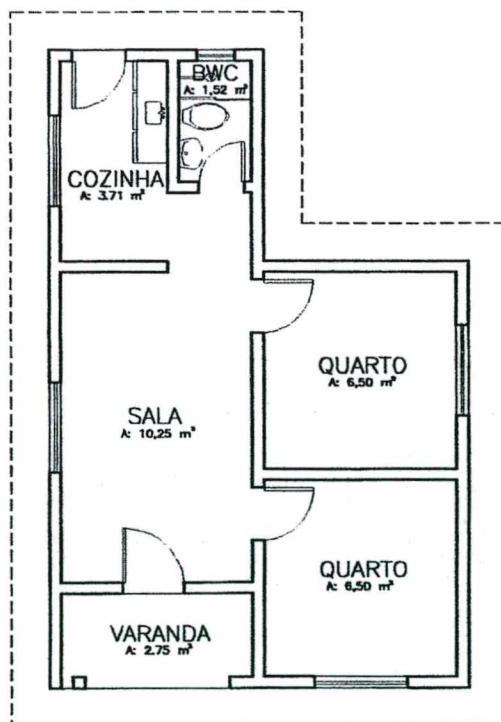
Foto IV.5.3.6.

Foto IV.5.3.6. A cozinha. Não sofreu modificações. É pequena e permite colocar apenas um fogão, uma geladeira e um balcão para pia com 1,20 m de comprimento. Neste caso, a moradora organizou a cozinha com o fogão, a pia e uma pequena mesa de apoio. A geladeira e a mesa para refeições estão na copa, que era o terceiro dormitório da moradia. A foto destaca a cortina de renda branca esvoaçante. O projeto original não prevê uma área de serviço. Nesta moradia, o tanque de lavar roupas é abrigado apenas por um beiral de 60 cm, ou seja, não é possível utilizá-lo em dias de chuva. “*Não tenho máquina de lavar roupa.*” O espaço de fundo do lote é reservado para as folhagens e os chás, para estender roupas e para o cachorrinho Tico. “*O Tico era menino de rua. Eu adotei; nos damos muito bem.*”

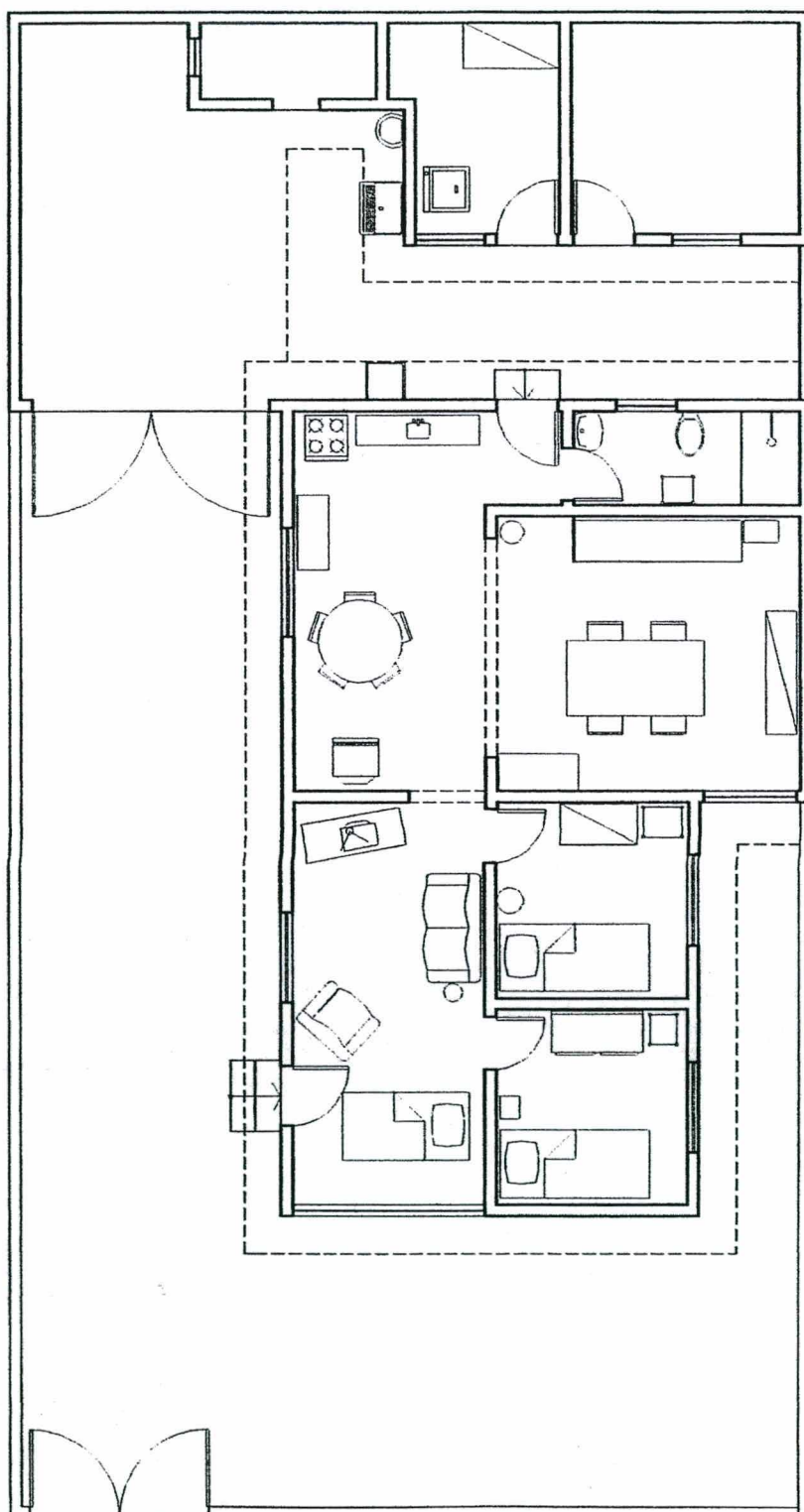
## IV.6. A Moradia da Árvore



Fachada Original – Escala 1:100



Planta Baixa da Moradia Original  
Escala: 1:100



Planta Baixa com layout da Moradia Atual  
Pavimento térreo – Escala: 1:100

#### IV.6.1. Histórico dos moradores

O grupo familiar é composto por uma dona-de-casa de 66 anos, viúva, e por seu filho deficiente físico/mental, de 30 anos. Ela é natural de Passo Fundo-RS, porém com seis anos de idade já se mudara com sua família para Caçador, no oeste de SC. A moradora contou que veio de Curitiba para Florianópolis com oito filhos pequenos. A mais velha faleceu aos sete anos de idade e tinha o mesmo problema do filho excepcional. Eram nove filhos. Eles tinham carro, e as crianças estudavam na escola local ou no Centro.

Residem na moradia desde 1971, tendo sido os terceiros proprietários. Um dos filhos casados, o penúltimo, montou uma oficina de automóveis, junto à edícula da residência. Ele frequenta a moradia durante o dia, auxiliando sua mãe nos cuidados com o irmão deficiente. A moradora estava alegre, atenciosa e me serviu um delicioso café da tarde.

#### IV.6.2. Reformas

A moradia original, que a moradora ocupou com a família na época, era de dois dormitórios e tinha varanda. Ela conta que três filhos dormiam no segundo dormitório, o caçula no dormitório do casal, e as quatro filhas na sala.

Logo no começo tiveram que fazer uma reforma, com uma ampliação executada em madeira. Construíram mais um banheiro, um dormitório e uma copa. Nas reformas que se seguiram, a porta da sala foi transferida da fachada frontal para a lateral esquerda; a antiga varanda foi incorporada à área da sala de estar; a cozinha foi ampliada e ficou conjugada à copa; o banheiro original foi destruído e substituído por um novo, nos fundos da área ampliada. Os dois dormitórios originais não sofreram ampliações.

A moradora afirma que não teve grandes problemas com relação ao conjunto. *“É tranquilo, nunca penso em sair daqui. O bairro é bonito e bom, gosto daqui. O ano que vem pretendo reformar a cobertura da casa e colocar laje na edícula.”* Em minhas observações, notei que, de acordo com a localização da moradia no conjunto, o morador fala em tranquilidade e segurança ou intranquilidade, medo, roubo etc.



### IV.6.3. Descrição da moradia



Foto IV.6.3.1.

Foto IV.6.3.1. Fachada principal. A fachada está modificada; ganhou telhado de quatro águas, janela nova, revestimento de pedra na parede da frente e grade. O jardim é singelo, apenas um quadrado de grama, mas a foto destaca a árvore solitária, numa rua árida, onde quase todos os lotes são pavimentados. A entrada de pedestre é pelo portão da garagem, e a porta principal está no corredor da lateral esquerda, portanto não é visível da rua. “*Uso muito a porta da frente.*” Não fotografei a sala, porque o filho excepcional permanece nela o tempo todo, deitado numa cama vendo TV. Ele torce pelo Vasco e não perde uma partida do time. A sala, além da cama, tem um pequeno conjunto de estofado, um rack apoiando a TV, um tapete, um relógio na parede branca, cortina de renda transparente. O piso da sala e o dos dois dormitórios é cerâmico marrom. É bem iluminada e arejada.

Foto IV.6.3.2. Dormitório da proprietária. O aspecto impecável desta moradia encanta qualquer pessoa, principalmente porque é cuidada por uma mulher de 66 anos, que também cuida de um filho excepcional totalmente dependente. A foto mostra o dormitório da dona da casa. A bela toalha de crochê cobre a mesa que apóia a bíblia e os livros de orações. O terço na cabeceira da cama também expressa a religiosidade e a fé dessa mulher. Observamos a colcha estendida de forma perfeita sobre a cama e o tapete de crochê branco sobre o piso marrom.



Foto IV.6.3.2.



Foto IV.6.3.3.

Foto IV.6.3.3. A cozinha. A nova cozinha é ampla e conjugada com a sala de jantar. O conjunto de mesa e cadeiras que vemos na foto é a copa integrada à cozinha. Nela tomamos um café da tarde completo. Para duas pessoas, não há necessidade de muitos equipamentos na cozinha. Mas para as reuniões da família, a cozinha com a sala de jantar são “suficientes”, segundo a moradora.

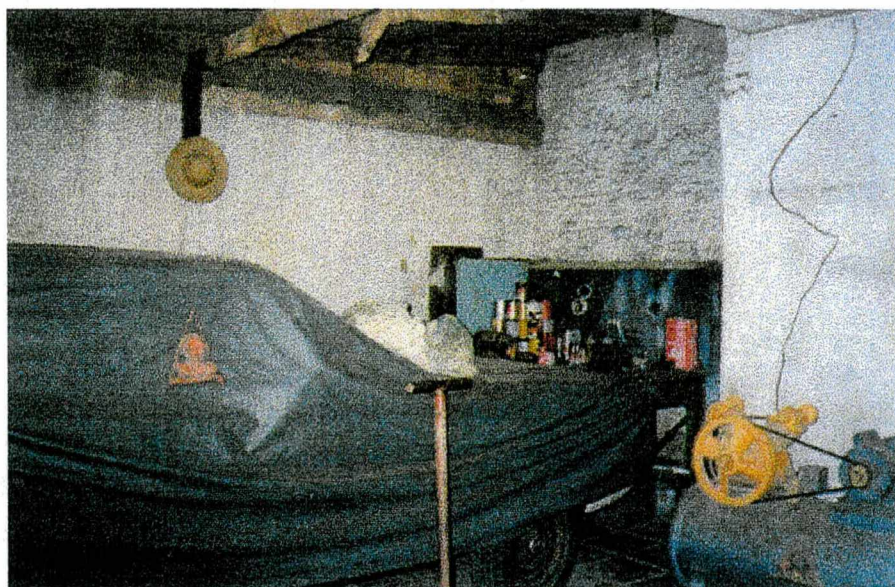
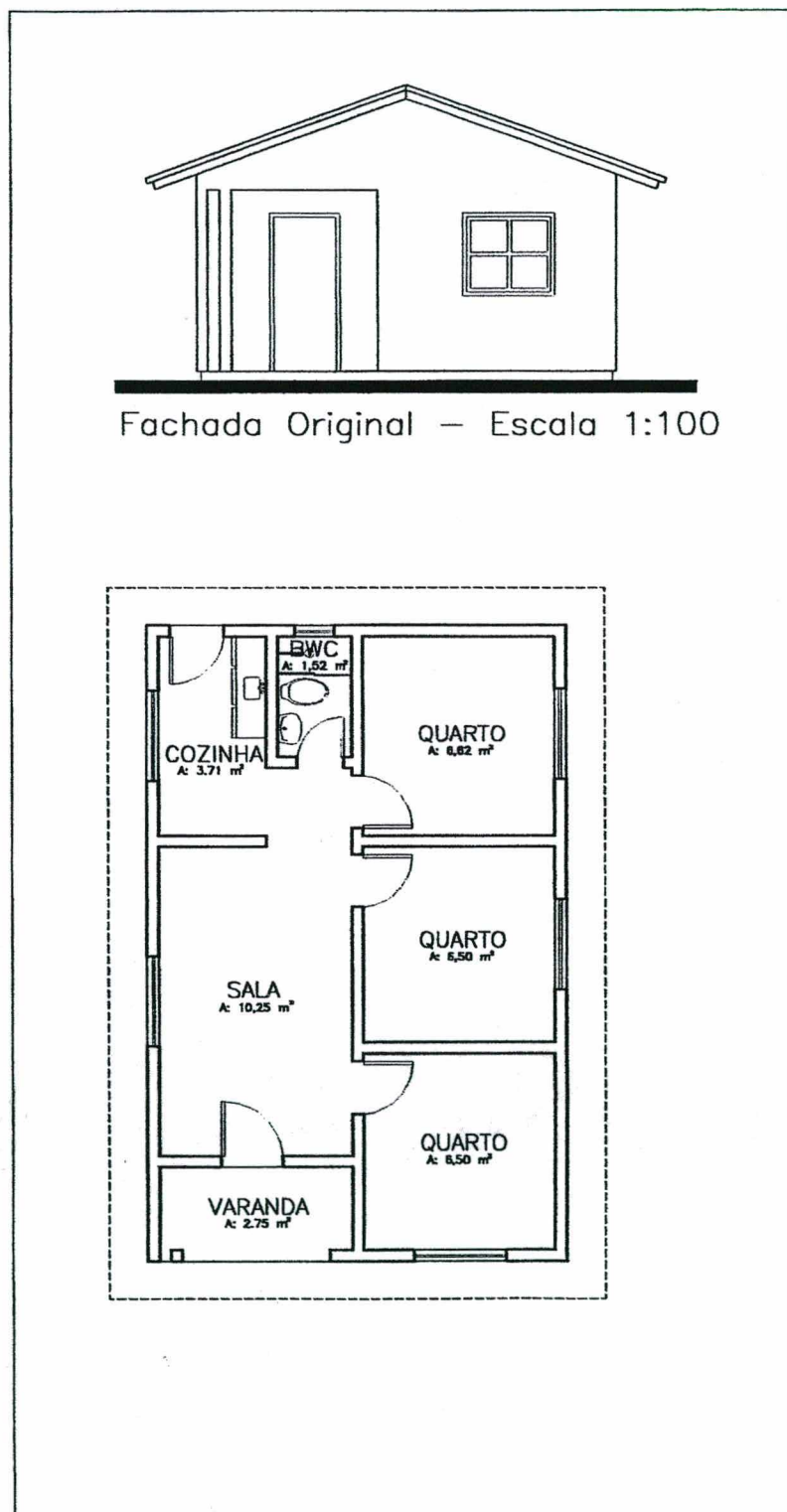


Foto IV.6.3.4.

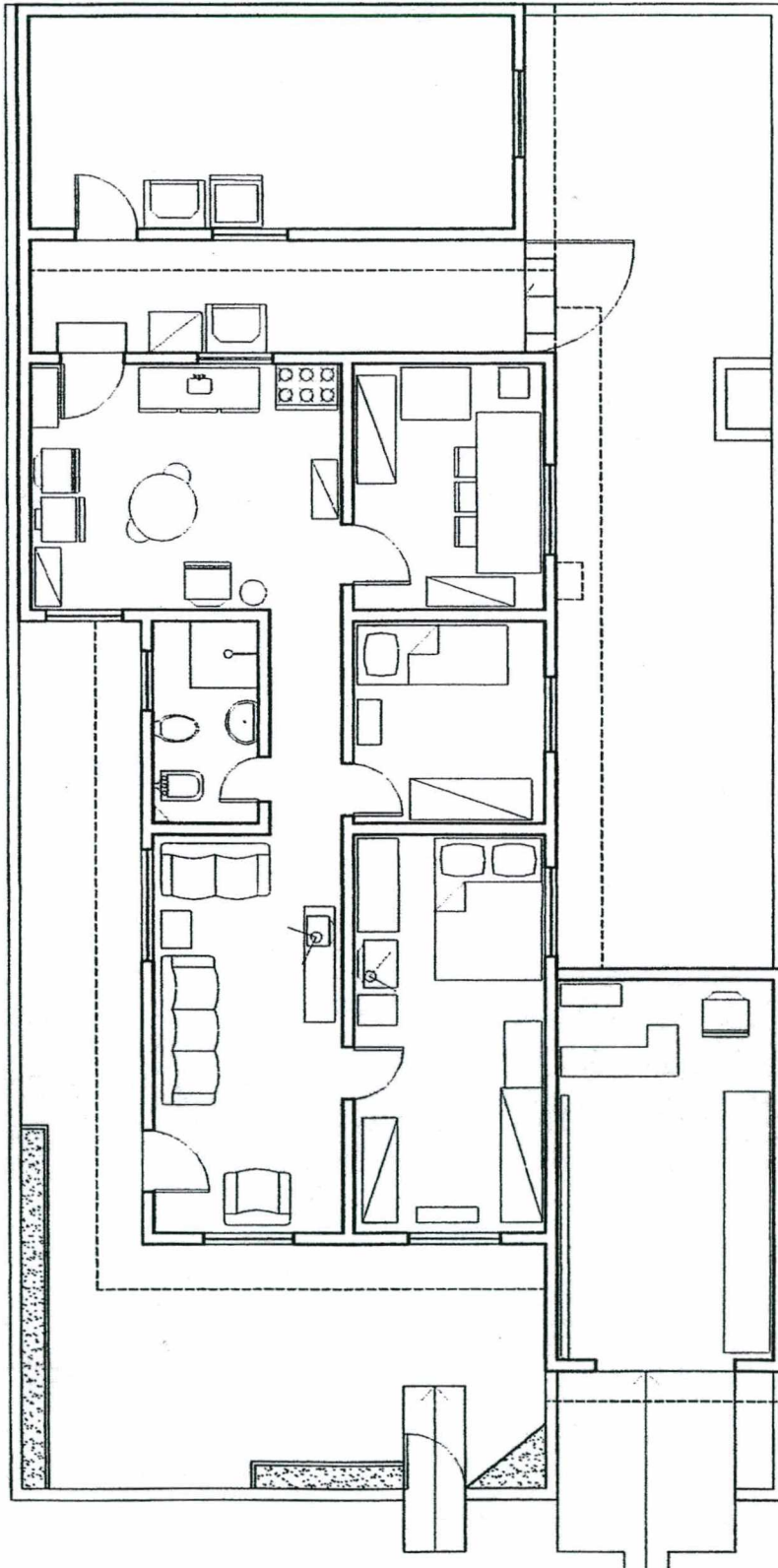
Foto IV.6.3.4. Oficina mecânica. Ocupa a área da edícula destinada à garagem. A edícula abriga ainda um pequeno banheiro, uma lavanderia e um depósito. No corredor entre a moradia e a edícula fica a área de varal. A moradora lava muita roupa em função do filho excepcional. A oficina de lataria funciona neste local há cinco anos aproximadamente.

## IV.7. A Moradia do Chocolate



Fachada Original – Escala 1:100

Planta Baixa da Moradia Original  
Escala: 1:100



Planta Baixa com layout da Moradia Atual  
Pavimento térreo - Escala: 1:100

#### IV.7.1. Histórico dos moradores

O grupo familiar é composto por um casal de meia idade (59) e (54) e um filho (18), sendo que os outros cinco filhos estão casados e dois deles também residem no Conjunto Bela Vista. O casal é original de Tubarão-SC. Residiram durante alguns anos em Imaruí-SC, depois em São José, no bairro de Campinas. De lá o casal, então com três filhos mudou-se para o Conjunto Bela Vista, em janeiro de 1971.

Inicialmente, ocuparam uma casa de dois dormitórios na quadra vizinha à atual. Porém, seis meses após, passaram a residir na moradia atual – que originalmente possuía três dormitórios – já que a mesma tinha sido desocupada pelos seus primeiros moradores.

O casal desempenha atividades profissionais fora de casa, e o filho está cursando o 2º grau no colégio do Bela Vista II. O proprietário é vidraceiro e, no turno das 18:00 às 24:00 horas, exerce a função de vigia da escola situada bem próxima a sua moradia. A proprietária é funcionária da UDESC e fabrica em casa ovos de chocolate para comercializar na época da Páscoa.

O proprietário orgulha-se de ter trabalhado como vidraceiro na obra do conjunto. É informante em potencial; conhece tudo e todos dentro do conjunto. Candidato a vereador do bairro por três vezes, sofreu três derrotas. Hoje, decepcionado e já fora do cenário político local, critica o partido com indignação. *“Pessoas corretas não entram na política.”* Perguntei o que faria primeiro, caso ganhasse as eleições, e ele respondeu: *“Padronizaria as calçadas; vejam só, é impossível andar a pé neste conjunto. As calçadas estão quebradas e feias. É importante conservar as ruas.”*

#### IV.7.2. Reformas

A moradia original era de três quartos. As primeiras intervenções ocorreram depois de oito anos de uso da moradia, quando todas as esquadrias de madeira tiveram que ser substituídas por esquadrias metálicas (de latão), devido ao problema dos cupins.

A ampliação e a reforma interna da casa ocorreram há apenas oito anos, tendo gerado as seguintes modificações: a varanda original foi incorporada à sala, sendo que a porta principal foi transferida da fachada frontal para a lateral; o antigo banheiro deixou de existir, passando a servir como circulação entre o corpo original da moradia e a área ampliada, em direção aos fundos do lote; a área da cozinha foi totalmente aproveitada para a instalação do novo banheiro; a parede que separava os dois quartos mais próximos da frente do lote foi demolida, ampliando o quarto do casal; o terceiro quarto não sofreu intervenções; a ampliação da moradia se deu a partir da fachada dos fundos original e serviu para a instalação da cozinha integrada com a área de refeições e de um cômodo destinado à fabricação de chocolates para Páscoa.

A edícula ocupa quase toda a extensão da divisa dos fundos do lote e está junto à divisa lateral esquerda. Entre a edícula e os fundos da moradia, existe um corredor, que abriga algumas atividades da área de serviço e que serve também como depósito de diversos materiais e de bicicletas.

No ano passado, o proprietário permitiu que um de seus filhos construísse, na esquina do lote, junto à lateral direita da moradia, uma pequena sala, para ser explorada com serviços de locação e jogos de videogames.

#### IV.7.3. Descrição da moradia



Foto IV.7.3.1.

Foto IV.7.3.1. Fachada principal. Permanece com as características da fachada original. A modificação ocorrida se deve à construção de uma garagem que é utilizada atualmente para a loja de videogames do filho do proprietário. A entrada principal é pelo portão de pedestres, e a porta principal, originalmente colocada na fachada frontal, foi deslocada para a lateral esquerda. “*Porta na frente é só para venda*”, diz o morador. O lote na frente é pavimentado. Nos cantos ficam alguns canteiros com plantas místicas como arruda, alecrim e comigo-ninguém-pode. Não existe a entrada secundária; o acesso ao fundo do lote se dá por dentro da moradia.



Foto IV.7.3.2. A figa. A foto destaca a figa na cumeeira da moradia. Proteção nunca é demais.

Foto IV.7.3.2.



Foto IV.7.3.3.

Foto IV.7.3.3. Quem está no espaço da frente do lote poderá contemplar a vista da Avenida Santa Catarina. Na lateral direita, a escola onde trabalha o dono da casa.



Foto IV.7.3.4.

Foto IV.7.3.4. Em um canto do lote, sinais do ofício do dono da casa. Cavaletes para apoiar as lâminas de vidro.



Foto IV.7.3.5.

Foto IV.7.3.5. Sala principal. Embora na reforma a área da varanda original tenha sido incorporada à sala, esta ainda é um ambiente pequeno para tantos objetos, quadros, tapetes e móveis. A foto mostra o ambiente de entrada; à direita, embaixo da janela, almofadas para sentar. Estantes de vidro com a imagem de Nossa Senhora Aparecida, porta-retratos, flores vermelhas de plástico, e aí está novamente o elefante em patê prateado e azul. Na parede, espelho de dimensões consideráveis. Este conjunto de objetos de diferentes materiais, formas e cores expressa muito bem o repertório "kitsch" que, se já foi moda, ainda agrada a muitos.



Foto IV.7.3.6.

Foto IV.7.3.6. Sala principal. A foto mostra o outro lado do retângulo onde está organizado o ambiente de estar e TV. É pequeno, e a circulação no meio da sala compromete a atividade de ver TV.



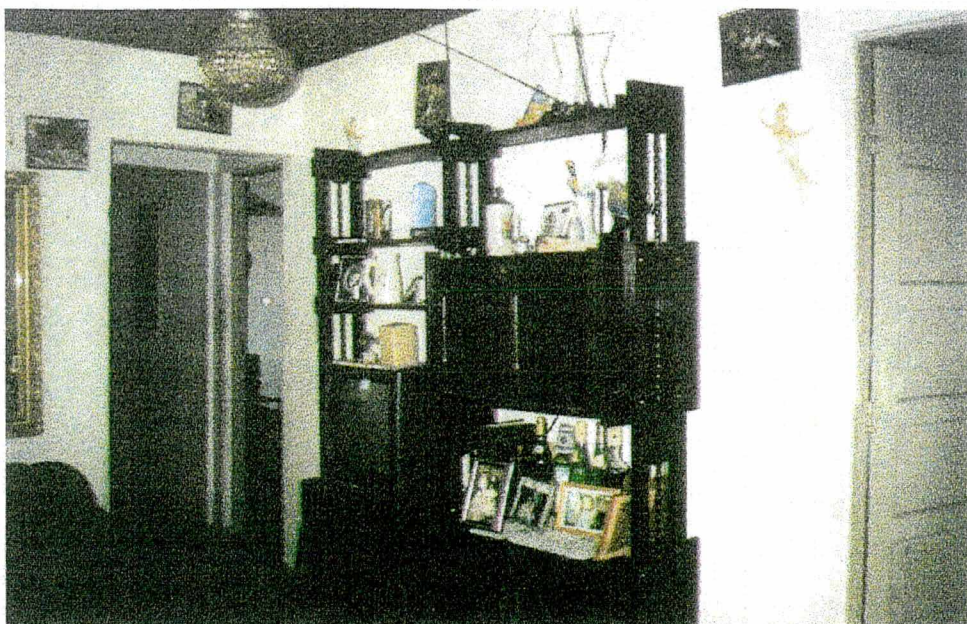


Foto IV.7.3.7.

Foto IV.7.3.7. Estante da sala. Integrada ao ambiente acima descrito, abriga desde o aparelho de TV até os mais diversos objetos, incluindo o tradicional caneco de chope (foi encontrado em praticamente todas as estantes), bebidas, porta-retratos. À direita está a porta do dormitório do casal. Na parede do fundo, a porta que dá acesso ao corredor e, em seguida, a porta de entrada do dormitório do filho.



Foto IV.7.3.8.

Foto IV.7.3.8. Dormitório do casal. Ocupa dois dormitórios originais, portanto possui forma retangular. A foto mostra o lado que reúne maior número de móveis e objetos de uso pessoal. A penteadeira aparece como um depósito de tudo. Do outro lado do retângulo estão os armários e a área de vestir.

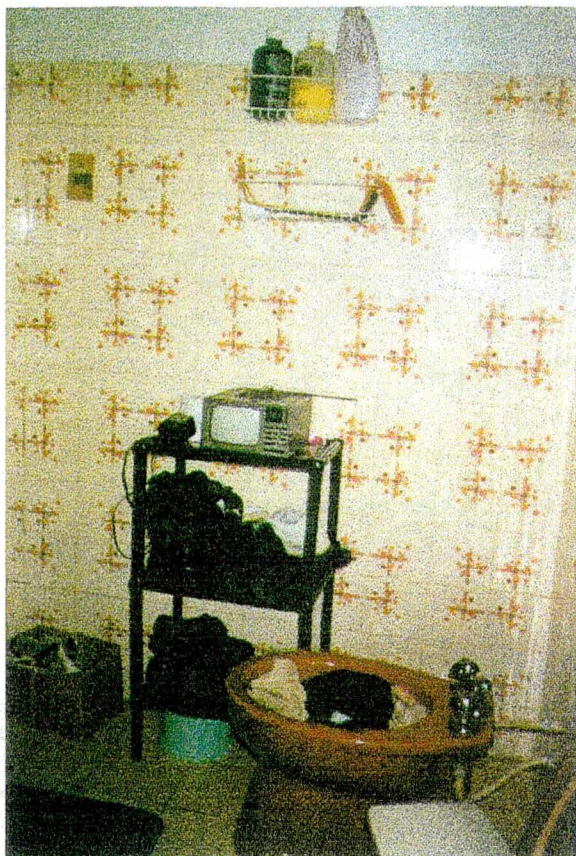


Foto IV.7.3.9. Banheiro. A foto destaca o primeiro banheiro analisado onde ver TV faz parte do uso. A TV está apoiada na sapateira, e o antigo bidê aparece como depósito de roupas sujas.

Foto IV.7.3.9.

Foto IV.7.3.10. A fábrica de chocolate. É o terceiro dormitório da moradia, que atualmente abriga uma atividade alternativa da dona da casa, fabricar bombons e ovos de Páscoa. Conta a moradora que é rentável e que a produção se intensifica em algumas épocas do ano.



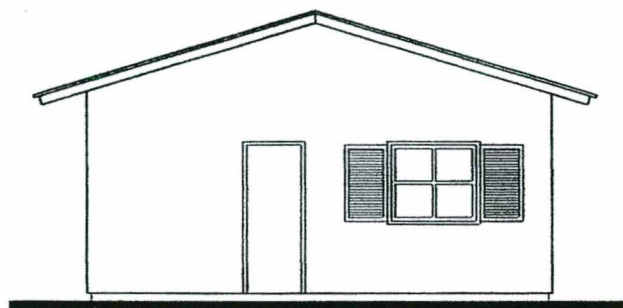
Foto IV.7.3.10.



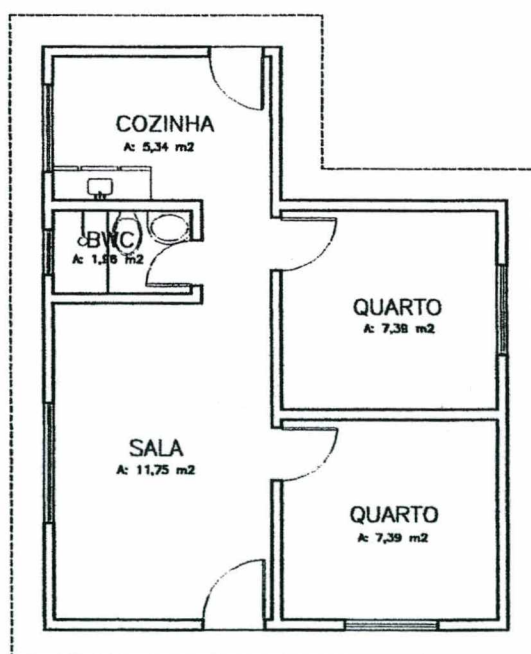
Foto IV.7.3.11.

Foto IV.7.3.11. Cozinha. A nova cozinha é espaçosa e exhibe os equipamentos eletrodomésticos, que facilitam a rotina doméstica, principalmente quando a dona da casa trabalha fora. Muitos armários, conjunto de mesa com cadeiras, freezer, geladeira, microondas e fogão de seis bocas. O piso é cerâmico com desenhos geométricos. As paredes também são revestidas com elemento cerâmico com motivos florais. Muitos tapetes pelo chão e, na passagem da cozinha para o corredor, uma cortina com tecido para o lado do corredor e plástico para o lado da cozinha. Provavelmente o plástico deverá proteger o tecido da gordura. A iluminação da cozinha é deficiente, uma das janelas abre para uma área de serviço coberta.

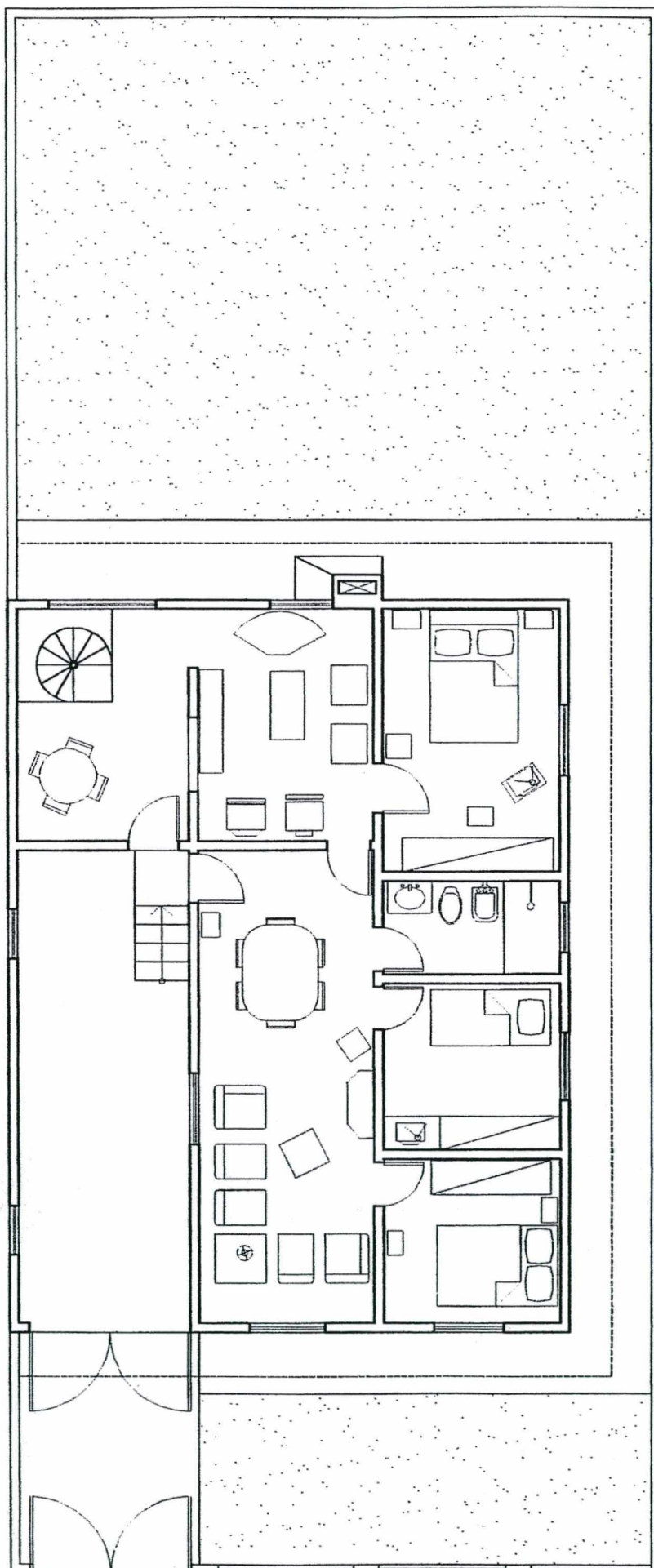
## IV.8. A Moradia Grande



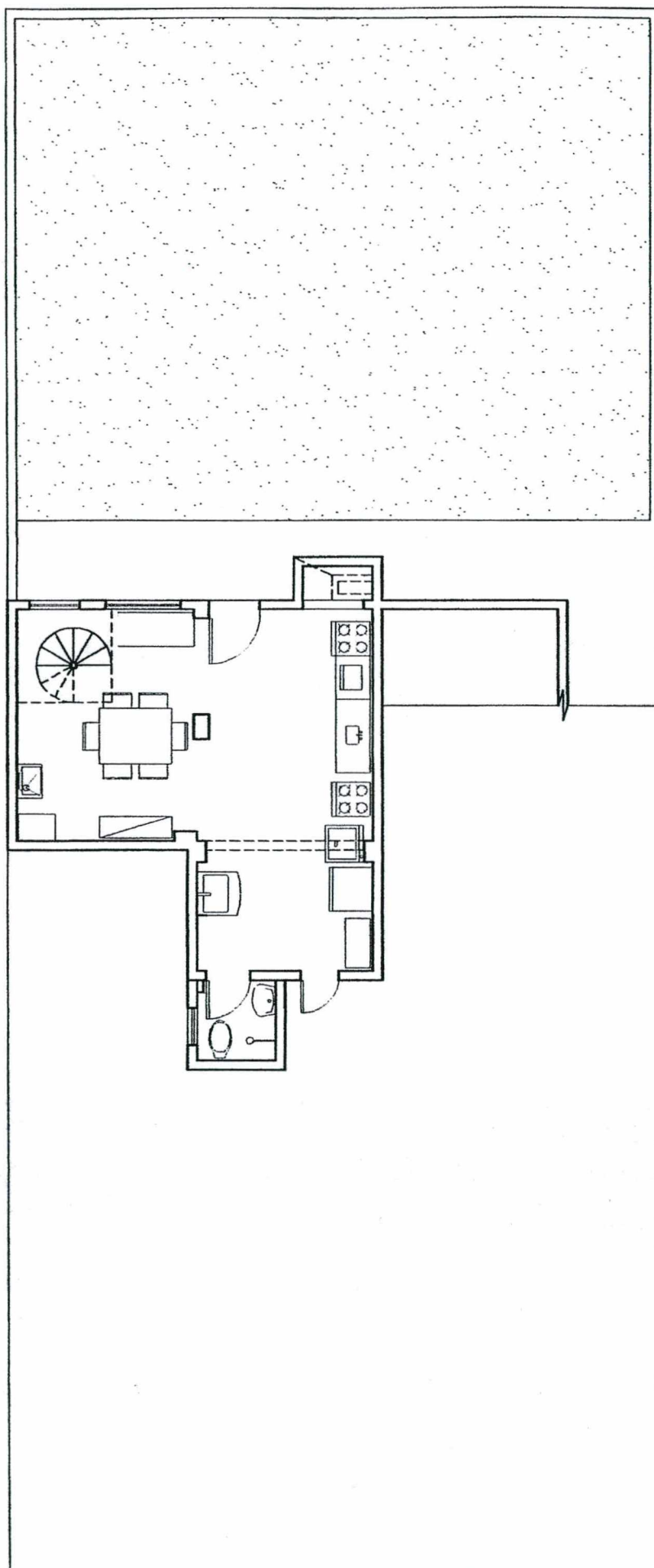
Fachada Original – Escala 1:100



Planta Baixa da Moradia Original  
Escala: 1:100



Planta Baixa com layout da Moradia Atual  
Pavimento térreo - Escala: 1:100



Planta Baixa com layout da Moradia Atual  
Pavimento inferior – Escala: 1:100

#### IV.8.1. Histórico dos moradores

O casal de proprietários (50) e (48) residia com suas famílias de origem em sítios do interior do estado. Ambos são funcionários públicos, o proprietário se aposentou recentemente. Mora com o casal, o filho de 16 anos, que estuda na Escola Técnica Federal do Estado de Santa Catarina.

Adquiriram a moradia, do primeiro proprietário, após cinco anos da inauguração do Bela Vista III. *“Compramos a casa de terceiros, a maioria dos moradores da época permanecem no conjunto até hoje; todos os meus vizinhos já fizeram reformas.”*

A família gosta de morar no conjunto. *“Os vizinhos são excelentes, o bairro é ótimo para morar.”* Valorizam o fato de que nesta moradia estão livres de enchentes, visto que no local em que residiam anteriormente, tiveram que enfrentar problemas com inundações. Perguntamos sobre a segurança, e o proprietário afirmou: *“Nunca tivemos problemas.”*

A família é evangélica e freqüenta a igreja localizada no bairro vizinho, Jardim das Acácias.

#### IV.8.2. Reformas

A moradia original possuía dois quartos. O terreno possui inclinação para os fundos (declive) e para a lateral onde foi construída a garagem. Possui dimensões de um lote urbano comum – 12m x 30m aproximadamente. A casa sofreu ampliação horizontal na fachada principal e vertical na fachada dos fundos.

A primeira reforma incluiu a construção de uma nova cozinha (nos fundos da cozinha original); a demolição do BWC e da cozinha originais, que resultou na ampliação do estar e na criação da sala de jantar; a construção do novo BWC e do novo dormitório do casal; a troca das esquadrias de madeira, danificadas por cupim, por outras de alumínio ou de madeira.

A segunda intervenção foi a construção da garagem, ocupando o recuo lateral esquerdo, e a construção de parte do porão. A cozinha foi transferida para o pavimento inferior, sendo que o acesso a ela se dava somente pela porta externa.

Na última reforma, o porão foi ampliado para abrigar a copa/cozinha e a área de serviço. Além disso, proveu-se um acesso interno ao porão através de uma escada helicoidal. Após essas intervenções, a moradia permaneceu com suas paredes externas originais, e os dois dormitórios originais foram preservados. As reformas foram feitas com auxílio de um mestre de obra.

A dona da casa quando jovem morava em um sítio e diz entusiasmada o que gostaria de executar em termos de reforma. *“Em primeiro lugar, eu sempre quis uma casa grande; eu gosto de casa grande porque sempre trabalhei em casas grandes quando solteira. Faria minha casa em dois andares e mudaria o acabamento para um material de boa qualidade. A cozinha nova não é uma cozinha com*

*estilo* (segundo os moradores, a nova cozinha precisa de melhorias, como por exemplo trocar o piso). *Gostaria de ter um varandão e uma piscina lá atrás.*”

“*Não mudaria a casa só para ficar diferente das outras, se houvesse qualidade no projeto original*”, diz o proprietário.

### IV.8.3. Descrição da moradia



Foto IV.8.3.1.

Foto IV.8.3.1. Fachada principal. O telhado foi modificado para quatro águas (no projeto original, era de duas águas). As janelas foram trocadas, e a construção da garagem na lateral esquerda alcançou o limite do lote com o vizinho e ampliou a fachada. Foi colocada uma grade no limite da frente do lote com a rua, e o portão da garagem é o único acesso à casa; neste caso é também a entrada para pedestre. A porta de entrada principal está localizada dentro da garagem, ou seja, além de não existir um portão para pedestre, a porta de entrada também não está visível para quem chega. Portanto, está estabelecido um problema de falta de comunicação entre a moradia e o visitante. Como não existe campainha, é impossível aproximar-se da casa ou ser ouvido. A solução é telefonar e avisar que se está indo visitar a família. Na foto, podemos observar que existem dois portões, o da frente e o segundo, na entrada da garagem, junto da casa. Com todas as dificuldades de acesso à moradia aqui descritas, é curioso o proprietário afirmar que não tem problemas de segurança no conjunto. Esta moradia está localizada numa rua pequena e sem saída. A tranquilidade e o controle dos moradores são característicos de ruas com essa configuração. Na parte da frente, o lote é quase que totalmente pavimentado, restaram dois pequenos canteiros com algumas roseiras.





Foto IV.8.3.2.

Foto IV.8.3.2. Sala principal. Na primeira visita, fui recebida na sala principal. Nas demais visitas, utilizei a entrada secundária, que também está dentro da garagem, ao lado da porta principal. A entrada secundária conduz a uma saleta (localização da cozinha anterior). Este ambiente é de transição entre o piso superior e o inferior, onde se localiza a nova cozinha e o acesso ao quintal. A sala principal conjuga dois ambientes, estar e jantar. Para dividir de forma mais clara os dois ambientes, a dona da casa colocou um barzinho. A foto mostra o estar e, na parede de fundo, a janela que dá para a frente da moradia. As cortinas, de babados fartos, estão sempre fechadas, assim como as janelas.



Foto IV.8.3.3.

Foto IV.8.3.3. O barzinho. Peça indispensável nas salas da classe média na década de oitenta, sempre apressou valores representativos e simbólicos. Ao lado, a porta do quarto de hóspedes. *“Uma vez ou outra recebemos visitas.”*



Foto IV.8.3.4.

Foto IV.8.3.4. A sala de jantar. Ambiente conjugado com a sala de estar, está mobiliado de acordo com o gosto da dona da casa. O conjunto de mesa, cadeiras com espaldar alto e estofado em veludo vermelho é “pesado” e contribui para escurecer o ambiente, que é pequeno para esse tipo de móvel. A janela à esquerda da foto dá para dentro da garagem, o que compromete a luminosidade do ambiente. A porta de entrada principal está à esquerda; na parede de fundo está a porta que liga a sala de jantar com a de TV; à direita estão as portas dos dormitórios do filho e do banheiro. O filho do casal permanece em seu dormitório durante a maior parte do tempo, estudando, assistindo TV ou vídeo, ou ouvindo som. A parte superior da moradia quase não é utilizada durante o dia.

Foto IV.8.3.5. Estante da sala de TV. Atualmente os aparelhos de TV estão nos dormitórios e na cozinha, e a sala destinada para essa atividade da família não tem uso, portanto a estante é para som e, assim como as demais estantes já analisadas, abriga a mesma diversidade de objetos; o repertório não muda.



Foto IV.8.3.5.

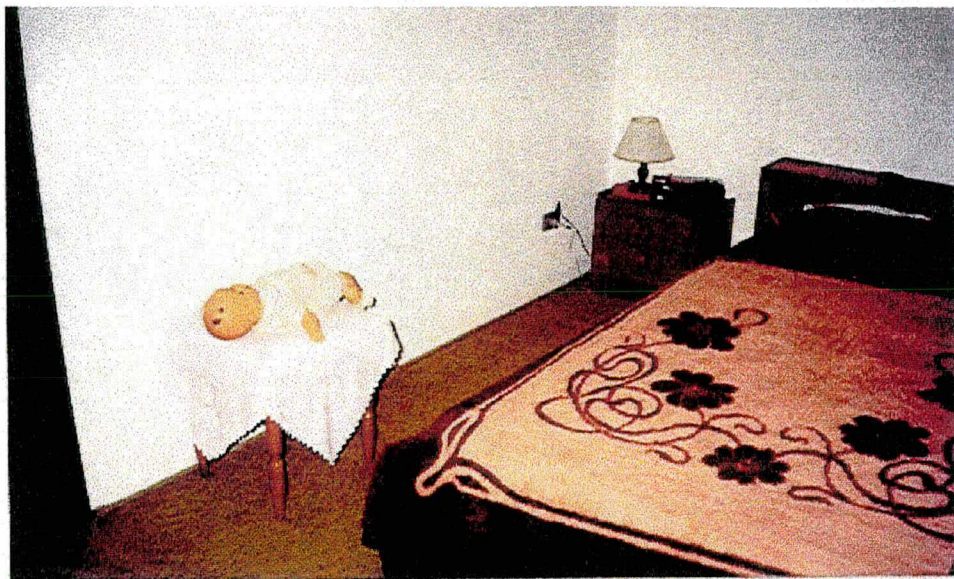


Foto IV.8.3.6.

Foto IV.8.3.6. Dormitório do casal. Destacamos a boneca deitada sobre uma pequena mesa com toalha bordada e acabamento em crochê. Em todas as moradias que encontramos bonecas nos dormitórios ou na sala, observamos que os lugares ou móveis escolhidos para colocá-las são “nobres”, ou seja, são cuidadosamente pensados. As bonecas fazem parte da infância de todas as meninas. A afinidade que existe entre o sexo feminino e as bonecas independe da idade, certamente pelo significado lúdico dessa relação.



Foto IV.8.3.7.

Foto IV.8.3.7. Escada. Esta escada liga a saleta (entrada secundária) à nova cozinha, situada no piso inferior da moradia.



Foto IV.8.3.8.

Foto IV.8.3.8. Copa. Ambiente integrado à cozinha. Quem desce a escada chega diretamente na copa. O armário exibe as compotas de conservas feitas pela dona da casa.

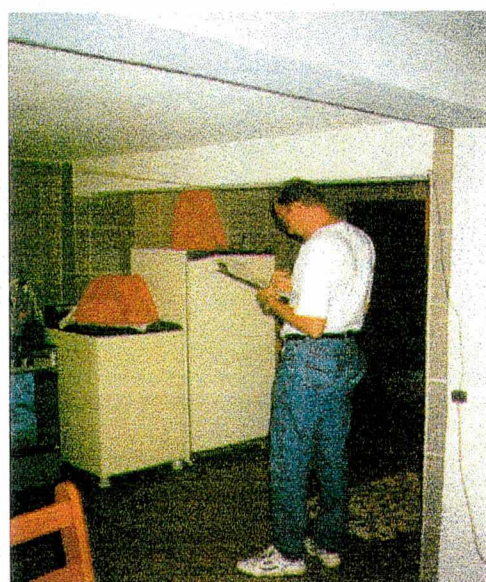


Foto IV.8.3.9.

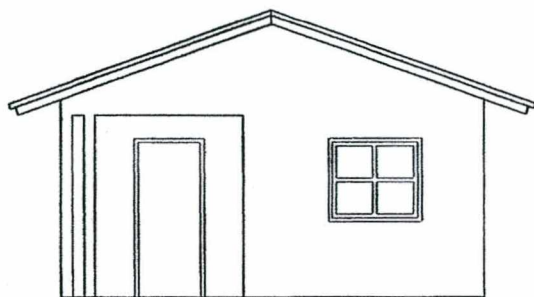
Foto IV.8.3.9. Cozinha. É ampla, porém a iluminação e a ventilação são deficientes. O pé direito é baixo e favorece a sensação de confinamento. Mas é aqui que a família se reúne. A cozinha é um aproveitamento do porão da moradia em função do declive do terreno. A área de serviço está junto com a cozinha e funciona de forma precária. O dia de lavar roupas traz complicações para as outras atividades da cozinha. No outro canto da cozinha está a churrasqueira.



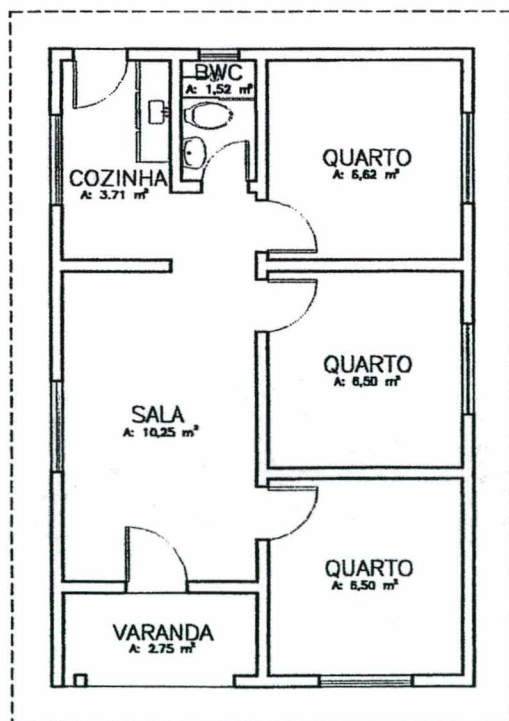
Foto IV.8.3.10.

Foto IV.8.3.10. O quintal. Com o verde exuberante e bem cuidado, é o oposto do espaço existente na parte da frente da moradia, que é todo pavimentado e árido. No quintal, são previstas atividades como estender roupas e colher fruta do conde, abacate, pitanga e muitas outras, além de temperos verdes e folhas de alecrim para chá. Segundo o proprietário, chá de folha de alecrim é bom para afinar o sangue e para os nervos.

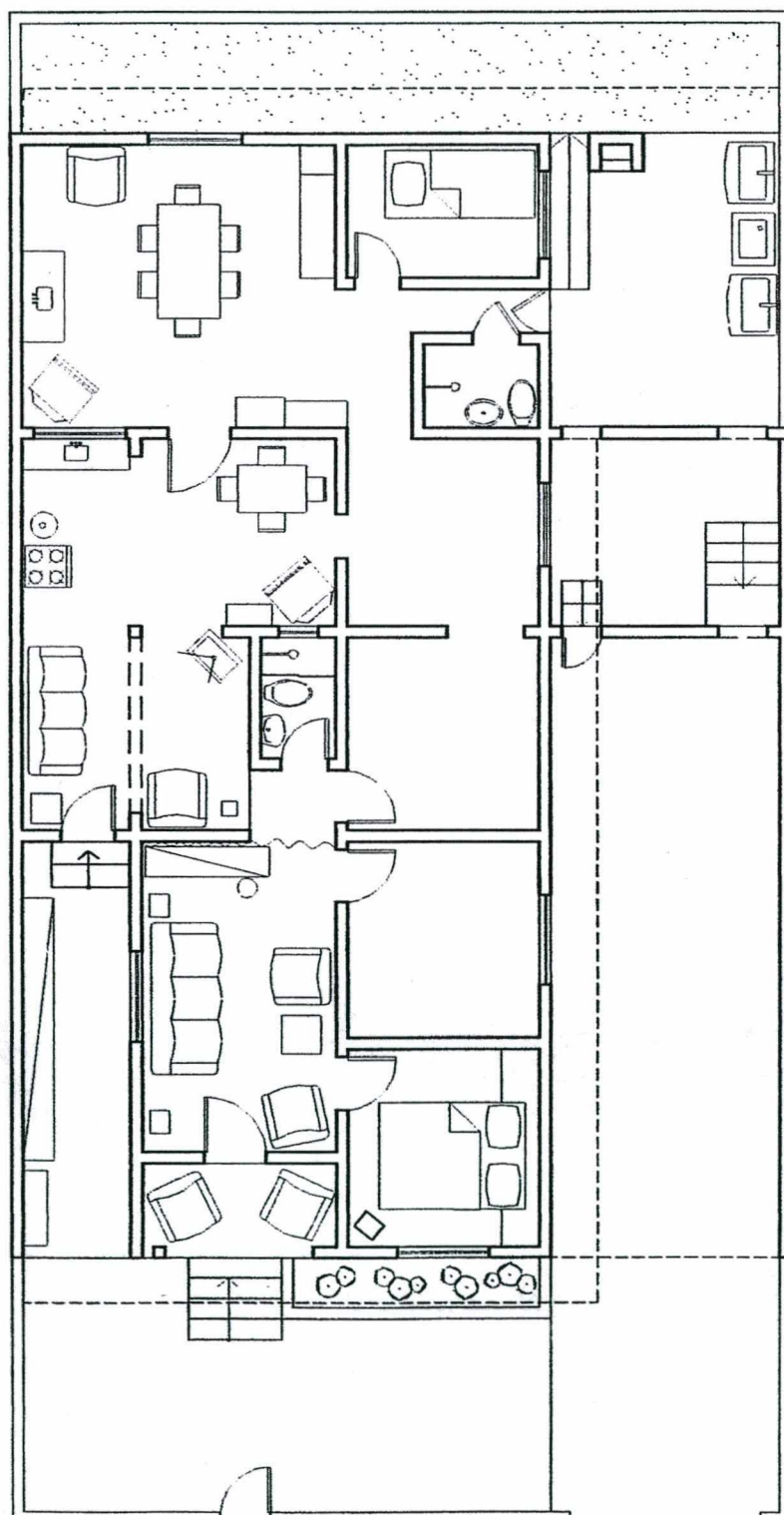
## IV.9. A Moradia do Portal



Fachada Original – Escala 1:100



Planta Baixa da Moradia Original  
Escala: 1:100



Planta Baixa com layout da Moradia Atual  
Pavimento térreo - Escala: 1:100

#### IV.9.1. Histórico dos moradores

Residem na moradia somente um casal, ele é aposentado (68), e ela dona de casa (66); ambos são naturais de Lages, onde possuíam um armazém de secos e molhados. Mudaram-se para o conjunto em 1974. A moradia foi adquirida de terceiros, ainda em estado original, porém muito deteriorada. Na época, vieram com três filhos e uma filha. Depois nasceram mais dois filhos. Um casal de filhos mora em Florianópolis. Os demais residem no interior do estado. O casal tem uma filha advogada e outra cursa pedagogia na Univale.

O proprietário é espirituoso e alegre; ele e sua esposa foram atenciosos durante meu trabalho de levantamento e sempre dispostos a dar informações. O casal é espírita e frequenta o Centro Espírita Seara dos Pobres, próximo à Avenida Ivo Silveira. Possui dezoito netos e cinco bisnetos. Uma das noras é proprietária de um jardim de infância.

Perguntei para o proprietário porque ele escolhera morar no conjunto na época, e ele respondeu: *“Entramos aqui com alegria, porque já tínhamos a esperança de melhorar. Era o que nós podíamos adquirir.”* O proprietário acha que o Posto de Saúde local e o comércio precisam melhorar.

#### IV.9.2. Reformas

A moradia original possuía três dormitórios. Ela está implantada em um lote com aclave, e sua ampliação se deu de forma horizontal, ou seja, a área construída ocupa atualmente quase todo o lote e alcança os limites laterais. No fundo do lote, resta apenas uma tira de terreno que, pela dimensão e pelo difícil acesso, não permite uso, apenas algumas plantas. A frente do lote é totalmente pavimentada; resta apenas um pequeno canteiro junto à moradia, com um pé de arruda e uma roseira.

Nas reformas, os proprietários demonstraram uma atenção especial para a iluminação natural, através dos diversos elementos introduzidos na moradia, como aberturas zenitais para iluminar a copa/cozinha, a porta de vidro da sala, as telhas translúcidas nas áreas cobertas junto às divisas laterais, a implantação da garagem em nível mais baixo do que o da casa, de modo a não obstruir as janelas da parede lateral direita.

### IV.9.3. Descrição da moradia



Foto IV.9.3.1.

Foto IV.9.3.1. Fachada principal. Sofreu modificações significativas ao longo das diversas reformas executadas pelos proprietários. Esta fachada se destaca para quem passa na rua, e o elemento que mais chama à atenção é o portal, que marca a entrada da garagem. Este tipo de portal é encontrado com frequência nas entradas das estâncias (fazendas) do Rio Grande do Sul e de municípios de Santa Catarina próximos à divisa entre os dois estados. Lages, origem do proprietário, é um município próximo da divisa e tem influência do Rio Grande do Sul. Na lateral esquerda, podemos observar a entrada secundária da moradia, que dá acesso direto à cozinha. No centro, a varanda, que abriga a porta principal, e à direita, a entrada da garagem e o terraço. O terraço absorve as atividades do quintal que, neste caso, não existe mais, já que a construção ocupou quase todo o lote. Este terraço tem acesso direto a partir da área de serviço, e quem vai ao terraço pode observar uma vista muito bonita do conjunto.



Foto IV.9.3.2.

Foto IV.9.3.2. Esta foto destaca a entrada secundária e a entrada principal, local de permanência do vigia da moradia, que aguarda confortavelmente na poltrona os que se aproximam do portão.



Foto IV.9.3.3. Sala principal. Ainda permanece o espaço original; apenas as aberturas foram modificadas, e o piso trocado para cerâmica. Esta sala é utilizada para receber, não para permanecer, porque a TV está na cozinha. Possui um conjunto de estofados, uma mesa de centro, a tradicional estante com as fotos dos netos, enfeites, canecos de chope, bonecos alemães, arranjos de flores artificiais, aparelho de som, discos de conjuntos gaúchos como “*Os Monarcas Chamamentos*”, livros e o evangelho segundo o espiritismo. As paredes são cobertas pelas fartas cortinas de renda branca, mesmo onde não tem janela.



Foto IV.9.3.3.



Foto IV.9.3.4.

Foto IV.9.3.4. A foto destaca a passagem da sala para o pequeno corredor que distribui a circulação: à direita para um dormitório, em frente para o banheiro e à esquerda para a cozinha. A cortina, quando fechada, garante privacidade para o corredor e para as demais portas.

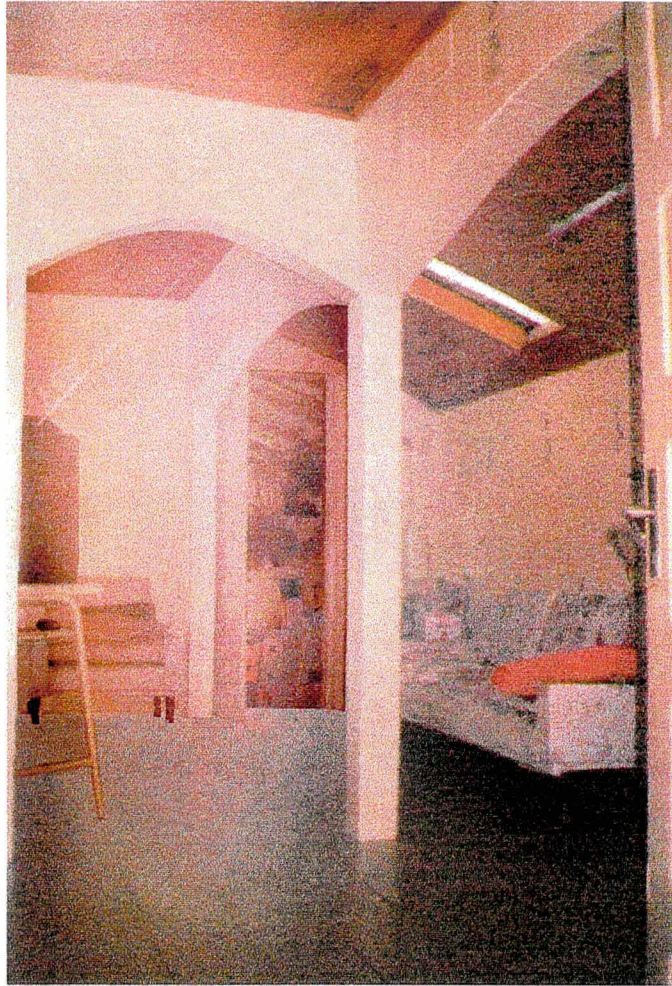


Foto IV.9.3.5.

Foto IV.9.3.5. A cozinha. É ampla e reúne as atividades de ver TV, fazer refeições e conversar. A foto destaca o ambiente de TV e a porta da entrada secundária, que dá acesso à frente do lote. Neste local, a ventilação e a iluminação naturais são prejudicadas porque, com a ampliação, as paredes estão no limite com lote vizinho, o que impede a colocação de aberturas. Por isto a entrada de luz zenital, ou seja, através do telhado. Uma das filhas do casal, juntamente com o marido e a filha, estava morando com os pais provisoriamente. Para resolver o problema de espaço e privacidade, foram construídos uma segunda cozinha, um dormitório e um banheiro; a criança ocupava o terceiro dormitório. Quando mudaram para a casa própria, muitos espaços ficaram vazios. Mas o casal está planejando uma reforma considerável. A cozinha que era da filha será um ambiente reservado para futuras reuniões dos filhos, netos e bisnetos para refeições festivas. O atual pequeno dormitório do casal será ampliado, incorporando o segundo dormitório; finalmente o casal terá conforto e espaço. Agora, com a grande família criada, a moradia deverá ser pensada para o conforto dos dois.



Foto IV.9.3.6.

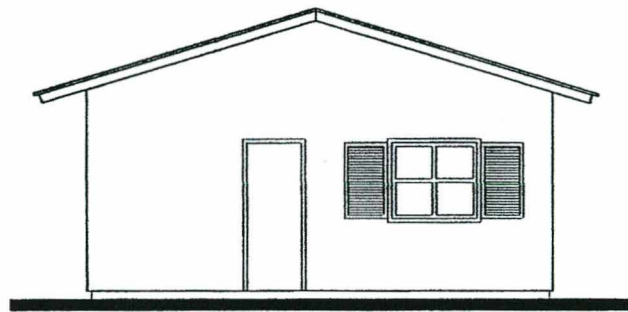
Foto IV.9.3.6. A foto destaca o canto da cozinha onde está localizado o ambiente de refeições. A janela que aparece é modelo original e está entre a cozinha principal e a cozinha da filha.



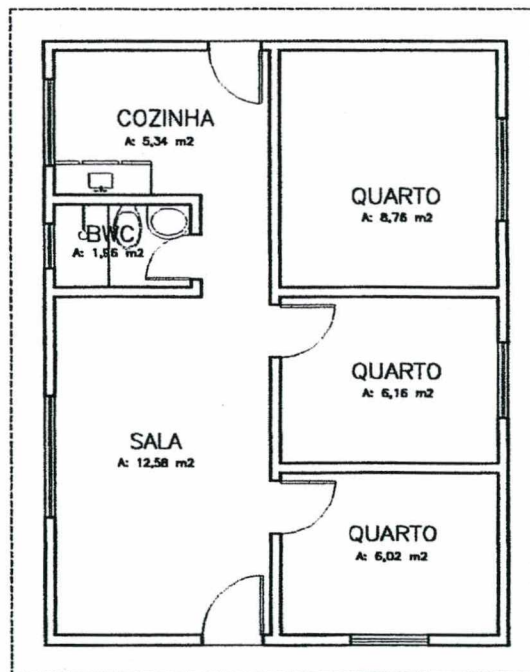
Foto IV.9.3.7.

Foto IV.9.3.7. O terraço. A foto mostra que as janelas dos dormitórios não foram prejudicadas com a construção da garagem e o terraço. O proprietário escavou o terreno para a garagem ficar no nível mais baixo; com isso, o terraço não alcançou as janelas. O sol penetra nos dormitórios e seca a roupa estendida no terraço.

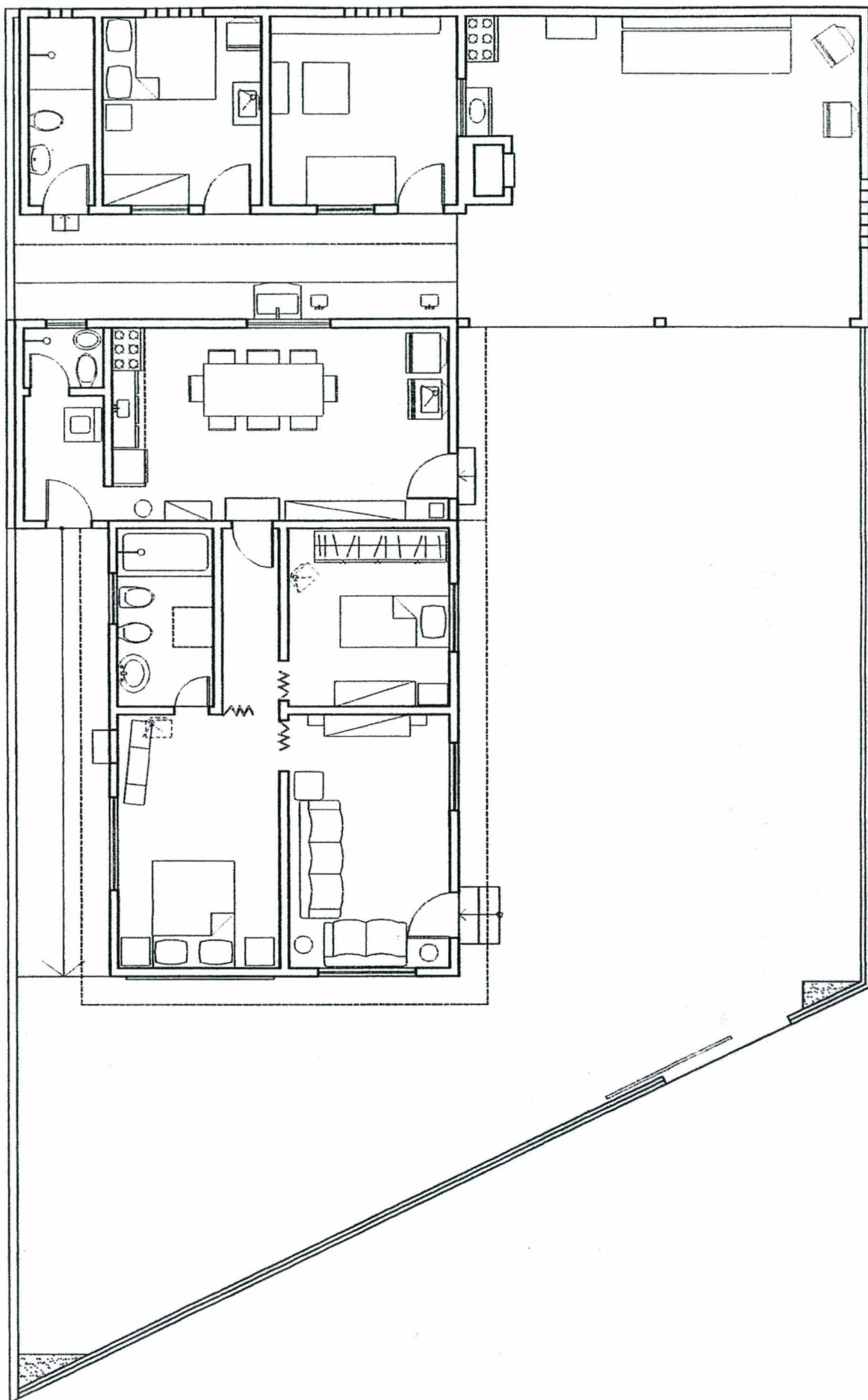
#### IV.10. A Moradia Clean



Fachada Original – Escala 1:100



Planta Baixa da Moradia Original  
Escala: 1:100



Planta Baixa com layout da Moradia Atual  
Pavimento térreo — Escala: 1:100

#### IV.10.1. Histórico dos moradores

Reside na moradia o casal de proprietários. Ele (56), natural do bairro Estreito, Florianópolis, há quatro anos trabalha na oficina anexa à moradia. Ela (56), natural de Santo Amaro da Imperatriz-SC, trabalha na EPAGRI.

Antes de irem para o conjunto, os dois moravam em Barreiros – bairro vizinho do conjunto – numa casa de madeira, nos fundos do terreno dos pais da proprietária. Mudaram-se para o conjunto em 1982.

No dia de minha primeira visita, o proprietário consertava uma máquina de lavar e um carro. É alegre, educado e receptivo. *“No começo, a patroa queria me matar, não gostou do lugar nem da casa; hoje, briga para não sair.”*

O casal tem três filhos, todos casados. A filha caçula mora provisoriamente na casa dos pais com o marido e a filha de dez anos. Eles aguardam a conclusão da casa que está sendo construída.

A dona da casa passa o dia inteiro fora. *“Antes o pai se virava; fazia janta; quando a mãe chegava, estava pronta.”* A filha assumiu todas as tarefas domésticas. A família gosta de ver TV antes e durante o jantar na cozinha. Depois, cada um vai para seu quarto ver TV. O carro da família é um Gol.

#### IV.10.2. Reformas

A moradia original possuía três dormitórios. A primeira reforma foi feita há cerca de seis anos, para anexar uma ampla copa/cozinha, nos fundos do corpo da moradia. A segunda reforma serviu para a construção da edícula com a churrasqueira, junto à divisa dos fundos do lote. Recentemente, a moradia passou por uma reforma total, na qual a sala passou a ser a suíte do casal, e a nova sala se originou de dois quartos antigos.

### IV.10.3. Descrição da moradia



Foto IV.10.3.1.

Foto IV.10.3.1. Fachada principal. Em uma das várias etapas de reforma, a sala original passou a ser o dormitório do casal, e o dormitório original hoje é a sala principal. Portanto, a porta de entrada principal foi remanejada para o lado direito da moradia. As janelas foram trocadas, e o acréscimo na parte posterior abriga a cozinha, a área

de serviço e um banheiro. Só existe o portão da garagem, que é utilizado também para entrada de pedestres. O pátio de entrada é amplo e todo pavimentado; nele estão, além da entrada principal, a entrada de serviço, garagem, churrasqueira e oficina mecânica, que, durante a semana, funciona no espaço da churrasqueira. O telhado permanece com duas águas no sentido original e todo o lote está pavimentado [pavimentado aqui significa receber revestimento cerâmico], porém com muitos vasos com a planta “comigo-ninguém-pode”.

Foto IV.10.3.2. Churrasqueira x oficina mecânica. A churrasqueira é ampla e possui fogão a lenha com chapa, fogão velho de seis bocas, freezer e geladeira usados, mesa grande com bancos. É utilizada nos finais de semana com frequência. O churrasco é um ritual que reúne a família nos domingos para o tradicional almoço. Para o dono da casa, o lazer



Foto IV.10.3.2.

mais importante é a cerveja, depois o churrasco e o futebol. Durante a semana, os equipamentos são arredados para os cantos, e o espaço fica liberado para o exercício profissional do dono da casa. A oficina mecânica está no anexo construído – edícula – que abriga um quarto de ferramentas, um quarto de casal utilizado pela filha provisoriamente e um banheiro, que atualmente é depósito da mudança da filha.



Foto IV.10.3.3.

Foto IV.10.3.3. A cozinha. Para esta família, a cozinha é o espaço mais importante para o convívio, portanto precisa ser ampla. Nela os moradores recebem os amigos, preparam alimentos, fazem as refeições e vêem TV. Observamos os equipamentos eletrodomésticos disponíveis para facilitar a vida da dona da casa: forno de microondas, lava-louças, fogão de seis bocas, freezer, geladeira, armários, balcões e mesa com oito cadeiras. A toalha de crochê, as flores

amarelas e a cortina branca de renda valorizam o ambiente. A filha que nos recebeu é atenciosa e está sempre andando de um lado para o outro na cozinha, atendendo telefone, fazendo café e varrendo.



Foto IV.10.3.4.

Foto IV.10.3.4. A estante da cozinha. Neste caso, a cozinha recebe visualmente a função de sala, e de uma forma mais clara em relação às outras moradias analisadas. Curiosamente, encontramos nesta cozinha a já conhecida “estante da sala”. A foto mostra que, embora seja de dimensões consideráveis, não existe um centímetro vazio. Além das bebidas, plantas, o tradicional elefante em paetês prata e azul, porta-retratos e enfeites dos mais variados gostos, a estante exhibe o mais importante, neste caso, o espírito esportista do dono da casa. Jogador de futebol entusiasmado, orgulha-se da coleção de troféus já conquistados; é integrante do time “Bela Vista Veteranos” e é ativo em todos os campeonatos.





Foto IV.10.3.5.

Foto IV.10.3.5. Dormitório da neta. Quarto de hóspedes atualmente utilizado pela neta. Exibe os elementos, as cores e os bichinhos de pelúcia característicos do quarto de uma menina de dez anos.

Foto IV.10.3.6. Dormitório do casal (suíte). Antiga sala original. Móveis tubulares cor de vinho, lustre que segue o padrão da sala principal, em metal dourado e vidro transparente. Entre os travesseiros, um bichinho de pelúcia da neta; na parede, um quadro com a seguinte mensagem religiosa: “*O Senhor é meu Pastor: nada me faltará.*” A família é católica não praticante. A moradia internamente possui piso cerâmico branco, paredes e cortinas brancas e forro em PVC branco. Para contrastar o aspecto “clean”, a dona da casa colocou tapetes coloridos em todos os cômodos. Em um canto do dormitório, está a penteadeira com as imagens de Santa Terezinha e Nossa Senhora Aparecida, além de objetos decorativos. No mesmo canto, estão TV, vídeo e aparelho de ar condicionado.



Foto IV.10.3.6.

Foto IV.10.3.7. Banheiro da suíte do casal. Banheira de hidromassagem, lavatório, bidê e vaso sanitário em marrom, piso em tom ocre, paredes com revestimento cerâmico bege claro com ramos de flores salpicados. Sauna com compartimento plástico com zíper. A janela – óculo em vidro amarelo forte e lilás forte. O chuveiro está sobre a banheira. Próximo a cada louça, um tapete colorido. Espelhos das tomadas em metal dourado com nuance em verde. Também no banheiro, um arranjo de planta artificial.

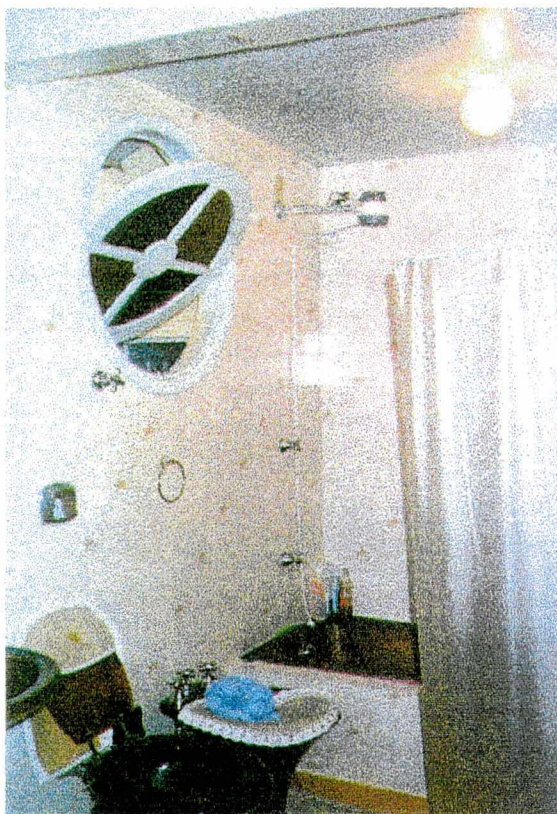


Foto IV.10.3.7.



Foto IV.10.3.8. Sala principal. Ocupa o espaço de dois dormitórios originais. Esta foto destaca o branco no piso, paredes, forro e cortina. A porta de entrada principal, com um arranjo artificial (imitação da planta “comigo-ninguém-pode”) atrás, demonstra sua inutilização. Para esta família, a sala é um espaço necessário, porém sua função é apenas representativa, ou seja, a necessidade da sala é simbólica. Só é aberta para limpeza; é mantida impecável, mas ninguém a usa, nem nas ocasiões importantes, como o Natal. A foto destaca também o lustre.



Foto IV.10.3.9.

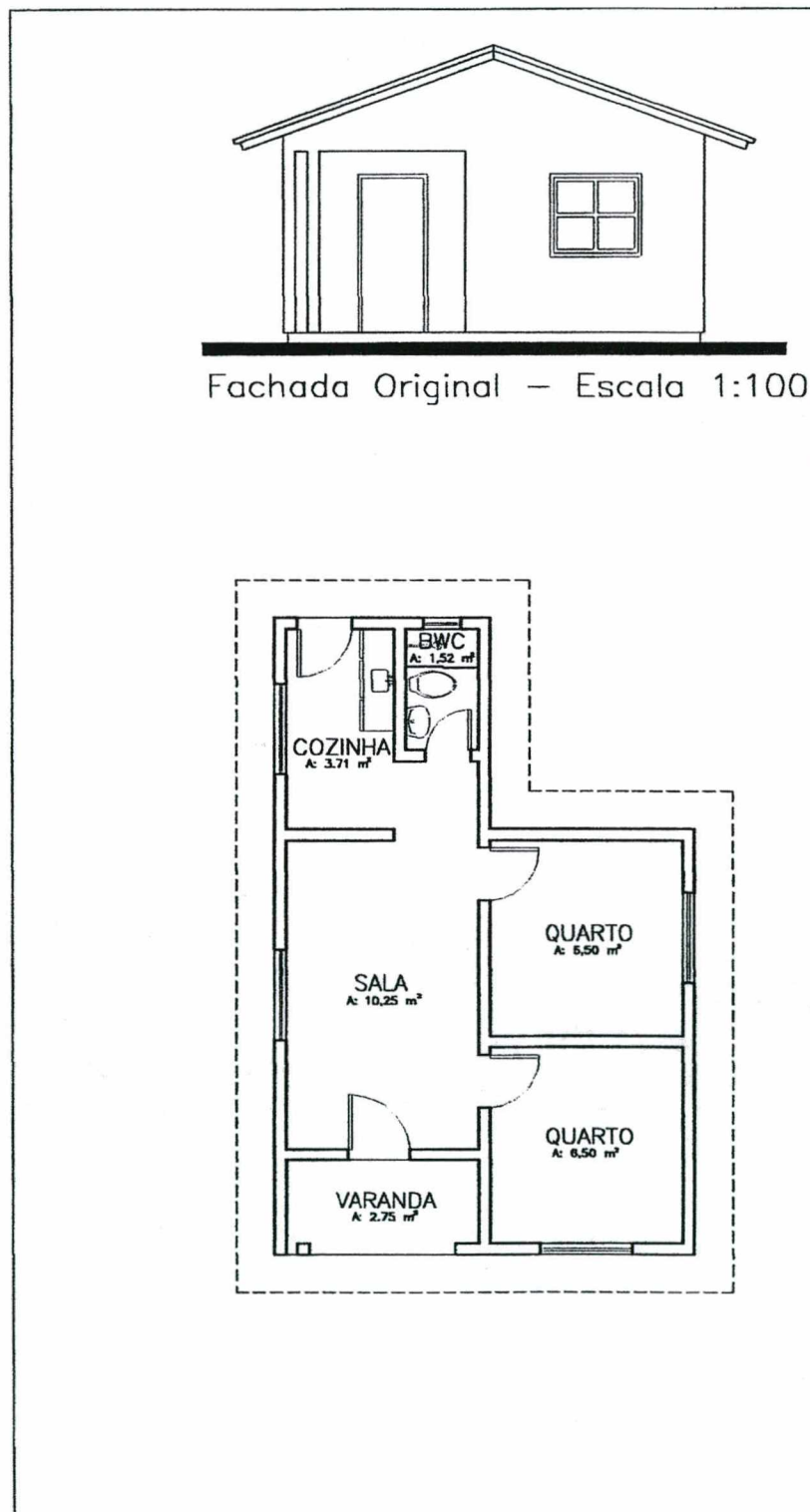
Foto IV.10.3.9. Arranjo do mobiliário. Conjunto de estofado com a mesa de centro. No canto oposto ao da porta principal, o segundo arranjo artificial (também imitação da planta “comigo-ninguém-pode”). Um detalhe que nos desperta curiosidade é a boneca sentada no sofá. Esta boneca não é da neta. Encontramos bonecas em outras moradias analisadas, inclusive em moradias que não têm crianças. Normalmente as bonecas são da dona da casa. O estampado dos estofados e do tapete contrasta com o branco.

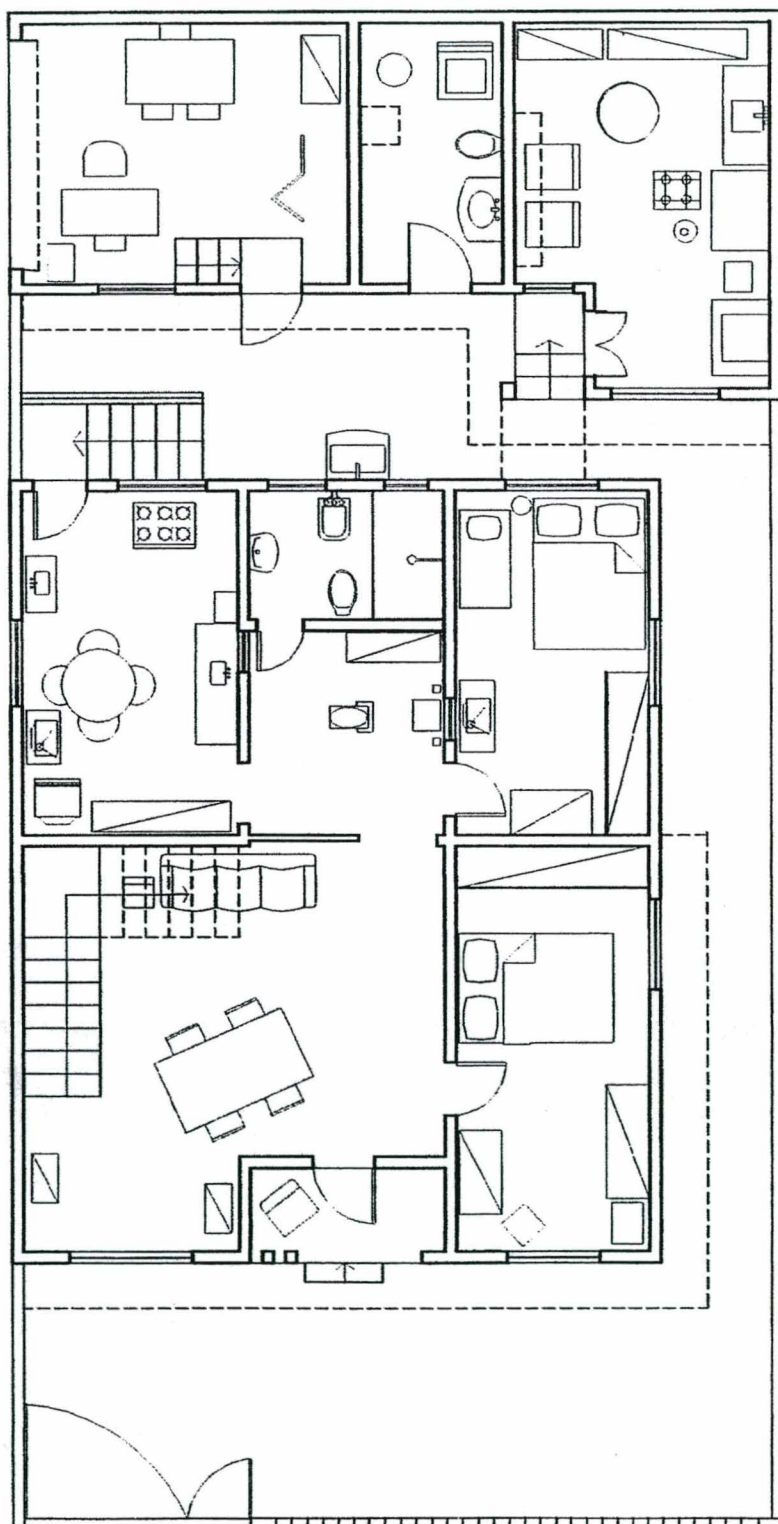


Foto IV.10.3.10.

Foto IV.10.3.10. Estante da sala. Já falamos que a estante conta a história da família. Novamente os troféus conquistados pelo dono da casa e foto dele com a esposa quando jovens. Chamamos à atenção para o papai noel que certamente permanece solitário nesta sala, inclusive no Natal.

## IV.11. A Moradia do Terraço





Planta Baixa com layout da Moradia Atual  
Pavimento térreo - Escala: 1:100

#### IV.11.1. Histórico dos moradores

Reside na moradia a proprietária (70), aposentada, natural de Florianópolis, tendo vivido no bairro Saco dos Limões. Trabalhava no Ministério das Comunicações e foi transferida para o Rio de Janeiro. Quando voltou já era avó. O filho conseguiu esta moradia através de uma transferência. *“No início, as pessoas achavam que, se não pagassem, iriam continuar morando; só que a COHAB não permitiu.”*

Somente o casal mudou para a moradia em outubro de 1971; a moradora na época tinha 44 anos, e o marido, já aposentado, tinha 55. *“Viemos contentes porque tínhamos comprado a nossa casa. Logo em seguida, compramos um carro; a condução coletiva era deficiente. No Rio nós tínhamos carro.”* A moradora lembra que o calçamento veio mais tarde e acrescenta que, as compras, ela sempre faz fora do conjunto.

O segundo marido era carioca. *“Quando casei pela segunda vez, meus filhos já eram casados.”* Perguntei sobre a relação entre vizinhos. *“O pessoal mais pobre se relaciona melhor, são mais unidos. Rico não é bem assim. Eu acho, não sei. Pessoas de mais cultura e estudo têm comportamento mais refinado. Os mais pobres são mais grosseiros, mas são pessoas boas, no geral tudo corre bem aqui.”*

Junto com ela, moram provisoriamente um neto (27), a esposa (26) e a filhinha de 8 meses. A moradora diz que é católica não praticante; o neto e esposa são adventistas. Perguntei se ela participa das atividades que o Centro Comunitário oferece. Ela respondeu que não, mas sabe que na casa paroquial de Barreiros também tem cursos de pintura em tecidos e de confecção de como fazer acolchoados, chinelos etc.

#### IV.11.2. Reformas

A moradora falou sobre o sacrifício para reformar a moradia. O esposo faleceu em 1982. *“A casa estava em péssimas condições, os cupins estavam destruindo tudo. A casa original é de má qualidade e pequena demais. Era entregue com muro baixo e veneziana nas janelas dos dormitórios.”*

Perguntei a opinião dela sobre as reformas freqüentes no conjunto. *“As reformas são feitas para melhorar de vida, não para se destacar. Eu reformei porque eu quis ter espaço, não quis ter minha casa maior que a da vizinha. Minha vizinha não quer reformar para se destacar; são questões de habitabilidade.”*

*“Vocês querem uma trena? Eu tenho uma de dez metros.”* Ela procurou a trena e não encontrou; o neto havia mexido, que decepção! Surpreendi-me com o termo corretamente colocado por ela, *habitabilidade*, pois este é um termo específico, utilizado principalmente entre os profissionais arquitetos, que quer dizer qualidade de habitar, ou seja, ambientes arejados, ensolarados e iluminados natural e suficientemente. Quando falamos para alguém pegar a trena que estávamos utilizando no levantamento, a moradora sabia do que estávamos falando; para confirmar, ofereceu a sua; pena que não a encontrou.

Perguntei sobre o lote pavimentado e ela respondeu: *“Meu marido detestava vir com areia nos pés para dentro de casa, por isso pavimentou tudo.”*

#### IV.11.3. Descrição da moradia



Foto IV.11.3.1.

Foto IV.11.3.1. Fachada principal. Modificações descaracterizam o projeto original. A ampliação é horizontal, alcança o limite da rua. O basculante existente na lateral esquerda é da cozinha e não é permitido pelo código de obras por estar no limite do terreno. O telhado é amplo e absorve as atividades do quintal, já que o lote foi quase todo ocupado pelas ampliações. *“No verão, é fresquinho lá em cima, gostamos de tomar uma cerveja nas noites quentes.”* Além de refrescante, possui uma bela vista do conjunto. A moradora disse que talvez um dia construa o segundo pavimento. A entrada é pelo único portão de garagem e pela varanda, que abriga a porta principal. A moradora atualmente não possui carro. Todas as esquadrias foram trocadas. No cantinho do muro, observamos um pé de guiné.



Foto IV.11.3.2.

Foto IV.11.3.2. Vista do amplo terraço e da porta de acesso.

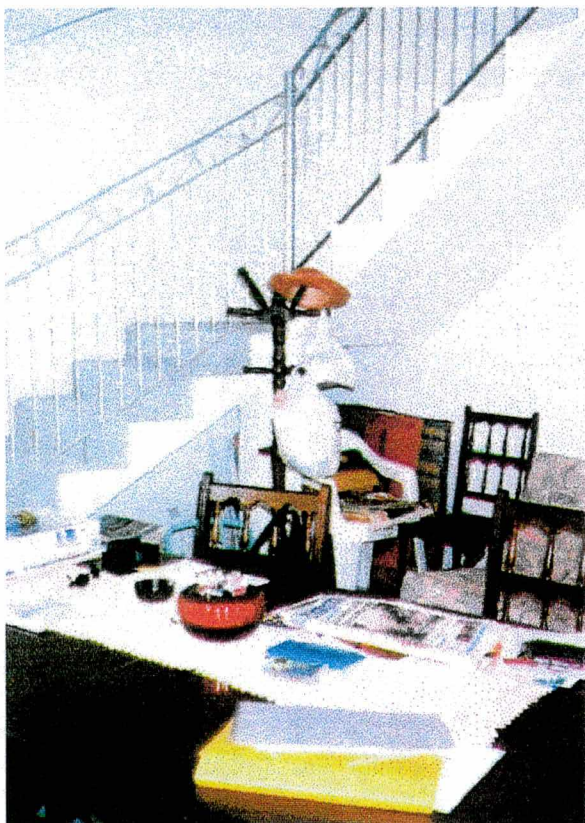


Foto IV.11.3.3.

Foto IV.11.3.3. A sala principal. Móveis escuros “estilo colonial”, quadro da Santa Ceia na parede, piso cerâmico cinza e paredes brancas. Ambientes conjugados: estar e jantar. A foto destaca a imponente escada que dá acesso ao terraço. É o elemento mais valorizado da sala. Justificado se pensarmos numa futura ampliação vertical.

Foto IV.11.3.4. A biblioteca. A leitura é o passatempo predileto da moradora. Gosta de um bom livro, e encontrei numa saleta a estante lotada dos mais diversos autores. *As valquírias* de Paulo Coelho, *Tieta* de Jorge Amado, *O xangô de Baker Street* de Jô Soares, *Somos todos filhos de Deus* de E. von Dänken, *O garanhão* de Harold Robbins, muitos livros do autor predileto, Sidney Sheldon, e muitos sobre Santa Catarina.



Foto IV.11.3.4.



Foto IV.11.3.5. A cozinha. Com a reforma, a moradora ganhou uma cozinha ampla e confortável. Com espaço suficiente para cozinhar, fazer refeições, guardar utensílios e alimentos e ver TV. É bem equipada e arejada. *“Antes eu reunia a família em minha casa, hoje eu vou para a casa da filha e da nora.” “Aqui modificou muito, só tem pontos positivos.”* Ela explica que é cardiopata, hipertensa, e me pede licença para fumar.



Foto IV.11.3.5.

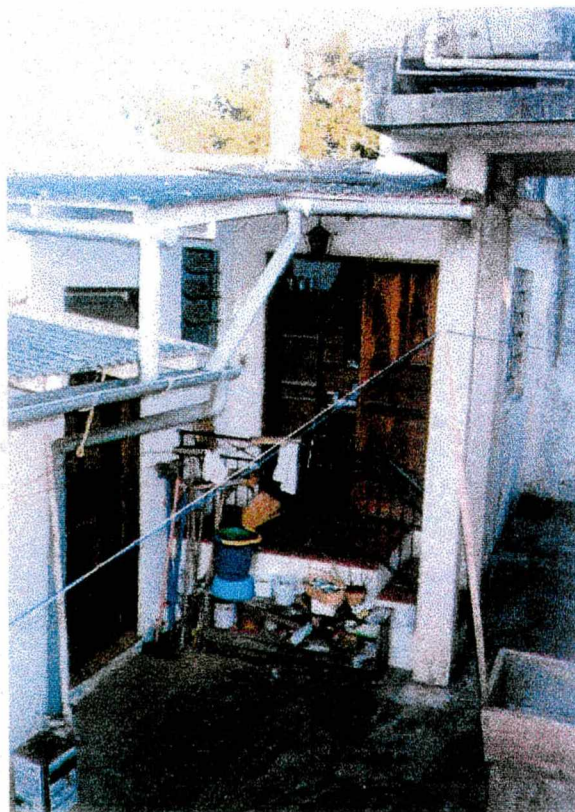


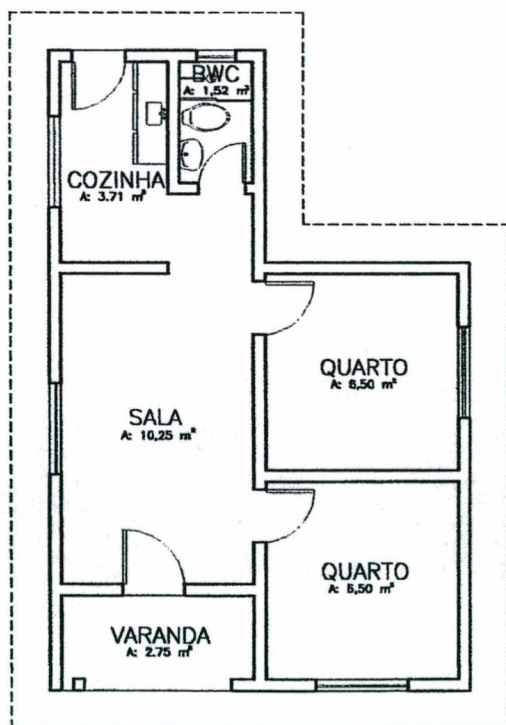
Foto IV.11.3.6.

Foto IV.11.3.6. Edícula. Inicialmente a edícula abrigava uma garagem, um banheiro e uma churrasqueira conjugada com uma segunda cozinha, que, na época em que o marido era vivo, era muito utilizada, não só pela churrasqueira, mas também pelo fogão a lenha ainda existente. Hoje esta cozinha está quase em desuso, embora existam alguns equipamentos eletrodomésticos; é um ambiente secundário. No lugar da garagem funciona o escritório de representação do neto. O banheiro abriga também uma máquina de lavar. Os ambientes da edícula estão sendo utilizados pela família do neto.

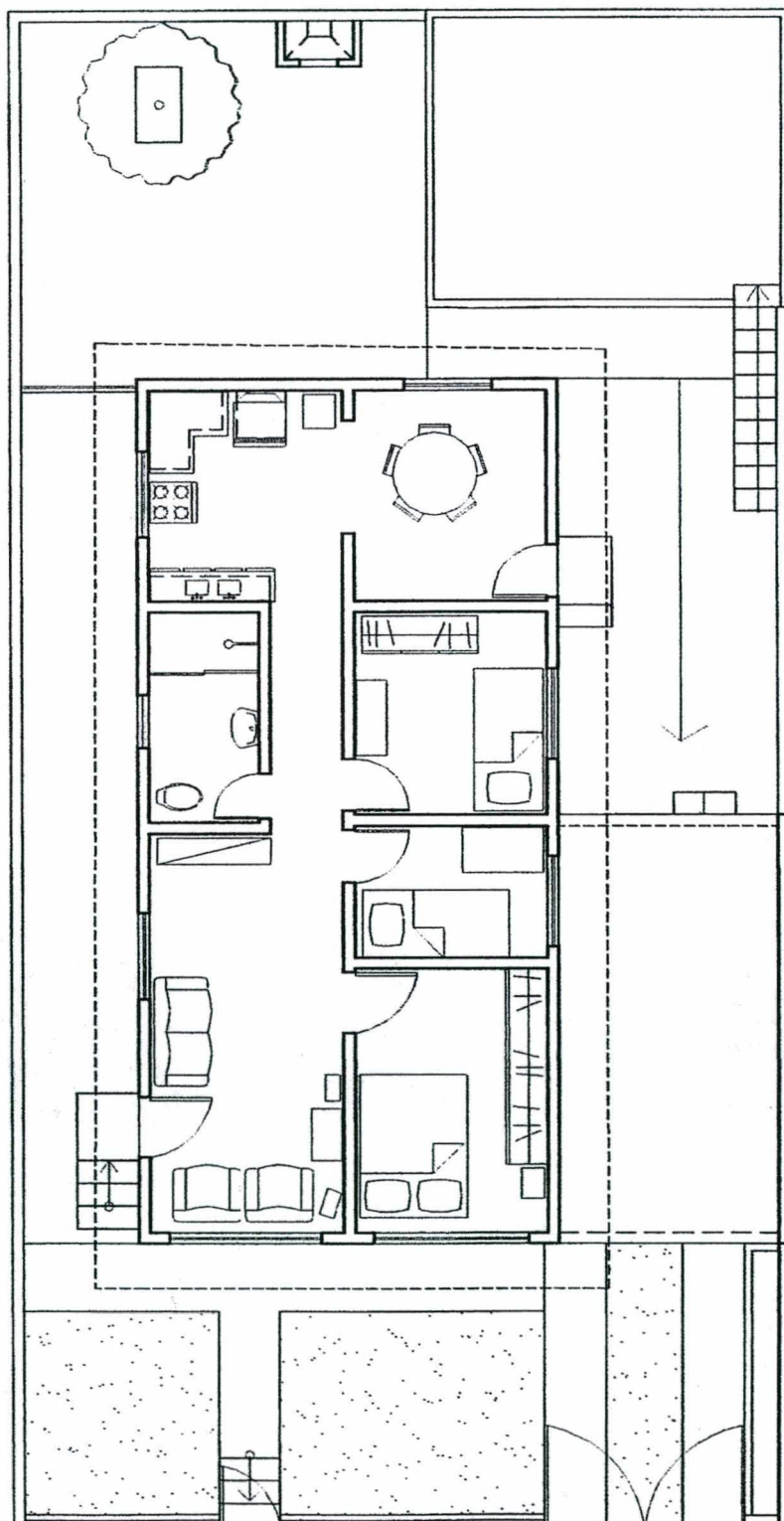
## IV.12. A Moradia do Pé de Cana



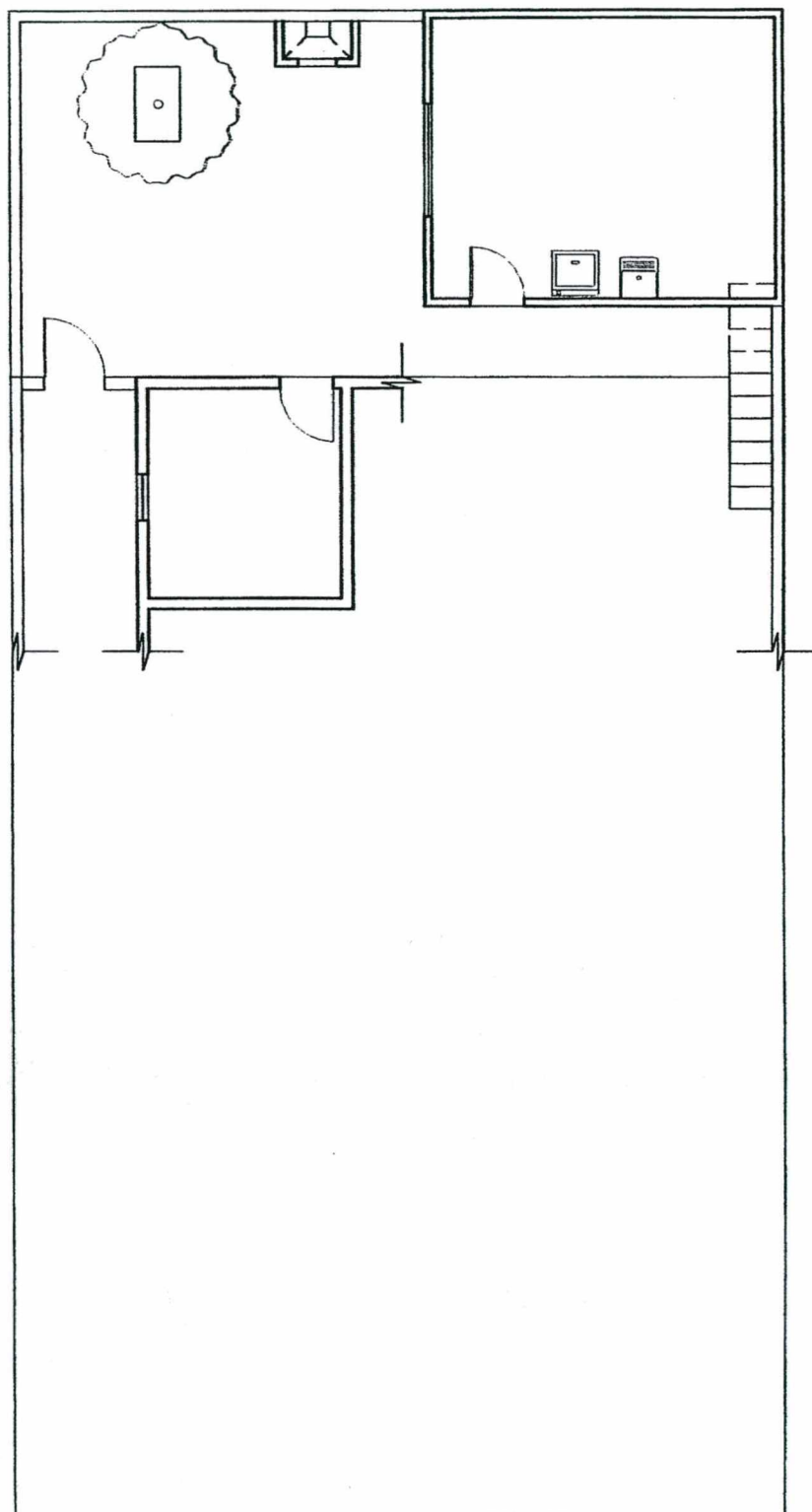
Fachada Original – Escala 1:100



Planta Baixa da Moradia Original  
Escala: 1:100



Planta Baixa com layout da Moradia Atual  
Pavimento térreo – Escala: 1:100



Planta Baixa com layout da Moradia Atual  
Pavimento inferior – Escala: 1:100

#### IV.12.1. Histórico dos moradores

O grupo familiar é composto por um casal de meia idade, a filha (20) e o filho (17). O proprietário é natural de Florianópolis e trabalha no Hospital de Caridade. A proprietária é natural de Camboriú-SC e trabalha como professora na Escola Básica Professor Osvaldo Rodrigues Cabral. Os filhos são naturais de Florianópolis, sendo que a filha cursa Administração na UFSC e o filho faz o curso de eletrotécnica na Escola Técnica Federal de Santa Catarina.

A família gosta do bairro, mas os filhos sempre estudaram no Centro de Florianópolis. Os pais os incentivam a cultivar amizades fora do bairro; alegam o problema de droga existente no conjunto. A moradora, que nos recebeu atenciosamente, comenta que não existe lazer no conjunto, que o Posto de Saúde é precário, o policiamento deficiente, e que o comércio e os serviços em geral são suficientes.

A família tem casa na Praia de Fora e a utiliza nos finais de semana, mesmo fora do verão. Moravam no Centro antes de virem para o conjunto e gostariam de voltar a morar lá.

#### IV.12.2. Reformas

Nos depoimentos, os moradores alegam que as reformas foram necessárias principalmente pelo problema das rachaduras que surgiram na moradia. Segundo eles, a moradia original, que possuía dois dormitórios e varanda, foi quase toda demolida e construída novamente para resolver o problema.

Construíram mais um dormitório, uma copa/cozinha conjugada, ampla e arejada. A cozinha original foi transformada no novo banheiro, bem mais espaçoso; o banheiro original se transformou no corredor. Construíram uma garagem na lateral direita e, nos fundos do lote, uma edícula que abriga área de serviço, lavanderia e depósito, tudo em um único espaço.

Para a moradora, a primeira reforma desejada foi uma nova cozinha e um novo banheiro. Em função do declive acentuado para o fundo do lote, foi possível um aproveitamento do espaço embaixo da moradia. Tal espaço foi fechado com paredes, recebeu porta e janelas, e o proprietário ganhou uma espaçosa oficina para exercer a atividade predileta, o artesanato em madeira.

A moradora fala sobre a moradia dos pais e lembra com saudades da cozinha bem grande e de um varandão integrado. As melhorias desejadas por ela são: colocar laje em toda a moradia e construir uma suíte sobre a garagem. Ela explica que recebe parentes e visitas, portanto necessita de mais um dormitório; deseja também mudar os móveis.

### IV.12.3. Descrição da moradia



Foto IV.12.3.1.

Foto IV.12.3.1. Fachada principal. O volume lembra a fachada original, o mesmo tipo de telhado. A varanda original foi incorporada à sala; no lugar, uma janela com esquadrias de madeira, do mesmo tipo de que foi usada para substituir a janela do dormitório do casal, à direita da janela da sala. A entrada principal foi transferida para a lateral esquerda. O portão para pedestres é independente do portão da garagem, que está à direita. O pequeno jardim na entrada privilegia inclusive os chás e os temperinhos verdes. Porém, destacamos o exuberante pé de cana de açúcar.



Foto IV.12.3.2.

Foto IV.12.3.2. Sala principal. Na parede de fundo, a janela voltada para a fachada frontal; à direita, a porta de entrada. Os estofados estão organizados próximos da porta de entrada, o que complica a circulação e dificulta a abertura da porta. Na parede à direita, o retrato do casal de filhos. A entrada principal é utilizada, e a sala também; aqui não existe a “sala trancada”.



Foto IV.12.3.3.

Foto IV.12.3.3. A foto mostra o dormitório da filha de 20 anos, que explica porque utiliza até hoje os móveis de criança. *“Gosto deles, e além do mais, por serem menores, cabem melhor no quarto, que é muito pequeno.”*



Foto IV.12.3.4.

Foto IV.12.3.4. A cozinha. É ampla e conjugada com a copa. É bem equipada, enfeitada, e tudo está organizado de acordo com as preferências da moradora.

Foto IV.12.3.5. O terraço. Utilizado para a família se refrescar nas noites quentes, estender roupas, respirar ar puro e contemplar a bela vista da Baía Norte. Esta moradia está localizada na parte alta do conjunto, portanto o terraço é quase um mirante. No fundo do lote, restou um pequeno quadrado de espaço livre, que foi pavimentado, e nele encontram-se uma árvore solitária e uma churrasqueira sem cobertura.

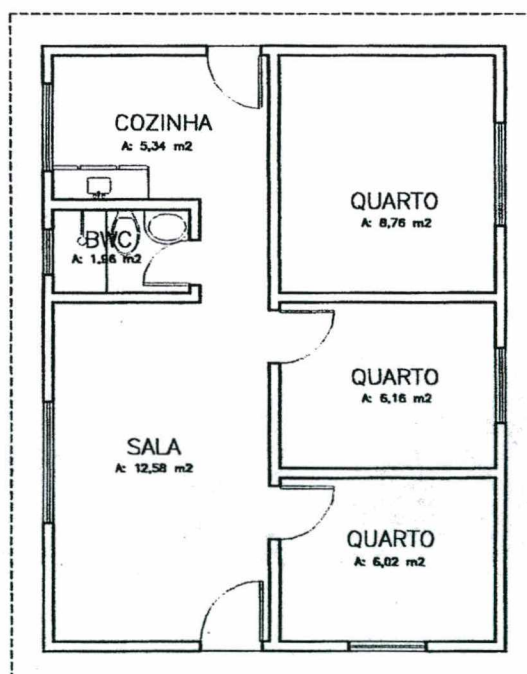


Foto IV.12.3.5.

### IV.13. A Moradia Emergente

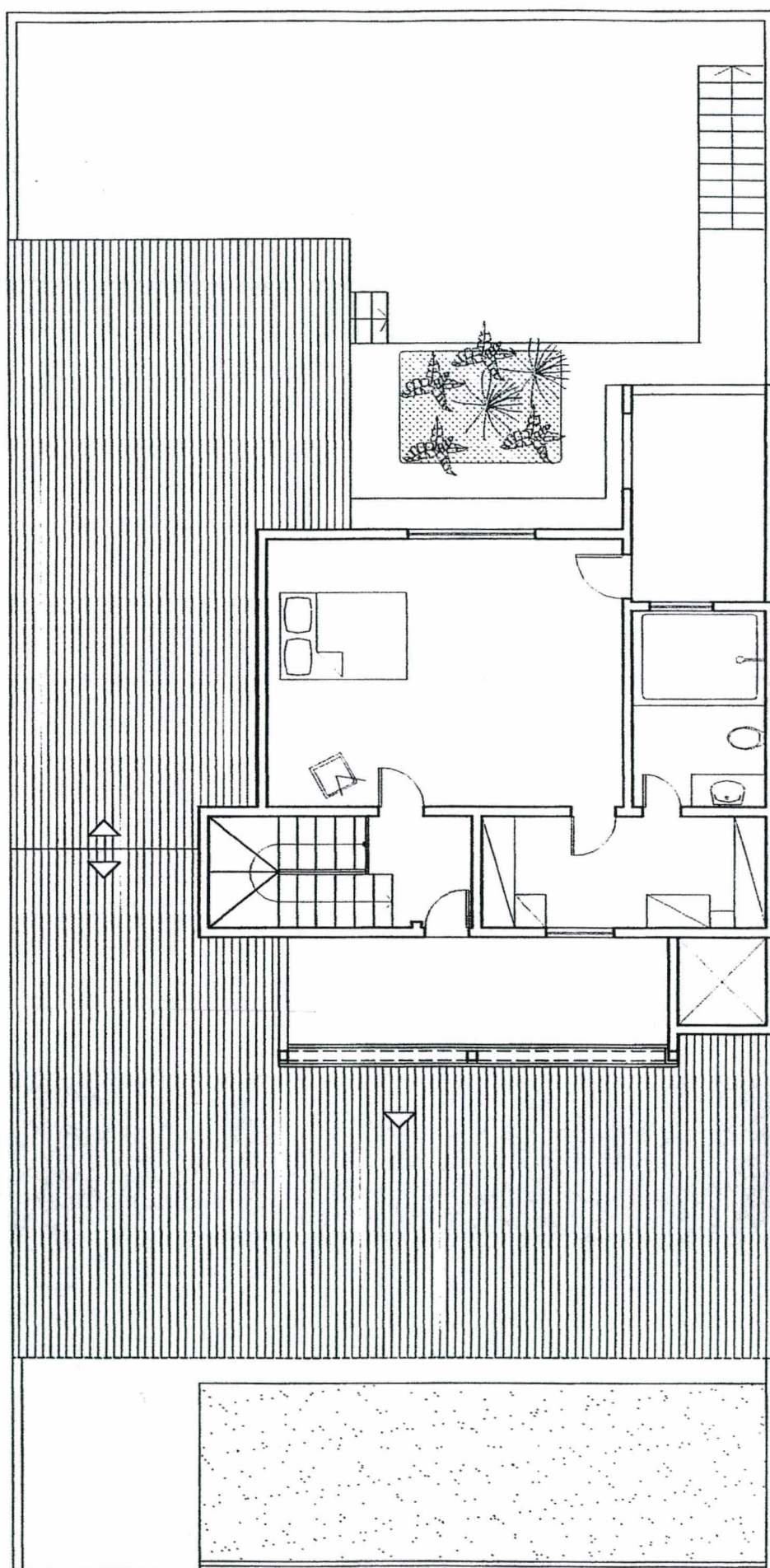


Fachada Original – Escala 1:100

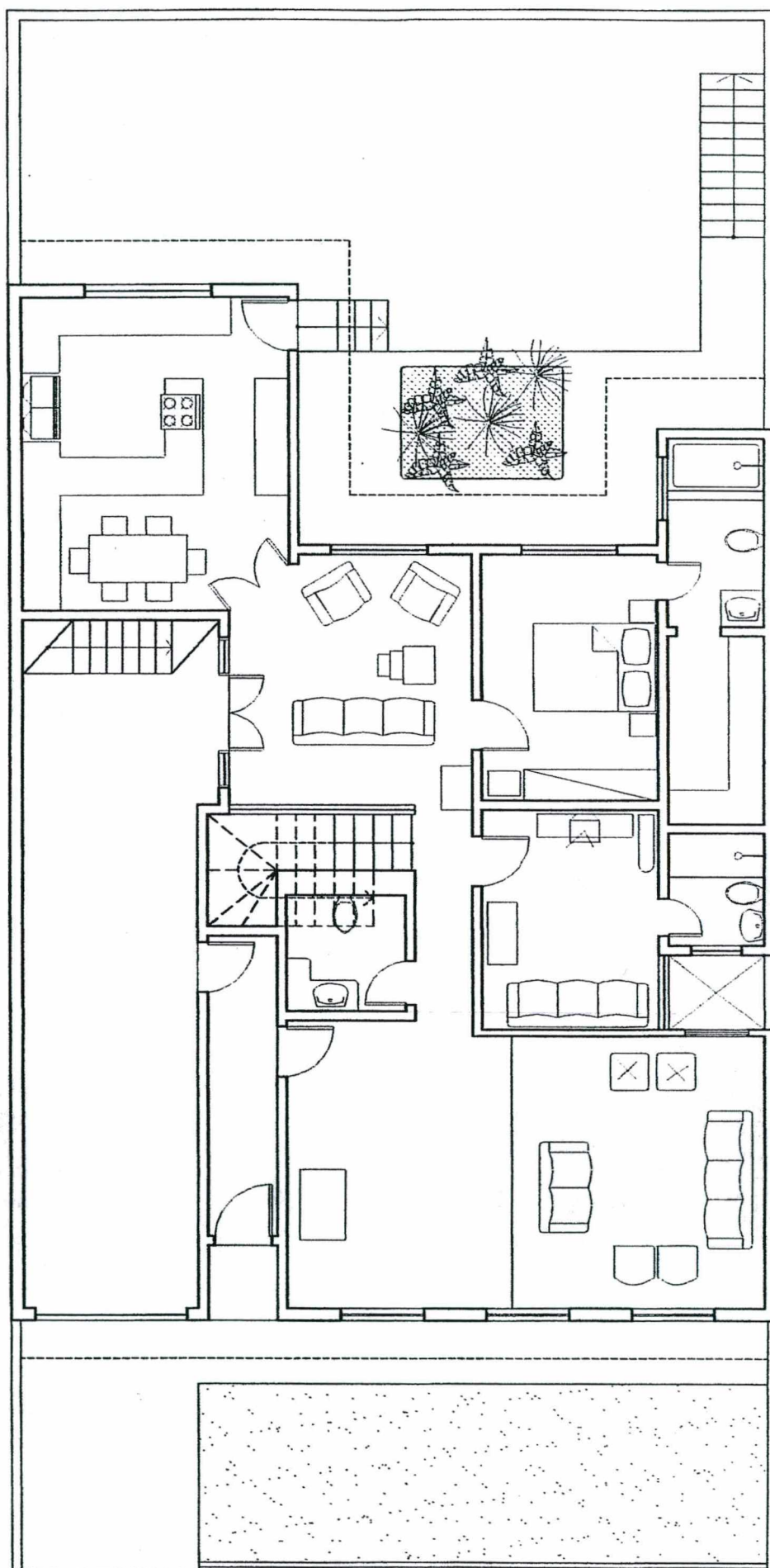


Planta Baixa da Moradia Original  
Escala: 1:100

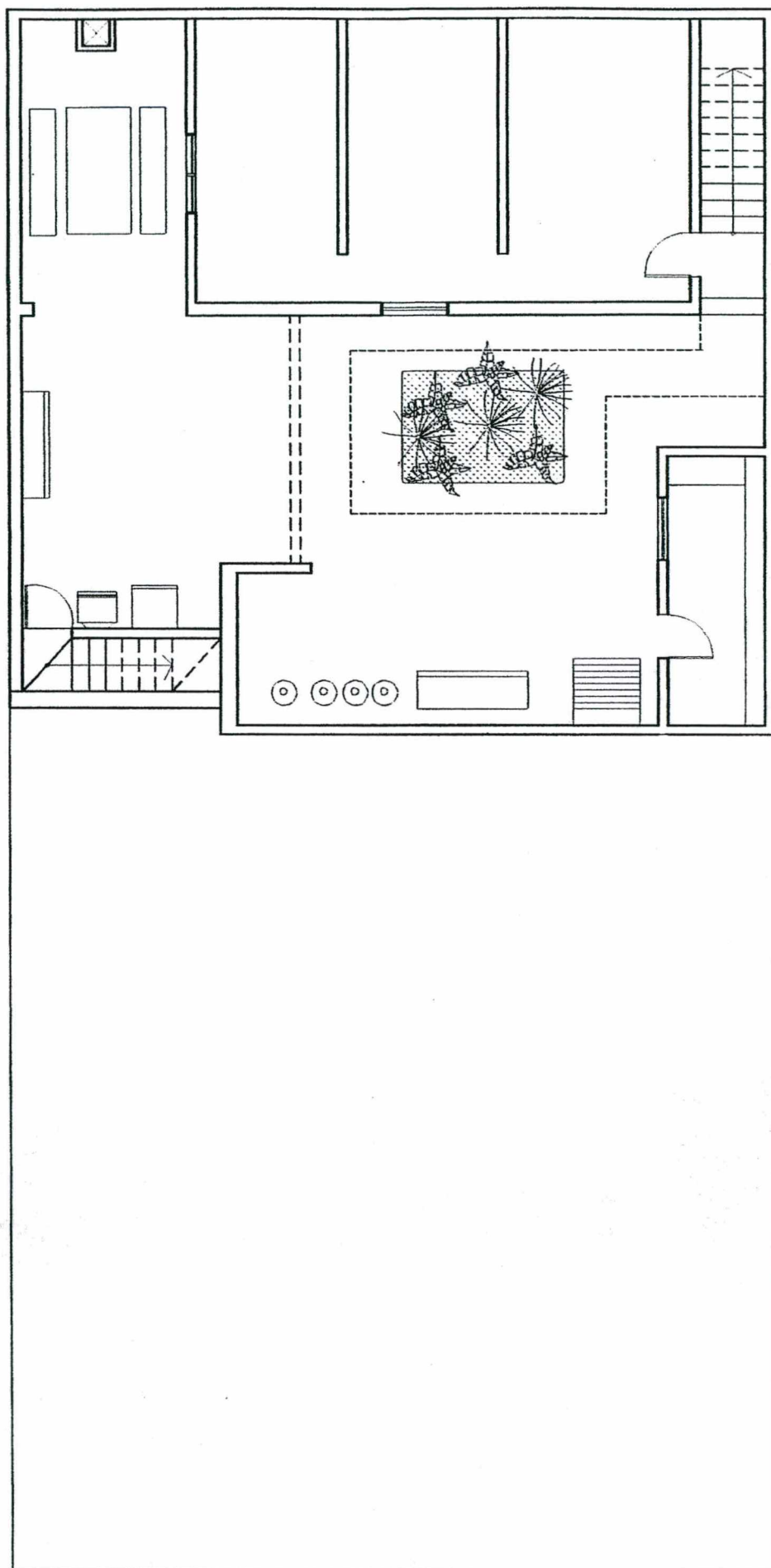




Planta Baixa com layout da Moradia Atual  
Pavimento superior — Escala: 1:100



Planta Baixa com layout da Moradia Atual  
Pavimento térreo – Escala: 1:100



Planta Baixa com layout da Moradia Atual  
Pavimento inferior — Escala: 1:100

#### IV.13.1. Histórico dos moradores

O grupo familiar é composto por um casal (42) e (35) e a filha (14). O proprietário é natural de Rio do Sul-SC e ocupa o posto de major no Corpo de Bombeiros, no bairro Estreito. A proprietária é natural de Florianópolis, e sua família de origem mora no bairro Saco dos Limões. Eles estão casados há dezoito anos, e no início residiam numa casa de aluguel, no referido bairro.

Há cerca de doze anos eles adquiriram a atual residência. A escolha do bairro foi devida às condições financeiras que possuíam na época. Pretendiam adquirir a casa própria sem ter que se atrelar a um financiamento.

O casal trabalha há dez anos com atividade de mergulho, com registro na Confederação Brasileira de Pesca e Desporto Subaquático (CBPDS). A escola de mergulho envolve o casal durante o ano inteiro, e no verão as atividades se intensificam, época em que eles ficam instalados na Praia de Jurerê, com residência e comércio. O computador instalado na sala principal provisoriamente desempenha toda a contabilidade da empresa. O proprietário conserta os compressores e faz a manutenção dos equipamentos em casa. Pretende aposentar-se dentro de três meses e dedicar-se exclusivamente à empresa. O casal possui dois carros novos.

A moradora disse que não gosta do conjunto e que gostaria de morar na Avenida Beira-Mar. O objetivo da moradora é adquirir e melhorar sempre, viver bem. *“Só vendo aqui se for para eu ir para um apartamento de cobertura na Beira-Mar Norte, que não tenha que pagar condomínio, nem suportar cheiro de maresia.”*

#### IV.13.2. Reformas

Quando o casal adquiriu a moradia, ela já havia sido modificada pelos proprietários anteriores. Logo após a aquisição, a moradia passou por um período de dois anos de profundas reformas. Poucas paredes originais permaneceram e, segundo o proprietário, estas paredes estão provocando problemas de umidade. A moradia foi adquirida com menos de 100 m<sup>2</sup> e atualmente possui aproximadamente 320 m<sup>2</sup>. Eles informaram que ainda não concluíram o tratamento decorativo da moradia, o qual pretendem desenvolver a longo prazo.

### IV.13.3. Descrição da moradia



Foto IV.13.3.1.

Foto IV.13.3.1. Fachada principal. É impossível encontrar algum traço do projeto original. A moradia hoje soma 320 m<sup>2</sup> e está resolvida em três pisos. Possui grade no limite com a calçada e alcançou os dois limites laterais do lote. Há um pequeno jardim na entrada, e a porta principal está visivelmente colocada entre o portão da garagem e as três janelas da sala principal. Tem porteiro eletrônico, e dificilmente encontramos os moradores em casa. Todas as visitas foram agendadas porque a moradora sempre se preocupou em estar arrumada e ter a casa impecável para me receber.



Foto IV.13.3.2.

Foto IV.13.3.2. Sala principal. A foto mostra um conjunto de estofados em veludo azul marinho ainda com os plásticos jogados em cima. A bicicleta indica que a sala não está pronta. Mas promete.



Foto IV.13.3.3.

Foto IV.13.3.3. Lava-  
bo. Pintura tipo epox em tons cinza  
e preto. Lustre em tubos de vidro  
transparente e metal dourado. Os  
acabamentos são em gesso. A foto  
mostra o balcão da pia em granito  
preto com filetes dourados. Sobre o  
balcão, uma saboneteira em metal  
dourado exhibe diversos sachês em  
tons branco, rosa, lilás e em forma  
de caramujo, peixe etc... Na janela,  
cortina branca transparente com  
fartos babados; na parede, um  
espelho amplo com moldura em preto.  
No canto, um vaso com folhagem  
natural e, no piso, um tapete de te-  
cido felpudo em lilás. Na parede, o  
porta-toalha apóia uma toalha de  
mão na cor branca com bordados  
em lilás. O vaso sanitário é preto  
com frisos e tubulação em metal  
dourado.

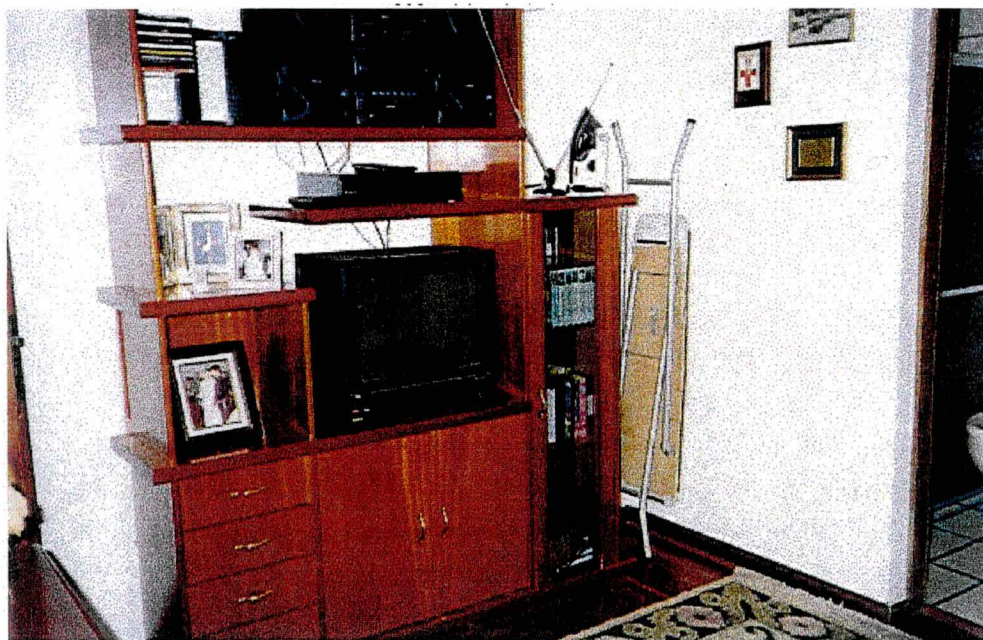


Foto IV.13.3.4.

Foto IV.13.3.4. Sala de TV. É um ambiente com um sofá confortável e a tradicional estante, que abriga, além dos porta-retratos, TV, som e vídeo, um ferro de passar roupas. A foto mostra a tábua de passar no canto. Enquanto a dona da casa vê TV, aproveita para passar as roupas. A moradora explica que raramente isto acontece, porque ela tem passadeira.



Foto IV.13.3.5.

Foto IV.13.3.5. Dormitório da filha. Com banheiro com hidromassagem e closet conjugados, é amplo, confortável e reúne todos os objetos preferidos pela jovem de 14 anos. Balcão para estudo, cortinas fartas rosa claro, retratos de quando ela era bebê e muitos bichinhos de pelúcia.



Foto IV.13.3.6.

Foto IV.13.3.6. Saleta. Esta saleta é intermediária, ou seja, distribui a circulação para cozinha, garagem, dormitório da filha, sala de TV e escada para o segundo piso. Possui piso cerâmico desenhado, paredes brancas, aberturas em madeira pintada em marrom, lustre em vidro picotado e metal dourado. Organiza um pequeno conjunto de estofados em cana da índia com almofadas em brocado e cortina do mesmo tecido.



Foto IV.13.3.7.

Foto IV.13.3.7. Cozinha. Neste espaço, estão estabelecidos códigos e escala de valores. Móveis feitos sob encomenda, variedade de aparelhos eletrodomésticos, iluminação especial, ozonizador etc. Podemos dizer que esta cozinha poderá ser fotografada para revista, ou que certamente não perde em nada para as já conhecidas “*Kitchen*” ou “*Formaplas*”. Paredes em cerâmica bege claro liso com piso trabalhado em tons mais escuros. Balcões em laminado bege bem claro com frisos em madeira escura. A mesa em granito com seis cadeiras organiza o ambiente de refeições. Um balcão e armários altos dividem a cozinha do ambiente de refeições. Enquanto eu escrevia sentada na copa, a dona da casa limpava o fogão, lavava louça e me contava sobre o baleiro que eu elogiei e que estava sobre o balcão. Na janela, a cortina branca transparente fartamente franzida e embabadada sobre o balcão da pia. Quando começamos a fotografar, a dona da casa percebeu um frasco de detergente *Minerva* no balcão; pediu que interrompêssemos até que ela retirasse o frasco. Sempre demonstrou preocupação com esses detalhes. Não só a cozinha, mas toda a moradia tem que estar impecável; entendemos que, neste caso, a imagem da casa está diretamente ligada à imagem da dona da casa. Na copa, ela nos serviu biscoitinhos com refrigerantes.



Foto IV.13.3.8.  
Escada. Esta imponente escada com o corrimão em madeira trabalhada dá acesso ao segundo piso, ou seja, à suíte do casal.



Foto IV.13.3.8.



Foto IV.13.3.9.

Foto IV.13.3.9. Banheiro da suíte do casal. Confortável e amplo, possui banheira de hidromassagem, divisória do box em blindex e todo equipamento e utensílio necessários. Este banheiro é integrante de uma ampla suíte com dormitório em dimensões significativas, closet e duas varandas, uma para os fundos e outra para a fachada principal.

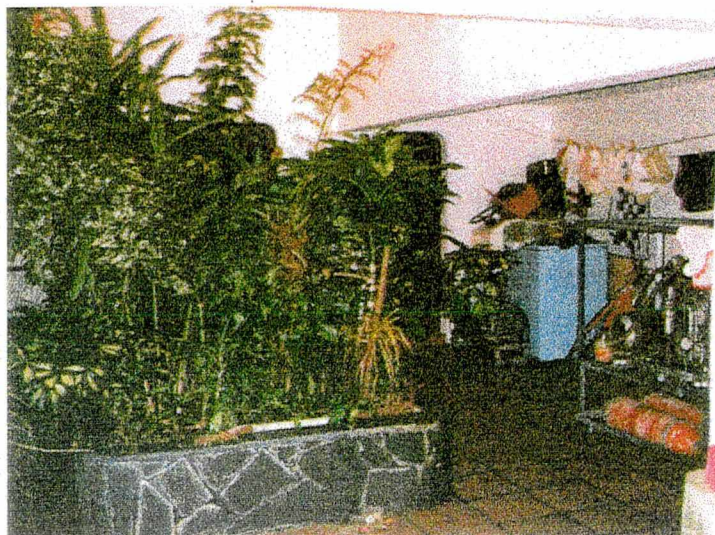


Foto IV.13.3.10.

Foto IV.13.3.10. Pátio interno. Localizado na parte do fundo do lote, abaixo do nível da rua, está entre a moradia e a edícula. Confinado, úmido e sombrio, possui no centro um canteiro com vegetações diversas: comigo-ninguém-pode, cheflera, samambaias etc. Os ambientes que circundam este pequeno pátio, são iluminados e ventilados de

forma deficiente e possuem pé direito baixo (mais ou menos 2,20m). São eles:

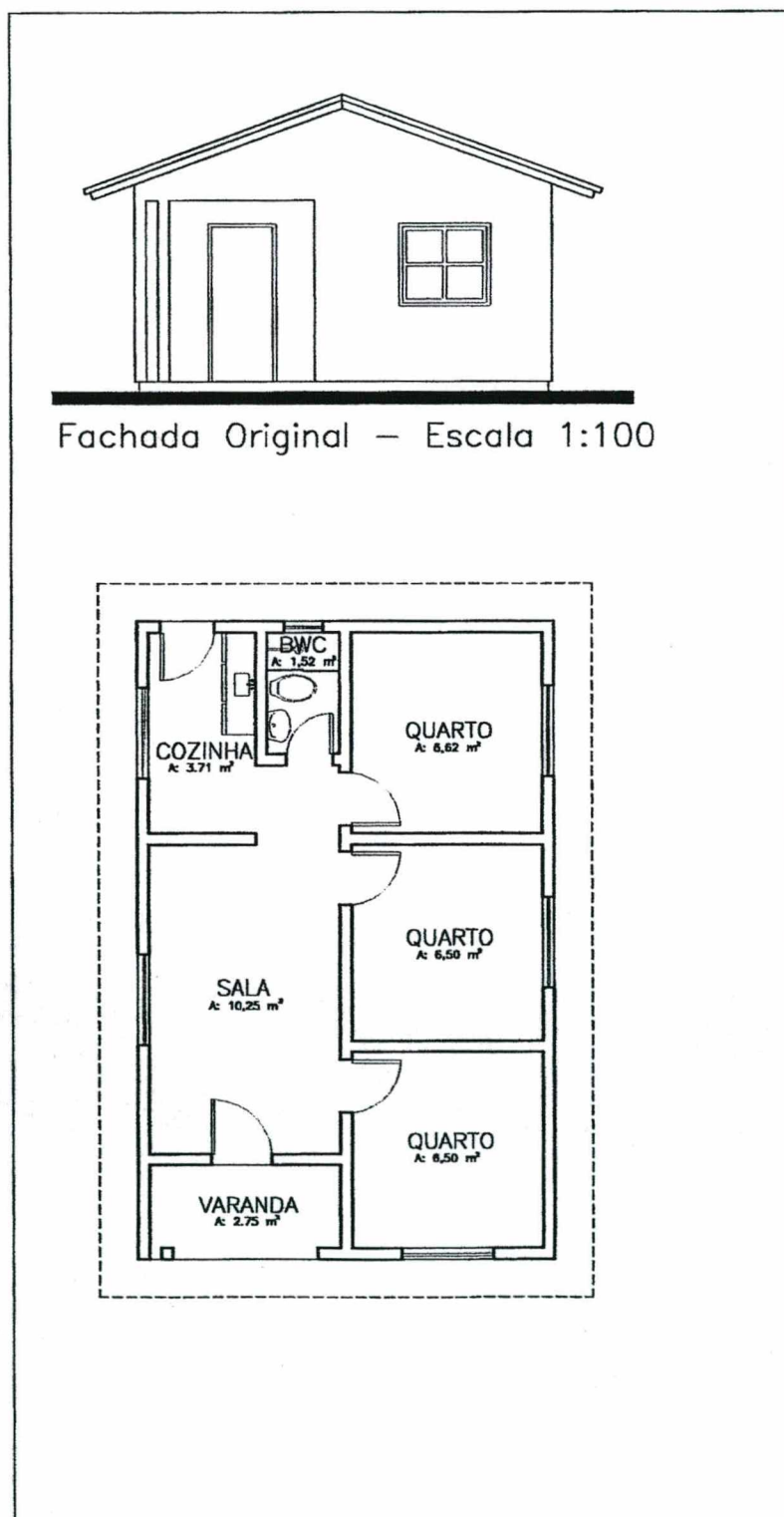
- Área de serviço e lavanderia. *“No inverno, estendemos roupas aqui em baixo. Quando faz sol, estendemos no terraço.”*
- Churrasqueira. Os proprietários dizem que o churrasco não é freqüente. Quando acontece, usam o banheiro lá de cima e não o da edícula, que está ao lado da churrasqueira. É um espaço amplo, porém a iluminação é deficiente.
- Edícula. Era residência do filho do proprietário anterior; hoje é depósito de roupas de mergulho e equipamentos. Possui três cômodos e um banheiro. Tudo está ocupado para depósito da empresa.
- Oficina. O proprietário conserta os compressores e faz manutenção dos equipamentos.
- Escada de acesso para o terraço (ver planta baixa).

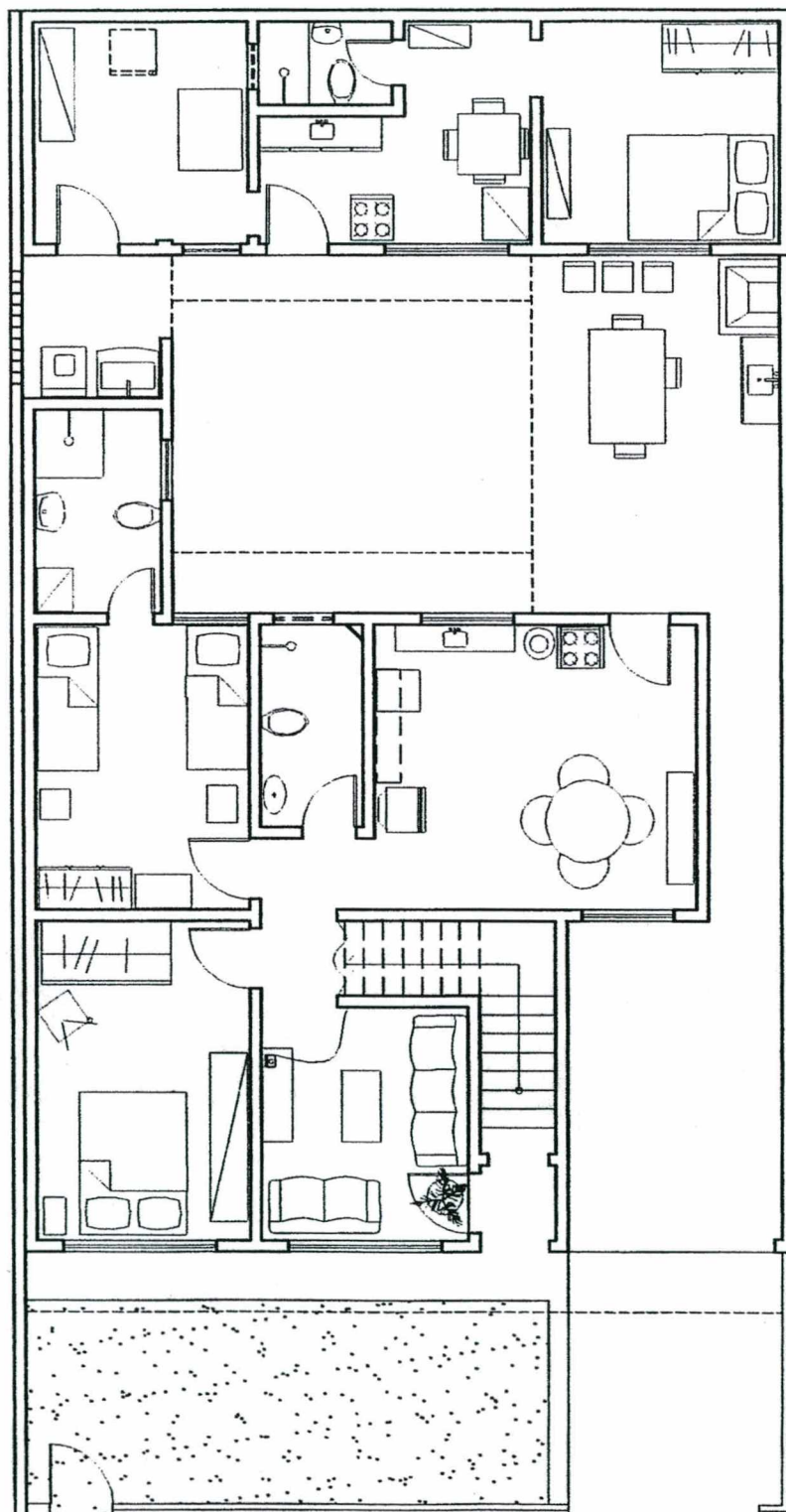


Foto IV.13.3.11.

Foto IV.13.3.11. Terraço. Espaçoso, com vista para a Avenida Brasil – principal avenida do conjunto -, Morro da Cruz e a Ponte Hercílio Luz. Além de favorecer a contemplação, desempenha a função do “lote recriado”, onde o cachorro mora; o varal está presente. Possui piso cerâmico, e as proteções nas laterais já foram colocadas. A foto mostra a porta da cozinha, segundo acesso ao terraço.

#### IV.14. A Moradia das Tapeçarias





Planta Baixa com layout da Moradia Atual  
Pavimento térreo - Escala: 1:100

#### **IV.14.1. Histórico dos moradores**

A proprietária é de origem alemã, natural de Joaçaba-SC, tendo residido no Paraná antes de mudar-se para São José. Ela, o marido e os cinco filhos foram uns dos primeiros moradores do Bela Vista; mudaram-se para o conjunto em 1971. Líder comunitária, está no conjunto desde o começo. Participou da luta dos moradores do Bela Vista I pelas melhorias necessárias para a população. Atuante até hoje, dá aula de tapeçaria no Centro Comunitário, onde trabalhou durante vários anos. Revelou-se uma informante em potencial. Contribuiu de forma efetiva para que eu construísse aos poucos o histórico do conjunto. Alegre, receptiva e cerimoniosa. É viúva há catorze anos, gosta de viajar e fazer tapeçaria.

Atualmente moram com ela uma filha separada, que ocupa a edícula, e a neta. Neste caso, a edícula é uma residência, e não apoio para a casa principal. A neta estuda e vive com a avó.

#### **IV.14.2. Reformas**

A moradia original era de três dormitórios e tinha varanda. Está implantada num lote plano de meio de quadra. Após três anos de ocupação, a moradia sofreu a primeira intervenção com a finalidade de ampliar a cozinha. Dois anos mais tarde foi construída a edícula, junto às divisas, no fundo do lote, acrescentando um segundo banheiro à residência. Mais tarde, foi edificado o terceiro banheiro, desta vez junto ao corpo principal da moradia.

Há cerca de quinze anos, os três dormitórios originais foram transformados em dois quartos maiores. A última reforma, executada há cerca de um ano, modificou praticamente toda a divisão interna da casa, além de ampliá-la. Nesta reforma, está prevista a construção do segundo pavimento, destinado à moradia da família da filha da proprietária. No novo pavimento, pretende-se repetir a mesma planta baixa do pavimento térreo.

### IV.14.3. Descrição da moradia



Foto IV.14.3.1.

Foto IV.14.3.1. Fachada principal. Foi modificada no decorrer das reformas. Alcançou os dois limites laterais do lote. As aberturas foram trocadas, e na lateral direita foi construída uma garagem. No limite do lote com a rua, foi colocada uma grade, e o portão para pedestre à esquerda está trancado, mesmo porque a entrada está à direita, portanto esse portão não tem função. Talvez a entrada fosse na lateral esquerda, e o portão não foi mudado. O portão da garagem é o único acesso à moradia. A escada existente junto à porta principal indica que em breve será construído o segundo pavimento. O pequeno jardim é apenas um retângulo de grama.



Foto IV.14.3.2.

Foto IV.14.3.2. Laje recém construída aguarda o segundo pavimento.

Foto IV.14.3.3. Sala principal. A folhagem atrás da porta principal demonstra o desuso da mesma. É um ambiente impecável e agradável, bem iluminado e arejado. As rosas vermelhas aparecem como na maioria das moradias analisadas. Para alguns, as rosas vermelhas chamam dinheiro. A mesa de centro apóia também os bichinhos de vidro. A cortina branca transparente não prejudica a entrada de luz no ambiente. Na primeira vez que visitei esta moradia, entrei pela cozinha, mas fui conduzida para a sala.



Foto IV.14.3.3.



Foto IV.14.3.4.

Foto IV.14.3.4. Dormitório da moradora. Expressa o capricho e a limpeza. É confortável e além do descanso, abriga atividades como ver TV e fazer tapeçarias.

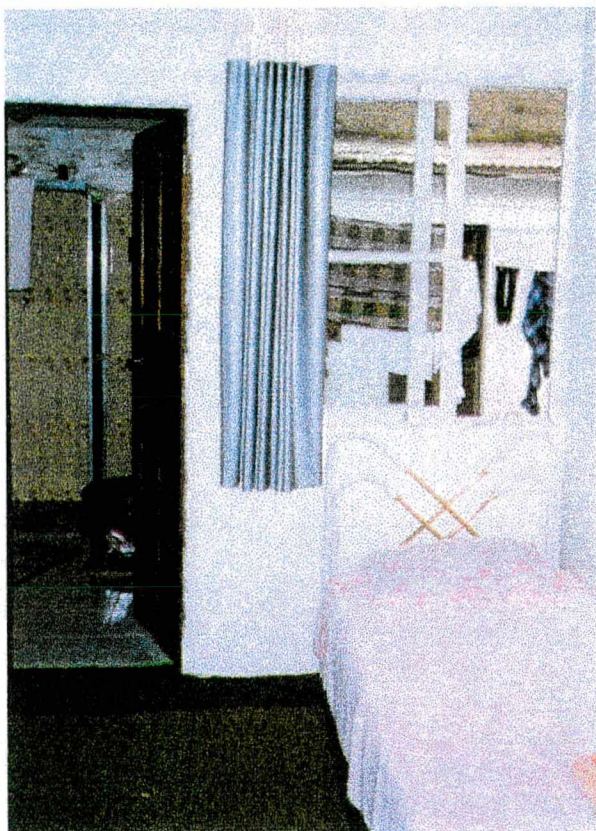


Foto IV.14.3.5.

Foto IV.14.3.5. Dormitório da neta. Possui banheiro privativo. Cama em tubo branco e dourado. A janela dá para os fundos; podemos ver a edícula no último plano.

Foto IV.14.3.6. A cozinha. Piso claro, paredes brancas, tem muitos armários e equipamentos eletrodomésticos. É ampla e conjuga com o ambiente para refeições. Não encontramos TV nesta cozinha. A moradora tem em seu dormitório um sofá para ver TV, local onde faz as tapeçarias.



Foto IV.14.3.6.





Foto IV.14.3.7.

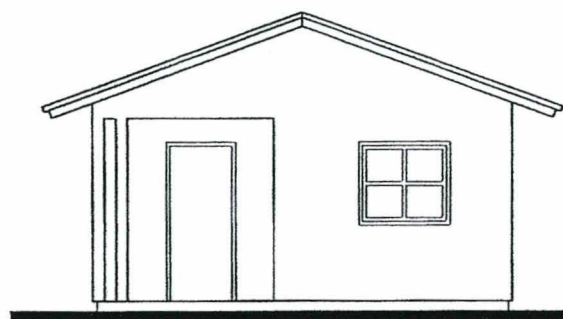
Foto IV.14.3.7. A churrasqueira. Localizada entre a moradia principal e a edícula, é um espaço agradável e bem organizado, porém tem pouco uso. A foto mostra as janelas da edícula.



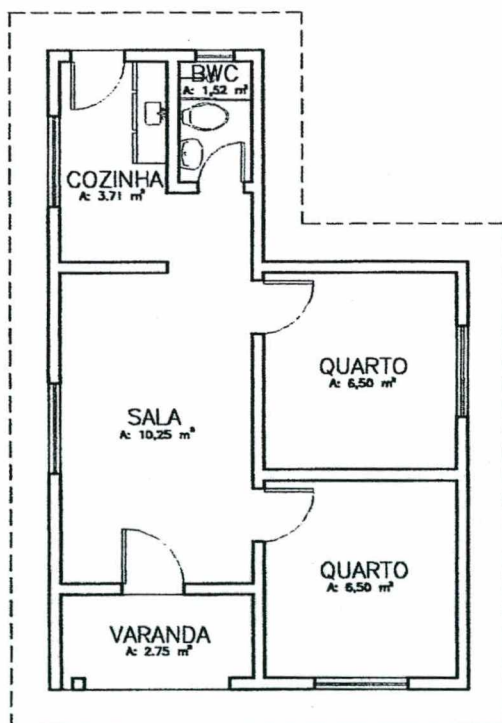
Foto IV.14.3.8.

Foto IV.14.3.8. Lote pavimentado. A foto mostra o pequeno espaço entre a moradia principal, a edícula e a churrasqueira, todo pavimentado. Vemos também as portas da sala e da cozinha da edícula. À esquerda está localizada a pequena área de serviço.

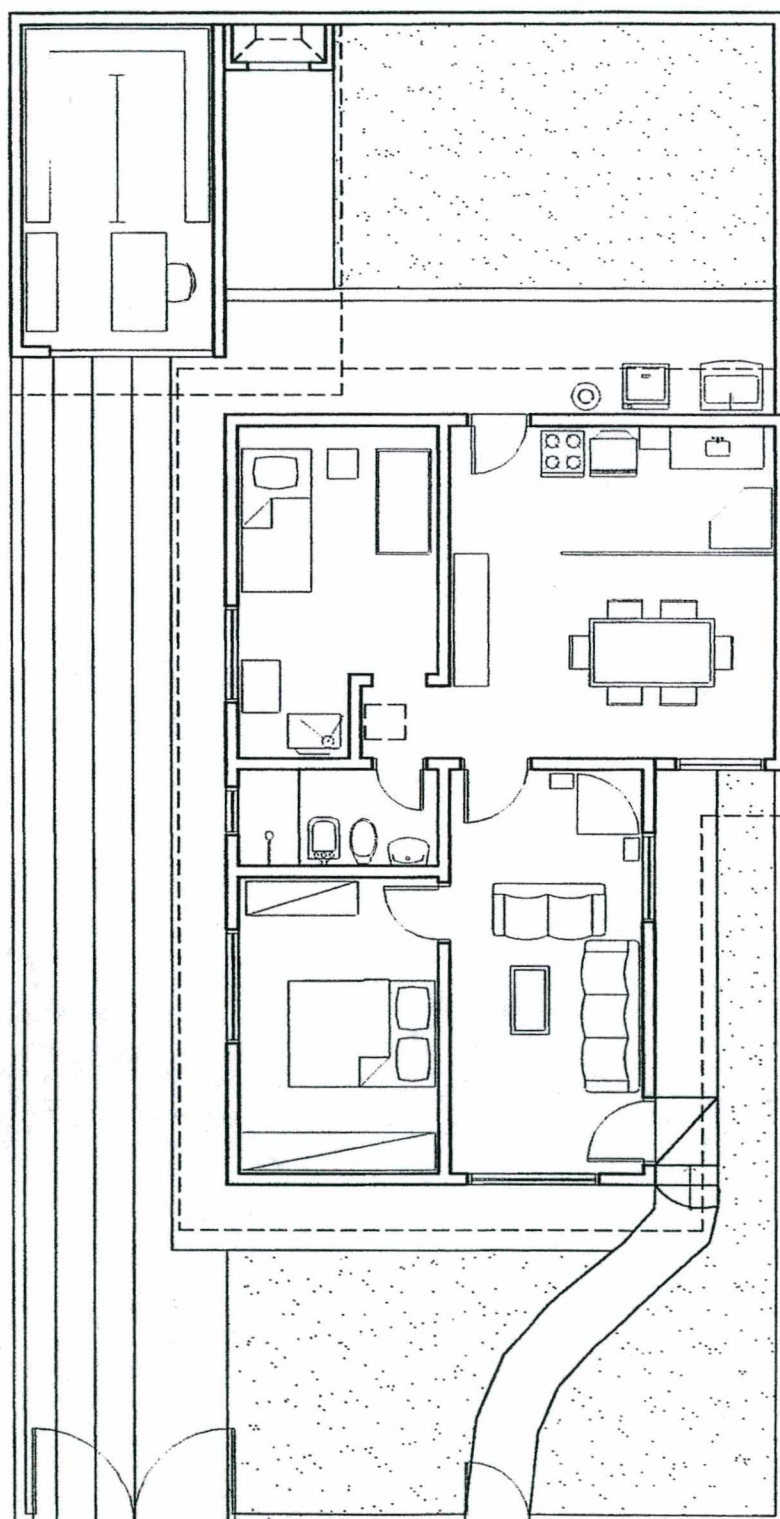
#### IV.15. A Moradia do Comércio



Fachada Original – Escala 1:100



Planta Baixa da Moradia Original  
Escala: 1:100



Planta Baixa com layout da Moradia Atual  
Pavimento térreo – Escala: 1:100

#### IV.15.1. Histórico dos moradores

O grupo familiar é composto por um casal (31) e (25) e dois filhos (9) e (2). Na época em que realizamos o levantamento, a família havia se instalado nesta moradia há dois meses e eram inquilinos.

A moradora já havia morado no conjunto em 1993; mudou-se para Forquilha e dois anos depois retornou ao conjunto. O contrato de aluguel feito com o proprietário foi de um ano. A princípio, a moradora gostaria de permanecer morando no conjunto. *“Depende do aluguel.”* Para ela, o valor do aluguel é preocupante. *“Eu sou um pouco nômade; não me preocupa a idéia de ter que mudar novamente.”*

O marido trabalha com ela na loja de preço único (1,99); paralelamente vende roupas da confecção deles e é representante de calçados. O forte da loja é a venda de roupas infantis. A família do marido mora no conjunto há vinte anos e veio de Timbó-SC. Ele conta que lembra bem da discriminação em relação às pessoas que moravam na “COHAB”. Segundo ele, *“a barra era pesada. Para cá, só vinha o resto. Na verdade, vieram na época famílias que lutaram por melhorias do conjunto e permaneceram até hoje. Este conjunto aqui hoje é ótimo.”*

#### IV.15.2. Reformas

A moradia original era de dois dormitórios, localizada no meio de quadra. A varanda original foi incorporada à sala, sendo que esta área somada foi transformada em quarto do casal e no novo BWC. O antigo BWC deixou de existir; sua área, somada à da cozinha original e a uma área de ampliação – gerada pelo deslocamento da fachada dos fundos –, deu origem a um novo dormitório.

Os dois dormitórios originais foram transformados em sala, sendo que a porta de entrada principal passou a se localizar na lateral direita da moradia. O hall original entre o BWC e a cozinha permaneceu com este uso, ligando agora o novo quarto e o novo BWC. A partir da nova sala, houve um acréscimo de área em direção aos fundos, até a divisa lateral direita do lote, área que passou a abrigar a cozinha e a área de refeições, ocupando a área prevista pelo projeto da COHAB para o terceiro quarto da residência.

A garagem foi construída junto ao encontro das divisas dos fundos e da lateral esquerda do lote. Anexo a ela, sob o beiral lateral prolongado, foi construída uma churrasqueira. A ampliação da moradia obrigou a transferência do tanque de lavar roupas, que permaneceu fora da casa, em espaço aberto sob o beiral dos fundos, ou seja, a proposta original é repetida.

### IV.15.3. Descrição da moradia



Foto IV.15.3.1.

Foto IV.15.3.1. Fachada principal. Embora tenha sofrido modificações, esta fachada ainda possui características do projeto original, como a mesma solução para o telhado; a ampliação ocorreu na parte posterior; a fachada continua sem alcançar os limites laterais do lote. A entrada está na lateral, portanto quem passa na rua não a percebe. Neste caso, o portão para pedestre e a calçada que conduz à porta principal amenizam o problema. Essa entrada não é utilizada pela família. Na lateral esquerda está o portão da garagem, atualmente utilizado como entrada do comércio instalado na garagem e entrada para a moradia.

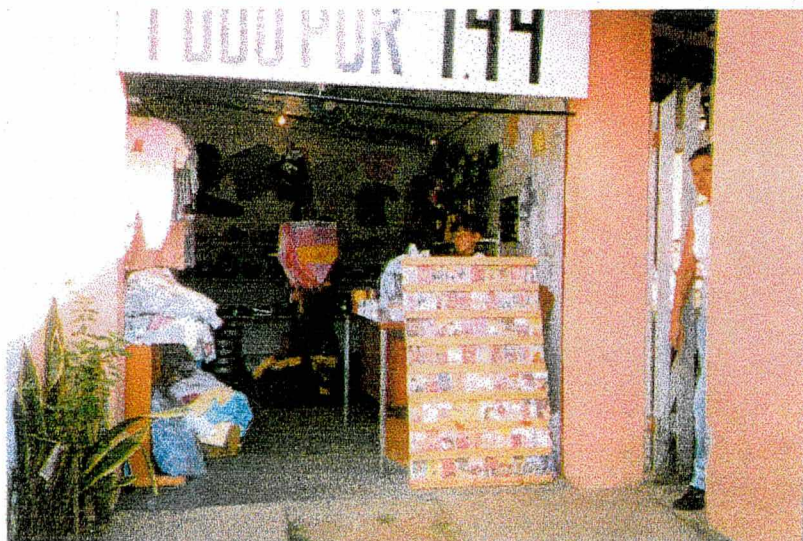


Foto IV.15.3.2.

Foto IV.15.3.2. A loja de 1,99 instalada na garagem e, à direita, o portão utilizado rotineiramente para entrada da moradia, não só para a família, mas também pelos fregueses que utilizam o banheiro da família como provador de roupas.

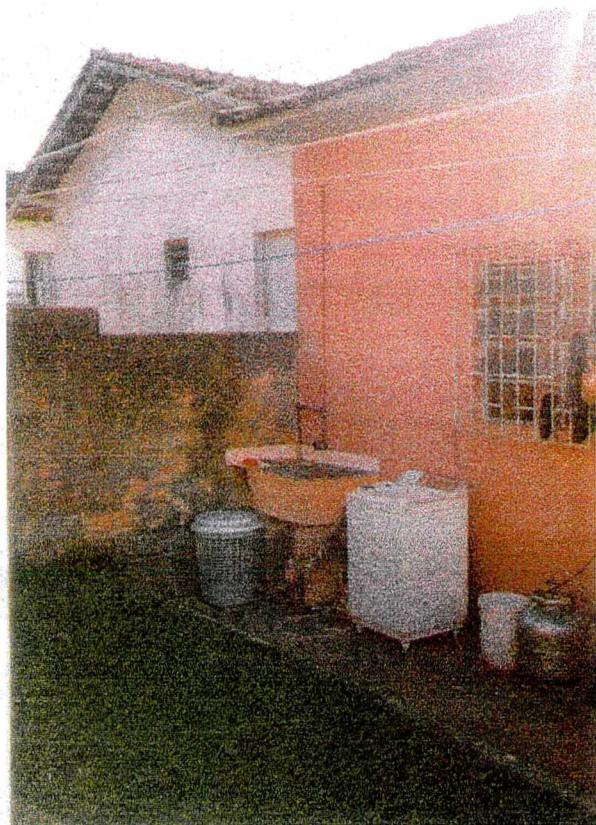


Foto IV.15.3.3.

Foto IV.15.3.4. A cozinha. É relativamente pequena e utilizada apenas para preparo de alimentos. A foto mostra uma estante que divide a cozinha com a copa, local utilizado pela moradora para passar roupas. No dia do levantamento, a mesa da copa estava com pilhas de roupas dobradas e colocadas em sacos plásticos, vindas da confecção e prontas para venda.



Foto IV.15.3.4.

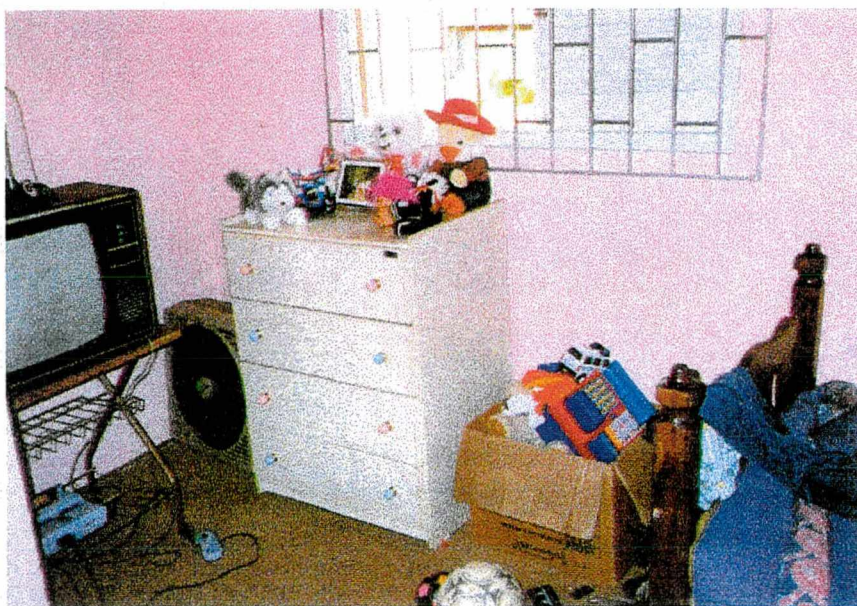


Foto IV.15.3.5.

Foto IV.15.3.5. Dormitório dos filhos. É utilizado pelas crianças para ver TV e brincar.

Foto IV.15.3.6. A sala principal. Neste caso, a sala é utilizada como área de lazer das crianças. A família não recebe visitas neste espaço, portanto aqui a sala não tem função representativa. A moradora explica o tecido rasgado do estofado e acrescenta que *“é mais seguro para as crianças brincarem aqui dentro do que lá fora; o portão está sempre aberto, e fico preocupada principalmente com o de dois anos de idade.”* Na realidade, esta família vive mais em função das atividades comerciais do que em função da vida doméstica.

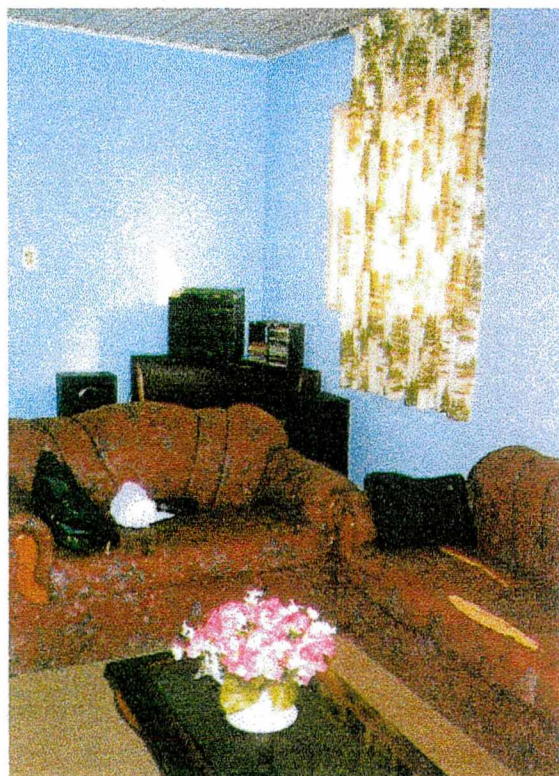
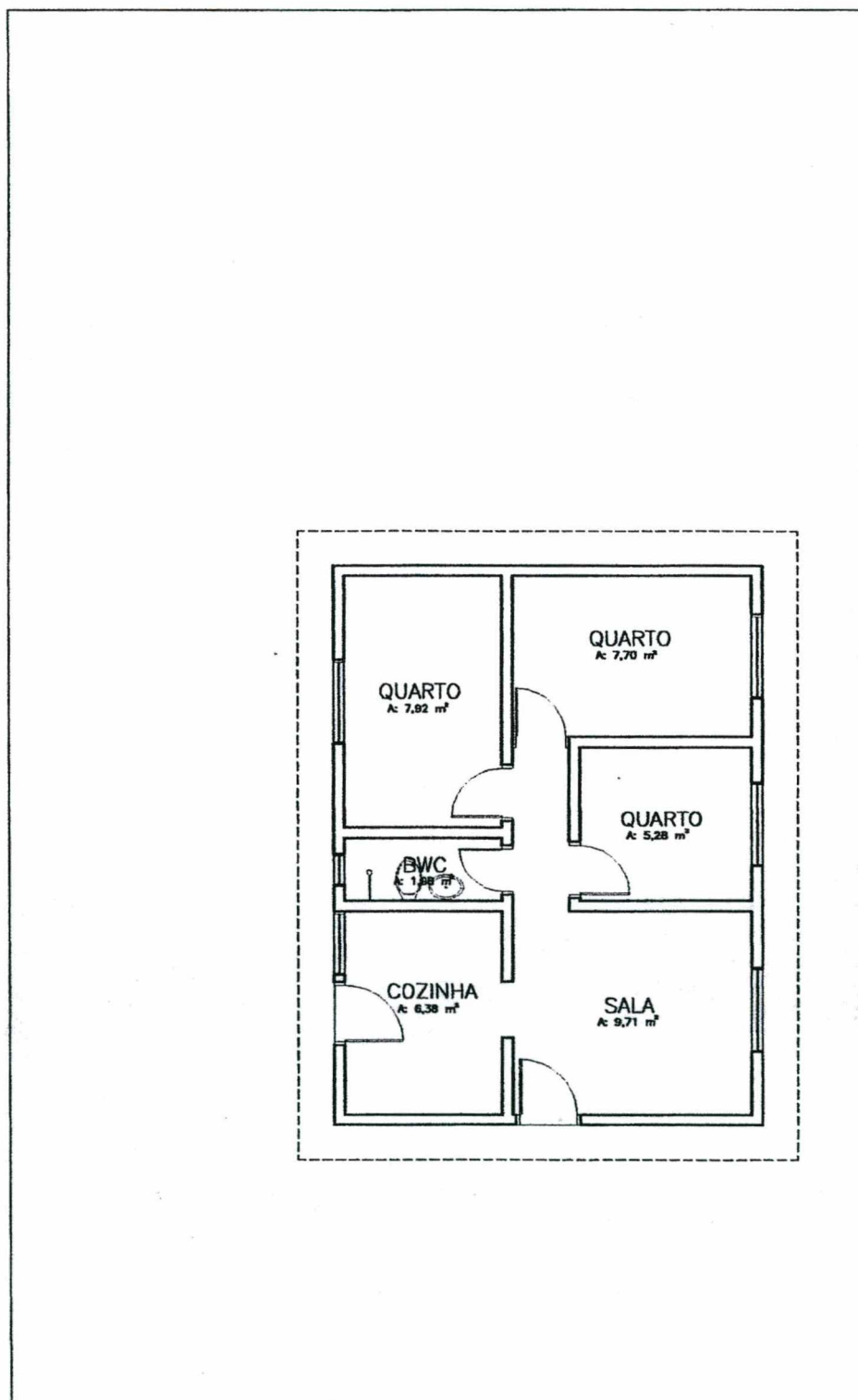


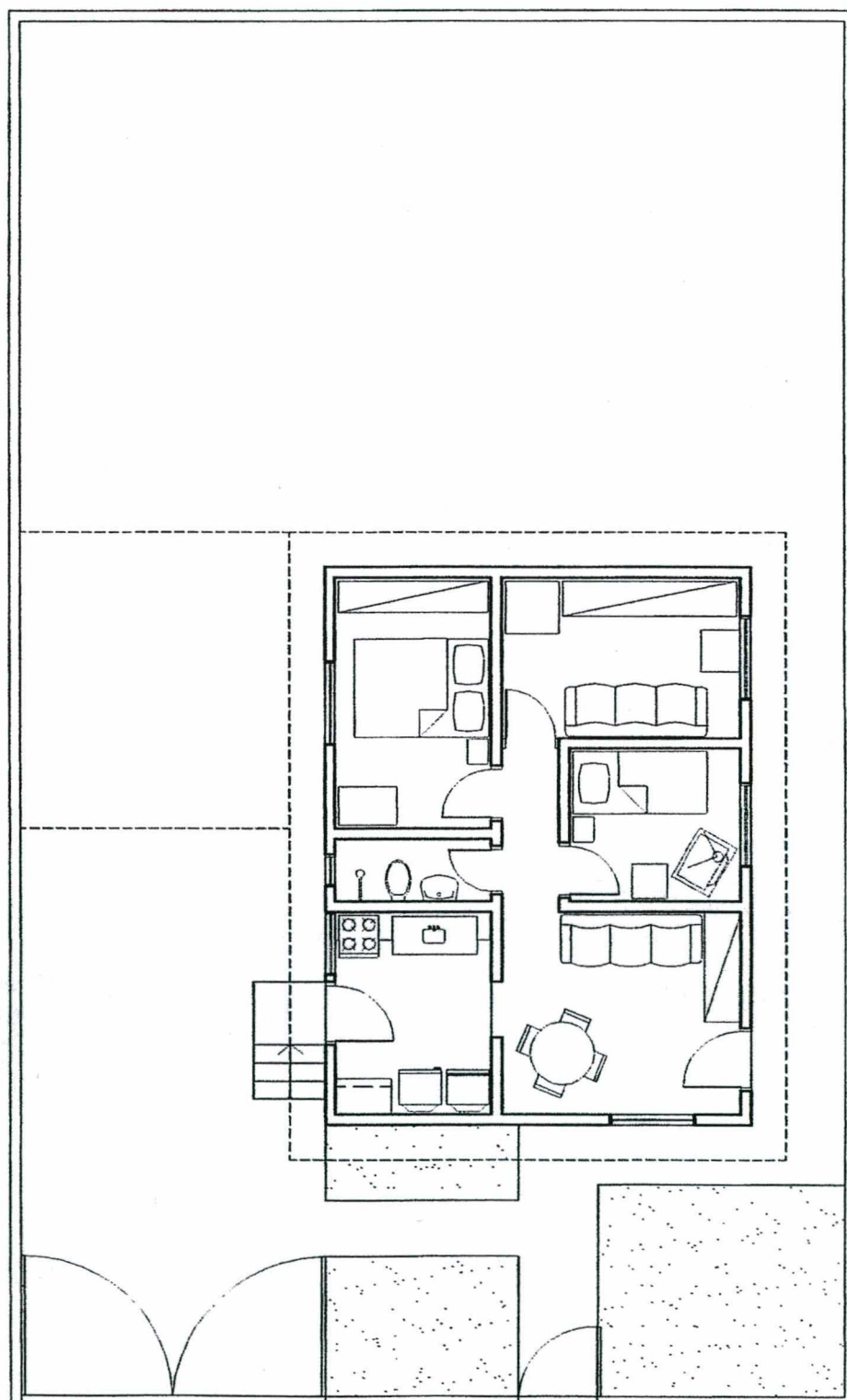
Foto IV.15.3.6.

#### IV.16. A Moradia das Alamandas



Planta Baixa da Moradia Original  
Escala: 1:100





Planta Baixa com layout da Moradia Atual  
Pavimento térreo - Escala: 1:100

#### IV.16.1. Histórico dos moradores

Residem na unidade habitacional o proprietário (45), impressor, sua esposa (41), dona de casa, e o filho solteiro do casal (16), estudante. Na moradia dos fundos, residem os pais da proprietária. O casal é original do bairro Saco dos Limões, Florianópolis. Moram há 16 anos nesta residência, tendo-a adquirido do primeiro proprietário.

Os moradores relataram que gostam muito de morar no bairro e demonstram possuir uma boa relação com a vizinhança. Utilizam os espaços coletivos do bairro (igreja, escola, campo de futebol, comércio local).

#### IV.16.2. Reformas

A moradia original era de três dormitórios. Não sofreu nenhuma ampliação; apenas construiu-se uma cobertura para abrigar o carro. A porta principal foi transferida para a fachada lateral, e a janela da sala, para a fachada frontal. O desnível entre o piso da moradia e o terreno foi aproveitado como depósito e área de serviço precária.

#### IV.16.3. Descrição da moradia



Foto IV.16.3.1.

Foto IV.16.3.1. Fachada principal. Embora o portão de entrada para pedestres esteja claramente colocado, a porta de entrada está escondida na lateral direita da moradia, dificultando, para quem chega, sua visualização. O uso dessa porta é eventual. À esquerda estão a entrada para a cozinha e o portão da garagem. Mesmo para entrar pela cozinha o portão utilizado é o de pedestres.



Foto IV.16.3.2.

Foto IV.16.3.2. Sala principal. É pequena e está organizada conjugando estar e refeições. Destacamos a estante com diversos objetos, inclusive uma figura de proporção significativa ao lado da TV, além de som, porta-retrato, plantas etc. Neste caso, a sala principal é utilizada pela família principalmente porque está ligada à cozinha diretamente.



Foto IV.16.3.3.

Foto IV.16.3.3. Cozinha. A cozinha é pequena e comporta apenas os equipamentos básicos: pia, fogão, freezer, geladeira e um armário. Não existe espaço para refeições, e a possibilidade de guardar utensílios e alimentos é limitada. Podemos observar a abertura que a liga com a sala.



Foto IV.16.3.4.

Foto IV.16.3.4. Dormitório do filho. Neste caso, além do sono, o espaço abriga outras atividades, como estudo, costura e ver TV.

Foto IV.16.3.5. Entrada para a cozinha. Embora seja secundária, para a família é a mais utilizada e está junto com a entrada para o carro. O espaço é pequeno e só viabiliza a entrada de um fusca.

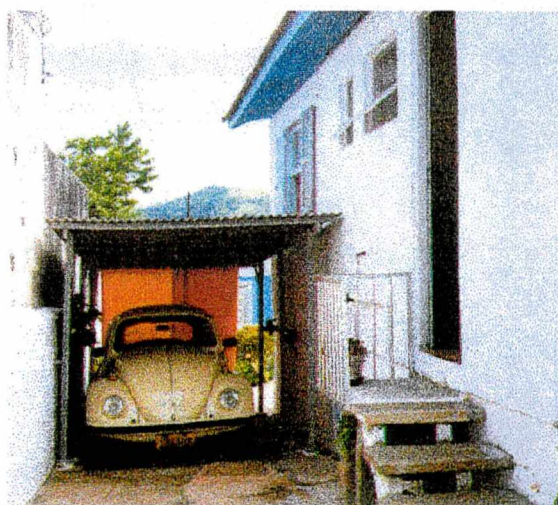


Foto IV.16.3.5.



Foto IV.16.3.6.

Foto IV.16.3.6. Quintal. Nesta foto, podemos observar o porão, nos fundos da casa, precariamente fechado e com um pé direito muito baixo. A moradora utiliza o espaço para a máquina de lavar. O quintal é agradável; possui muitas folhagens e flores. Nele estão inseridas uma cobertura abrigando o tanque para lavar roupas e a moradia da mãe da dona da casa.



Foto IV.16.3.7.

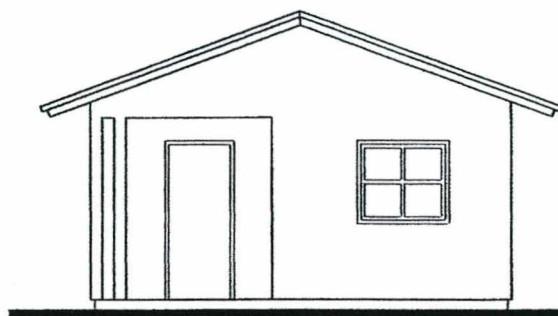
Foto IV.16.3.7. Vista do abrigo para o tanque de lavar roupas. Observa-se a entrada da casa da mãe e as moitas de antúrios e de alamedas, que enfeitam todo o lote.



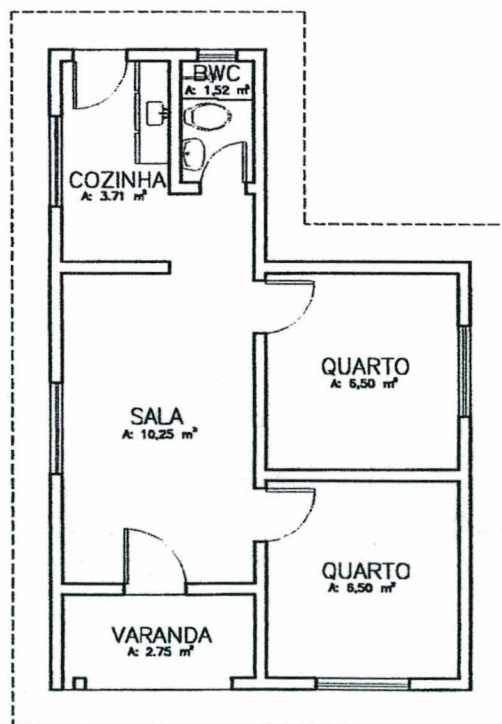
Foto IV.16.3.8.

Foto IV.16.3.8. Fachada da casa implantada no fundo do lote da casa principal. Neste caso, o lote permite a implantação de duas moradias e preserva o espaço aberto suficiente. A moradora da residência analisada fala sobre o desejo de manejar os cômodos, buscando uma nova organização dos espaços, mas deixa claro que não pretende ampliar, criando novos espaços. Afirma que a família é pequena e que o espaço existente é suficiente. O que ela quer é tornar a sala mais independente da cozinha. *“A cozinha é a peça mais importante da casa; a sala pode ser pequena, mas a cozinha tem que ser grande. A visita de hoje é diferente da visita de antigamente, que só poderia ser recebida na sala. Se os hábitos mudaram, a casa tem que mudar.”* A filha é casada e mora numa rua próxima. Às vezes os netos passam a tarde com os avós.

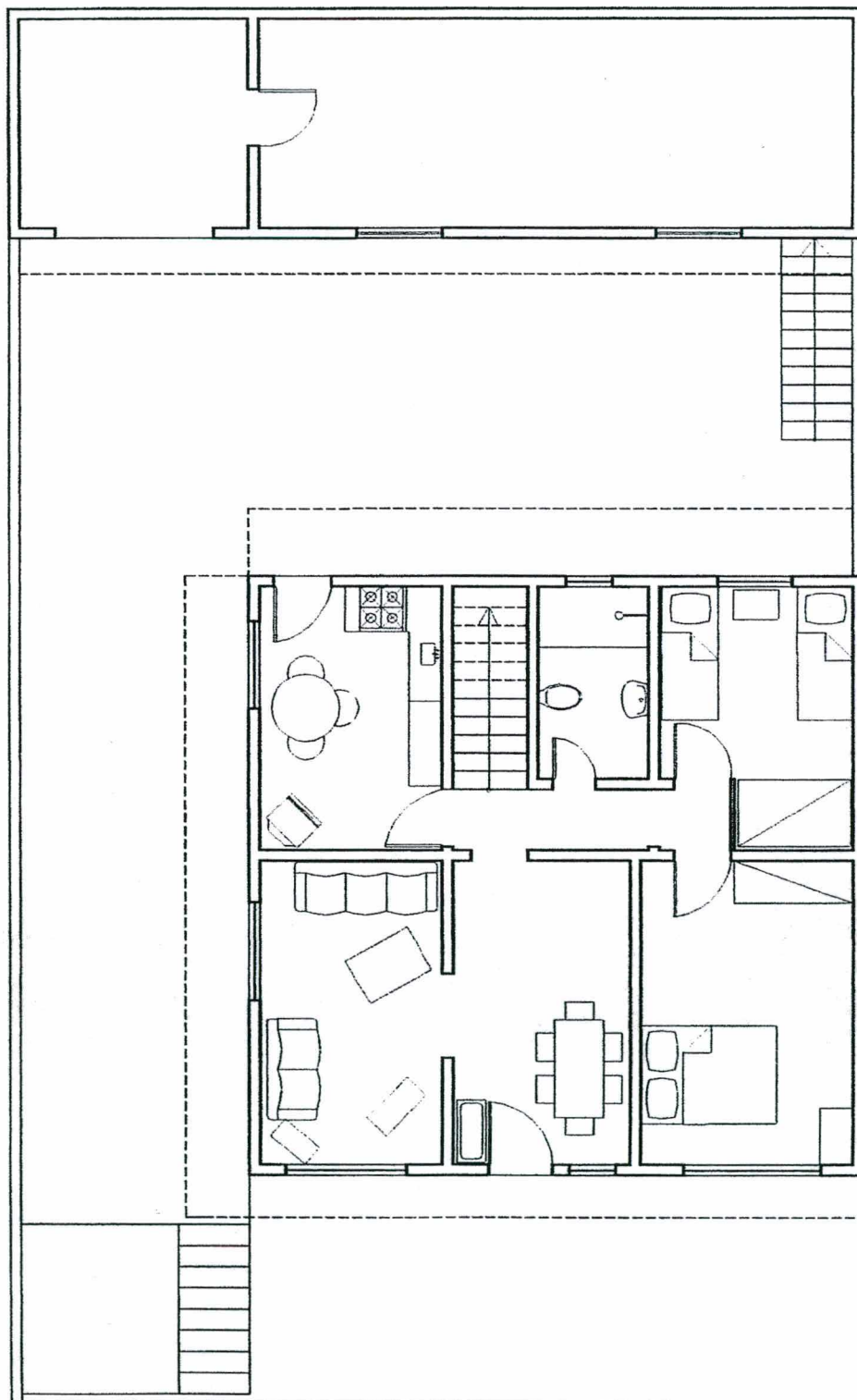
#### IV.17. A Moradia do Oratório



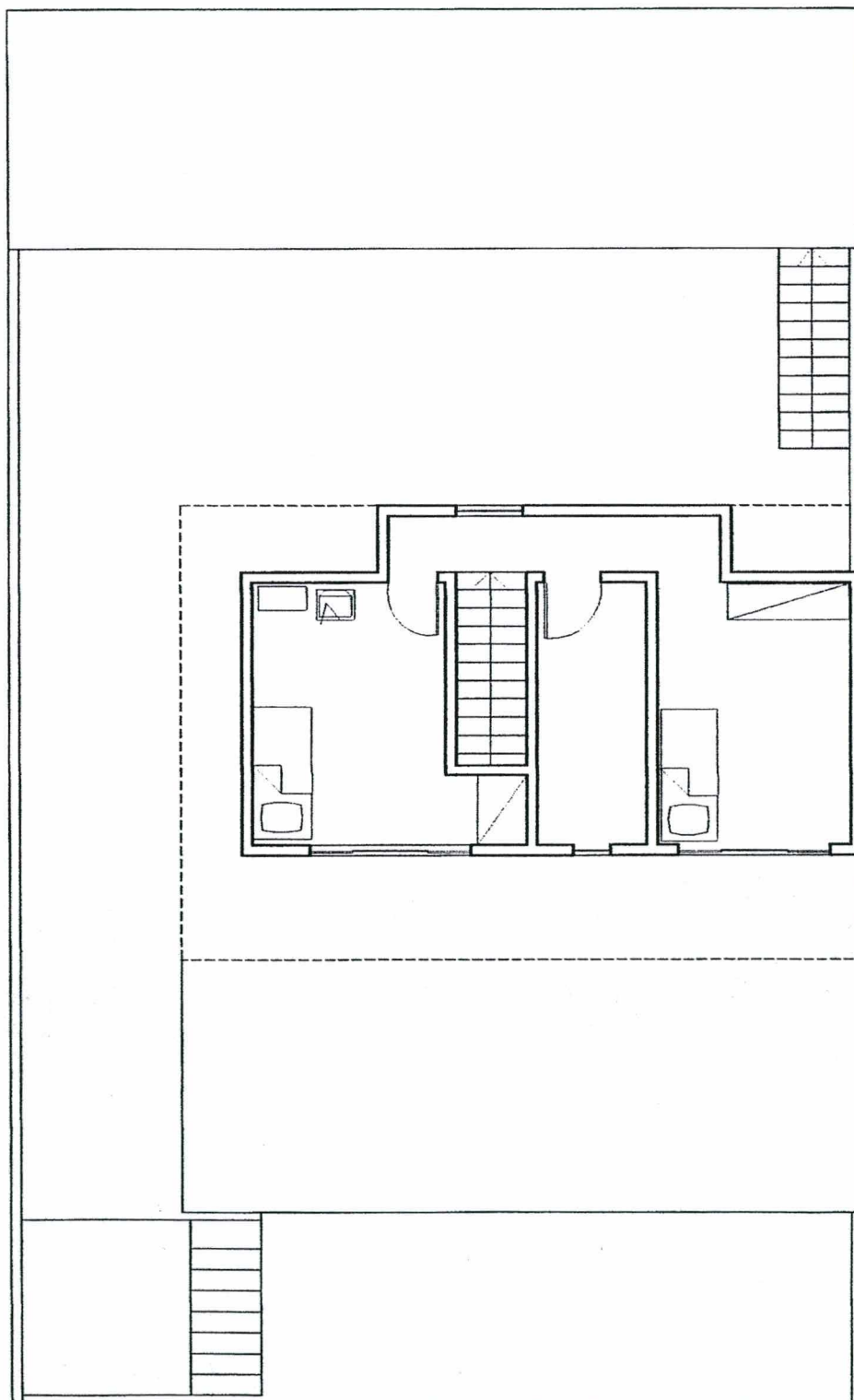
Fachada Original – Escala 1:100



Planta Baixa da Moradia Original  
Escala: 1:100



Planta Baixa com layout da Moradia Atual  
Pavimento térreo - Escala: 1:100



Planta Baixa com layout da Moradia Atual  
Pavimento superior – Escala: 1:100



#### IV.17.1. Histórico dos moradores

O grupo familiar é composto pela proprietária (61), viúva, e seus três filhos, maiores de idade. Ela é natural de Florianópolis, do bairro Pantanal, porém residiu durante muito tempo em São José, no bairro Campinas.

Em 1972, o marido vendeu o armazém que tinham em Campinas, e a família mudou-se para o conjunto. A proprietária conta que naquela época havia poucos moradores e que ela nunca teve problemas com relação ao endereço, porque a escola (do outro lado da rua) sempre foi uma referência forte. Os parentes e amigos nunca tiveram dificuldades para encontrá-la, mesmo no começo. *“Sempre tivemos uma vendinha, e não vendo minha casa por nada no mundo; adoro morar aqui. Minha filha mora aqui na rua, logo à direita.”* A moradora lembra que tem parentes que moram no conjunto.

Fui recebida na sala de jantar, mas a entrada mais utilizada é a dos fundos. A sala de TV é utilizada pela família. *“Minha casa é toda usada; meus filhos têm amigos e usam o computador sempre. Atualmente estou hospedando meu irmão que está doente e está em tratamento aqui.”*

#### IV.17.2. Reformas

A moradia original era de dois dormitórios e tinha varanda. Ela está situada em meio de quadra. *“A primeira reforma foi feita há dois anos atrás, época em que meu marido faleceu; ele achava a casa pequena. Era muito devoto de Nossa Senhora Aparecida, por isto, na reforma ele fez o oratório lá na frente e colocou a imagem dela. As pessoas param para rezar e acender velas.”*

A moradia sofreu ampliação horizontal e vertical. A varanda original foi incorporada à sala. Os dois dormitórios originais foram unidos e transformados em sala de jantar conjugada com estar. A cozinha, que é muito utilizada, foi ampliada. No segundo pavimento foram construídos mais dois dormitórios e um banheiro. Nos fundos do lote foram construídas a edícula, que abriga a área de serviço, e um espaçoso depósito. O depósito é utilizado para guardar tudo, inclusive um fogão que, segundo a moradora, é para fritar peixe. Um dos filhos tem carro.

*“A barbearia não está aberta ao público em geral. O meu filho corta cabelo só dos amigos, às vezes ele guarda o carro lá.”* O lote é todo pavimentado; a moradora explica que é mais prático. *“Sou velha e não posso mais fazer limpeza. Assim fica melhor para os netos brincarem e para colocar a mesa lá fora quando os filhos se reúnem aqui.”*

A intenção da moradora é concluir o terraço em cima da edícula; a escada já existe. O terraço da frente da casa dá acesso à moradia da filha.

### IV.17.3. Descrição da moradia



Foto IV.17.3.1.

Foto IV.17.3.1. Esta moradia está implantada em terreno acima do nível da rua. O portão de entrada, à esquerda da foto, mostra a escada de acesso e, do lado, uma rampa. O acesso é bastante íngreme. Sobre a barbearia e a garagem, existe um amplo terraço, pavimentado com elemento cerâmico, que dá acesso à porta principal, centralizada na fachada. À esquerda da foto, o oratório com a imagem de Nossa Senhora Aparecida. Esta moradia é quase um mirante. Para quem está no terraço do segundo piso, a vista é ampla, tendo como limite o morro que está distante.

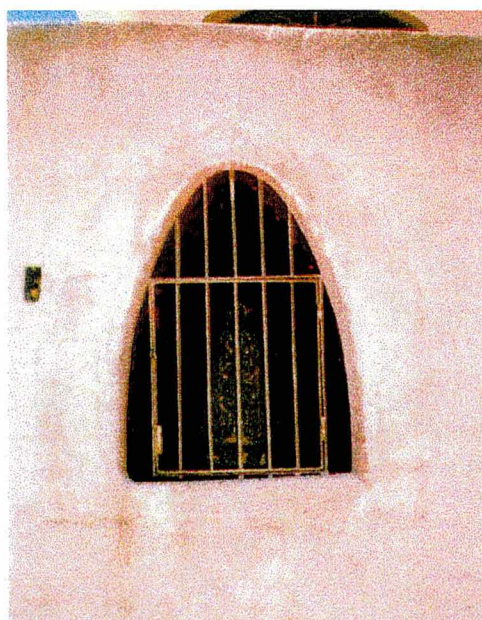


Foto IV.17.3.2.

Foto IV.17.3.2. Oratório com a imagem de Nossa Senhora Aparecida, no muro da frente da moradia.



Foto IV.17.3.3.

Foto IV.17.3.3. A foto mostra a integração entre a cozinha e a sala principal, que é a sala de TV. A moradora explica que não gosta de ficar sozinha na cozinha enquanto a família está reunida na sala. Para ela, esta abertura resolve o problema e integra os dois ambientes.

Foto IV.17.3.4. A foto mostra a parte do fundo do lote pavimentado. À esquerda, a parede da edícula e a escada que deverá dar acesso ao futuro terraço sobre a edícula. Para a moradora, este terraço é necessário para secar roupa.



Foto IV.17.3.4.



Foto IV.17.3.5.

Foto IV.17.3.5. Terraço do segundo piso, ainda sem proteção, e a porta de correr que dá acesso a um dos dormitórios dos filhos.

## V. A LÓGICA DA APROPRIAÇÃO

De acordo com o volume e a complexidade das informações apresentadas no capítulo anterior, consideramos importante a organização das dezessete moradias selecionadas em forma de agrupamento, observando-se as semelhanças relativas às reformas e apropriações ocorridas entre as mesmas.

Para facilitar a leitura do presente capítulo, apresentamos as dezessete moradias agrupadas de acordo com os quatro itens considerados importantes para este estudo.

Esclarecemos também que, no presente capítulo, as moradias serão identificadas observando-se a ordem numérica dada no sumário.

1. Apropriação do fundo do lote:
  - a) Quintal: 3 – Moradia do Quintal  
5 – Moradia dos Hibiscos  
8 – Moradia Grande  
16 – Moradia das Alamandas
  - b) Terraço: 1 – Moradia do Churrasco  
9 – Moradia do Portal  
11 – Moradia do Terraço  
12 – Moradia do Pé de Cana  
13 – Moradia Emergente
  - c) Edícula: 1 – Moradia do Churrasco  
2 – Moradia da Vegetação  
3 – Moradia do Quintal  
6 – Moradia da Árvore  
10 – Moradia Clean  
11 – Moradia do Terraço  
12 – Moradia do Pé de Cana  
13 – Moradia Emergente  
14 – Moradia das Tapeçarias  
17 – Moradia do Oratório
2. Surgimento do porão:
  - 8 – Moradia Grande
  - 12 – Moradia do Pé de Cana
  - 13 – Moradia Emergente
  - 16 – Moradia das Alamandas
  - 17 – Moradia do Oratório
3. Moradia X Comércio:
  - 4 – Moradia da Esquina

- 6 – Moradia da Árvore
- 7 – Moradia do Chocolate
- 10 – Moradia Clean
- 13 – Moradia Emergente
- 15 – Moradia do Comércio
- 17 – Moradia do Oratório

#### 4. Inversão frente/fundos:

- 1 – Moradia do Churrasco
- 2 – Moradia da Vegetação
- 3 – Moradia do Quintal
- 4 – Moradia da Esquina
- 5 – Moradia dos Hibiscos
- 10 – Moradia Clean
- 14 – Moradia das Tapeçarias
- 15 – Moradia do Comércio
- 16 – Moradia das Alamandas

Para melhor compreensão da apropriação e das reformas registradas nas dezessete moradias analisadas no capítulo anterior, fez-se necessário um estudo buscando identificar as situações ocorridas e as semelhanças entre elas, quando for o caso.

Para isso, identificamos as situações que se repetem nas moradias e classificamos nos mesmos quatro itens, ou seja:

- 1 – Apropriação do fundo do lote;
- 2 – Surgimento do porão;
- 3 – Casa X Comércio;
- 4 – Inversão frente/fundos

### V.1 Apropriação do fundo do lote

Neste item, analisaremos formas diferentes de apropriação do fundo do lote, observando as seguintes características:

- a) Quintal: valores culturais, origem, referências, hábitos.
- b) Edícula: necessidade de espaços de apoio à moradia.
- c) Terraço: reinterpretação do lote

Para análise do sub-item “a”, destacamos as moradias 3, 5, 8 e 16.

Nesses casos, o fundo do lote desempenha as funções tradicionais do quintal. Nas moradias 3 e 8, encontramos os quintais com árvores frutíferas, pequenas hortas, galinheiro, varais, tanque de lavar roupas, casa de boneca, viveiro de pássaros e casa do cachorro. Nas moradias 5 e 16, encontramos tanques de lavar roupas, varais, canteiros ou vasos com plantações de chá ou temperos, muitas flores e um verde exuberante.

Essas moradias são minoria no conjunto. Nas quatro moradias destacadas, os moradores demonstraram interesse pelo espaço aberto privado (lote) e pela relação com o mundo exterior. O quintal é extensão da casa e faz parte da rotina doméstica que se desenvolve ali.

A apropriação no fundo do lote com plantações e vivência doméstica revela não só o prazer de estar ao ar livre em contato com a terra, com as plantas e com o sol, como também a origem de algumas famílias vindas de regiões rurais.

Nesse caso, os hábitos de plantar, produzir alimentos, criar animais fazem parte da vida no campo onde as famílias tradicionalmente compram somente o que não é possível produzir na propriedade. Quando, por alguma razão, essas famílias migram para áreas urbanas, trazem consigo modos de vida, costumes e tradições. De forma singular, transformam o lote, ou seja, um pedaço de terra pequeno (para quem viveu no campo), regular e aparentemente sem potencial, num quintal com todas as potencialidades encontradas nas moradias 3 e 8.

Segundo Gilberto Freire, apud DA MATTA (1991, p.18), se a casa está relacionada à senzala e ao mocambo, ela só faz sentido em oposição ao mundo exterior, ao universo da rua. Para o autor, o espaço definido pela casa pode aumentar e diminuir de acordo com as intenções do sujeito. Na análise que o autor faz, a casa pode definir o espaço íntimo e privado de uma pessoa. Ele utiliza diversas escalas para fazer a leitura do que podemos considerar “nossa casa”. Portanto, no contexto de “minha vizinhança”, diz o autor, “refiro-me à ‘minha casa’ incluindo na expressão não só a residência em si, mas também o seu jardim e o seu quintal.”

Em arquitetura, consideramos a praça, a rua, o jardim e o quintal como extensões da moradia. Não dizemos que moramos das paredes externas da casa para dentro. Portanto, incorporamos à moradia todos os espaços de entorno, observando as hierarquias existentes do público ou semi-público, do privado ou semi-privado, do dentro e do fora, do aberto e do fechado. Porém, essa questão está diretamente relacionada à apropriação dos espaços. No caso das moradias 3 e 8, o lote é utilizado como extensão da moradia. Mas não podemos dizer o mesmo quando nos referimos à casa e à rua no caso do Bela Vista.

Para análise do sub-item “b”, que trata da edícula, destacamos as moradias 1, 2, 3, 6, 10, 11, 12, 13, 14 e 17. Essas moradias foram agrupadas porque em todas elas encontramos, no fundo do lote, a edícula, que para nossa surpresa não surge somente para apoiar as atividades da casa principal, mas também para desempenhar muitas outras funções, como moradia para os filhos casados ou separados, instalação de comércio, aluguel para melhorar a renda familiar e para depósitos de móveis velhos e objetos inutilizados pela família.

A construção da edícula pode gerar alguns problemas que aparecem nas moradias analisadas. Em primeiro lugar, a concentração de área construída gera, no lote, pequenos e estreitos corredores sombrios e úmidos que prejudicam a penetração do sol nas janelas.

Em segundo lugar, a separação ou distanciamento entre cozinha (casa principal) e área de serviço e lavanderia (edícula) torna complicada a rotina doméstica, principalmente em dias de chuva. O termo “complicada” neste caso é usado para expressar a análise do profissional arquiteto, que se preocupa com a praticidade, funcionalidade e qualidade dos ambientes, embora muitas donas de casa tenham reclamado da ausência da área de serviço no projeto original, ou seja, o problema é percebido também pelo morador.

Em terceiro lugar, quando a edícula abriga atividades comerciais, a exemplo das moradias 6 e 10, onde funcionam oficinas mecânicas, como arquiteta, vejo problemas que comprometem a privacidade no fundo do lote. Por exemplo, nas duas moradias citadas, as oficinas funcionam nas garagens dos moradores, e ao lado delas estão os tanques de lavar roupa, os varais e toda vivência doméstica que normalmente não fica expostos aos

estranhos. Porém, as donas de casa das moradias 6 e 10 reclamam da interferência, mas não dão muita importância, ou seja, o mais importante é o retorno que o comércio garante para a renda familiar.

Em quarto lugar, a construção das edículas surge não só pela necessidade de novos espaços, mas também pela “sobra” de terreno no fundo do lote, o que favorece e estimula as construções complementares (edícula).

Quero dizer que, se houver a preocupação em rever o programa de necessidades da moradia e torná-la mais eficiente, certamente o lote também deverá ser revisto com o objetivo de torná-lo suficiente para a vida privada.

Portanto, recomendamos que os futuros projetos habitacionais de baixa renda incorporem no programa da casa as atividades de apoio de modo a evitar as construções que ocupam quase 100% do lote, o que certamente irá comprometer a qualidade de vida dos moradores, segundo a análise do profissional arquiteto. Mais adiante, no item casa x comércio, retomaremos o assunto.

Para análise do sub-item “c”, destacamos as moradias 1, 11, 12 e 13. Os terraços aparecem nas moradias que são ampliadas e resultam numa ocupação de quase 100% do lote. Nesse caso, o lote praticamente desaparece como área livre privada, apenas um pequeno afastamento frontal (entrada) permanece.

No item anterior, falamos sobre os problemas ocorridos pelas ampliações que geram excessiva concentração de áreas construídas. Nesse caso, o morador vive em espaços confinados, sem luz natural, sem a penetração do sol nos ambientes da moradia e sem a circulação de ar, também importante para a saúde. A solução dada pelos moradores é criar terraços sobre a casa principal ou sobre a edícula, que, no entendimento do morador, resolve todos os problemas, afinal no terraço o sol, a luz e o vento não faltam.

Esse novo espaço, o terraço, começa a receber e desempenhar todas as funções tradicionalmente desenvolvidas no lote. A transferência é imediata, ou seja, o lote é recriado numa nova versão, o terraço. As atividades domésticas externas são novamente organizadas, desta vez de forma mais prática; o terraço não tem chão batido nem grama. Muitas vezes o piso é concluído com elemento cerâmico muito bonito. Em alguns casos, o terraço aguarda a construção de mais um pavimento. Ir ao terraço é agradável por diversas razões, mesmo que a dona de casa esteja estendendo roupas nos varais e envolvida com os trabalhos rotineiros da casa, no terraço ela aproveita para dar uma olhada na rua, contemplar a paisagem, enfim, ver o “lá fora”.

Na moradia 11, a escada que conduz ao terraço é bonita e está localizada na sala principal. Nesse caso, a moradora revela: *“Nas noites quentes, gosto de ficar no terraço com a família ou amigos tomando uma cervejinha.”*

O terraço é problema de fato, sob o ponto de vista técnico, quando o morador pretende construir mais um pavimento e o terraço fica inacabado, ou seja, sem proteção ou sem impermeabilização. Nesse caso as infiltrações são freqüentes, criando, no interior da moradia, paredes e lajes molhadas e mofadas, altamente prejudiciais à saúde e à conservação da moradia.

Outro problema é a excessiva exposição ao sol, que favorece a passagem do calor para dentro da moradia, causando desconforto térmico.

## V.2 Surgimento do porão

Normalmente, os projetos habitacionais de baixa renda propõem um projeto de moradia igual; às vezes registramos pequenas diferenças: umas com dois dormitórios, outras com três; com varanda ou sem varanda. Essas são as diferenças que podem ocorrer, mas a estrutura da planta (organização dos ambientes) e a tipologia (casa isolada no lote) são exatamente iguais. Nesse caso, o projeto original desconsidera aspectos fundamentais que possam garantir a apropriação do mesmo ao longo do tempo. Os aspectos fundamentais a que me refiro são: cultura, clima, topografia do terreno e regionalização da construção (considerar mão-de-obra e materiais disponíveis na região). Quando se negligencia o aspecto da regionalização da construção, não interessa se se constrói no norte ou no sul, a “casa modelo” é “carimbada” em qualquer terreno e região.

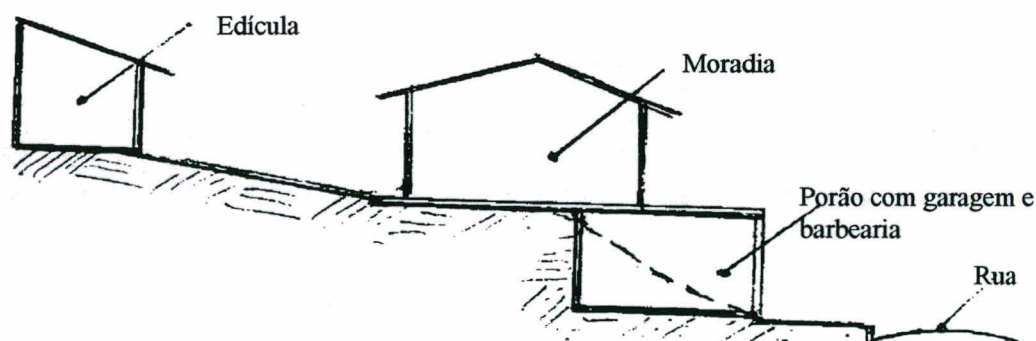
Neste item, vamos falar sobre essa questão e, para isso, destacamos as moradias 8, 12, 13, 16 e 17.

O terreno destinado à implantação do Conjunto Bela Vista I, II e III não é totalmente plano. Existem algumas partes planas, outras em desnível. Porém a “casa modelo” foi implantada em lotes com topografia plana e em lotes com a topografia em desnível.

Em arquitetura, procuramos observar e considerar com rigor a topografia do terreno como um condicionante do projeto. Infelizmente, neste caso e em muitos outros que conhecemos, não ocorreu desta forma.

Como arquiteta posso afirmar que, quando uma moradia é projetada corretamente para um terreno em desnível, haverá coerência entre a casa e o lote, o dentro e o fora. A moradia será implantada de forma a garantir redução de custo para o morador, ou seja, evitando grandes cortes que exigem muros de arrimo para evitar a erosão. O acesso para veículo e pedestre oferecerá mais conforto evitando as acentuadas inclinações, que para idosos e deficientes são obstáculos inaceitáveis.

As moradias citadas anteriormente foram agrupadas porque estão inseridas nesse contexto. A moradia 17 está implantada num lote em aclave (acima do nível da rua), porém projetada para um lote plano (ver croqui A).



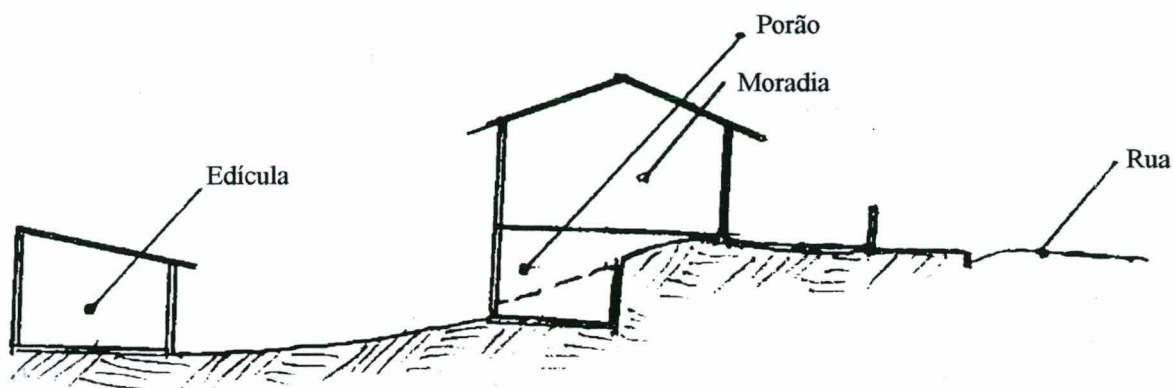
Croqui A: Corte esquemático da moradia 17, implantada em lote em aclave em relação ao nível da rua.

O porão está situado na parte frontal do lote, limitando-se com a rua. O morador aproveitou o desnível entre a moradia e a rua com altura suficiente para um pé direito (mais ou menos de 2,50m a 2,70m) e construiu a garagem e uma pequena sala onde funciona a barbearia do filho. O acesso à moradia é por escada, com inclinação acentuada, tendo ao lado uma rampa com inclinação inadequada para um carro subir;



segundo a moradora a rampa não é utilizada. Todas as obras que o proprietário fez são importantes e necessárias, mas certamente o custo é alto.

Nas demais moradias, ocorre o contrário, ou seja, o lote está em declive. A inclinação do terreno para os fundos do lote favorece a criação de porões que são aproveitados de diversas maneiras: nova cozinha, oficina de artesanato do proprietário, depósito do comércio, área de serviço (ver croqui B).



Croqui B: Corte esquemático das moradias implantadas em lotes em declive em relação ao nível da rua.

Nesse caso, o porão da moradia 16 abriga apenas uma máquina de lavar; o pé direito mede em torno de 1,20m de altura, o que compromete o uso e o torna desqualificado. O projeto original não aproveitou a potencialidade desse espaço para ampliações confortáveis.

Na moradia 8, o proprietário utilizou o espaço em condições semelhantes à citada anteriormente, porém com o pé direito suficiente para a construção de uma cozinha ampla. Nesse caso, a moradia foi entregue ao proprietário sobre pilotis, ou seja, a relação entre casa e fundos do lote é desconfortável, pois normalmente necessita de uma escada fora da casa. O proprietário aproveitou o espaço do porão para a nova e confortável cozinha. Dessa forma, resgata a relação direta da casa com o lote.

### V.3 Moradia X Comércio

O comércio comparece em muitas moradias revelando uma forma de melhorar a renda familiar ou até mesmo como único meio de sobrevivência. Nesse caso, destacamos as moradias 4, 6, 7, 10, 13, 15 e 17. Essas moradias abrigam atividades comerciais diversas e em todas as situações essas atividades comprometem a privacidade da área habitacional interferindo na vida familiar, segundo a minha análise como arquiteta, que considera conflitante a sobreposição de usos numa moradia.

A exemplo da moradia 15, cujo comércio é uma loja de 1,99 e de roupas infantis instalado na garagem no fundo do lote. Nesse caso, o provador da loja é o banheiro de uso familiar. A mesa de refeições está sempre ocupada com pilhas de roupas (estoque da loja) para serem passadas e dobradas. No caso do uso do banheiro como provador da loja, esclareço que o banheiro está localizado no meio da moradia, entre dois dormitórios, ou seja, para o cliente provar roupas, passa pela cozinha, pela copa e pelas portas dos dormitórios. A proprietária disse que não concorda e que pretende improvisar um provador na própria loja. Mas acrescenta que no momento não é possível mudar essa situação e que o comércio é a única fonte de renda da família.

Apenas na moradia 7 registramos uma concentração de atividades comerciais maior. O proprietário exerce o ofício de vidraceiro e utiliza os cantos do lote para colocar o material utilizado. A esposa tem uma fábrica de chocolate que funciona dentro da moradia, próxima à cozinha. Essa situação favorece o conflito, principalmente em época de maior consumo. A proprietária utiliza o único fogão da moradia para derreter chocolate e preparar as refeições da família.

Novamente minha análise como arquiteta destaca o conflito e considera a localização da fábrica inadequada, mesmo porque no fundo do lote há condições de instalar o espaço produtivo. Segundo o proprietário, “dá para funcionar”. Os moradores não falam sobre o assunto como um grande problema.

O filho caçula do casal tem uma vídeo-locadora também dentro da moradia. Essa loja funciona num espaço que lembra uma garagem, mas não foi construída para tal função.

Recomendamos que os futuros projetos para o setor incluam no programa de necessidades um espaço destinado à área produtiva da família. Essa área poderá configurar uma etapa de ampliação inserida no planejamento de ampliações que provavelmente irá ocorrer ao longo do tempo.

#### V.4 Inversão frente/fundos

Para análise deste item, agrupamos as moradias 1, 2, 3, 4, 5, 10, 14, 15 e 16. Nessas moradias, observamos que a tradicional “entrada principal” está em desuso ou praticamente em desuso, embora permaneça na fachada frontal.

A entrada principal compreende o percurso do portão da rua até a sala de visitas, que tradicionalmente está situada na parte da frente da moradia. Mesmo que o morador desloque a porta principal para a lateral da moradia, a fachada frontal continua se destacando das demais fachadas.

O percurso que conduz o visitante à parte social da moradia, a sala de visitas, é muitas vezes repleto de convenções sócio-espaciais e culturais. Segundo Castells, “a frente da casa está sempre pronta para o inesperado da rua.” (CASTELLS, 1987, p.31-32) As convenções às quais fiz referência tratam por exemplo do portão que recebe um pórtico (moradia 9); o jardim que recebe, além de flores, estátuas, anõezinhos etc; a fachada mais destacada, como já foi dito; a porta, muitas vezes com dimensões e materiais que também expressam uma valorização maior.

Estamos falando de uma história secular sobre as tradições e a evolução da moradia da família brasileira. Nestor Goulart Reis Filho, em *O Quadro da Arquitetura no Brasil*, descreve com detalhes a importância das entradas, das fachadas e dos salões dos casarios dos séculos XVIII e XIX. Nas últimas décadas, as mudanças de hábitos e o surgimento de novas necessidades ocorreram de forma acelerada, favorecendo uma nova relação entre os moradores e a moradia.

Novamente recorrendo à obra de Nestor Goulart Reis Filho, de acordo com o modo de vida descrito, a família permanecia em casa todo o dia, ou seja, a mulher não saía nem para ir às compras, os filhos não trabalhavam e muitas vezes não estudavam, o pai era o administrador, também não saía de casa regularmente para trabalhar. As mudanças de hábitos e as novas necessidades citadas acima fazem referência fundamentalmente à necessidade de estudo e de trabalho de todos os membros da família. A moradia, muitas vezes, é apenas o dormitório; permanece fechada durante o dia. Se há que alguém esteja em casa durante o dia, é a mãe que tem filhos muito pequenos.

Assim, o “corre corre” é a rotina de todos; portanto, a moradia deve ser prática, o uso da sala praticamente deixa de existir porque a formalidade não existe ou é eventual. Dessa forma, entendo que a concentração de atividades na cozinha – receber, ver TV, estudar, conversar e trabalhar – não só valoriza, mas também revela um novo conceito, sobre uma nova forma de morar. A família tem no dia-a-dia poucos momentos de encontro, de estar junta. Cada um desses momentos é importante, como foi revelado pelo proprietário da moradia 3, referindo-se às refeições: *“A mesa é muito importante, porque é união, encontro.”*

Certamente a inversão frente/fundos, ou seja, o desuso da porta principal e a valorização da entrada de serviço (entrada pela cozinha) pode ser justificada e compreendida pelo potencial que a cozinha sempre demonstrou. É o espaço onde a mulher, a mãe, permanece, tendo os filhos por perto. É também o espaço que sempre foi atraente por nele encontrarmos os quitutes que provamos o dia inteiro desde criança.

Sem dúvida, a cozinha atrai inclusive os amigos e os visitantes. Nela encontramos a mesa com maior número de cadeiras, que acomoda mais pessoas; no inverno, é agradável permanecer próximo ao fogão, portanto, o convívio, o “bate papo” é favorecido. O fato de a simbólica “entrada principal” ser transferida espontaneamente para a entrada de serviço é pertinente.

E o que fazemos com a sala de visitas? Cada vez mais ociosa, solitária e desinteressante. Destacamos a moradia 16 (Bela Vista II), que permanece praticamente original. O projeto das moradias do Bela Vista II diferem do Bela Vista I e III em alguns aspectos. Nesse caso, a sala e a cozinha são conjugadas, interligadas por um vão sem porta. Ocupam toda a parte frontal da moradia. A sala tem acesso pela lateral direita (para quem está na rua), e a porta da cozinha está na lateral esquerda. A porta da cozinha é a utilizada; a da sala permanece fechada, porém os dois ambientes são usados intensamente pela família. Curiosamente essa moradia não foi reformada.

Tradicionalmente, temos a sala na frente da moradia e a cozinha nos fundos. A falta de relação entre esses dois ambientes gera o isolamento da sala e acentua a distância entre os mesmos, o que tem sido negativo. Afinal, não podemos construir 9 ou 10 m<sup>2</sup> para não serem usados. Se somarmos, por exemplo, 10 m<sup>2</sup> em 1.500 moradias, teremos um absurdo, algo inaceitável para um projeto de cunho social. Não temos que eliminar a sala, mas repensá-la.

Essa questão precisa ser revista pelos planejadores no sentido de aproximar os dois ambientes, qualificando e estimulando o convívio e, finalmente, garantindo o uso.

## CONCLUSÕES

Após a análise dos dados levantados, uma minuciosa descrição das unidades investigadas e as considerações sobre os elementos plásticos e funcionais preponderantes, algumas conclusões podem ser tiradas acerca dos usos e dos significados presentes nesses espaços. Somente aqueles que não dispõem de recursos financeiros deixam a moradia na condição original. De todo modo, num período relativamente curto, o conjunto habitacional adquiriu novos significados, desenhando um verdadeiro mosaico de fachadas estranhas<sup>1</sup> e coloridas. Os lotes mostram novo tratamento, sendo quase totalmente pavimentados e ocupados por ampliações.

Para os moradores houve uma evolução significativa em todo o conjunto desde sua implantação. Tal evolução ocorreu gradativamente, no sentido de melhorar a qualidade de vida da população em geral. Esse fato se deve não só à organização e à luta inicial dos primeiros moradores pelas melhorias na infra-estrutura do conjunto, mas, principalmente, às modificações geradas pelas reformas das moradias, realizadas pelos proprietários, ou seja, à apropriação da moradia pelo morador. Essas modificações deram uma nova imagem ao conjunto. Certamente essa imagem garante uma identidade necessária, simbólica e satisfatória. Os moradores em geral gostam do conjunto, tecem elogios, mesmo projeto original do Conjunto Bela Vista atendeu os consagrados ditames do movimento moderno, ou seja, espaços e volumes padronizados para todos, a standardização e a racionalização da construção, o “Estilo Internacional”, cujo significado era separar a arquitetura da cultura e da natureza. Assim, um edifício projetado para Florianópolis, por exemplo, poderia ser implantado em qualquer outro lugar, porque o projeto não deveria considerar o sítio destinado à implantação. Os condicionantes climáticos, a vegetação existente, a tipologia e a cultura local também não seriam respeitados. No caso da padronização excessiva das 1.500 moradias implantadas no Conjunto Bela Vista etapas I, II e III, verifico e registro através do levantamento e da análise das dezessete moradias selecionadas para este estudo, que os moradores modificaram suas moradias, muitas vezes descaracterizando totalmente o projeto original e construindo novos espaços que certamente atendem de forma mais eficiente as necessidades do grupo familiar, segundo seus costumes e representações. Constróem também novas fachadas perfeitamente identificáveis no contexto da rua ou do conjunto, originando portanto uma nova paisagem para o conjunto, totalmente diferente da paisagem original, monótona, impessoal e anônima, resultante da padronização.

Meus estudos mostram que as reformas não ocorrem apenas no Conjunto Bela Vista, mas em todos os conjuntos habitacionais padronizados já estudados no projeto acadêmico. Fato que certamente posso atribuir à necessidade de cada morador intervir em seu espaço de vivência, modificando-o e tornando-o “seu”, não apenas como proprietário, mas como produtor de sua casa, negando o que lhe foi imposto, o padronizado, o igual.

---

<sup>1</sup> “Estranhas” porque em muitos casos o comércio funciona junto com a moradia, e a fachada principal é transformada, assumindo uma linguagem comercial que esconde a moradia e confundindo o visitante.

A preocupação com a segurança e principalmente com a privacidade ganha importância nas observações feitas aqui. A definição do território no conjunto estudado é do muro para dentro; não existe uma apropriação da rua como espaço de continuidade da atividade de morar. Esse fato ocorre pela ausência de espaços comuns qualificados para o convívio social. As ruas são utilizadas apenas como corredores de circulação, não como espaços sociais. “A rua é um espaço moral que pode ser percebido por intermédio de contrastes, complementaridades e oposições.” (DA MATTA, 1991, p.18)

Os problemas de segurança ocorridos inicialmente, devidos à presença da “população invasora”, hoje ocorrem em proporções bem menores. A população que ocupa o conjunto não é invasora, são proprietários que trabalham e estudam. Existem laços de amizade e parentesco bem estabelecidos, favorecendo o controle da população dentro do conjunto. Mesmo assim, os moradores convivem com problemas que fogem desse controle, porque fazem parte de um contexto maior, o tráfico de drogas, por exemplo.

A primeira intervenção na moradia ocorre normalmente na fachada, incluindo o muro, na zona de serviço (cozinha, lavanderia) e no banheiro. A modificação na fachada parece buscar uma personalização imediata da moradia, ou seja, uma identificação, tornando-a diferente das demais. A modificação na zona de serviço tenta atender as necessidades dos moradores, segundo seus hábitos e suas interpretações simbólicas de tais espaços. A cozinha é o espaço mais importante da moradia. Articula uma série de atividades domésticas e absorve muitas outras, inclusive receber visitas e ver TV. A zona íntima (dormitórios) sofre poucas alterações.

A sala é mantida como um espaço formal, para uso eventual; é sempre bem mobiliada e cheia de adornos. A entrada principal é pouco usada; é comum o deslocamento da entrada principal para os fundos, indo-se diretamente à cozinha. As ampliações, sob o ponto de vista da arquitetura, normalmente comprometem a habitabilidade da moradia. Os moradores não observam as questões de ventilação, iluminação e insolação quando vão ampliar suas moradias. Portanto, de acordo com os estudos realizados neste trabalho, posso dizer que, para os moradores do Conjunto Bela Vista, o pensamento moderno, cuja proposta foi fortalecida ao longo do tempo em defesa do padronizado, não sobreviveu.

O projeto original do Conjunto Habitacional Bela Vista expressa total cumprimento dos requisitos referentes ao “Estilo Internacional”. No referido conjunto, os moradores de modo geral negaram a proposta do igual, do impessoal, e foram em busca da moradia personalizada, capaz de traduzir os sonhos, os “gostos”, as referências culturais e ao mesmo tempo responder às necessidades espaciais do grupo morador.

As transformações ocorridas nas moradias analisadas neste trabalho mostram o fenômeno da apropriação. É preciso haver um “diálogo” entre o morador e a moradia, afinal viver em harmonia com os objetos, as cores, a paisagem e tudo o que nos cerca, sem dúvida contribui para a almejada felicidade.

## BIBLIOGRAFIA

1. ARANTES, Otilia (1993). A ideologia do “Lugar Público” na arquitetura contemporânea, in **O lugar da arquitetura depois dos modernos**. São Paulo, Ed. Edusp.
2. ARENDT, Hannah (1993). **A condição humana**. 6ª ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária.
3. BECKER, H.S. (1993). Problemas de interferência e prova na observação participante, in **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo, Ed. Hucitec.
4. BENEVOLO, L. (1976). **História da arquitetura moderna**. São Paulo, Ed. Perspectiva.
5. BERMAN, M. **A fundação e os fundamentos das novas cidades**. Revista Tântalo, Nov/Dez 93 – Jan/94.
6. BERNARDO; A.; KAISER, J.; CAMILA, J.; NUNES, M.; FIALHO, M. **Pós-modernidade e trabalho de campo - observação participante e identidade do pesquisador**. Programa de pós-graduação em antropologia social. Disciplina: Seminário de pesquisa. Orientador: Hélio Silva.
7. BOURDIEU, P. (1989a). **A economia das trocas simbólicas**. Lisboa, Ed. Difel.
8. \_\_\_\_\_ (1989b). **O poder simbólico**. Lisboa, Ed. Difel.
9. CASTELLS, Alicia Norma González de (1987). **Os hábitos não esquecidos – a recriação da casa Cohab nas mãos do povo**. Florianópolis, UFSC. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais – Antropologia Social.
10. CRAPANZANO, V. (1991). Diálogo, in **Anuário Antropológico 88**. Brasília, Ed. UNB.
11. DA MATTA, R. (1991). **A casa e a rua**. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara Koogan.
12. \_\_\_\_\_ (1981). Trabalho de campo, in **Relativizando: Uma introdução à Antropologia Social**. Petrópolis, Ed. Vozes.
13. FELDMAN, B.B. (1987). **Antropologia das sociedades contemporâneas**. Métodos (Introdução). Ed. Global.
14. FOOTE-WHYTE, W. Treinando observação participante, in **Desvendando máscaras sociais**. Liv. Francisco Alves Ed. S.A.
15. GEERTZ, C. (1989). **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara.

16. GUATTARI, Félix (1992). **Caosmose. Um novo paradigma estético.** Rio de Janeiro, Ed. 34.
17. GUATTARI, F. et alli. (1986). **Cartografia do desejo.** 2<sup>a</sup> ed. Petrópolis, Ed. Vozes.
18. GUIMARAENS, Dinah; CAVALCANTI, Lauro (1979). **Arquitetura kitsch suburbana e rural.** Rio de Janeiro, FUNARTE.
19. HARVEY, D. (1993). **Condição Pós-Moderna.** São Paulo, Ed. Loyola.
20. HOLSTON, J. (1993). **A cidade modernista.** São Paulo, Ed. Companhia das Letras.
21. LYNCH, K. (1960). **A imagem da cidade.** São Paulo, Ed. Martins Fontes.
22. MALINOWSKI, Bronislaw (1978). **Argonautas do Pacífico Ocidental.** São Paulo, Ed. Victor Civita.
23. MARICATO, E. et alli. (1979). **A produção capitalista da casa.** São Paulo, Ed. Alfa-Ômega.
24. MAUSS, M. (1993). Observações preliminares, in **Manual de Etnografia.** Lisboa, Ed. Dom Quixote.
25. MOTTA, C.G. (1977). **Ideologia da Cultura Brasileira 1973/74.** São Paulo, Ed. Ática.
26. ORNSTEIN, S.; BRUNA, G.; ROMÉRO, M. (1995). **Ambiente construído e comportamento.** A avaliação pós-ocupação e a qualidade ambiental. São Paulo, FUPAN/FAUUSP.
27. ORTIZ, R. Advento da modernidade. **Lua nova – Revista de Cultura e Política.** Maio de 1990, n<sup>o</sup> 20.
28. PEIRANO, Mariza. G. S. (1995). **A favor da etnografia.** Rio de Janeiro, Ed. Relume Dumará.
29. PORTOGHESI, P. (1982). **Depois da arquitetura moderna.** São Paulo, Martins Fontes.
30. RAPOPORT, A. (1984). Origens culturais da arquitetura, in SNYDER, James C.; CATANESE, Anthony J. (coord.). **Introdução à Arquitetura.** Rio de Janeiro, Ed. Campus.
31. REIS FILHO, Nestor Goulart (1976). **Quadro da arquitetura no Brasil.** São Paulo, Ed. Perspectiva.
32. ROSALDO, Renato (1991). **Cultura y Verdad.** México, Ed. Grijalbo.
33. SANTOS, C.N.F. (1988a). **A cidade como jogo de cartas.** São Paulo, Ed. Projeto.
34. \_\_\_\_\_ (1988b). **Quando a rua vira casa.** São Paulo, Ed. Projeto.
35. SOMMER, R. (1973). **Espaço pessoal.** As bases comportamentais de projeto e planejamento. São Paulo, EPU-EDUSP.
36. TEDLOCK, D. (1985). A tradição analógica e o surgimento de uma antropologia dialógica, em **Anuário Antropológico 85.** Brasília, Ed. Tem Brasileiro.

37. VALADARES, L.P. (1978). Da favela ao conjunto habitacional, in **Passa-se uma casa**. Rio de Janeiro, Zahar.
38. \_\_\_\_\_ (org.) (1980). **Habitação em questão**. Rio de Janeiro, Zahar.
39. VELHO, Gilberto (1980). **O desafio da cidade**. Novas perspectivas da antropologia brasileira. Rio de Janeiro, Ed. Campus.
40. \_\_\_\_\_ (1982). **Utopia urbana**. Um estudo de antropologia social. Rio de Janeiro, Ed. Zahar.
41. ZEVI, Bruno (1984). **A linguagem moderna da arquitetura**. Lisboa, Ed. Dom Quixote.
42. \_\_\_\_\_ (1978). **Saber ver a arquitetura**. Lisboa, Martins Fontes.



## ANEXO I - CONTRIBUIÇÕES PARA O ARQUITETO

Certa da contribuição essencial que a antropologia pode fornecer a todos os campos das ciências humanas, incluindo a arquitetura, e entendendo minha formação básica de arquiteta como prioritária para a construção do pensamento crítico que embasa este trabalho, gostaria de deixar algumas recomendações que possam motivar uma reflexão mais profunda sobre a habitação social:

1) *Projetos habitacionais que sejam flexíveis e que permitam a intervenção do morador de forma planejada.* O projeto deve ser pensado em etapas que possam ser viabilizadas de acordo com necessidades espaciais de cada morador. As ampliações deverão ocorrer sem o comprometimento da habitabilidade e da estabilidade construtiva (estabilidade aqui se refere ao sistema estrutural da construção).

2) *Revisão do parcelamento do solo.* A revisão do parcelamento do solo deve ocorrer em favor de uma melhor adequação aos usos específicos tanto do espaço público quanto do espaço familiar. Deve ainda priorizar a qualificação nas duas situações, ou seja, garantir a concentração de espaços abertos de uso coletivo e de lotes que contemplem a relação casa x lote x rua de forma mais eficiente e adequada.

3) *Revisão tipológica.* A revisão tipológica se faz necessária porque através dela pode-se buscar novos arranjos entre as moradias, de forma a conseguir uma densidade maior no conjunto sem comprometer a qualidade de vida, ou seja, sem precisar chegar na verticalização total do conjunto. Exemplo: com uma solução tipológica em sobrado, pode-se abrigar no mesmo lote duas famílias, garantindo área privativa de lote e entradas independentes. Muitos outros arranjos são possíveis e eficientes, garantindo densidades maiores. O importante é inseri-los de forma adequada ao contexto.

4) *Produção habitacional em escala menor.* Sugiro a inserção das vilas no tecido urbano, o repensar da proposta de grandes conjuntos habitacionais e, se possível, o estabelecimento de uma escala ou densidade máxima mais adequada, visando garantir ao conjunto uma identidade maior e proporcionando uma redução dos custos de infraestrutura urbana. Questiono os grandes conjuntos habitacionais e sugiro vilas habitacionais que possam ser inseridas nos vazios urbanos existentes, onde haja disponibilidade de serviços e infraestrutura de calçamento, luz, água, telefone, esgoto, transporte coletivo, comércio etc. Certamente, implantar uma vila habitacional onde já existe infraestrutura poderá garantir redução nos custos e, conseqüentemente, redução na prestação da moradia. Recomendo a inserção das moradias destinadas à população de baixa renda no tecido urbano, em vez de afastar esses habitantes dos locais de trabalho existentes na cidade, de modo a evitar ou diminuir a segregação.

5) *Inclusão do espaço produtivo no planejamento das etapas de evolução da moradia.* Recomendo que seja oferecida a possibilidade de criação de um comércio junto à moradia, caso a família tenha a necessidade de aumentar a renda familiar ou mesmo como único meio de sobrevivência. Esse espaço deve ser planejado de forma a não

comprometer o espaço habitacional, e devem ser criadas entradas distintas para a moradia e o comércio. Esclareço que, no decorrer do trabalho de campo, verifiquei a existência e a expansão do comércio “doméstico” junto às residências.

6) Recomendo ainda que o profissional arquiteto esteja atento e preparado não só para buscar alternativas efetivas para os projetos de cunho social, mas principalmente para aceitar as novas concepções projetuais necessárias para atender uma demanda significativa de forma qualificada e eficiente. Para isso, deverá observar fundamentalmente as questões culturais e simbólicas e as representações sobre identidade e territorialidade tratadas neste trabalho, evitando que o morador tenha que derrubar o que acabou de comprar e construir novamente, gerando custos absurdos e desnecessários. Chamo a atenção para os itens 2 e 3, que certamente irão contribuir para a eficiência e a redução dos custos do projeto. Dessa forma, acredito na possibilidade de garantir maior “afinidade” entre o morador e seu espaço de vivência, a casa, que segundo Da Matta, é um local privilegiado.